



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

RENATA DE PAULA DOS SANTOS

**ICONOGRAFIA E POLÍTICA NA ÁFRICA DO SUL:
A REPRESENTAÇÃO DE NELSON MANDELA,
THABO MBEKI E JACOB ZUMA NAS CHARGES DE ZAPIRO**

RENATA DE PAULA DOS SANTOS

**ICONOGRAFIA E POLÍTICA NA ÁFRICA DO SUL:
A REPRESENTAÇÃO DE NELSON MANDELA,
THABO MBEKI E JACOB ZUMA NAS CHARGES DE ZAPIRO**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Rozinaldo Antonio Mian.

Londrina
2014

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Bibliotecária Responsável: Marlova Santurio David – CRB 9/1107

S237i Santos, Renata de Paula dos.
Iconografia e política na África do Sul : a representação de Nelson Mandela,
Thabo Mbeki e Jacob Zuma nas charges de Zapiro / Renata de Paula dos
Santos. – Londrina, 2014.
202 f. : il.

Orientador: Rozinaldo Antonio Miani.
Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de
Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em
Comunicação, 2014.
Inclui bibliografia.

1. Mandela, Nelson, 1918-2013 – Teses. 2. Mbeki, Thabo, 1942- – Teses. 3. Zuma,
Jacob, 1942- – Teses. 4. Zapiro (Jonathan Shapiro) – Teses. 5. Charge política –
África do Sul – Teses. 6. Arte e comunicação – Teses. I. Miani, Rozinaldo Antonio. II.
Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação, Comunicação e Artes. III.
Título.

CDU 316.77:741.5

RENATA DE PAULA DOS SANTOS

**ICONOGRAFIA E POLÍTICA NA ÁFRICA DO SUL:
A REPRESENTAÇÃO DE NELSON MANDELA,
THABO MBEKI E JACOB ZUMA NAS CHARGES DE ZAPIRO**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Rozinaldo Antonio Mian
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profa Dra Lúcia Helena Oliveira Silva
Universidade Estadual Paulista – UNESP

Profa Dra Márcia Neme Buzalaf
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 01 de abril de 2014.

À minha Mãe, força eterna;
Ao meu Pai, saudade sem fim;
Ao Samuel e ao Davi, esperanças de um futuro.

AGRADECIMENTOS

Neste momento tão especial gostaria de agradecer a Deus, meu melhor amigo nas horas incertas.

À minha mãe, Ana, pela compreensão em todos os momentos.

Ao meu pai, Vicente, minha mais doce lembrança e mais dolorosa saudade.

Ao Lucas, ao nosso presente e ao nosso futuro: obrigada por tudo!

Ao professor Rozinaldo Miani, peça fundamental para o desenvolvimento deste trabalho e para minha formação pessoal. Agradeço imensamente a sua paciência e compreensão durante este processo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que foi fundamental para a realização deste sonho.

Aos meus amigos de ontem, de hoje e de amanhã.

*"O humor que vale para mim, é aquele que dá um soco
no fígado de quem oprime" (Henfil)*

SANTOS, Renata de Paula dos. **Iconografia e política na África do Sul:** a representação de Nelson Mandela, Thabo Mbeki e Jacob Zuma nas charges de Zapiro. 2014. 202 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

RESUMO

A vitória de Mandela nas eleições de 1994 na África do Sul é um marco referencial para a história sul-africana e representou a transição do *apartheid* para a democracia multirracial. Desde então Nelson Mandela (1994-1999), Thabo Mbeki (1999-2008) e Jacob Zuma (2009-atual), ocuparam o cargo de presidente do país e conduziram, cada um a seu modo, os novos rumos do país. Durante os quase vinte anos de democracia multirracial, um chargista em especial, Jonathan Shapiro, popularmente conhecido pelo pseudônimo de Zapiro, retratou o cotidiano dessa história. Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa é analisar como Zapiro retratou os aspectos políticos e sociais, bem como as características psicológicas de cada um dos três presidentes pós-*apartheid* e quais representações sociais se constituíram a partir de sua produção chágica. A opção por Zapiro se explica por sua oposição abertamente declarada ao *apartheid* e também por ser o chargista sul-africano mais conhecido no exterior. Elegemos a charge como objeto de estudo por se tratar de um objeto comunicativo iconográfico constituído pelo humor, que agrega à sua constituição argumentos de transgressão à ordem vigente, possibilitando uma análise da história sul-africana por um viés crítico. Como métodos para o desenvolvimento do trabalho, optamos por reunir a pesquisa histórica, a pesquisa bibliográfica e a análise do discurso chágico. Entre os referenciais teóricos destacam-se Magnoli (1998; 2009), Jonge (1991) e Carlin (2009) na questão sul-africana; nas reflexões acerca das representações sociais, recorremos a Moscovici (2011) e Jodelet (1993); no campo da charge e do humor, as referências são Miani (2005; 2012), Romualdo (2000) e Eco (1989). Com a realização das análises, pudemos verificar que Zapiro atua de maneiras distintas na construção da representação de cada um dos presidentes em questão e que o chargista apresenta Mandela como um líder competente marcado pelo heroísmo e a referência a ser seguida pelos demais políticos.

Palavras-chave: África do Sul. Discurso chágico. Zapiro. Nelson Mandela. Thabo Mbeki. Jacob Zuma.

SANTOS, Renata de Paula dos. **Iconography and Politics in South Africa: the representation of Nelson Mandela, Thabo Mbeki and Jacob Zuma in cartoons of Zapiro.** 2014. 202 f. Dissertation (Master in Communication) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

ABSTRACT

Mandela's victory in the 1994 elections in South Africa is a reference point for South African history and represented the transition from apartheid to multiracial democracy. Since then Nelson Mandela (1994-1999), Thabo Mbeki (1999-2008) and Jacob Zuma (2009 - current), occupied the post of president of the country and led, each in its own way, the new direction of the country. During the nearly twenty years of multiracial democracy, one in particular cartoonist, Jonathan Shapiro, popularly known by the pseudonym Zapiro, portrayed the everyday life of this story. In this sense, the objective of this research is to analyze how Zapiro portrayed the political and social aspects, as well as the psychological characteristics of each of the three post-apartheid presidents and which social representations are formed from their cartoon production. The choice of Zapiro explained by openly declared his opposition to apartheid and also for being the best known outside South African cartoonist. We elected to cartoon as an object of study because it is an iconographic object constituted by communicative humor, which adds to its constitution arguments transgression of the established order, enabling an analysis of South African history through a critical bias. As methods for the development of the work, we decided to gather historical research, the literature search and analysis of cartoon speech. Among the theoretical frameworks stand out Magnoli (1998, 2009), Jonge (1991) and Carlin (2009) in the South African question; reflections about social representations, we resort to Moscovici (2011) and Jodelet (1993), in the field the cartoon and humor, the references are Miani (2005; 2012), Romualdo (2000) and Eco (1989). With the completion of the analysis, we observed that Zapiro acts in different ways in the construction of the representation of each of the presidents in question and that the cartoonist presents Mandela as a competent leader marked by heroism and reference to be followed by other politicians.

Keywords: South Africa. Cartoon's Discourse. Zapiro. Nelson Mandela. Thabo Mbeki. Jacob Zuma.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	74
Figura 2a	79
Figura 2b	79
Figura 3	83
Figura 4	88
Figura 5	91
Figura 6	92
Figura 7	93
Figura 8	94
Figura 9	96
Figura 10	98
Figura 11	103
Figura 12	105
Figura 13	108
Figura 14	111
Figura 15	113
Figura 16	115
Figura 17	116
Figura 18	120
Figura 19	124
Figura 20	125
Figura 21	128
Figura 22	129
Figura 23	130
Figura 24	132
Figura 25	134
Figura 26a	136
Figura 26b	136
Figura 27	137
Figura 28	139
Figura 29	140
Figura 30	141

Figura 31	143
Figura 32	143
Figura 33	145
Figura 34	147
Figura 35	148
Figura 36	149
Figura 37	151
Figura 38	153
Figura 39	153
Figura 40	155

LISTA DE SIGLAS

AGLSA	Associação do Governo Local Sul-Africano
AIDS	Síndrome da imunodeficiência adquirida
BRICS	Brasil-Rússia-Índia-China-África do Sul
CLE	Combatentes da Liberdade Econômica
CNA	Congresso Nacional Africano
Cope	Congresso do Povo
ECC	End Conscription Campaign
FDU	Frente Democrática Unida
Fifa	Federação Internacional do Futebol Associado
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
PLI	Partido da Liberdade Inkatha
RCA	República Centro-Africana
RS	Representações Sociais
SADF	South African Defence Force

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	ÁFRICA DO SUL: A SEGREGAÇÃO PÓS-<i>APARTHEID</i>	22
2.1	PROMOÇÃO DE UMA NOVA IMAGEM: MUNDIAIS DE 1995 E 2010.....	25
2.2	OS PILARES DO <i>APARTHEID</i>	27
2.3	O <i>APARTHEID</i> E A DIVISÃO RACIAL NA ÁFRICA DO SUL	31
2.4	CNA E NELSON MANDELA – MECANISMO DE OPOSIÇÃO.....	35
2.5	TRANSIÇÃO PARA A DEMOCRACIA MULTIRRACIAL	40
2.6	PRESIDENTES NEGROS DA ÁFRICA DO SUL.....	42
2.7	DECLÍNIO DO CNA.....	49
3	REFLEXÕES SOBRE CHARGE: A PARTIR DO CONCEITO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	53
3.1	A REPRESENTAÇÃO SOCIAL E SUA RELAÇÃO COM A MÍDIA	55
3.2	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E JORNALISMO.....	57
3.3	CHARGE: TEXTO JORNALÍSTICO DE HUMOR E CRÍTICA SOCIAL.....	59
3.3.1	Humor e as Possibilidades de Transgressão.....	61
3.3.2	Humor, Caricatura e Paródia – Desproporção Simbólica e Sátira	66
3.4	CHARGE COMO FORMATO IDEOLÓGICO.....	69
3.5	ZAPIRO: UM MILITANTE SUL-AFRICANO	71
3.6	IMPrensa SUL-AFRICANA	75
4	O MITO NELSON MANDELA E OS PRIMEIROS ANOS PÓS-<i>APARTHEID</i>	79
4.1	DISCURSO DISSONANTE: CRÍTICA A MANDELA?	104
5	THABO MBEKI: PRESSÃO POLÍTICA E DECLÍNIO DO CNA	108
6	JACOB ZUMA X ZAPIRO: A POLÊMICA DO ESTRUPO E DA MÁ ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	129
6.1	O DISCURSO CHÁRGICO EM ZAPIRO E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	156

CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
REFERÊNCIAS	175
APÊNDICE	186
APÊNDICE A – Iconografia de uma despedida: o adeus a Nelson Mandela por meio da charge	187

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação apresenta uma análise de 36 charges publicadas entre 1994 e 2013 por Jonathan Shapiro em grandes jornais sul-africanos. As charges escolhidas para compor o *corpus* desta pesquisa abordam os mandatos dos três presidentes negros eleitos após o fim do regime de segregação racial, o *apartheid*, quais sejam, Nelson Mandela (1994-1999), Thabo Mbeki (1999-2008) e Jacob Zuma (2009-atual). O nosso objetivo é analisar como o chargista, que popularmente é conhecido pelo pseudônimo de Zapiro, retratou os aspectos políticos e sociais dos mandatos dos três presidentes pós-*apartheid*, bem como as principais características psicológicas de cada um deles. Vale ressaltar que a África do Sul foi governada por um sistema altamente específico entre os anos de 1948 e 1994, baseado na segregação racial. O ano de 1994, além de balizar o fim legal das políticas racistas, foi marcado pela realização do primeiro pleito multirracial.

A opção por Zapiro se justifica por sua oposição abertamente declarada ao *apartheid*. Ele também é o chargista sul-africano mais conhecido no exterior. Entre os anos de 2008 e 2012, o artista foi réu em um processo movido por Zuma e pelo partido Congresso Nacional Africano (CNA). A ação, que foi retirada pelo político em outubro de 2012, considerava que argumentos produzidos pelo chargista eram ofensivos. A decisão do chefe de Estado sul-africano em finalizar o processo teve bastante repercussão no país e a imprensa considerou que a atitude foi uma estratégia política para melhorar a sua imagem no interior do partido. O processo movido por Zuma também reacendeu a discussão da censura no país, pois as empresas de comunicação destacaram que o presidente não respeita o direito da imprensa de questionar a sua conduta política.

Zapiro é uma figura que divide opiniões; enquanto alguns veículos de comunicação definem sua postura como controversa, outros consideram os seus argumentos políticos mais ácidos como geniais. Ao citar uma exposição em homenagem a Nelson Mandela, a página da *BBC Mundo* classificou o chargista como um dos principais artistas sul-africanos¹. Zapiro, que ganhou visibilidade por suas charges e caricaturas críticas de líderes políticos, se envolveu no início de 2013 em uma polêmica após a divulgação de desenhos que abordaram a evolução dos problemas de saúde de Nelson Mandela, que estava prestes a completar 95 anos. No início de 2013, após mais uma internação hospitalar do político para tratar de um grave quadro pulmonar, o chargista produziu argumentos em que considerava

¹ Texto está disponível em: <http://www.bbc.co.uk/mundo/video_fotos/2013/10/131002_galeria_mandela_exhibicion_londres_il.shtml>.

que o país deveria se preparar para a morte de seu primeiro presidente negro e líder histórico. O chargista recebeu críticas da população sul-africana e também foi recriminado pela família de Madiba (forma carinhosa como Nelson Mandela é chamado na África do Sul. A expressão significa “O Conciliador”). A charge foi classificada como inaceitável pelo neto do ex-político, Mandla Mandela.

Além de produzir charges para grandes jornais sul-africanos, Zapiro já realizou exposições em Nova Iorque, Amsterdam, Frankfurt e várias edições em seu país. O chargista também se dedica à publicação de livros; até o momento onze títulos já foram lançados. O destaque que tem alcançado junto à crítica internacional tem rendido a Zapiro convites para participar de importantes eventos de humor gráfico em todo o mundo. O chargista foi o único sul-africano a participar do Fórum Econômico Mundial de Davos, na Suíça, entre os anos de 2003 e 2006². Ele ainda acumula uma série de prêmios pelos seus desenhos. Em 2004, recebeu o título de doutor *Honoris Causa* em Literatura da Universidade da Transkei (África do Sul).

Justificamos a escolha deste objeto de pesquisa a partir de um interesse particular com o tema, considerando a especificidade política da realidade sul-africana. As quase cinco décadas de manutenção do *apartheid* determinaram o desenvolvimento desigual do país e resultaram em consequências que até hoje podem ser percebidas. A elevada disparidade social é fruto da promoção de serviços públicos separados que beneficiavam a população branca em detrimento dos negros, mestiços e asiáticos. Segundo dados publicados pela revista *National Geographic*, poucos países apresentam uma separação econômica tão expressiva entre brancos e negros quanto a África do Sul. Já a revista *Aventuras na História* destaca que 10% da parcela sul-africana mais rica concentra 33,1% da renda total do país. A defasagem fica ainda mais expressiva quando a publicação aponta que a renda dos brancos é, em média, 7,7 vezes maior que a dos negros.

Outro ponto que nos motiva para o desenvolvimento desta pesquisa é o fato da democracia multirracial ser uma realidade recente no país. Até 1994, a África do Sul era governada por uma legislação racial, que separava brancos e não brancos. Toda a estrutura do *apartheid* tinha o intuito de impedir o contato entre pessoas racialmente distintas. Dessa forma, a integração entre as diversas culturas presentes no país é ainda muito recente e está em fase de desenvolvimento. Consideramos que ainda muitos anos e esforços nos campos

² O Fórum Econômico Mundial é uma conferência anual realizada em Davos, na Suíça. O encontro reúne líderes empresariais e políticos.

político, econômico e social são necessários para que a integração racial seja uma condição plena, superando as divisões motivadas pelo preconceito, pelo racismo e pela xenofobia.

Destacamos que a importância do desenvolvimento deste estudo se concentra justamente nesta frente: por ser uma realidade recente, poucas reflexões foram produzidas a este respeito e as fontes de pesquisa são limitadas. Muitas das publicações que encontramos traduzidas para o português dissertam especificamente sobre Nelson Mandela, o que muitas vezes concentra todo o processo de transição política nas mãos do líder negro. Em relação a Zapiro, o material também é escasso. Entramos em contato com a assessoria de imprensa do chargista para agendar uma entrevista via *skype*, mas não obtivemos retorno. Outro objetivo que não conseguimos concretizar para o desenvolvimento desta pesquisa foi uma entrevista com o jornalista brasileiro Jaime Spitzcovsky. Dedicado ao jornalismo internacional, é um grande conhecedor da história sul-africana, sobretudo após a transição para a democracia multirracial. Como correspondente, presenciou a libertação de Mandela em 11 de fevereiro de 1990, após 27 anos de prisão. Em contrapartida, realizamos pesquisas em portais de notícias e coletamos todo material que julgamos contribuir para o desenvolvimento da pesquisa. Acreditamos que a “nova” África do Sul ainda está em fase de consolidação, bem como sua historiografia.

Nossa opção pela charge surgiu a partir do interesse em conhecer um pouco mais da realidade política sul-africana, principalmente após 1999, ano em que Mandela deixou a Presidência sem tentar a reeleição. Como temos a imagem dos três primeiros presidentes negros como tema central em nossa análise, consideramos que estudar estas representações a partir do prisma da charge seria um desafio interessante.

Tomamos como ponto de partida que a charge é um gênero jornalístico que agrega informação e opinião em seu argumento, que pode ser composto apenas pelo traço ou pela relação texto e imagem. A charge não é a simples reprodução gráfica de um assunto de relevância, como destaca José Marques de Melo (1985), mas acreditamos que ela seja uma outra interpretação. Consideramos que ela deve trazer em sua constituição nuances informativas e opinativas para que, assim, o emissor possa compor a sua versão do fato. Mais do que isso, pontuamos que a charge traz em seu argumento as marcas de seu autor e do período em que foi produzida. A respeito da charge, destacamos, conforme Luiz Guilherme Teixeira Sodré (2005, p. 13)³ que

³ Grifos do autor.

A charge é um instrumento de intervenção política que, após longo processo de amadurecimento de sua linguagem, encontra nos jornais o espaço ideal para a expressão de sua forma e significação de seu conteúdo. Sua função é temperar a monotonia e severa objetividade do texto com a permissividade de um discurso que diz o que o verbo não pode, não deve, não ousa expressar. Para o jornal, a objetividade e a imparcialidade da notícia são premissas básicas para a sua relação de credibilidade com o leitor. Assim, é surpreendente a valorização jornalística da charge, nos termos desta rígida estrutura de códigos éticos de comunicação, uma vez que ele não produz *outra* notícia, mas a *mesma*, com subjetividade e parcialidade.

Ao conter o humor como característica estruturante, a charge consegue emitir o seu julgamento. Muitas vezes, o leitor é levado a intuir o argumento do chargista a partir de suas piadas ambíguas. A sua compreensão exige que o público saiba, de antemão, a que fato o desenho se refere e quais personagens políticas estão envolvidas. O argumento chárstico precisa deixar claro o contexto a que se refere para assim estabelecer a sua crítica; por essa razão é que a charge, enquanto elemento comunicativo, é efêmera. Conforme o fato perde espaço na memória coletiva, a charge perde o seu destaque no campo social. No entanto, por trazer características do período em que foi produzida, a charge pode ser utilizada como fonte para pesquisa histórica, função da qual iremos nos apropriar nesta dissertação.

A charge traz em sua estrutura considerações a personagens específicas e a fatos temporalmente demarcados. Neste sentido, há um grande distanciamento em relação aos cartuns, modalidade das linguagens iconográficas que se dedica a críticas de costumes, a partir de uma organização atemporal e muitas vezes sem localização geográfica precisa. Um exemplo interessante desta característica é a personagem Mafalda, do cartunista argentino Quino, publicada entre os anos de 1964 e 1973, mas que permanece extremamente atual. No início de 2014, o cartunista comemorou o seu aniversário de 80 anos e declarou que pouca coisa mudou em relação à Mafalda, já que os problemas sociais são os mesmos ou estão ainda piores.

Em contrapartida, muito daquilo que a charge traz, como a sua forma de caricaturar um personagem, pode se tornar muito difundido no campo social; ou ainda, como a concepção datada de uma determinada figura política. Como não se lembrar do topete do ex-presidente Itamar Franco ou futuramente dos grandes dentes da presidente Dilma Rousseff? O chargista, a partir do seu trabalho, pode influenciar na interpretação política e agregar novas representações sociais a determinados sujeitos.

Neste trabalho, os exemplos mais representativos desta possibilidade da charge são as representações de Nelson Mandela e de Jacob Zuma. Enquanto o primeiro é apresentado sempre com o olhar terno, com uma expressão tranquila e bondosa - algo semelhante a um pai carinhoso -, o segundo é frequentemente marcado pelas acusações

sofridas. Desde 2006, Zuma é caricaturado com um chuveiro no topo de sua cabeça. A adesão do adorno incomum se deve à afirmação do presidente de que uma ducha posterior ao ato sexual é suficiente para evitar a contaminação com o vírus HIV. A polêmica ganhou destaque e rendeu críticas em todo o país. A afirmação do líder negro foi feita em um tribunal, durante um julgamento do qual era acusado de estupro. O chargista, desde então, se vale deste fato para constituir a representação de Zuma. É como se ele não quisesse que esta afirmação fosse esquecida pelos sul-africanos. Quem acompanha o trabalho de Zapiro tem o chuveiro como uma característica “natural” (ou melhor, frequente) na representação de Zuma. Dessa forma, por mais que o argumento seja outro, todo o ônus da presença do chuveiro está implícito em sua imagem, tornando a sua representação ainda mais negativa.

Acreditamos que cabe à charge uma grande liberdade discursiva, o que, em nossa opinião, faz com que críticas específicas e bem consolidadas sejam produzidas. Tal condição permite que a charge interfira na discussão política da sociedade. A este respeito, Maria Ogécia Drigo e Luciana Coutinho Plagiarini de Souza (2008), influenciadas pelas reflexões da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin, afirmam que a charge é um sistema de signos com características ideológicas. A partir desta constatação, consideramos que a charge pode se apresentar como uma modalidade do humor gráfico que reflete a política atual do país ou que a refrata, alcançando a crítica.

Para desenvolver esta pesquisa, acreditamos que a melhor alternativa é partir para o campo multidisciplinar, com o objetivo de responder com o máximo de segurança científica todas as questões que forem surgindo em seu desenvolvimento. Optamos por reunir a análise do discurso, aqui centrada no universo chárigo, a pesquisa histórica e a pesquisa bibliográfica.

Como o nosso tema se refere a uma realidade social muito distinta da brasileira, é importante dialogar com o máximo de fontes possíveis para que a pesquisa possa ficar mais completa e com mais qualidade. A partir da pesquisa histórica, buscamos reconstruir, por meio do *corpus* de análise, fatos contemporâneos e relevantes para a realidade sul-africana. Neste trabalho, a charge não será tomada como um elemento comunicativo, mas como uma fonte de pesquisa histórica. Acreditamos que para entender a democracia multirracial e o atual estágio político sul-africano precisamos recorrer ao *apartheid*, sistema de governo anterior e de alta especificidade.

Como a África do Sul multirracial ainda é uma realidade recente, salientamos a dificuldade para encontrar fontes de pesquisas. Outra característica que percebemos em pesquisas anteriores (SANTOS, 2013) e que constantemente encontramos nas

coberturas jornalísticas é que Nelson Mandela é apresentado como o “Tata” da nação; a expressão significa “Papai”. Esta é uma das formas carinhosas como o ex-chefe de Estado é chamado em seu país.

Difícilmente nos deparamos com materiais que estabelecem críticas ao seu mandato (esse foi um de nossos desafios durante a análise). Reconhecemos que Mandela se destaca como uma das figuras mais expressivas da política contemporânea mundial, porém este fato não impede que aspectos do seu mandato tenham sido equivocados.

Com a pesquisa bibliográfica, almejamos construir uma reflexão bem consolidada a respeito da charge e também da África do Sul. Mais do que a revisão bibliográfica dos conceitos principais, temos o intuito de contribuir para a discussão da charge como formato comunicativo e também como fonte de pesquisa histórica.

A análise do discurso é a principal ferramenta de nossa pesquisa. A partir de noções constituintes da própria charge, do repertório do artista e do contexto histórico, teremos condições de intuir com mais materialidade o que cada elemento do discurso significa em seu conjunto. Nesta análise vamos nos ater ao caráter dissertativo do formato, ao humor e aos recursos visuais, bem como à formação discursiva e ideológica. Segundo Eni Orlandi (1994) é no discurso que se pode apreender a relação entre linguagem e ideologia, onde o sujeito ocupa uma função mediadora, tendo em vista que não há discurso sem sujeito tampouco sujeito sem discurso. Assim, por meio da análise de discurso, o pesquisador não considera que o sentido está fixado *a priori* como essência das palavras, e neste caso também dos traços, mas que tem o seu sentido historicamente determinado. Ainda a respeito do discurso, Orlandi (1994, p. 53) pontua que:

Vamos definir diretamente o discurso como efeito de sentido entre locutores. Essa é uma definição de discurso em seu sentido amplo e nos introduz em um campo disciplinar que trata da linguagem em seu funcionamento. Ou seja, se pensamos o discurso como efeito de sentidos entre locutores, temos de pensar a linguagem de uma maneira muito particular: aquela que implica considerá-la necessariamente em relação à constituição dos sujeitos e à produção dos sentidos. Isto quer dizer que o discurso supõe um sistema significante, mas supõe também a relação deste sistema com sua exterioridade já que sem história não há sentido, ou seja, é a inscrição da história na língua que faz com que ela signifique. Daí os efeitos entre locutores. E, em contrapartida, a dimensão simbólica dos fatos.

Quando pensamos na relação entre discurso e ideologia, as proposições de Mikhail Bakhtin (1997) são indispensáveis e podem trazer imensos subsídios para o desenvolvimento de nossas reflexões. Apesar do autor russo não ter conduzido seu trabalho propriamente à análise do discurso, suas contribuições aos estudos da linguagem são

incontestáveis (BRAIT, 2006). A partir do autor russo, consideramos que todo signo é ideológico. Dessa forma, “tudo o que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*”⁴ (BAKHTIN, 1997, p. 31). O autor reforça essa condição a partir da premissa de que o domínio do ideológico e o domínio dos signos são correspondentes. E, nesta relação, a palavra é tomada como o fenômeno ideológico por excelência, pois em contraposição aos demais sistemas de signo, ela não é específica de um campo determinado. A respeito das características da palavra, o autor aponta que:

Mas a palavra não somente é o signo mais puro, mais indicativo; é também um signo *neutro*. Cada um dos demais sistemas de signos é específico de algum campo particular da criação ideológica. Cada domínio possui seu próprio material ideológico e formula signos e símbolos que lhe são específicos e que não são aplicáveis a outros domínios. O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dele. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa (BAKHTIN, 1997, p. 36-37).

A palavra não deve ser tomada como um signo que não atua no debate ideológico; pelo contrário, por sua neutralidade, a palavra pode ser apropriada a qualquer lado da disputa ideológica. Como ela não traz em si um discurso determinado, o significado precisa ser disputado no seio social. Um exemplo importante e que concerne a esta situação é a relação da mídia e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) com as palavras “invasão” e “ocupação”. Os dois termos se referem a um mesmo fenômeno: a apropriação por um grupo de pessoas de terras improdutivas. Na visão da mídia, tal ato se define como invasão, o que traz em si a matriz de uma conduta criminosa, reprovável. O conceito de invasão remete à violência, ao esforço de tirar algo de alguém. Já o MST, a partir do termo ocupação, assume um significado mais positivo a este ato. Ocupação transmite a ideia de entrar em algo que estava até então vazio, sem uso (desocupado) e dar a ele uma função social.

A partir da teoria de Bakhtin, Brait (2006) aponta para a possibilidade de uma análise/teoria dialógica do discurso pautada na relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que agem sobre os estudos da linguagem. Segundo a autora, adotar este método alude à necessidade de:

⁴ Grifos do autor.

[...] conceber *estudos da linguagem* como formulações em que o conhecimento é concebido, produzido e recebido em contextos históricos e culturais específicos e, ao mesmo tempo, reconhecer que essas atividades intelectuais e/ou acadêmicas são atravessadas por idiosincrasias institucionais e, necessariamente, por uma ética que tem na linguagem, e em suas implicações nas atividades humanas, seu objetivo primeiro (BRAIT, 2006, p. 10).

De acordo com Brait (2006), as contribuições de Bakhtin nos permite observar a linguagem e sua inserção na história. A autora vai propondo as características e as contribuições da análise/teoria dialógica do discurso considerando aspectos dos diversos livros assinados por Bakhtin e em co-autoria com outros pensadores que formavam o chamado Círculo de Bakhtin. A partir de “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, a autora destaca um avanço nos estudos enunciativos e discursivos. A partir do pensador russo:

A percepção da linguagem e da possibilidade de estudá-la levando-se em conta a historicidade, os sujeitos, o social, sem dúvida, provocaram profundas mudanças, que podem ser simbolizadas na idéia de *signo ideológico*. Nenhuma ideologia pode aparecer fora dos signos, e nenhum signo está despido de ideologia, como a obra [Marxismo e Filosofia da Linguagem] vai mostrando ao longo de seus capítulos. Partindo da tradição dos estudos da linguagem, sem apagar os ganhos trazidos pelos estudos saussureanos e pelos estudos estilísticos, o pensamento bakhtiniano presente nessa obra ofereceu a ocasião de um salto qualitativo no sentido de observar a linguagem não apenas no que ela tem de sistemático, abstrato, invariável, ou, por outro lado, no que de fato tem de individual e absolutamente variável e criativo, mas de observá-lo em uso, na combinação dessas duas dimensões, como uma forma de conhecer o ser humano, suas atividades, sua condição de sujeito múltiplo, sua inserção na história, no social, no cultural pela linguagem, pelas linguagens (BRAIT, 2006, p. 22-23).

A partir de referenciais expostos para uma análise de discurso nos propomos a estudar as charges de Zapiro a partir dos processos discursivos em que a linguagem e a ideologia se apresentam produzindo sentidos. A partir das palavras de Orlandi (1994, 1994, p. 56), compreendemos que:

No que diz respeito ao ideológico, não se trata de procurar "conteúdos" ideológicos que seriam a ocultação da realidade, mas justamente os processos discursivos em que ideologia e linguagem se constituem de forma a produzir sentidos. Na Análise de Discurso se trabalha com os processos de constituição da linguagem e da ideologia e não com seus "conteúdos". A ideologia não é "x", mas o mecanismo de produzir "x". No espaço que vai da constituição dos sentidos (o interdiscurso) à sua formulação (o intra-discurso) intervêm a ideologia e os efeitos imaginários.

A organização deste trabalho contempla cinco capítulos, além da introdução e das considerações finais. O referencial teórico que compõe o segundo capítulo desta análise - *África do Sul: a segregação pós-apartheid* - reúne autores que dissertam a respeito do *apartheid* e de suas implicações para o desenvolvimento do país. Destacamos Demétrio

Magnoli (1998, 2009), que a partir da perspectiva geopolítica, desenvolve uma sistematização interessante acerca do regime de segregação racial; e o cientista social Klaas de Jonge (1991) que aponta as origens e os principais aspectos do regime de segregação racial. Ainda sobre a condição sul-africana, recorreremos aos trabalhos dos jornalistas John Carlin (2009), em uma obra dedicada ao primeiro ano de mandato de Nelson Mandela, e Richard Stengel (2010), autor de uma das mais recentes biografias do líder negro. Os fotojornalistas Greg Marinovich e João Silva (2003) trabalharam na África do Sul no período de transição para a democracia e suas experiências tornaram-se livro e, posteriormente, foram adaptadas para o cinema⁵. Os autores abordam a relação com a imprensa sul-africana e as condições sociais e políticas do país entre os anos de 1990 e 1994.

No terceiro capítulo - *Reflexões a partir do conceito de representações sociais* - partimos da noção de representações sociais, de Serge Moscovici, para compreender mais a produção jornalística e, principalmente, a produção chágica. Acerca das representações, além das reflexões de Moscovici (2011), recorreremos também a Denise Jodelet (1993), Sandra Jovchelovitch (1995) e Robert M. Farr (1995). Contemplamos também aspectos teóricos a partir da charge e da sua constituição. Estas reflexões foram embasadas em Miani (2005, 2012), Romualdo (2000) e Teixeira (2005). A discussão da charge não está dissociada das reflexões sobre o humor e o riso. Para desdobrar a presença desta característica, de extrema importância para a sua consolidação, consultamos as problematizações de Bakhtin (1981, 1996, 1997), Henri Bergson (1993), Umberto Eco (1989, 2007) e Vladímir Propp (1992).

Os capítulos seguintes contemplam a análise das representações de Mandela (capítulo 4 - *O mito Nelson Mandela e os primeiros anos pós-apartheid*), Mbeki (capítulo 5 - *Thabo Mbeki: pressão política e declínio do CNA*) e Zuma (capítulo 6 - *Jacob Zuma X Zapiro: A polêmica do estupro e da má administração pública*). A proposta é desenvolver as críticas em duas vertentes: verificar se a representação dos líderes negros é política ou psicológica.

Ao final desta dissertação (apêndice), apresentamos um artigo em homenagem a Nelson Mandela. A ideia surgiu na fase final desta pesquisa, em decorrência da morte do líder negro, aos 95 anos, em 05 de dezembro de 2013. Para desenvolvermos este pequeno texto, selecionamos charges que retrataram o fato, sob o título *Iconografia de uma despedida: o adeus a Nelson Mandela por meio da charge*.

⁵ *O Clube do banguê-banguê*: instantâneos de uma guerra oculta.

2 ÁFRICA DO SUL: A SEGREGAÇÃO PÓS-APARTHEID

A África do Sul passou por uma das maiores transformações política do século XX. O país historicamente governado pela minoria branca vivenciou, na década de 1990, a transição para uma democracia não racial. Após sucessivos governos do Congresso Nacional Africano (CNA), principal partido de oposição ao *apartheid* e ao Partido Nacionalista, pouca coisa mudou no país. Apesar da expansão econômica registrada nos primeiros anos da década de 2000, a desigualdade social entre brancos e negros ainda é evidente.

Em decorrência da crise econômica mundial, o país tem enfrentado nos últimos anos um processo de desaceleração da economia. Em 2011, registrou alta de 3,5% em seu Produto Interno Bruto (PIB). Em 2012, o índice fechou o ano com elevação de 2,5%. Já para 2013, segundo dados do *Dow Jones Newswires*, publicados na versão *on-line* do jornal *O Estado de S. Paulo*, o resultado, apesar de positivo, não era animador: estimativa de 2,4% (o resultado oficial ainda não foi divulgado). Devido à estagnação, a moeda local, o *rand sul-africano*, teve desvalorização de quase 18% entre os meses de janeiro e setembro de 2013⁶.

A África do Sul, ao lado do Brasil, da Rússia, da Índia e da China, compõe o BRICS, um agrupamento ligado à política internacional e que chegou a ser apontado por algumas instituições como um meio para a estimulação da economia internacional em anos de crise. O grupo é uma articulação entre os países, com certo grau de institucionalização, e que visa promover o diálogo e a identificação de convergências em assuntos diversos e de grande relevância, bem como estimular os contatos e a cooperação em setores específicos. A África do Sul foi o último país a integrar a articulação política, tornando-se membro do grupo em 2011⁷.

Apesar de o país ter alcançado considerável desenvolvimento no cenário econômico mundial, a desigualdade econômica ainda é muito marcante. A África do Sul tem o maior PIB do continente africano e a expansão de sua economia pós-1994, ano que

⁶ Informação retirada do texto *Moeda sul africana sobe 3% em setembro, diz revista* <<http://economia.estadao.com.br/noticias/economia-geral,moeda-sul-africana-sobe-3-em-setembro-diz-revista,164726,0.htm>>. Frente ao real, o rand sul-africano (R) ocupa um quadro de intensa desvalorização. Segundo dados cambiais de setembro de 2013, um rand equivale a R\$ 0,23127.

⁷ O termo era utilizado por cientistas políticos e economistas para designar países com características econômicas similares. Até que em 2006, na 61ª Assembleia Geral das Nações Unidas, Brasil, Rússia, Índia e China decidiram transformar o BRICs em um mecanismo internacional. A partir da formação do agrupamento, a nomenclatura tornou-se uma categoria de análise nos meios empresariais, econômicos, financeiros, acadêmicos e de comunicação. A consolidação oficial do grupo intensificou a realização de ações econômicas entre os países membros, além de aumentar a comunicação entre eles. O mecanismo internacional passou a ser identificado como BRICS (com “s” maiúsculo em substituição ao minúsculo) após a inclusão da África do Sul.

oficialmente marcou o fim do *apartheid*, foi motivada também pelos investidores internacionais que deixaram de evitar o estabelecimento de relações comerciais com o país devido às suas especificidades políticas e sociais. No entanto, quando o assunto é distribuição de renda, a realidade sul-africana sofreu poucas alterações. De acordo com dados da Organização das Nações Unidas (ONU) citados por Francisco Capuano Scarlato e Fernando Portela (2000), antes da implementação oficial do regime segregacionista, os negros ganhavam em média 25% dos salários recebidos pelos brancos para desempenhar a mesma tarefa. Anos mais tarde, já em 1970, a situação se tornou ainda pior, o valor foi reduzido para 17%. Scarlato e Portela (2000) destacam que entre os grupos raciais discriminados também existiam diferenças salariais e que essa prática tinha o intuito de impedir uma mobilização da classe trabalhadora.

Nos últimos anos, mesmo com a transição para a democracia multirracial, a concentração de renda entre os brancos atinge níveis expressivos. De acordo com a revista *Aventuras na História*, em texto do jornalista Tiago Cordeiro, 10% da parcela mais rica sul-africana concentra 33,1% da renda total do país. A defasagem fica ainda mais expressiva quando a publicação destaca que a renda dos brancos é, em média, 7,7 vezes maior que a dos negros. A população atual da África do Sul é de 49 milhões de habitantes; os negros são a maioria esmagadora, representam 79,5%. Já os brancos, mestiços e asiáticos somam 20,5% da população total.

Em junho de 2012, durante um discurso em uma conferência do CNA⁸, partido que está no poder desde 1994, o atual presidente, Jacob Zuma, destacou que a economia sul-africana permanece dominada pela minoria branca e que é necessária a adoção de medidas drásticas por parte do governo para garantir que a população negra também usufrua da riqueza produzida no país⁹. Para o chefe de Estado, após duas décadas de transição para a democracia multirracial, a África do Sul enfrenta grandes desafios para combater a pobreza, o desemprego e a desigualdade social. "A estrutura econômica da era do *apartheid* continuou praticamente intacta. [...] A propriedade da economia ainda está primariamente nas mãos de homens brancos, como sempre foi" (ZUMA apud HERSKOVITZ; GOVENDER, 2012).

⁸ Informações retiradas do texto *Branco ainda dominam economia sul-africana, diz presidente Zuma*, publicados na versão *on-line* do *Estado de S. Paulo*.

⁹ A este respeito vale destacar, segundo dados publicados na revista *Aventuras na História*, que a África do Sul é o segundo maior produtor de ouro do mundo, o país perdeu a primeira posição para China em 2007, e o maior de platina. A renda *per capita* anual é de aproximadamente U\$S 10.100. Já o PIB está basicamente dividido em três setores: 64,4% da renda provém do turismo, 32,1% da indústria e 3,5% da agricultura.

Os negros acumulam menores níveis de renda, além das piores condições de moradia, falta de saneamento básico e dificuldades com educação. Segundo dados publicados na revista *National Geographic*, em texto de Alexandra Fuller, poucos países apresentam tamanha disparidade entre brancos e negros como a África do Sul. Quando o assunto é mercado de trabalho, a realidade não é diferente. Com os dados desagregados por cor e raça, percebemos que entre os sul-africanos economicamente ativos e que buscam uma vaga no mercado de trabalho, a grande maioria é composta por negros, cerca de 29%. Entre os brancos o percentual de desempregados é de 5%. Ainda segundo dados da mesma revista, aproximadamente 48% dos sul-africanos vivem abaixo da linha da pobreza, dos quais 44% são negros. A renda *per capita* dessa população é de 502 rands mensais, o que representa cerca de U\$S 63.

A cor da pele ainda é um fator determinante para o acesso a serviços públicos na África do Sul. A taxa de alfabetização, que atesta a capacidade das pessoas de ler e escrever, entre os maiores de 15 anos é de 86,4%. Este indicador é altamente influenciado pela Lei de Educação Negra (*Black Education Act*) ou Lei da Educação Bantu, como é popularmente conhecida, criada em 1953, que dividia o sistema educacional durante o regime de segregação. Com base nessa normativa, os negros poderiam estudar apenas até os 15 anos; a partir desta idade o acesso à educação formal estava proibido (CARLIN, 2009). Entretanto, mesmo após a transição para a democracia multirracial, o sistema educacional sul-africano tem ocupado as manchetes de jornais, alvo de duras críticas. Segundo ativistas anti*apartheid*, como a acadêmica Mamphela Ramphele, a qualidade do ensino atual é pior do que o oferecido pelo Governo branco durante os anos de segregação. O jornal moçambicano *Verdade* denunciou, em sua versão digital, o baixo aproveitamento escolar dos estudantes (apesar das exigências para a aprovação serem consideradas mínimas), a vandalização de livros, a falta de água nos estabelecimentos de ensino, além do abuso de drogas e do crescente número de casos de violência sexual cometida pelos professores¹⁰. Ainda de acordo com a edição *on-line* do jornal, o sistema educacional sul-africano reproduz e representa as diferentes classes sociais e as desigualdades existentes entre elas. Pontua-se que entre os estabelecimentos de ensino frequentados pela população negra, apenas 7% possuem bibliotecas, 5% tem laboratórios e apenas 1% conta com acesso à internet.

A Província de Limpopo, que faz fronteira com Moçambique, talvez represente o caso mais expressivo de problemas com a educação. A região teve a distribuição

¹⁰ A íntegra do texto está disponível no link <http://www.verdade.co.mz/component/content/article/28645-africa-do-sul-sistema-educacional-pior-que-na-era-do-apartheid>.

dos livros didáticos atrasados em mais de um semestre em 2012. Para piorar a situação, vários exemplares foram queimados durante protestos pela melhoria da educação. Por este fato, o Ministério da Educação Básica, dirigido pela ministra Angie Motshekga, foi processado por instituições de defesa ao acesso à educação.

Além de uma série de desafios econômicos, o país acumula uma série de problemas sociais de extrema gravidade. O *apartheid* conseguiu comprometer drasticamente o convívio social, estimulando a intolerância entre os diversos grupos raciais. A África do Sul possui uma das maiores taxas de estupros do mundo. Em 2007, foram registrados 76 casos para cada 100 mil habitantes, mais que o dobro dos casos registrados pelos Estados Unidos - 30 em cada 100 mil. O índice de assassinatos também é alto, 37 a cada 100 mil pessoas.

2.1 PROMOÇÃO DE UMA NOVA IMAGEM: MUNDIAIS DE 1995 E 2010

Desde a transição para a democracia multirracial, a África do Sul tem se esforçado em organizar eventos esportivos de grande magnitude. A Copa do Mundo de rúgbi, modalidade mais popular no país, foi realizada em 1995 e vencida pelos donos da casa. O fato tornou-se emblemático, já que o rúgbi era uma das ferramentas utilizadas durante o *apartheid* para estimular o racismo e a discriminação. O apoio e a torcida do então presidente Nelson Mandela e o entusiasmo transmitido a todo o país tornou-se o livro “Conquistando o Inimigo - Nelson Mandela e o jogo que uniu a África do Sul”, do jornalista John Carlin¹¹. Mais do que um evento esportivo de grande expressão, o mundial de rúgbi foi planejado como uma ação política pelo então presidente. A final foi uma das primeiras ocasiões em que negros e brancos se uniram por um mesmo objetivo, torcer pela seleção sul-africana.

Exatamente quinze anos depois, em 2010, o país voltou a celebrar outro mundial, dessa vez o de futebol, organizado pela Federação Internacional do Futebol Associado (Fifa). O evento esportivo colocou a África do Sul no centro do mundo. Muitas desconfianças surgiram quanto ao sucesso daquela edição, por questões financeiras e pelo temor devido aos altos índices de violência e de xenofobia.

Desde 1986, quando teve como sede o México, a Copa do Mundo não era realizada por uma nação emergente. Motivada pelo atraso na construção dos dez estádios, a Fifa chegou a ameaçar trocar a sede do evento em 2007. No entanto, a edição de 2010 tornou-

¹¹ Posteriormente o livro foi adaptado para o cinema. O filme *Invictus*, lançado em 2009, foi dirigido por Clint Eastwood. Morgan Freeman interpretou Nelson Mandela e Matt Damon deu vida a François Pienaar, o capitão da seleção sul-africana de rúgbi, conhecida como Springboks.

se a mais bem sucedida economicamente da história dos mundiais para a instituição promotora. O valor arrecadado pela Fifa com os direitos de transmissão dos jogos, a publicidade e a propaganda foi 50% maior que o lucro obtido quatro anos antes, na Alemanha. O montante chegou à casa dos U\$S 3,2 bilhões. Além disso, no campo da segurança, o evento não registrou incidentes graves.

Segundo Alexandra Fuller (2012), a escolha do país para ser sede de um evento com as proporções da Copa do Mundo da Fifa motivou os sul-africanos. Esta foi uma possibilidade de mostrar outra imagem, distante da violência e do racismo. Para a jornalista: “A escolha da África do Sul para a sede da Copa do Mundo de 2010 provocou uma onda de autoconfiança nas pessoas. A nação poderá ser lembrada por oferecer ao mundo futebol, em vez de apartheid” (FULLER, 2012, p. 63). Quem compartilhou uma opinião semelhante foi o arcebispo emérito da Cidade do Cabo, Desmond Tutu, uma das principais lideranças antiapartheid. O religioso afirmou que o evento era uma oportunidade de aproximar brancos e negros, ainda distantes mesmo com o fim do regime de segregação. Em uma entrevista ao jornalista Fábio Zanini (2010), o religioso destacou que o esporte tem a habilidade de unir as pessoas e superar as divisões sociais e raciais. Para Tutu (apud ZANINI, 2010)

O torneio deu aos sul-africanos um espírito de unidade e nos lembra de que juntos somos uma força a ser reconhecida. Eu sempre me maravilhei com a linguagem universal do futebol, um esporte que não precisa de tradução. Se conseguirmos ficar unidos pela Copa do Mundo, conseguiremos ficar unidos em todos os desafios que encontrarmos. Não é preciso ter a mesma opinião sobre tudo, mas podemos discordar amigavelmente, respeitando a dignidade do outro.
[...] O esporte tem a habilidade de unir as pessoas, cortando barreiras de classe, raça e origem. Eu tenho dito que não é possível viver apenas do pão. Há coisas que levantam o espírito. Você precisa desses momentos na vida. Momentos que dão uma visão do que você pode ser. A Copa do Mundo é um grande feito não apenas para a África do Sul mas também para todo o continente africano. Durante este mês, o foco do mundo estará aqui. Conquistar o direito de sediar a Copa não diz respeito apenas a futebol. Diz respeito a nós vencermos, nos deu uma injeção de ânimo. Havia muitas dúvidas se estaríamos prontos e se seríamos capazes de sediar esse torneio.

Apesar dos investimentos em infraestrutura com a reforma de rodovias e dos aeroportos, muito do que foi construído para o mundial tem causado prejuízos posteriores. De acordo com texto assinado por Jamil Chade, *Metade das arenas construídas para a Copa dá prejuízo à África do Sul*, de abril de 2012, veiculado pelo site do Estado de S.Paulo, cinco das dez arenas construídas são mantidas pelo dinheiro público. Devido a pouca utilização e os elevados gastos com a manutenção para a próxima década, estudos revelam que a demolição de metade dos estádios seria a alternativa mais econômica. Os gastos do país com a infraestrutura para o mundial, entre os anos de 2003 e 2010, foram de US\$ 4,8 bilhões. No

entanto, após o término do evento esportivo, as despesas continuam. Segundo o profissional que realizou estudos sobre a situação dos estádios, Eddie Cottle, este é o legado da Copa do Mundo que ninguém ousa revelar. “Só não farão isso [demolição das arenas] agora porque o custo político seria gigante. Mas, economicamente, sabem que é o que faz sentido e acredito que, em alguns anos, vamos ver essa proposta seriamente debatida” (COTTLE apud CHADE, 2012).

Do ponto de vista simbólico, a final da Copa de 2010 também marcou a despedida de Mandela. A última aparição pública do líder negro foi na cerimônia de encerramento, ao lado da esposa, Graça Machel. O político, que faleceu em dezembro de 2013, passou os últimos anos de sua vida recluso devido ao frágil estado de saúde.

2.2 OS PILARES DO *APARTHEID*

A segregação racial sul-africana, oficializada pelo Partido Nacionalista, tinha o objetivo de transformar o país em um território exclusivamente branco. Apesar das atrocidades cometidas na Segunda Guerra Mundial, o *apartheid* se inspirou no nazismo para se estruturar. O regime sul-africano se firmou a partir da negação dos direitos dos não brancos. Nelson Mandela declarou durante o julgamento que o condenou à prisão perpétua, em 1964, que a supremacia branca era a responsável pela exclusão da população negra. O político também destacou que o racismo estava disseminado nas relações sociais cotidianas.

A falta de dignidade humana experimentada pelos negros é o resultado direto da política da supremacia branca. Supremacia branca implica inferioridade negra. A legislação elaborada para defender a supremacia branca reforça esta noção. Tarefas subalternas na África do Sul são invariavelmente executadas pelos negros. Quando alguma coisa precisa ser carregada ou limpa, o homem branco irá olhar em torno, procurando um negro que faça isso por ele, seja o negro empregado seu ou não. Por causa desse tipo de atitude, os brancos têm a tendência de encarar os negros como seres diferentes. Eles não os encaram como gente que tem sua própria família; eles não percebem que eles têm emoção - que se apaixonam da mesma forma que os brancos o fazem; que querem ficar com suas mulheres e filhos como os brancos querem ficar com os deles; que querem ganhar dinheiro suficiente para sustentar suas famílias adequadamente, alimentá-las e vesti-las e mandá-las para a escola. Para os brancos, jardineiro ou operário não podem sequer sonhar em fazer isso (MANDELA apud JONGE, 1991).

Consideramos que o racismo sul-africano teve como base três pilares contrários aos ideais de modernidade: preconceito, racismo e etnocentrismo. Bruno Mazzara (1998) afirma que o preconceito é uma tendência a considerar, de maneira desfavorável e sem nenhuma justificativa, pessoas que integram um determinado grupo social. Neste sentido, o

preconceito não se limita à valorização frente a um objeto, mas orienta, de maneira concreta, as ações com respeito a ele. O preconceito também é caracterizado como uma primeira impressão mental baseada em um caráter negativo. Independente da forma que se apresente, o preconceito é sempre negativo e muitas vezes se dá de forma velada. O preconceito é um juízo de valor que se materializa em detrimento da experiência. Mazzara (1998) classifica como um juízo errado, que não se respalda na realidade objetiva; é emitido sem contar com dados suficientes.

Os estereótipos são outra forma de classificação social que pode ter efeitos prejudiciais semelhantes ao preconceito. Apresentados como parte da cultura de um grupo, os estereótipos são utilizados como ferramentas para a compreensão da realidade. Mazzara (1998) alerta que os estereótipos cumprem um papel defensivo frente ao indivíduo “[...] al contribuir al mantenimiento de una cultura e de determinadas formas de organización social, le garantizan el resguardo de las posiciones que haya alcanzado” (MAZZARA, 1998, p. 14).

Tais representações se difundem e se naturalizam na sociedade. A reprodução dos estereótipos é uma prática frequente. Neste processo, informações que o contradizem são ignoradas, o que faz com que uma visão parcial, deturpada e negativa do real permaneça (MAZZARA, 1998). A cor da pele é um fator que agrega informação. De acordo com Mazzara (1998), em determinadas situações, dependendo do fato narrado, a questão racial pode ganhar destaque e ser vista como determinante à conduta. Ainda neste sentido, Ella Shohat e Robert Stam (2006) apontam que os estereótipos de determinados grupos sociais soam como afirmações indesejadas, mas são combatidas e superadas no interior do próprio grupo. Em contrapartida, em grupos socialmente discriminados - como os negros, mestiços e asiáticos na África do Sul - os estereótipos podem ter efeitos mais drásticos. Na questão sul-africana, esta visão equivocada da sociedade determinou as políticas sociais e incentivou práticas de extrema violência. Shohat e Stam (2006) consideram que a questão crucial dos estereótipos está relacionada ao fato de que grupos historicamente marginalizados não exercem controle sobre a sua própria representação. Estes grupos não impõem nenhuma reação aos conteúdos que são disseminados pela mídia e que interfere na forma como são vistos na sociedade.

Rui Zink (2011) considera que a generalização, tão comum nos estereótipos, é a maior inimiga do pensamento, o que faz com que deva ser combatida. Em condições extremas, o estereótipo do adversário tende a se calcificar e ser amplamente difundido. Consideramos que a adoção de estereótipos é empobrecedora e nos afasta da experiência; é a utilização de argumento sem comprovação, sem legitimidade.

Mazzara (1998) alerta que o racismo não pode ser visto como uma postura individual ou de uma interpretação equivocada em relação ao outro, mas é uma postura que está alicerçada em séculos de opressão e discriminação. Shohat e Stam (2006) afirmam que o racismo não é uma exclusividade do Ocidente, se trata de um ponto de vista histórico, um aliado ou produto parcial do colonialismo. Neste processo, as vítimas mais frequentes são os africanos, os asiáticos, os povos deslocados pelo colonialismo e os latino-americanos. A cultura colonialista, na visão dos autores, foi a responsável por sedimentar um sentimento de superioridade ontológica na Europa frente aos que são vistos como “raças inferiores desregradas”. Segundo os autores:

Embora possa ser irracional e até mesmo autodestrutivo, em geral o racismo é resultado de opressões concretas. [...] O racismo envolve um duplo movimento de agressão e narcisismo; o insulto ao acusado é acompanhado por um elogio ao acusador. O pensamento racista é tautológico e circular: somos poderosos porque estamos certos, estamos certos porque somos poderosos. Também é essencialista, a-histórico e metafísico, pois projeta a diferença através da temporalidade histórica: ‘Eles são todos assim, a assim continuarão sendo’. As categorias raciais não são naturais ou absolutas: são construções relativas e específicas, categorias narrativas engendradas por processos históricos de diferenciação. A categorização de uma mesma pessoa pode variar com o tempo, o local e o contexto. Também a autodefinição subjetiva e a mobilização política podem sabotar definições rígidas. Os africanos, antes da colonização, não pensavam em si mesmos como negros, mas como membros de grupos específicos - bantu, fon, haugá, ibo - assim como os europeus, antes da invenção do ‘branco’, consideravam-se irlandeses, sicilianos e assim por diante. [...] Tampouco o racismo ‘se move ordenada e imutavelmente através do tempo e da história’. Uma vez que o racismo é um conceito móvel, diversos grupos podem ocupar o lugar do grupo oprimido (SHOHAT; STAM, 2006, p. 45-46).

Para Shohat e Stam (2006), algumas ponderações são necessárias para compreender como o racismo age socialmente. Embora tenha muitas semelhanças, racismo e etnocentrismo não são a mesma coisa. Os autores explicam que qualquer grupo pode ser etnocêntrico na medida em que analisa o mundo a partir dos referenciais de sua própria cultura. Esta postura, apesar de ter características negativas, não necessariamente pode ser classificada como racista. O racismo é apresentado como a tentativa de estigmatizar a diferença com o objetivo de naturalizar abusos de poder em qualquer esfera social. Para compreendemos melhor o que caracteriza o etnocentrismo, recorreremos a Héctor Fernandez L’Hoeste (2011). Segundo o autor, o etnocentrismo está baseado na negação das diferenças; é uma predisposição a considerar a própria cultura como superior, enquadrando a percepção do alheio a partir das próprias matrizes culturais, sociais e políticas.

De uma maneira geral, preconceito, racismo e etnocentrismo foram combinados para que o projeto de uma sociedade racial fosse desenvolvido na África do Sul.

Por julgar a sua cultura superior, a minoria branca segregou todos aqueles que não se enquadrassem no padrão de ascendência europeia. Esta engenharia separatista foi responsável por comprometer as bases sociais do país e a relação com o outro. Acreditamos que identidade e diferença sejam categorias de extrema importância quando nos debruçamos sobre as consequências do *apartheid*. A política racial foi responsável por retirar a cidadania sul-africana dos não brancos. Magnoli (2009) nos conta que falsos mitos eram inventados para que novas nacionalidades fossem construídas aos negros. A medida era um meio de justificar o fato da maioria da população ser estrangeira em seu próprio país, eles tinham outra nacionalidade.

Mais do que propor uma política de desenvolvimento separado, o *apartheid* teve o objetivo de alterar a forma como a população não branca se reconhecia em seu próprio território. Para compreendermos mais esta condição, recorremos a Kathryn Woodward (2009) e suas reflexões sobre o conceito de identidade. A autora pondera que a identidade é uma categoria relacional. Nesta perspectiva, uma identidade só existe em detrimento de outra. E o processo de diferenciação ocorre por meio de marcações simbólicas. A identidade sul-africana dependeria, necessariamente, de algo fora dela para existir. Para os brancos se apresentarem como os “donos” do território era preciso a contraposição a algo distinto; outras identidades nacionais. O critério que propiciou esta divisão foi a cor da pele; dessa forma ser branco era o mesmo que ser sul-africano. Ao restante da população foram criadas novas identidades nacionais.

Woodward (2009) pondera que a afirmação das identidades nacionais é um processo mais complexo e historicamente específico do que refletimos até o momento. Além das demarcações simbólicas que já pontuamos, a emergência das identidades nacionais está localizada em um ponto mais específico no tempo; elas estabelecem suas reivindicações a partir dos antecedentes históricos. Neste sentido, nos parece claro que o recorte utilizado pelos brancos para a classificação identitária sul-africana recorre, muito certamente, à escravidão. O período em que os negros eram considerados propriedade dos descendentes europeus. O destaque a esse passado de exclusão pode ter sido tomado como uma justificativa para a implementação do *apartheid*. Se recorrermos ao duplo movimento de agressão, salientado por Shohat e Stam (2006), o regime segregacionista poderia ser explicado pela superioridade branca (ideal presente no imaginário coletivo desde a escravidão) e a superioridade branca poderia justificar o *apartheid*.

Ao analisar o contexto sul-africano, não podemos deixar de lado que a identidade também está vinculada às condições sociais e materiais. Aqueles grupos que

simbolicamente são apontados como inimigos sofreram os efeitos reais desta classificação, foram excluídos e tiveram dificuldades materiais. A atribuição de identidades nacionais é estabelecida a partir de critérios arbitrários, sobretudo porque a “[...] a identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças – neste caso entre grupos étnicos - são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares” (WOODWARD, 2009, p. 11).

Com base no que refletimos até aqui, consideramos que o *apartheid* se demonstrou como uma política de extrema violência em seus mais variados aspectos. Apesar dos esforços para evitar o início de uma guerra étnica no processo de transição para democracia, muitos efeitos deste sistema separatista ainda podem ser sentidos no país. Acreditamos que “[...] o *apartheid* não se transformará do dia para a noite em um mero episódio concernente ao passado histórico, pois as estruturas sociais e os símbolos que gerou continuarão envenenando as relações políticas por muito tempo” (MAGNOLI, 1998, p. 79).

2.3 O APARTHEID E A DIVISÃO RACIAL NA ÁFRICA DO SUL

O *apartheid* foi o regime de segregação racial que vigorou na África do Sul entre os anos de 1948 e 1994, sob o comando do Partido Nacionalista, também chamado de partido africânder. O sistema estava diretamente baseado na divisão racial, influenciada pelos ideais nazistas de supremacia racial e de raça pura. Klaas de Jonge (1991) afirma que a ideologia racista já estava presente na sociedade sul-africana antes mesmo da instauração do regime segregacionista e que esta influenciou o seu desenvolvimento. Com o passar dos anos, tais medidas tornaram-se o princípio orientador do sistema e sua força social mais significativa. Com o objetivo de formar uma nação de maioria branca, o governo distribuía os benefícios sociais de acordo com a cor da pele, o que culminou no enriquecimento de poucos em detrimento das baixas condições de vida da maioria da população.

John Carlin (2009) explica que a organização racial da sociedade podia ser vista a partir da divisão dos lugares entre brancos e negros. Os brancos sul-africanos tinham condições de vida semelhantes a países europeus com alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). As residências e os locais de trabalho estavam situados nas regiões centrais e com avançada infraestrutura. “A diferença era que moravam lado a lado com algumas das pessoas mais pobres e maltratadas do mundo” (CARLIN, 2009, p. 73).

Já a população negra foi dividida (de acordo com critérios étnicos e linguísticos) em nove áreas periféricas, chamadas de bantustões¹² ou *townships*. Tal medida tinha o intuito de deslocar a população não branca das áreas privilegiadas, mas deixá-la próxima, caso fosse necessário mão-de-obra com baixa remuneração. De acordo com Carlin (2009), apesar dos distritos negros possuírem um número maior de habitantes, apenas as cidades brancas apareciam nos mapas. O autor chega a comentar que a desigualdade era tão extrema que ao se dirigir de uma região de brancos para uma área de negros, a sensação era a de voltar no tempo ou a de visitar países economicamente muito distintos.

Mais do que a divisão racial do território, o regime segregacionista desenvolveu uma legislação altamente específica e determinada a consolidar o favorecimento da população branca¹³. A primeira lei promulgada com o intuito de afastar os negros dos brancos foi a *Lei de Proibição de Casamentos Mistos (Prohibition of Mixed Marriages Act)*, de 1949, responsável por proibir o matrimônio entre pessoas racialmente distintas e, desta forma, impedir o crescimento do processo de miscigenação.

A normativa responsável pela edificação jurídica do sistema - *Lei de Registro da População (Population Registration Act)* - foi aprovada no ano seguinte, em 1950¹⁴. A medida dividia os sul-africanos tendo como base o sistema racial e linguístico. Dessa forma, os grupos étnicos básicos eram brancos, negros, mestiços e asiáticos. Como já mencionamos anteriormente, com base nas reflexões de Carlin (2009), os benefícios raciais eram reduzidos de acordo com a cor da pele. Em ordem decrescente de privilégios, a população alternava-se em brancos, mestiços, indianos e negros (CARLIN, 2009).

A partir da *Lei de Registro da População* promulgada em 1950, o Estado branco atualizou as restrições em 1952 com a *Lei da Circulação de Nativos (Native Act)*. Talvez essa tenha sido uma das medidas mais polêmicas do *apartheid*. A partir da lei, tornou-se obrigatória a posse de uma autorização, chamada de passe ou passaporte, para circulação nas outras áreas em que o sul-africano negro não habitasse. Jonge (1991) aponta que ser classificado como negro na África do Sul durante o *apartheid* implicava em uma série de

¹² Bantustão é uma derivação de bantu, o nome de um tradicional grupo de povos africanos. O sufixo stão tem origem na cultura persa; é um termo utilizado para determinar o território de um povo.

¹³ Historicamente, o sistema de segregação pode ser dividido em três grandes fases: pequeno *apartheid* (1948-1966), período caracterizado pela implementação da política separatista. O grande *apartheid* (1966-1984), fase seguinte, foi a responsável pela consolidação da política segregacionista e expansão da economia sul-africana. Para finalizar, o neo-*apartheid* (1984-1990), período responsável pelas tentativas do governo branco de evitar a abertura política. Em Greg Marinovich e João Silva (2003), encontramos registros fotográficos e bibliográficos sobre os quatro últimos anos do regime segregacionista (1990-1994), período também conhecido como Guerra dos Albergues.

¹⁴ O *apartheid* entrou em vigor em 1948, no entanto o pilar legal deste sistema foi promulgado apenas dois anos depois, em 1950.

restrições. O autor afirma que a *Lei de Circulação dos Nativos* vigorou até 1986 e que foi a responsável pela prisão de milhares de negros anualmente.

Ser classificado como negro tinha conseqüências graves. Por exemplo, até 1986 somente os negros eram forçados a carregar permanentemente seu documento de identidade. Esse documento, chamado de passe, era um livrinho verde de 96 páginas, e dele constavam os antecedentes da pessoa: sua história de vida, licenças de trabalho, de viagem, de entrada em uma área branca etc. Caso fosse surpreendido sem o passe, o negro era culpado de delito e punido com multa ou mesmo prisão. As infrações das leis do passe, promulgadas para controlar o fluxo de trabalhadores, levavam a cada ano milhares de negros às prisões. Mas o que, segundo Nelson Mandela, era ainda pior, é que essas leis separavam maridos e mulheres, conduzindo à desintegração da vida familiar (JONGE, 1991, p. 11-12).

Em 1953, a *Lei de Educação Negra (Black Education Act)* foi a responsável pela separação do sistema de ensino entre brancos e negros. Como já mencionamos anteriormente, a medida garantia educação aos negros apenas até os 15 anos. Dessa forma, ingressar no ensino superior era uma condição impossível.

A *Lei da Imoralidade (Immorality Amendment Act)*, homologada em 1957, tornou crime relações sexuais entre pessoas racialmente distintas. Em 1959, o governo colocou em vigor a *Lei do Autogoverno Banto (Banto Self Governmente Act)*. Fundamentada na Lei de Terras, assinada em 1913, a medida destinava à população negra partes limitadas de território. O objetivo dessas normativas era tornar cada bantustão independente, que resultaria em uma África do Sul integralmente branca¹⁵. Para esconder a motivação racista, o Estado alegava que as restrições geográficas eram um meio de recuperar e aprofundar as identidades tribais (MAGNOLI, 1998). Nessa perspectiva, vale destacar o que nos lembra Kabenguele Munanga (2008, p. 99), que não há nenhuma forma de tolerância em um sistema com o objetivo de construir uma sociedade fragmentada:

¹⁵ Conforme destaca Magnoli (1998), a concessão da independência política aos bantustões estava entre os principais objetivos do Estado do *apartheid*. A partir dessa medida, a África do Sul se tornaria um país com população exclusivamente branca, circundado por áreas negras. Dessa forma, a África do Sul se manteria como a região central, com alto grau de desenvolvimento e características políticas e sociais semelhantes à Europa. A proximidade com as áreas negras garantiria o acesso à mão de obra barata, extraída dos territórios vizinhos. Devido à manipulação de lideranças tribais, o *apartheid* concedeu a independência política a quatro bantustões: Transkei (1976), Bophutatswana (1977), Venda (1979) e Ciskei (1981).

Do nosso ponto de vista, não encontramos sinal de tolerância num regime que, durante quase meio século, manteve separados do berço ao túmulo os brancos e não brancos. Para nós, a chamada tolerância das diferenças raciais e culturais na África do Sul durante o *apartheid* foi apenas uma estratégia ou um pretexto para legitimar a segregação racial e, conseqüentemente, a exclusão da população negra de seus direitos cívicos e políticos. Quem aparta e segrega não mostra nenhuma tolerância para conviver com as diferenças.

Também em 1959 entrou em vigor a *Lei de Serviços Públicos Separados* (*Reservation of Separate Amenities Act*), também conhecida como *Lei da Conservação das Diversões Separadas*, impedindo assim que brancos e negros dividissem os mesmos ambientes. Essa medida, combinada com a *Lei da Imoralidade*, visava impedir a constituição de famílias inter-raciais. Segundo Jonge (1991), a partir de 1959, o Governo instituiu a separação do território a partir de critérios raciais. Lugares e serviços públicos como praias, transporte, piscinas, bibliotecas, banheiros, cinemas, teatros e jardins eram distintos para brancos e negros.

A política racista sul-africana foi planejada para construir um país rico, de supremacia branca, onde os negros, mestiços e asiáticos não teriam direitos e poderiam entrar, mediante autorização, e apenas como mão-de-obra, na condição de “estrangeiros em seu próprio país” (JONGE, 1991, p. 58). Em suas fases iniciais, destinadas a estimular a separação nos serviços públicos e nas áreas residenciais e locais (pequeno *apartheid*) e em estabelecer bases legais para a expulsão dos não brancos de seu território (grande *apartheid*), o sistema obteve grandes vitórias. Apesar de ter custado muito para os cofres públicos¹⁶, a política segregacionista atraiu investidores. Jonge (1991) pontua que a África do Sul era uma opção interessante para o capital estrangeiro: os lucros eram pródigos, os salários extremamente baixos e o direito de greve era proibido pelo Estado.

O primeiro-ministro e principal mentor do *apartheid*, Hendrik Frensch Verwoerd, justificava a iniciativa de dividir o país como uma garantia de proteção aos brancos; em contrapartida, os negros ocupavam áreas superpovoadas e inférteis. Ele declarou na década de 1960 que: “Se estamos de acordo em que é desejo do povo que o homem branco deve poder continuar a proteger-se, para a manutenção do domínio branco [sic], declaramos que isso se pode alcançar pelo desenvolvimento separado” (VERWOERD apud JONGE, 1991, p. 58).

¹⁶ Jonge (1991) afirma que os custos para a manutenção de uma multiplicidade de serviços, departamentos e ministérios eram extremamente altos, já que havia uma oferta específica para cada grupo racial. Desta forma, o Estado custeava a infraestrutura do país, além dos dez bantustões. O autor salienta que o país tinha, durante a vigência do *apartheid*, 19 departamentos de educação.

Anos mais tarde, em 1971, a criação dos bantustões foi oficializada pelo governo do *apartheid*, por meio da *Lei de Constituição das Pátrias Bantu (Bantu Homelands Constitution Act)*. A medida fortaleceu a *Lei do Autogoverno Bantu*, de 1959, que retirava a cidadania sul-africana dos negros. A partir dessa disposição, cada negro era cidadão apenas no bantustão em que habitava (MAGNOLI, 1998).

Se dos pontos de vista político e social o Estado do *apartheid* criava sucessivas medidas destinadas a excluir a população não branca, na esfera econômica o caminho era praticamente o mesmo, agravado por uma recessão iniciada nos anos 1970, após uma década de crescimento. De acordo com Jonge (1991), a crise foi acompanhada por uma estagnação na agricultura e na indústria. Diante destas circunstâncias, o país incentivou a política de mecanização de seu parque produtivo, o que acarretou mais perdas para os negros, conforme salienta o autor. “A conseqüência, desastrosa, foi um alto nível de desemprego estrutural dos negros e uma onda de greves em 1973. A reação estatal, por seu turno, foi a esperada: uma nova expulsão maciça da população negra para os bantustões” (JONGE, 1991, p. 63). O direito de greve não era assegurado à população negra.

Os problemas econômicos conduziram o sistema de segregação racial para sua terceira fase, o *neo-apartheid*. P. W. Botha tornou-se o primeiro-ministro e chegou ao poder anunciando reformas para acabar com o regime branco. Entretanto, as ações tinham o real objetivo de manter o poder nas mãos da minoria, ainda que para isso fosse necessário oferecer mais direitos ao restante da população. Sob o comando de Botha, o Governo iniciou encontros sigilosos com Nelson Mandela para discutir o futuro do país.

2.4 CNA E NELSON MANDELA - MECANISMOS DE OPOSIÇÃO

O Congresso Nacional Africano (CNA) e o líder negro Nelson Mandela talvez sejam, respectivamente, o partido e a figura pública mais representativas de oposição ao *apartheid*. A sigla, criada em 1912, permaneceu na ilegalidade durante praticamente toda a vigência do regime de segregação, voltando a ser um organismo de oposição apenas em 1989. Por sua vez, Mandela foi condenado à prisão perpétua por lutar contra o regime de segregação, sob acusação de terrorismo e de traição.

Já no final dos anos 1920, o CNA se apresentava como uma força política no país. O partido fazia clara oposição ao nacionalismo africânder. De acordo com Magnoli (1998), as lideranças brancas almejavam a criação de um Estado composto apenas por sul-africanos de origem europeia, com preceitos anticomunistas, fundamentado na tradição e nas

glórias passadas. Enquanto isso, o nacionalismo negro sofria forte influência britânica e almejava o desenvolvimento das cidades. O CNA se apresentava como uma expressão partidária desse movimento. A sigla era composta por homens pertencentes a famílias reais africanas, advogados, médicos e religiosos anglicanos. O objetivo dos membros do partido, enquanto lideranças políticas, era sentar-se com o governo para discutir o fim das políticas discriminatórias.

Magnoli (2009) considera o CNA como um grupo social expoente na África do Sul, no que tange à luta em defesa da cidadania e dos direitos dos negros. Por meio da resistência à legislação nacional, os membros da legenda reivindicavam que o país deveria pertencer a todos que nele residisse independente da questão racial. “Inspirado no paradigma da igualdade, o programa [do CNA] definia a cidadania com referência no território, não na raça ou etnia. O ‘povo’ da África do Sul eram ‘negros e brancos juntos iguais, compatriotas e irmãos’” (MAGNOLI, 2009, p. 77).

As reivindicações do CNA ganharam mais expressão a partir de lideranças como Mandela e Oliver Tambo. Desde solicitações formais para conversar com os dirigentes do Estado até atos de violência, o partido e seus representantes deram visibilidade à condição racial sul-africana. A respeito de Madiba, o jornalista Richard Stengel (2010) considera que a forma como ele foi criado o deixou intolerante ao racismo. Durante a infância, ele pouco teve contato com os brancos. Apenas na juventude, quando estava em Joanesburgo, foi vítima do abismo racial em que o país estava inserido. Pedimos um pouco de paciência com a leitura do texto abaixo que, apesar de extenso, é bastante ilustrativo para entender a origem das convicções de Mandela:

Mandela cresceu forte e confiante. Esse não era sempre o caso para um homem negro na África do Sul na primeira metade do século XX. O colonialismo e depois o apartheid foram planejados para castrar os negros sul-africanos. Desde tenra idade, ele teve uma formação aristocrática. Um pouco disso está em seu DNA, mas muito vem da sua criação em uma corte africana. Educado em mundo tribal do século XIX, no qual os brancos raramente apareciam, não sofreu com discriminação como tantos outros negros da sua geração. Os brancos eram uma presença distante que não invadiam a sua vida diária - ele não apertou a mão de um homem branco até o internato. Seu mundo era separado e desigual, mas, quaisquer que fossem as privações, essa separação permitiu que crescesse sem ser infectado pelo veneno do racismo e as baixas expectativas. Sua confiança era a chave do seu sucesso, e essa foi uma das razões para que o CNA recorresse a ele como um líder de massa. Foi somente ao ficar mais velho, ir para o internato e ver as lideranças de classe e de raça em ação - e especialmente quando foi a Johannesburgo¹⁷, onde foi tratado, não como filho de um chefe tribal, mas como outro garoto pobre e ignorante do interior - que se tornou inteiramente consciente do abismo que havia entre brancos e negros. Quando sentiu o racismo e o menosprezo, pela primeira vez ficou irritado - irritado porque ele, Nelson Mandela, não podia ser tratado daquela forma, irritado porque qualquer um podia ser tratado daquela forma, irritado o suficiente para que desistisse de todas as possibilidades mais confortáveis de sua vida a fim de combater aquele racismo. Foi a própria confiança em si mesmo e sua grande autoestima que o deixaram tão irritado. Quando pessoas com baixa estima são tratadas com baixas expectativas, isso confirma seu sentimento a respeito de si mesmas. Quando pessoas com grande autoestima são tratadas da mesma forma, ficam ofendidas. Mandela ficou profundamente ofendido. Como homem, ele demorava a ficar irritado, mas quando isso ocorria, tornava-se profundamente teimoso. Nesse caso, sua teimosia durava meio século. Embora discordasse veementemente da noção de que toda política é pessoal, sua própria política tinha raízes em uma série interminável de afrontas pessoais que experimentou como homem negro na África do Sul (STENGEL, 2010, p. 107-108).

Em 1944, quatro anos antes da instituição do *apartheid*, com as negativas do governo em discutir a situação dos negros no país, o CNA fundou o seu braço armado, a Liga Jovem, liderada por Nelson Mandela, Walter Sisulu e Oliver Tambo. A luta armada foi iniciada na década seguinte. A resistência à segregação se materializou a partir da desobediência civil, decisão que culminou nas primeiras prisões dos líderes negros. O partido tinha consciência de que era impossível vencer o poder bélico do Estado. O intuito era descredenciar o regime e mobilizar apoio à sigla. Jonge (1991) elenca que entre as metas do CNA com a luta armada estava o de aumentar o número de células clandestinas no interior do país, além de unificar todos os movimentos de oposição e aumentar a pressão internacional frente ao *apartheid*.

Entre os anos de 1963 e 1964 foi realizado o Julgamento de Rivonia; Mandela era um dos réus acusado de traição e terrorismo. Durante o julgamento, o líder discursou por cerca de quatro horas e declarou que era inocente. No entanto, afirmou que lutou pelos direitos humanos e pela liberdade dos negros e que combateu a legislação injusta que regulava o país. Mesmo sob o risco de ser acusado à pena de morte, confirmou que

¹⁷ Respeitamos a grafia utilizada por Stengel (2010), entretanto, em nosso texto adotaremos Joanesburgo.

planejava um plano de sabotagem contra o governo. A sentença de Mandela foi a prisão perpétua. De acordo com Stengel (2010), suas últimas palavras antes dos anos de prisão foram:

Durante a minha vida, dediquei-me a essa luta do povo africano. Lutei contra a dominação branca e lutei contra a dominação negra. Acalentei o ideal de uma sociedade livre e democrática na qual as pessoas vivam juntas em harmonia e com oportunidades iguais. É um ideal para o qual espero viver e realizar. Mas, se for necessário, é um ideal pelo qual estou preparado para morrer (MANDELA apud STENGEL, 2010, p. 63).

Após a condenação, Mandela foi levado para a *Robben Island*, prisão onde permaneceu por dezoito anos, até 1982. Segundo Carlin (2009), sua cela tinha o mesmo tamanho de um banheiro médio - 2,5 ou 2 metros. O espaço era muito pequeno para o líder negro que tinha 1,85m de altura. Por ser um preso político, suas condições eram mais precárias. Por ser negro, era obrigado a utilizar calças curtas (até os joelhos) e cobertores precários eram sua única proteção contra as baixas temperaturas. O autor destaca que, devido ao baixo valor nutricional das refeições, logo Nelson Mandela ficou fraco, mas ainda assim era obrigado a trabalhos pesados, como a quebra de pedras ou a captura de algas marinhas para exportação.

Com o passar do tempo, o líder dedicou-se a aprender o idioma dos carcereiros (africânder - uma variação de holandês antigo) para que pudesse se comunicar na língua dos brancos. Sempre que podia, Mandela se dedicava a leituras. Tais estratégias deram certo, tornando o presídio um lugar menos hostil. “No final dos anos 1970, a qualidade da comida, das roupas e da roupa de cama era muito melhor do que em 1964, a coleta de algas marinhas e os trabalhos forçados na pedreira de cal tinham acabado e toda sorte de luxos inimagináveis tinha sido introduzida” (CARLIN, 2010, p. 42).

Em 1985, após ser submetido a uma cirurgia e já na prisão de Poolsmoor, o líder negro foi transferido para uma área isolada e vazia da prisão. Nesse período, o governo sul-africano iniciou conversas secretas com Mandela para decidir os rumos do país. O objetivo era que estes encontros não fossem descobertos pelo CNA. As reuniões, articuladas pelo líder negro, poderiam lançar Mandela como um traidor da causa anti*apartheid*, já que o CNA não havia sido informado. Durante os anos em que esteve encarcerado, percebeu que apenas por meio de negociações seria possível acabar com o *apartheid* e que as lutas armadas não iriam alcançar esse feito. O ano de 1985 foi simbólico para a África do Sul; a oposição à segregação estava mais forte do que nunca e a imagem de Mandela (que era um líder

desconhecido de parte da população) tornou-se o símbolo para as revoltas. Segundo Stengel (2010, p. 65), as lutas pelo fim do regime de segregação eram recentes e começavam a ganhar destaque internacional.

Em 1985, Mandela já estava preso há 22 anos, e o movimento antiapartheid na África do Sul tinha se tornado mais intenso e estridente. A campanha do CNA para tornar a África do Sul 'ingovernável' estava transformando os distritos em zona de guerra. As revoltas diárias eram manchetes nos principais noticiários do mundo todo. O movimento de união e Frente Democrática Unida, uma organização que ocupava centenas de organizações antiapartheid, estavam pressionando constantemente o governo. E o nome e a imagem de Mandela tinha se tornado o símbolo do movimento mundial antiapartheid.

No mesmo ano, o presidente sul-africano Pieter W. Botha chegou a oferecer liberdade para Nelson Mandela. Em troca, a população negra deveria abandonar sua reivindicação pelo fim do regime de segregação. A referida proposta aliada com o fim de algumas medidas determinadas pela legislação segregacionista visava manter a hegemonia branca, ainda que os negros tivessem a sua condição de vida minimamente melhorada. Diante da exigência de Botha, Mandela recusou a oferta. Como estava preso fez um discurso que foi lido por uma de suas filhas. As palavras tornaram-se bastante expressivas e aumentaram a pressão interna.

'Que liberdade me oferecem se posso ser preso por infringir as leis dos passes? Que liberdade me oferecem de viver uma vida em família se minha querida esposa permanece banida em Brandfort? Que liberdade me oferecem se tenho de pedir permissão para morar numa área urbana? Que liberdade me oferecem se necessito de um carimbo no meu passe para poder procurar trabalho? Que liberdade me oferecem se a minha própria cidadania sul-africana não é respeitada? Apenas os homens livres podem negociar. Prisioneiros não assinam contratos. [...] Meu pai diz: 'Não posso dar e não darei qualquer garantia enquanto eu e vocês, meu povo, não estivermos livres. Sua liberdade e a minha não podem ser separadas. Eu voltarei' (MANDELA apud BENSON, 1987, p. 248).

Entre os anos de 1986 e 1990 Mandela manteve seus contatos em sigilo com o governo até que, em 1989, conseguiu alcançar seu principal objetivo: encontrar-se diretamente com Botha. Após essa reunião, não demorou muito até que o líder desconhecido pelos jovens sul-africanos (já que estava preso desde a década de 1960) pudesse voltar a caminhar livremente pelo país que desejava ver diferente: em 11 de fevereiro de 1990, após 27 anos de prisão, Madiba foi libertado (CARLIN, 2009).

2.5 TRANSIÇÃO PARA A DEMOCRACIA MULTIRRACIAL

A libertação de Nelson Mandela acirrou ainda mais a crise que se alastrava no interior do país. Enquanto milhares de pessoas se reuniram para celebrar a liberdade de um líder que passou quase três décadas recluso em busca de um ideal de transformação, outros milhares se organizaram em protestos contrários aos acordos estabelecidos entre Frederick de Klerk e Mandela (CARLIN, 2009).

Segundo Stengel (2010), o líder negro que saiu da prisão aos 71 anos era bem diferente daquele que foi preso com 44. Esta afirmação também está presente em outros autores que se debruçaram sobre a vida de Mandela. O temperamento explosivo foi substituído por uma forte capacidade de liderança. O jornalista afirma que perguntou a Mandela o que havia mudado no comportamento do cidadão que foi preso na década de 1960 para aquele que foi libertado anos mais tarde. Geralmente, o chefe negro fugia da resposta, mas quando respondia, suas palavras se resumiam a “saí maduro”.

O período entre 1990 e 1994 foi bastante incerto para a África do Sul; o risco de uma guerra civil era iminente. “Mandela estava fora da prisão havia menos de três anos e lutava para consolidar seu poder e levar o país à primeira eleição democrática de sua história” (STENGEL, 2010, p. 16-17). Considerações semelhantes são apontadas por Greg Marinovich e João Silva (2003) ao descreverem que a atmosfera pesava como chumbo e que conflitos entre as distintas tribos negras eram frequentes. Segundo os autores, o Estado financiava conflitos entre a população negra com o intuito de atrasar as eleições e enfraquecer a candidatura de Madiba.

O fotógrafo João Silva reiterou em uma entrevista concedida ao *The New York Times* que grande parte da violência daquele período era fomentada pelo governo. Os violentos conflitos ocorreriam nas regiões periféricas do país. Militantes em sua maioria *xhosas*, partidários do CNA e de Mandela, enfrentam os *zulus*, do Partido da Liberdade Inkatha (PCI), presidido por Mangosuthu Buthelezi. O partido era chamado por Carlin (2009) de a *direita negra*, por suas relações convergentes e de cumplicidade com o governo. Apesar de sempre criticar o racismo difundido pelo *apartheid*, Buthelezi era um beneficiário do sistema. Em Carlin (2009, p. 119), a relação do Inkatha com o CNA era descrita da seguinte forma:

O pequeno estado de Buthelezi seria cômico se não fosse uma ferramenta de Botha para conter a insurgência do povo. Orientado pelo brigadeiro do governo em Pretória, Buthelezi despachou suas forças *impi* (palavra em zulu para “batalhão”) contra a metade da população zulu urbana, que falava inglês e apoiava o CNA, resultando em batalhas entre os dois lados que causaram milhares de mortes. O CNA e seus apoiadores acabaram detestando Buthelezi tanto quanto Botha, se não mais. Buthelezi temia, se Mandela um dia tomasse o poder, perder os privilégios políticos e econômicos derivados de sua cumplicidade com o Estado do apartheid. Ele também temia uma vingança sangrenta, assim como a direita branca, razão pela qual nenhum dos dois via qualquer benefício num processo de negociação cujo fim fosse um governo majoritário. [...] O objetivo [do Inkatha] era bem claro: provocar o CNA a entrar numa série de miniguerras civis nos vilarejos e tornar a nova ordem planejada ingovernável (CARLIN, 2009, p. 119).

Greg Marinovich e João Silva (2003) trabalharam como fotógrafos durante o período de transição política. Os dois registraram e presenciaram situações de violência, inclusive assassinatos, durante estes quatro anos. De acordo com os fotógrafos, o PCI era militarmente financiado pelo Estado branco. Eles também relatam em seu livro que policiais à paisana muitas vezes participaram de ataques contra os militantes do CNA, além de darem instruções de tiro ao Inkatha.

O arcebispo Desmond Tutu explica que durante o período de transição, sul-africanos eram mortos todos os dias. Previsões sinistras de que uma guerra racial iria acabar com o país parecia estar perto de se realizar. O religioso salienta que grande parte das mortes eram derivadas da rivalidade entre o CNA e o PCI. Tutu também indica que a violência se apresentava como um mecanismo para retardar o fim do *apartheid*, além de afirmar que durante os anos em que Mandela esteve preso, tornou-se uma das vozes mais expressivas contra a política de segregação. Apesar de o Governo branco ter negado a sua participação nos ataques, o religioso aponta que as ações violentas muito provavelmente se destinavam a colocar em pânico as populações dos distritos negros, local habitado majoritariamente pelos eleitores de Mandela. Tutu ainda pondera que os massacres pareciam ocorrer sempre que o processo de transição atingia estágios delicados.

Apesar dos intensos conflitos e da morte de 14 mil sul-africanos (MARINOVICH; SILVA, 2003), as eleições foram realizadas em abril de 1994 com a participação de 19 partidos e de 21,7 milhões de sul-africanos votantes maiores de 18 anos. O pleito foi vencido pelo CNA e por Nelson Mandela. Como o intuito era fazer um governo de transição, a vice-presidência foi ocupada pelo último presidente do *apartheid*, Frederick de Klerk. Mandela assumiu o cargo em 10 de maio de 1994, aos 75 anos.

Marinovich e Silva (2003) destacam que, após as eleições, a situação no país começou a mudar. O clima de instabilidade e de violência nos distritos negros havia

acabado. A Comissão da Reconciliação e Verdade, presidida por Tutu, tinha a função de esclarecer os anos de segregação e reconciliar inimigos históricos. Os dados mostravam o PCI como o maior agressor não estatal de abuso aos direitos humanos. O partido de Buthelezi foi responsável por um terço das mortes ocorridas durante a Guerra dos Albergues. “As estatísticas da comissão mostram que para cada partidário do Inkatha morto na violência política foram assassinados mais de três membros do CNA” (MARINOVICH; SILVA, 2003, p. 271).

2.6 PRESIDENTES NEGROS DA ÁFRICA DO SUL

A vitória do CNA nas eleições de 1994 foi um importante marco para a história sul-africana. Além de representar um processo de transição histórico, a vitória celebrou a chegada conjunta do partido e de Nelson Mandela ao poder. O líder negro intensificou a sua militância pelo fim do regime de segregação racial após se filiar ao partido; em contrapartida, a luta da sigla também ganhou mais notoriedade com a presença de líderes expressivos como Madiba, Sisulu e Tambo. A indicação de Mandela à presidência do país¹⁸ se destacou como um passo importante para o futuro da África do Sul. Por mais que a transição tenha ocorrido há duas décadas, ainda são necessários muitos esforços governamentais, e também da oposição, para que as lacunas entre brancos e negros, deixadas pelas décadas de segregação, sejam separadas. Mais do que grandes feitos políticos e econômicos, Madiba foi responsável por estabelecer as bases da nova sociedade sul-africana. A Constituição de 1994, apontada como uma das mais democráticas do mundo, foi assinada por Mandela. Talvez o principal objetivo do líder negro tenha sido o de assegurar os direitos políticos de todos os sul-africanos, afastando o risco de um golpe de Estado ou de um novo regime antidemocrático (CARLIN, 2009).

A trajetória política de Madiba rendeu-lhe importantes prêmios em todo o mundo. Em 1993, antes de ser eleito, foi homenageado com o Nobel da Paz pelos seus esforços pelo fim do regime de segregação racial. Mandela dividiu o prêmio com Frederik de Klerk, o último presidente do *apartheid* e vice do líder negro no mandato de transição. Muito

¹⁸ O processo eleitoral sul-africano consiste em uma votação proporcional com o sistema de lista fechada. Os eleitores escolhem os partidos, não os candidatos individuais. Os votos para os partidos são distribuídos entre os seus respectivos deputados. Os 400 membros eleitos para a Assembleia Nacional compõem o novo Parlamento e escolhem o novo presidente do país dentre os candidatos indicados pelos seus respectivos partidos. Neste segundo momento, é necessária uma vitória por maioria simples. No caso específico da África do Sul, o CNA tem se mantido no poder desde 1994, conquistando pouco mais de 60% dos votos nos pleitos. Como o sistema é por lista fechada, antes das eleições uma lista é organizada pela sigla. Os eleitos são os que ocupam as primeiras posições da lista.

do misticismo criado em torno da imagem de Madiba pode ser explicada pela tentativa do Governo de deixá-lo distante da população durante o regime segregacionista.

O líder negro, preso aos 44 anos, saiu do encarceramento aos 71. Durante este hiato de quase três décadas, imagens e fotografias com o seu rosto foram proibidas no país. Apesar do distanciamento, o líder tornou-se a esperança de um novo futuro aos sul-africanos que começaram a ganhar as ruas pedindo a sua libertação e o fim do *apartheid*. O homem que deixou o julgamento de Rivonia com os cabelos pretos e divididos ao meio, saiu das celas e voltou à liberdade com os cabelos brancos e com a expressão envelhecida. Para que fosse reconhecido pelos jornalistas no momento de sua libertação, fotografias foram entregues aos jornalistas.

Ao término do seu mandato, Mandela deixou a vida política e começou a se dedicar a trabalhos voluntários destinados às vítimas da AIDS e crianças carentes. Os anos em que esteve à frente do país não arranharam a sua imagem com a maioria da população; o líder negro permaneceu com o seu *status* de herói. Desde 2009, o aniversário do líder negro tornou-se uma festa internacional (*Mandela Day*), destinada à solidariedade com os mais necessitados. Madiba tornou-se uma figura expoente em todo continente africano e conquistou respeito e admiração em todo mundo. Ele foi um dos principais idealizadores da Copa do Mundo de 2010.

A partir dos anos 2000, Mandela deixou de atuar diretamente na política sul-africana e passou a ser um líder simbólico, como um embaixador do país. Em Santos (2013), percebemos que mesmo fora da atividade política, Madiba continuava muito importante para o desenvolvimento do país. É como se ele fosse um regulador do poder; a sua presença (ainda que enfraquecida pelo frágil estado de saúde) era um peso aos novos administradores do país. Com a sua morte em 5 de dezembro de 2013, milhares de sul-africanos saíram às ruas para deixarem suas últimas homenagens ao primeiro presidente negro. Percebemos que Mandela deixou de ser um combatente que lutou contra o racismo, apontado como terrorista, para tornar-se o “Tata” da nação. Esta transição simbólica foi construída ao longo dos seus 67 anos de vida pública.

Carlin (2009) destaca que ao consolidar as bases de uma “nova” África do Sul, o líder negro esperava unificar o país a partir do perdão. Com a vitória de Mandela, os bantustões foram dissolvidos e nove províncias foram criadas para integrar os grupos étnicos. De acordo com Tiago Cordeiro (2010), o líder popular foi responsável por reduzir, de maneira significativa, o número de favelas e ampliar o acesso ao saneamento básico e à energia elétrica. Entretanto, a desigualdade social persiste e a manutenção do sistema produtivo ainda

continua nas mãos dos sul-africanos brancos após vinte anos de transição. O desafio de Mandela demonstra a necessidade de uma mudança estrutural no país; o *apartheid* representou a oficialização do racismo, entretanto, medidas segregacionistas já separavam negros e brancos desde o processo de colonização. Um exemplo desta condição se refere ao acesso às propriedades rurais no país. Os brancos são os proprietários de 80% das fazendas com valores comerciais; as reformas sociais resultaram na concessão de ínfimas partes aos negros (CORDEIRO, 2010).

Tutu considera que a África do Sul não caiu em uma guerra étnica graças à postura de Mandela frente ao país, a quem ele chamou de “colosso de caráter moral inatacável”. Para o religioso, Madiba colocou em prática tudo o que disse: não se vingou de todos aqueles que lhe fizeram mal durante a vida; criou uma equipe multirracial para administrar o país e confiou ao último presidente do *apartheid*, De Klerk, o cargo de vice em seu mandato. Um dos pilares da administração de Mandela foi o de conceder direitos e melhorar a qualidade de vida dos grupos racialmente discriminados, sem acarretar perdas ou prejuízos aos brancos. Sobre Mandela, Tutu (2013) pressupõe que:

Vocês poderiam imaginar o que teria acontecido a nós se Mandela tivesse saído da prisão em 1990 ericado de ressentimento contra a grande injustiça que ocorreu no Julgamento de Rivonia? Vocês poderiam imaginar o que a África do Sul seria hoje, se ele tivesse sido consumido por um desejo de vingança, de querer ressarcimento por todas as humilhações e toda a agonia que ele e seu povo haviam sofrido nas mãos de seus opressores brancos?

Em vez disso, o mundo foi surpreendido, na verdade ficou admirado, pela inesperada transição pacífica em 1994, seguida não de uma orgia de vingança e retaliação, mas pela maravilha do perdão e da reconciliação sintetizados nos processos da Comissão da Verdade e da Reconciliação.

Caminhando nesta mesma perspectiva, Carlin (2009), destaca que a partir do mandato de Mandela, que oficializou o fim do *apartheid*, a África do Sul deixou de ser um exemplo de injustiça ao mundo e passou a ser um país com os mesmos problemas de tantos outros em condições econômicas semelhantes. Apesar dos resquícios da intolerância social ainda permanecerem presentes na sociedade, a transformação sul-africana foi grande. Ao comentar os cinco anos em que o país foi governado pelo líder negro, o jornalista destaca a necessidade de investir em infraestrutura para a população negra, como a construção de casas, redes de água e de energia elétrica.

Marinovich e Silva (2003) também destacam estas transformações no país após a eleição de Mandela, também apresentadas em Carlin (2009). Os fotógrafos destacam que: “[...] havia uma grande sensação de liberdade na nova África do Sul. Superar centenas de

anos de engenharia social baseada em raça estava se comprovando difícil, mas eu via esperança e progresso em todas as direções para as quais olhava” (MARINOVICH; SILVA, 2003, p. 265).

Apesar dos seus esforços para assegurar a inclusão dos negros, mestiços e asiáticos na realidade sul-africana, certamente o mandato de Mandela teve falhas. Houve bastante dificuldade em encontrar fontes que apresentassem críticas à conduta de Mandela na condução do país; indiretamente, ele é acusado de não ter conseguido superar o abismo econômico entre brancos e negros. Os ricos o acusam de ter perdido muito e os pobres de ter ganhado pouco. No entanto, tais exigências eram impossíveis até mesmo pelas condições que a economia do país se encontrava e, principalmente, porque a desigualdade social é fruto de mais de quatro décadas de segregação.

Com base em Cordeiro (2010) também percebemos que o líder negro foi acusado de ter se preocupado pouco com a problemática da AIDS. Durante o seu mandato não foi desenvolvida nenhuma política efetiva para o controle da doença. Adam Roberts, da revista *Slate* aponta que as campanhas organizadas por Mandela após deixar o Governo para combater a doença foi uma tentativa de remediar os seus erros anteriores. Após a aposentadoria, ele começou a falar sobre a doença, o tratamento e também formas de prevenção. Do ponto de vista familiar, Mandela também foi vítima da AIDS. Em 2005, ele perdeu um de seus filhos em decorrência do vírus. Para Marinovich (2013), o abandono do ex-presidente frente ao perigo da AIDS se deve, parcialmente, à propaganda do *apartheid*, que dizia que a doença foi trazida dos campos do CNA no exílio.

O jornalista Bill Keller, do *The New York Times*, pondera que Mandela mostrou mais talento com as questões de reconciliação, do que propriamente com a gestão pública. Poucos avanços foram conseguidos frente aos objetivos que ele havia estabelecido nas questões de moradia, educação e emprego. Em sua argumentação, Keller cita o jornalista sul-africano Mark Gevisser, biógrafo do sucessor de Mandela, Thabo Mbeki:

O legado fundamental da presidência de Mandela - dos anos entre 1994 e 1999 - é um país em que o Estado de direito se consolidou sob uma Carta de Direitos irrefutável, e no qual as previsões sobre conflitos étnicos e raciais não se tornaram realidade. Essas façanhas, por si só, fazem de Mandela um santo. Mas foi muito melhor como libertador e construtor de uma nação do que como governante (GEVISSER apud KELLER, 2013).

Greg Marinovich (2013) classifica Mandela como “um grande líder, mas escorregou em algumas áreas”. Apesar de listar erros, que ele considera “escorregões em

algumas áreas críticas”, Marinovich aponta o político como um grande líder, um homem sem precedentes na política moderna. Além da ausência de políticas voltadas ao controle da AIDS, o fotógrafo aponta como um dos principais erros de Mandela, o fato dele não ter condenado à prisão a sua ex-mulher, Winnie Mandela. No início dos anos 1990, ficou comprovado que a militante política cometeu excessos do poder revolucionário que culminaram na morte do menino ativista Stompie Seipei. O jovem foi sequestrado e assassinado por um dos guardacostas da ex-mulher de Mandela.

Em relação à Guerra dos Albergues, período em que ele registrou a violência na África do Sul para agências internacionais, Marinovich o acusou de ter se aproveitado da situação para fins políticos. Mandela, Winnie e Chris Hani - militante político morto em 1993 - frequentemente participavam dos enterros dos jovens mortos nas guerrilhas entre os *zulus* e *xhosas*. O fotógrafo destaca que nestas ocasiões, o líder negro discursava para os jovens que lutavam por uma transição política.

[...] Isso me levou a acreditar que ele sentia verdadeiramente pelas mortes dessas pessoas, mas, com o passar do tempo, revi provisoriamente minha opinião. Na época, pareceu muito importante, e Mandela discursava para os jovens “leões”, rapazes e garotas que estavam combatendo e morrendo nas ruas empoeiradas em nome da libertação. Com o passar dos anos, as vidas daqueles jovens leões não melhoraram, e seus sacrifícios não foram recompensados; isso me faz pensar que foi tudo um espetáculo secundário sangrento. [...] Hoje, a maioria daqueles antigos soldados mirins não come dos frutos da liberdade. Eles são impossíveis de empregar, pois abriram mão da educação em prol da revolução. Membros do CNA que têm contatos importantes ascendem até a nata da sociedade através de acordos comerciais privilegiados [os chamados Black Diamonds], e os anônimos soldados rasos vivem e morrem na pobreza (MARINOVICH, 2013).

Para Desmond Tutu (2013), um dos principais pontos fracos de Mandela foi a sua lealdade ao CNA e aos companheiros de luta. Por este motivo, ele manteve no Governo ministros incompetentes, com baixo desempenho, e que deveriam ter sido demitidos. Tutu destaca este episódio como tolerância com a mediocridade, o que, “[...] sem dúvida, lançou as sementes para maiores níveis de mediocridade e corruptibilidade que estavam por vir” (TUTU, 2013). Apesar de Mbeki ter governado o país ao lado de Mandela durante os últimos anos do Governo de transição, ele era visto pela opinião pública como despreparado para assumir a gestão do país nos primeiros anos pós-transição. Por este motivo, Madiba, que deixou o poder sem tentar a reeleição, é acusado de não ter preparado quadros políticos de transição.

Com o término do mandato de Mandela, quem assumiu a presidência foi Thabo Mbeki. Eleito pelo CNA, assim como seu antecessor, o segundo chefe de Estado negro

sul-africano também foi militante *antiapartheid*. O político apresenta um envolvimento pessoal e familiar com a causa sul-africana, já que é filho de Govan Mbeki, líder do CNA condenado no julgamento de Rivonia, ao lado de Mandela. Eleito em 1999, governou o país até 2008, pelo período de dois mandatos.

Mbeki chegou à presidência como o político mais importante da África do Sul depois de Nelson Mandela; entretanto, com o passar dos anos, a sua credibilidade com a população, com a opinião pública e com líderes internacionais sofreu baixas importantes. Em texto publicado no *site* do *Estado de S. Paulo*, Chris McGreal explica que Mbeki chegou ao poder com a expectativa de que seria um melhor gestor do que o seu antecessor. No entanto, o que parecia um futuro promissor transformou-se em uma série de acusações de expulsões de críticos à sua conduta presidencial nas instituições estatais, além de interferir no Poder Judiciário e proteger políticos de destaque contra investigações policiais.

As acusações de corrupção cresceram durante a administração de Mbeki. O político foi apontado como o responsável por enriquecer uma pequena elite negra e deixar de lado as demandas de grande parte da população. Os escândalos com desvios de dinheiro são recorrentes na administração pública sul-africana desde a retirada política de Nelson Mandela.

Fuller (2010) narra que em 2005 o então presidente cassou o mandato de seu vice, Jacob Zuma, que estava envolvido em um escândalo de corrupção¹⁹. As denúncias foram retiradas em 2009, entretanto, envolviam o valor de U\$S 5 bilhões em um negócio de armamentos. O vice-presidente foi acusado de ter recebido suborno de seu assessor, Schabir Shaik, condenado pelas acusações de corrupção e fraude. O fato aumentou a pressão popular e da oposição para que Zuma fosse retirado do Governo. Cerca de duas semanas depois, ele deixou o cargo. Entretanto, Fuller (2010) pondera que a cassação de Zuma teve mais motivações políticas do que um combate efetivo à corrupção. O objetivo do presidente era melhorar a sua imagem junto aos eleitores e à opinião pública.

A decisão de Mbeki criou uma cisão no CNA. Os partidários de Zuma queimaram camisetas com o rosto do chefe de Estado em praça pública. O fato desencadeou uma extrema rivalidade política entre os dois. Zuma derrotou Mbeki nas eleições do partido em 2007, tornando-se então o seu novo presidente. A vitória de Zuma resultou em uma perda de espaço de Mbeki. Além da falta de apoio da sigla, as acusações de corrupção também atingiram Thabo Mbeki, que renunciou ao cargo em 2008 por pressão do próprio CNA. A

¹⁹ Segundo as fontes consultadas para o desenvolvimento desta pesquisa, encontramos a informação de que, diferentemente do Brasil, a decisão de cassar o mandato do vice-presidente é tomada pelo próprio chefe de Estado. Assim, a cassação de Zuma em 2005, deferida por Mbeki, provocou uma divisão no interior do CNA, o que culminou futuramente para o seu enfraquecimento político e renúncia em 2008.

presidência foi ocupada, interinamente, por Kgalema Motlanthe. Para McGreal (2008), Mbeki foi derrubado pelos escândalos da AIDS e da corrupção. A renúncia derivada da pressão partidária legitimou o racha no CNA. Apoiadores de Mbeki deixaram a sigla e formaram o Congresso do Povo (Cope), um novo partido que alcançou o terceiro lugar nas eleições de 2009. A renúncia do líder negro culminou no seu afastamento do alto escalão político sul-africano.

No campo social, o segundo presidente sul-africano considerava que o país não sofria uma epidemia de AIDS. Sua justificativa para que o número de infectados com o vírus HIV crescesse diariamente era uma mutação genética, derivada da pobreza a que os negros estiveram submetidos durante o regime de segregação. As más condições de vida eram apontadas como responsáveis pela disseminação do vírus, que deveria ser combatido com investimentos. Mbeki chegou a recusar a distribuição gratuita de medicamentos e a postura foi chamada de "genocídio por negligência".

A AIDS é um dos principais problemas sul-africanos pós-*apartheid*. O país sofre com uma epidemia. O número de adultos infectados é de aproximadamente 5,7 milhões - o que representa a maior média mundial da doença. Aproximadamente 17% dos portadores da doença em todo o planeta residem na África do Sul. Devido à epidemia, a expectativa de vida, que na década de 1960 era de 58,3 anos, caiu para 48,9 anos em 2010. Para agravar ainda mais o problema, um entre cada três homens sul-africanos acreditam que sexo com uma jovem virgem garante a cura para a doença. O principal desafio das organizações não governamentais é orientar a população sobre a gravidade da doença, além de apresentar formas de proteção e acabar com mitos como esse (CORDEIRO, 2008).

Eleito em 2009, Jacob Zuma não é uma figura unânime nem mesmo no interior do seu partido²⁰. Ele chegou ao partido na primeira recessão econômica desde o fim do *apartheid*. Durante a gestão de Mbeki, o país alcançava bons índices de desenvolvimento. As desconfianças contra o atual presidente estão fundamentadas em seu envolvimento frequente em questões policiais. Além das acusações de corrupção que culminaram em sua cassação no governo Mbeki, o líder *zulu* foi réu em julgamento por estupro e também é acusado de mandar matar um suposto amante de uma das suas seis esposas. Adepto da poligamia, o militante anti*apartheid* declarou publicamente que uma ducha rápida é um meio efetivo para o combate à AIDS. As organizações não governamentais criticaram essa postura, considerando a grave situação da doença no país.

²⁰ Antes do pleito, Desmond Tutu, uma das lideranças mais significativas da África do Sul, pediu que a população refletisse muito antes de decidir o seu voto.

No campo político, foi no governo Zuma que o país entrou no BRICS. Outro fator que trouxe bastante visibilidade para o seu mandato foi a realização da Copa do Mundo da Fifa de 2010. Na esfera social, Zuma é acusado de tomar medidas arbitrárias e de não investir nas demandas dos mais pobres. O presidente declarou publicamente que poucas mudanças ainda podem ser sentidas pela população negra desde o fim do *apartheid*; para sanar esta condição afirmou que medidas mais ostensivas são necessárias. Frequentes escândalos de corrupção têm afetado drasticamente a sua popularidade. Sempre que comparece a eventos pré-determinados é hostilizado pelos sul-africanos com vaias. Durante a cerimônia pública do velório de Nelson Mandela, Zuma foi vaiado no estádio *Soccer City*, em Joanesburgo, diante de 90 chefes de Estado.

Marcado por inúmeros escândalos pessoais, o presidente foi acusado de manipular o sistema judiciário sul-africano para se tornar o líder do país. Caso não fosse inocentado nestes processos, Zuma seria impedido de assumir o cargo, mediante normas da Constituição do país. Apesar de um passado de militância e de proximidade com Mandela, é apontado pela imprensa sul-africana como um político populista e corrupto. No final de 2013, Zuma sentiu novamente a pressão da opinião pública e da oposição após ser acusado de desviar dinheiro público para reformar uma residência particular. O seu envolvimento com a imprensa é complicado. Acusado pelos meios de comunicação por não tolerar críticas à sua conduta política, processou chargistas e jornais sul-africanos e internacionais.

Apesar de acumular muitas baixas em seu primeiro mandato, Zuma é o principal candidato para as próximas eleições, marcadas para 7 de maio de 2014. O pleito vai comemorar os 20 das primeiras eleições multirraciais. Acreditamos que mesmo após a morte de Mandela, ele será preponderante na campanha do CNA, que deve vencer, mas com uma vantagem menor diante da oposição. As eleições também marcam a chegada de jovens, nascidos pós-1994, e que não têm a mesma identificação com o partido. A imagem de Mandela pode ter uma dupla função: auxiliar o CNA a conquistar mais eleitores e manter a sua hegemonia na democracia multirracial. Porém, a baixa popularidade de Zuma pode render comparações com Mandela, o que ressalta o abismo existente entre os dois presidentes.

2.7 DECLÍNIO DO CNA

O CNA foi o principal opositor ao regime de segregação racial na África do Sul. Fundado em 1912, a sigla tem um histórico bastante importante no combate ao racismo. Com o objetivo de garantir os direitos dos negros, a sigla inicialmente era formada por líderes

religiosos e chefes tribais. O programa do CNA definia que o país deveria ser um território para todos aqueles que nele viviam, descartando os critérios raciais.

Durante as décadas de 1930 e 1940, a economia sul-africana passou por um intenso processo de expansão, de acordo com Jonge (1991). O autor salienta que as condições favoráveis atraíram mais negros para as áreas urbanas, o que culminou no empobrecimento das reservas tribais. Tal processo estimulou o surgimento de uma classe operária organizada, apesar de clandestina. Manifestações populares e indicativos de greve datam deste período; a atmosfera militante foi determinante para a criação da Liga da Juventude, em 1944. Nos primeiros anos de *apartheid*, o CNA encampou várias campanhas destinadas a garantir direitos à população negra. Magnoli (2009) aponta que a meta fundamental do partido era o surgimento de um Estado unitário, democrático e não racial.

Jonge (1991) aponta que a estruturação do *apartheid*, fundamentada no sentimento étnico, surgiu como uma estratégia para combater o avanço do proletariado negro e aumentar a participação dos brancos na economia. Cerca de quatro anos após a oficialização do regime racista, o CNA e outros partidos de oposição iniciaram uma campanha de desobediência civil. Os militantes começaram a violar as determinações do *apartheid*. Como resultado da campanha, o autor nos conta que a “[...] participação foi enorme, e não menor a repressão” (JONGE, 1991, p. 51).

Em 1955, siglas de oposição elaboram um documento que elencava quais pontos deveriam reger a política sul-africana. A *Carta da Liberdade* prescrevia que o poder deveria emanar do povo; todos os grupos teriam os mesmos direitos; a riqueza nacional deveria ser repartida igualmente entre os sul-africanos; todos eram iguais perante a lei, além da exigência de moradia, trabalho, saúde e educação a todos. O documento também destacava a importância de paz e amizade entre os distintos grupos raciais. A respeito da *Carta da Liberdade*, Jonge (1991) pondera que:

Segundo a perspectiva de Mandela, a Carta implicava a realização de algo mais do que reformas democráticas, acabando por ser um documento revolucionário, já que os objetivos que propunha não poderiam ser alcançados sem a destruição dos fundamentos do *apartheid*. Sua promulgação inaugurou uma nova fase no movimento de oposição e emancipação dos negros, asiáticos e mestiços. Marcado pelas idéias de cooperação e solidariedade, o processo emancipatório conseguiu congrega todos os oprimidos em torno do conceito “nós juntos” e de reivindicações mais revolucionárias (JONGE, 1991, p. 51).

No início dos anos 1960, com a intensificação da política segregacionista, o CNA participou contra a exigência de passaportes para a população negra. Voluntários se

apresentaram sem o documento na delegacia de Sharpeville. Jonge (1991) narra que a reação da polícia ao protesto pacífico foi violenta: 69 sul-africanos foram mortos. Na cidade do Cabo, uma manifestação semelhante também acabou com negros assassinados. Diante destes fatos, Albert Luthuli, presidente do partido no período, queimou o seu passe como um ato de solidariedade e protesto. Jonge (1991) explica que estes episódios ganharam destaque internacional; esta foi a primeira vez em que o Conselho de Segurança da ONU, com abstenção da França e da Inglaterra, condenou o Governo sul-africano.

A partir de meados da década de 1960, a oposição ao *apartheid* foi perdendo força. Com grandes líderes presos ou exilados e o partido na ilegalidade, a causa negra deixou de pressionar diretamente o Governo. A oposição voltou a ganhar força no início dos anos 1970, com o Movimento da Consciência Negra (CN), de Steve Biko. Com o objetivo de restituir aos negros o seu orgulho, Biko lutou em favor da libertação simbólica. O militante também era contrário à educação negra (*Lei de Educação Negra*, de 1953), com um ensino inferior e que não respeitava os valores dos povos negros. Steve Biko tinha o objetivo de alcançar a libertação sem a violência, por isso suas manifestações operavam dentro dos limites das leis sul-africanas. Entretanto, ele foi assassinado pelo Governo em 1977. O CN foi destruído e todos os seus membros perseguidos (JONGE, 1991).

Na década seguinte, a pressão popular ganhou ainda mais força. Manifestações populares se espalharam pelos distritos negros. Segundo Magnoli (1998), até 1986, 16 distritos estavam em estado de emergência. Naquele período, o CNA era responsável por organizar manifestações em todo o país. Os sindicatos organizavam trabalhadores e iniciavam greves. “Nunca antes a agitação tinha se difundido em tantos lugares” (MAGNOLI, 1998, p. 71), afirma o autor. O objetivo era deixar o país ingovernável e iniciar o processo de transição política.

A instabilidade social aproximou o Governo de Nelson Mandela. As campanhas pela sua libertação também cresciam dia após dia. As reuniões sigilosas tinham o objetivo de definir o futuro do país. Em 1985, Madiba recusou a oferta de liberdade de Botha. O presidente havia feito uma série de sugestões, entre elas o fim da luta armada. O *apartheid* estava chegando ao seu final; a transição política era irreversível. Os encontros entre Mandela e os líderes brancos não foram informados nem mesmo ao CNA; se algo tivesse dado errado, ele poderia ter sido acusado de traição. As reuniões se estenderam até 1990, quando ele foi libertado.

Os anos de 1990 e 1994 foram de extrema violência. Os conflitos armados eram frequentes e dizimaram milhares de vida. O CNA chegou a ameaçar parar as

negociações caso o Governo não parasse de financiar a violência. Acordos oficiais tiveram que ser firmados para que as eleições multirraciais, enfim, fossem realizadas. A chegada do CNA ao poder, em 1994, representou uma inversão total do poder na África do Sul. A postura conciliadora e carismática de Mandela permitiu o trabalho conjunto com partidos de oposição nos primeiros anos do novo sistema político.

A saída de Mandela da presidência marca o declínio do CNA. Com a ascensão de Mbeki e Zuma ao poder as acusações de corrupção e de abuso de poder passaram a ser frequentes. O partido se mantém no poder desde 1994, mas a cada pleito a vantagem sobre os adversários diminui. Consideramos que a sigla, em parte, permanece no poder graças à maioria numérica da população negra. Esta fidelidade ao partido pode ser motivada pelo passado de lutas e também pela influência de Nelson Mandela. Os escândalos de corrupção e má gestão estão entre as principais explicações de analistas sul-africanos para a queda de popularidade da sigla. A estimativa é que o CNA vença as eleições de 2014, com aproximadamente 60% dos votos. No mandato de Zuma, a decadência do partido tornou-se ainda mais evidente. O líder negro (que preside o país e o partido) frequentemente utiliza da força da legenda para pressionar os meios de comunicação que destacam fatos de sua vida privada.

3 REFLEXÕES SOBRE CHARGE A PARTIR DO CONCEITO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O psicólogo social romeno Serge Moscovici foi o primeiro autor a refletir sobre a teoria das representações sociais, inspirado pela noção de representações coletivas, desenvolvida por Émile Durkheim, em 1898. O francês realizou seus estudos em sociedades primitivas por meio de pesquisas sobre religião. Segundo Valdir José Morigi (2004), Durkheim utilizava alternadamente as expressões “social” e “coletivo”, pois julgava que os adjetivos tinham a mesma significação. As representações coletivas configuram (de acordo com a teoria proposta por Durkheim) formas de pensamento elaboradas pela sociedade para expressar sua realidade.

Em Durkheim, as representações coletivas são apresentadas a partir de uma concepção estática, tendo em vista que as pesquisas foram desenvolvidas em uma sociedade mais sedimentada e com uma estruturação social fixa. Já as reflexões de Moscovici abordam as representações sociais em um contexto dinâmico. O trabalho que inaugurou o conceito foi publicado na França, em 1961, com o título *Psychanalyse: Son image et son public*²¹. Apesar de não haver uma explicação definitiva a respeito da problematização, Fátima O. de Oliveira e Graziela C. Werba (1998) pontuam que as representações sociais são “teorias” dinâmicas acerca de saberes populares e do senso comum, com o objetivo principal de tornar familiar o que se apresenta como desconhecido, já que é uma tendência do humano estranhar aquilo que não lhe é comum. Ou seja:

Tentando entender a formação e a origem das RS²², constata-se que criamos as RS para tornar *familiar o não familiar*. Este movimento que se processa internamente, vem a serviço de nosso ‘bem-estar’, pois tendemos a rejeitar o estranho, o diferente, enfim, tendemos a negar as novas informações, sensações e percepções que nos trazem desconforto (OLIVEIRA; WERBA, 1998, p. 108).

Recorrendo a Rafael Augustus Sêga (2000), percebemos que as representações sociais se apresentam como uma forma de interpretar e pensar o cotidiano. Por isso, tal noção pode ser compreendida como um conhecimento prático, com a função de conferir sentido a eventos e situações tidas como normais e rotineiras, tendo em vista que toda representação social é a representação de algo ou de alguém. "Ela não é a cópia do real, nem

²¹ Tradução: Psicanálise: sua imagem e seu público.

²² Representações sociais.

cópia do ideal, nem a parte subjetiva do objeto, nem a parte objetiva do sujeito, ela é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas” (SÊGA, 2000, p. 129).

Para Denise Jodelet, as representações auxiliam no conhecimento do mundo à nossa volta e contribuem para a interação entre os sujeitos sociais. A autora destaca que as representações são importantes porque auxiliam no processo de nomeação e de definição dos aspectos da realidade cotidiana. A partir das representações sociais, os fatos são interpretados e as decisões são tomadas. Uma delimitação do conceito que tem sido aceita pela comunidade científica considera que a representação social é “[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 1993, p. 4-5).

Também designado como o “saber do senso comum”, entre outras nomenclaturas do mesmo gênero, este conceito é tido como uma forma de conhecimento diferente do científico, mas com a mesma legitimidade. A sua importância se dá na vida social, a partir de esclarecimentos relativos aos processos interativos. Percebemos, por conseguinte, com base em Jodelet (1993), que a representação social organiza as relações que estabelecemos com o mundo e com os outros:

Reconhece-se, geralmente, que as representações sociais, como sistemas de interpretação, que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais. Igualmente intervêm em processos tão variados quanto a difusão e a assimilação dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoais e sociais, na expressão dos grupos e nas transformações sociais. [...] As representações sociais são abordadas simultaneamente como o produto e o processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e da elaboração psicológica e social da realidade. Ou seja, está-se interessado em uma modalidade de pensamento, sob seu aspecto constituinte, os processos, e constituído, os produtos ou conteúdos. Modalidade de pensamento que tem sua especificidade em seu caráter social (JODELET, 1993, p. 5).

Em Moscovici (2011), a representação social é descrita como *prescritiva*, já que se impõem fortemente sobre os sujeitos sociais. De acordo com o psicólogo, essa força é a combinação de uma estrutura que já está presente em cada indivíduo, antes mesmo que ele comece a pensar, e de uma tradição altamente determinante, que decreta o que deve ou não ser pensado. O autor afirma que todas as interações humanas - sejam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos - implicam em representações, ou melhor, são caracterizadas por elas.

Dessa forma, a representação social é entendida como um sistema de classificação, de aplicação de nomes e de categorias. Moscovici (2011) aponta que neste processo de determinar as alocações dos sujeitos ou dos objetos, a neutralidade é uma

“condição proibida”²³. Toda classificação prescinde na determinação de um valor positivo ou negativo, bem como na tomada de posição em uma escala hierárquica. Essa alocação assume características arbitrárias tanto para o polo positivo quanto para o negativo. Para exemplificar esta condição, o autor argumenta que ao classificar alguém como neurótico, judeu ou pobre²⁴ há uma avaliação e uma rotulação destes indivíduos. Ainda sobre esse processo de classificação, Moscovici (2011, p. 63) afirma que:

Classificar algo significa que nós o confinamos a um conjunto de comportamentos e regras que estipulam o que é, ou não é, permitido, em relação a todos os indivíduos pertencentes a essa classe. Quando classificamos uma pessoa como marxista, diabo marinho ou leitor do *The Times*, nós o confinamos a um conjunto de limites linguísticos, espaciais e comportamentais e a certos hábitos. E se nós, então, chegamos ao ponto de deixá-lo saber o que nós fizemos, nós levaremos nossa interferência ao ponto de influenciá-lo, pelo fato de formularmos exigências específicas relacionadas a nossas expectativas. A principal força de uma classe, o que a torna tão fácil de suportar, é o fato de ela proporcionar um modelo ou protótipo apropriado para representar a classe e uma espécie de amostra de fotos de todas as pessoas que supostamente pertençam a ela. Esse conjunto de fotos representa uma espécie de caso-teste, que sintetiza as características comuns a um número de casos relacionados, isto é, o conjunto é, de um lado, uma síntese idealizada de pontos salientes e, de outro lado, uma matriz icônica de produtos facilmente identificáveis.

3.1 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL E SUA RELAÇÃO COM A MÍDIA

Sob a influência da obra de Moscovici, Jodelet (1993) destaca que a comunicação assume um papel de extrema relevância nas trocas e interações que auxiliam no desenvolvimento de um universo consensual. A comunicação social, com os seus aspectos interindividuais, institucionais e midiáticos, possibilita e, por vezes, determina as representações e os pensamentos sociais. E por ser o vetor de transmissão da linguagem, a comunicação é portadora de representações. A esse respeito, a autora argumenta que:

Além disso, [a comunicação] incide sobre os aspectos estruturais e formais do pensamento social, visto que engaja os processos de interação social, influência, consenso e dissenso e polêmica. Enfim, a comunicação concorre para forjar representações que, apoiadas numa energética social, são pertinentes à vida prática e afetiva dos grupos. Energética e pertinência sociais que consideram, ao lado do poder de desempenho das palavras e discursos, a força pela qual as representações inauguram as versões de realidade, comuns e partilhadas (JODELET, 1993, p. 13).

Outro autor que contempla o debate entre as representações sociais e a comunicação é Morigi (2004). Também influenciado pelas reflexões de Moscovici, o

²³ Expressão utilizada pelo próprio autor.

²⁴ Estes exemplos foram utilizados por Serge Moscovici no texto original.

sociólogo destaca que nas sociedades industriais e pós-industriais, as representações sociais tornam-se móveis e circulantes. Com um caráter altamente dinâmico, muitas delas apresentam um tempo de duração curto e, por isso, não conseguem se firmar. “Ao mesmo tempo em que elas surgem, podem desaparecer” (MORIGI, 2004, p. 4). É justamente em virtude deste contexto de rápida transição que o autor reitera a importância dos meios de comunicação enquanto componentes culturais da teoria das representações sociais.

Citando Robert M. Farr, Morigi (2004) aponta que as representações sociais podem ser encontradas nas mentes, bem como no mundo - e por decorrência nos meios de comunicação - o que obriga o pesquisador a interceptá-las, analisá-las e exemplificá-las nestes dois espaços. Para exemplificar a relevância desta necessidade, o referido autor destaca que, nas pesquisas acerca das representações sociais nos meios de comunicação, é frequente a análise de conteúdo das coberturas realizadas pela mídia a respeito dos temas tratados e delimitados na pesquisa.

Ainda em Morigi (2004) percebemos que as representações sociais disseminadas pelos meios de comunicação, com o passar do tempo, tornam-se realidades que passam a influenciar a formação da opinião pública e do senso comum. “As influências sociais da comunicação no processo das representações sociais servem como meio para estabelecer ligações e conexões significativas com as quais nos relacionamos e interagimos uns com os outros” (MORIGI, 2004, p. 6). A este respeito, o discurso midiático é caracterizado como um produtor de sentidos, a partir de outros discursos oriundos do campo social. No entanto, a força do discurso dos meios consiste no caráter persuasivo e espetacular da abordagem dos fatos. Para Morigi (2004), a visibilidade e as interpretações projetadas sobre os acontecimentos possibilitam, de maneira relativa, um acesso mais plural às mensagens e também à produção de sentido social.

Apesar de a mídia influenciar as representações sociais, Farr (1995) afirma que elas não são as mesmas nos distintos veículos de comunicação. Compreendemos, a partir desta constatação, que um mesmo objeto (ou sujeito) pode ser representado de maneira distinta em duas narrativas. Essas diferenças podem ser explicadas por motivos políticos, culturais e sociais ou por inclinações do próprio formato jornalístico. O autor pondera, sobretudo, que essas diferentes abordagens talvez possam ser apresentadas como um exemplo inicial de intertextualidade, o que demonstra que a análise é realizada em um nível cultural e não do indivíduo.

Já Sandra Jovchelovitch (1995) propõe que as representações sociais repetem, desafiam, reproduzem e superam o contexto em que são formadas e influenciam e

formam a vida social de uma comunidade. Por essa razão, elas não podem ser pensadas como um agregado de representações individuais, assim como o social não se resume a um agregado de indivíduos. Justamente por essas questões, a autora destaca que a análise das representações deve se concentrar.

[...] naqueles processos de comunicação e vida que não somente engendram, mas que também lhe conferem uma estrutura peculiar. Esses processos, eu acredito, são *processos de mediação social*. Comunicação é mediação entre um mundo de perspectivas diferentes, trabalho é mediação entre necessidades humanas e o material bruto da natureza, ritos, mitos e símbolos são mediações entre a alteridade de um mundo frequentemente misterioso e o mundo da intersubjetividade humana: todos revelam numa ou noutra medida a procura de sentido e significado que marca a existência humana no mundo (JOVCHELOVITCH, 1995, p. 80-81).

3.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E JORNALISMO

Mayra Rodrigues Gomes (2000) pontua que a função primordial do jornalismo, “enquanto fato de língua”, é a organização discursiva da sociedade. A partir desta consideração, acreditamos que seja possível recorrer novamente a Jovchelovitch (1995) que, ao citar as relações sociais desiguais estabelecidas na América Latina, pontua que a palavra tem uma força impressionante sobre a organização da sociedade. Ainda que o jornalismo e os meios tradicionais de comunicação tenham perdido espaço e sofrido muitas críticas nos últimos anos, os grandes grupos de informação, bem como os grandes noticiários, mantêm certo grau de credibilidade com o público. Por mais que muitas posturas sejam criticadas, a grande mídia continua se apresentando como um local “seguro” para confirmar se um fato ocorreu ou não.

Dessa forma, o discurso jornalístico estabelece uma relação de retroalimentação com as representações sociais. Da mesma forma que se utiliza de leituras já consolidadas para estabelecer os seus argumentos - a partir da perspectiva adotada e da forma como os assuntos são abordados - o jornalismo cria novas concepções no senso comum. Quem nos explica as características do fazer jornalístico é Ciro Marcondes Filho (1993) ao atestar que a forma como o fato é tratado é o resultado de uma série de escolhas realizadas por várias pessoas ligadas ao processo de produção do jornalismo. A produção vai “construindo, à margem desse fato, outro fato, este outro fato, ou seja, a versão jornalística das coisas é que torna a produção de notícias algo fictício, fábula” (MARCONDES FILHO, 1993, p. 128).

O discurso da mídia por sua incidência vertical e rápida disseminação na sociedade pode favorecer o surgimento de representações preconceituosas sobre determinados

grupos sociais ou indivíduos específicos. O que integra a opinião do veículo, enquanto empresa de comunicação, muitas vezes é vendido como se fosse um fato jornalístico de extrema importância. Nesta relação, ao tratar da produção cinematográfica, mas que podemos adaptar e considerar também na realidade jornalística, Ella Shohat e Robert Stam (2006) descrevem que os grupos socialmente discriminados não têm o controle sobre a forma como sua imagem é vendida na mídia, o que resulta na disseminação e consolidação de estereótipos. Ou seja, o discurso dos meios pode promover a leitura de imagens preconceituosas e distorcidas no público sob a alegação de ser notícia:

Portanto, a questão crucial em torno dos estereótipos e distorções está relacionada ao fato de que grupos historicamente marginalizados não têm controle sobre sua própria representação. A compreensão profunda desse processo exige uma análise abrangente das instituições que criam e distribuem textos midiáticos, assim como de suas platéias. Que histórias são contadas? Por quem? Como elas são produzidas, disseminadas, recebidas? Quais são os mecanismos estruturais da indústria cinematográfica e dos meios de comunicação? (SHOHAT; STAM, 2006, p. 270)

Nosso objetivo aqui não é defender que a produção jornalística deva ser norteada pelo paradigma da imparcialidade; temos muito claro a condição de que o jornalismo, enquanto uma atividade humana, sofre a regulação de vários filtros (MARCONDES FILHO, 1993) e que, por isso, o paradigma da imparcialidade se caracteriza como um mito. Essa característica fica ainda mais clara quando recorremos a Mikhail Bakhtin e seus escritos sobre a filosofia da linguagem. O russo afirma que todo signo é ideológico (BAKHTIN, 1997) e, por extensão, este mesmo fenômeno se materializa no discurso dos meios de comunicação. Todos os fatos que são transformados em notícia no processo de produção jornalística são ideologicamente demarcados.

Avançando um pouco mais na discussão acerca dos meios, Joseph M. Català Domènech (2011) pontua que a apresentação destes apenas como mensageiros entre o público e a realidade é um conceito equivocado, difundido ainda no século XIX e que ainda está presente nos dias atuais. Na perspectiva do autor, a partir da modernidade é evidente que os meios assumiram o controle da cadeia comunicativa, apontando o que deve ou não ganhar visibilidade.

O conceito de meio é tudo menos inocente; implica, ao contrário, uma ideia muito assentada em nossa cultura de que nada deve se interpor, e nada se interpõe, entre nós e a realidade. Que tudo que inventamos para nos comunicar com ela constitui simplesmente uma ajuda para chegar mais facilmente a suas distintas facetas, mas que uma vez cumprida a função podemos retirar o instrumento e teremos obtido uma visão tão limpa da realidade como se a tivéssemos obtido com nossos olhos (supondo que pudesse ser pura nesse caso). É a moderna teoria da comunicação que, aplicando a metáfora do jornalismo do século XIX, propõe o conceito de meio para qualquer sistema de transporte de informação entre um emissor e um receptor. O meio é, segundo essa perspectiva, um simples mensageiro. E como nos indica uma frase muito popular nos meios, não se deve culpar o mensageiro.

Entretanto, já na modernidade, os mensageiros começaram a controlar as notícias e assim deixaram de ser simples meios entre um extremo e outro da cadeia comunicativa para se transformar em gestores dela e de seus conteúdos. À medida que a indústria da informação (e outras indústrias afins, como a da representação) vai se tornando cada vez mais complexa e novas formas de tecnologia são criadas, com suas linguagens correspondentes para servir às suas finalidades, denominá-la meio deixa de ter sentido (DOMÈNECH, 2011, p. 48).

A partir da aproximação entre os escritos de Marcondes Filho (1993), Bakhtin (1997) e Domènech (2011) arriscamos afirmar que as representações sociais veiculadas pelos meios de comunicação agem ideologicamente no senso comum. E estes discursos muitas vezes podem suscitar representações negativas e até mesmo preconceituosas. O jornalismo é, na visão de Marcondes Filho (2009), um sistema de alarme com o objetivo de abastecer a esfera pública com informações. Para o autor, tais informações produzem sentido quando adquirem autonomia e força para gerar um grande movimento de opiniões. Os múltiplos sentidos produzidos em escalas locais e provisórias conduzem a um sentido total e abrangente. A imprensa, por conseguinte, não se apresenta, em Marcondes Filho (2009), apenas como informação, apesar deste ser o seu papel específico no universo da comunicação. Ela é tratada como uma força agregadora que assume um papel mítico no inconsciente coletivo, já que,

[...] acha-se portadora de uma verdade divina, soberana, acima dos atores momentâneos, sempre errados em suas políticas e em seus atos.

[...] Arena de disputas políticas, de contendas para se sobrepor ao outro e ter acesso privilegiado à cena mediática, a imprensa é, antes, a metáfora da guerra, mas não como ocorreu no passado com a guerra fria, ideológica, partidária, 'social', mas de uma guerra anterior, pré-civilizatória, disputa de poder pura e simples, confronto de interpretações, operação mística com a verdade, espelho do jogo demasiado humano que necessita desqualificar, que expõe, que precisa da exclusão do outro para se justificar (MARCONDES FILHO, 2009, p. 56).

3.3 CHARGE: TEXTO JORNALÍSTICO DE HUMOR E CRÍTICA SOCIAL

A charge é um gênero jornalístico que também se relaciona diretamente com as representações sociais. Neste caso específico, os fatos são trabalhados a partir da relação

texto e imagem. Muitas destas representações são utilizadas pelos chargistas para a construção dos seus argumentos, já que é necessário que o público reconheça quais pessoas ou objetos estão presentes no quadro.

A charge é um texto em que a relação tempo e espaço deve ser bem demarcada. Estas características são indispensáveis para que o leitor identifique que fato e quais personagens estão ali identificados. Rafael Souza Silva (1992) destaca que o chargista está entre os profissionais que melhor deve compreender as características sociais e políticas do país para assim materializá-las segundo o seu olhar.

Quando inserimos a charge na discussão dos gêneros jornalísticos, pontuamos que ela se caracteriza como um formato do gênero comentário, segundo a classificação de Manuel Carlos Chaparro (2008). Acreditamos que os textos pertencentes a essa divisão agregam informação e opinião. De acordo com Chaparro (2008), a charge, bem como os outros formatos jornalísticos, precisa de recursos informativos para assim conseguir estabelecer o seu argumento. Sem compreender o fato que está representado é impossível ao público assimilar a piada ou identificar as personalidades que estão caricaturadas. A charge é, a nosso ver, um misto de informação e de opinião. Edson Carlos Romualdo (2000) reforça tal informação ao propor que o formato transmite informações por meio do sistema pictórico, ou sincretamente o pictórico e o verbal. Consideramos ainda, conforme pontua Miani, que a charge disserta sobre determinado fato, não apenas o reproduz.

A charge é mais do que a reprodução gráfica de notícias de relevância que são de conhecimento do público, ao contrário do que argumenta José Marques de Melo (1985). Ao construir um argumento, o chargista utiliza como fio condutor um assunto de relevância, que já é de conhecimento do público; no entanto, a partir destes dados, ele vai transferir para o traço - e também para o texto - os seus juízos de valor. A charge traz em si marcas e questionamentos muito particulares do artista que a produziu e do período em que ela foi pensada. Para Juan García Cerrada (2011), o humor gráfico (o autor se refere à charge, à tira cômica, à história em quadrinhos (HQ) curta e à caricatura pessoal) faz parte dos acontecimentos do país e traz em si estas características. A cada período histórico, ele se apresenta como um documento social.

Por utilizar o traço para a construção do seu argumento, Romualdo (2000) destaca que a charge é um texto que atrai o público por ser de rápida leitura e por transmitir várias informações de maneira condensada. Além disso, a charge se estrutura e estabelece a sua crítica a partir do humor. Em Luiz Guilherme Sodré Teixeira (2005), a charge é apresentada como um texto que se defronta contra a seriedade jornalística. Desta forma:

[...] a função da charge dentro do jornal vai além de confrontá-lo com os limites do real: ela também o confronta com seus próprios limites no campo da comunicação, desafia sua seriedade, sua objetividade e imparcialidade, possibilitando que ele compartilhe fantasias de transgressão com o leitor, além do que as palavras podem expressar. A 'loucura' da charge equilibra o 'excesso' de razão que marca o jornal, em particular, e a comunicação contemporânea, em geral (TEIXEIRA, 2005, p. 14).

Para Rozinaldo Miani (2005), a charge é definida como uma modalidade das linguagens iconográficas de caráter eminentemente político e que não se desvencilha do humor. Seu argumento é elaborado a partir da crítica a um fato ou a um indivíduo específico e na defesa de uma ideia. Uma definição semelhante é apresentada por Romualdo (2000) ao considerar a charge como um texto visual de caráter humorístico que estabelece uma crítica a um personagem, fato ou acontecimento político. Para o autor, por meio do humor, a charge busca revelar o que está oculto em personagens, fatos ou ações políticas e destrona os poderosos, colocando assim, figuras importantes do cenário político em situações constrangedoras.

Ainda em Miani (2012), tomamos a charge como um instrumento de crítica que auxilia no debate ideológico e na organização política da sociedade. Como manifestação linguística, a charge é defendida enquanto um instrumento de persuasão, podendo culminar com o passar do tempo em um processo de mobilização social, já que a charge busca a todo tempo convencer o seu leitor de seus argumentos.

3.3.1 Humor e as Possibilidades de Transgressão

O humor é uma característica estruturante na charge e que pode ser percebida no texto, com a inserção de piadas e de ideias ambíguas, e também na imagem, com o uso de caricaturas, de traços hiperbólicos ou com o recurso da animalização das expressões. Por meio do humor, o chargista tem a possibilidade de refletir ou de refratar a realidade que está representando.

Dentre as várias reflexões desenvolvidas sobre este conceito, nos mais variados campos do conhecimento, optamos pela classificação do humor como uma estratégia de transgressão; esta perspectiva é difundida pelo semioticista Umberto Eco (1989). A justificativa desta escolha está fundamenta no objetivo do nosso trabalho. Como nos destinamos a analisar a representação dos três presidentes negros pós-*apartheid*, nos parece apropriada a tomada do conceito a partir de uma perspectiva política. O humor se expressa como um recurso de contestação da ordem social. É uma forma de transgressão, com a função

de lançar por terra a ordem social. Em um movimento de liberdade, Eco considera que o humor é capaz de desconstruir e de superar os limites.

Así, la realización del humor funciona como una forma de crítica social. El humor siempre es, se no metalingüístico, sí metasemiótico: a través del lenguaje verbal o algún otro sistema de signos, pone em duda otros códigos culturales. Si hay una posibilidad de transgressión, está más bien en el humor que en lo cómico (ECO, 1989, p. 19).

A charge se dirige frontalmente à organização social e mina a lei, lançando por terra uma série de estruturas sociais. Os argumentos satíricos da charge frequentemente se apresentam como contrários ao supremo. Esse é um dos fatores que elevam a charge à posição de produto comunicacional político e contestatório. Ainda sobre as características do humor, Eco (1989, p. 19) aponta que:

El humor no pretende, como el carnaval, llevarnos más allá de nuestros propios limites. Nos da la sensación, o más bien el diseño de la estructura de nuestros propios limites. Nunca está fuera de los limites, sino que mina los limites desde dentro. No busca una libertad imposible, pero es un verdadero movimiento de libertad. El humor no nos promete liberación: al contrario, nos advierte la imposibilidad de una liberación global, recordándonos la presencia de una ley que ya no hay razón para obedecer. Al hacerlo, mina la ley. Nos hace sentir la molestia de vivir bajo una ley, cualquier ley.

O humor de transgressão, por decorrência, auxilia na mobilização de novos raciocínios, ao propor novos argumentos. Este recurso possibilita ao leitor o contato com interpretações de cunho político determinado e distintas da versão oficial. As abordagens políticas nos parecem o território mais fértil para a utilização do humor de transgressão, que não se destina a alcançar o riso, mas a questionar condutas e decisões. O humor, mais do que um recurso do cômico, será tomado neste trabalho como uma ação política. Essa possibilidade está presente no trabalho de profissionais engajados politicamente.

Diante destas considerações, destacamos um trecho em que Henfil, um dos maiores chargistas brasileiros, afirma que o objetivo do seu trabalho era o de apresentar ao público os fatos da forma como ele os via. Mais do que almejar o riso, ele se pautava na crítica. “[...] a chave para você fazer humor engajado é você estar engajado. Não há chance de você ficar em casa vendo os engajamentos lá fora, e conseguir fazer algo. Esse talvez seja o humor panfletário. É o humor que você faz lá fora” (HENFIL apud GAWRYSZEWSKI, 2008, p. 14).

Ainda de acordo com a perspectiva que adotamos para analisar o humor, recorreremos a Miani (2005). O autor aponta que as características transgressivas da charge estão diretamente associadas ao humor, que é uma forma consistente de alcançar a crítica social.

[...] é pelo humor que a charge ganha ares de transgressão ao estabelecer uma contradição entre o personagem e a situação que é retratada, pois a ilustração apresenta uma (im) possibilidade do fato (utilizando-se de elementos intertextuais ou pertencentes ao universo do receptor para permitir sua compreensão) e jamais se configura como uma mera reprodução das circunstâncias do ocorrido; sendo assim, o humor funciona como uma forma bastante consistente de crítica social (MIANI, 2005, p. 27).

Partindo para as reflexões acerca do cômico, não podemos deixar de recorrer a Henri Bergson (1993). Destacamos que o humor e o cômico não são apontados como sinônimos em nossa análise. Consideramos que o primeiro se destina à transgressão, onde o riso é um resultado secundário que pode ou não ser obtido. Muitas das charges que escolhemos para esta análise não apresentam interpretações engraçadas, mas sim críticas sérias e bem formuladas. O cômico se destaca como uma categoria importante para nos auxiliar na interpretação dos argumentos, entretanto, a nossa análise não tem o intuito de identificar em cada charge qual foi o recurso utilizado para suscitar o riso no leitor.

Historicamente, o cômico era tratado na mentalidade grega como o oposto ao trágico, identificado como contrário ao belo e ao elevado e, por conseguinte, se destacava como algo baixo, pequeno e relacionado apenas com situações desprezíveis. Em Bergson (1993), o cômico é entendido como a esfera do humano, já que não existe o cômico fora desta condição. Com o intuito de exemplificar essa afirmação, ele cita que um chapéu pode ser motivo de riso. No entanto, o que diverte e agrada não é a porção de couro utilizada para dar formato ao acessório, mas a atitude de um homem ou uma expressão humana presente nele. O que se torna engraçado é o gosto de quem o modelou. O que está ligado ao cômico nesta disposição é como o homem marcou determinado objeto ou o uso que o homem faz dele.

Por mais que o riso pareça algo espontâneo, ele exige entendimento prévio. Bergson (1993) destaca que é necessária certa cumplicidade entre os que riem. Para produzir o seu efeito, semelhante a um momento de anestesia, o riso se destina à inteligência. Não é possível rir daquilo que não foi compreendido. Nestas reflexões, para o riso ser compreendido ele deve ser localizado na sociedade, o seu meio natural, e ter um significado social. No caso da charge, acreditamos que essa função se projete em relação ao modelo político de condução da sociedade. A partir dos seus argumentos, o artista tensiona o movimento social vivido e

propõe uma nova forma de gerir o espaço coletivo. Acreditamos, então, que o “riso é um certo gesto social que sublinha e reprime uma certa distração especial dos homens e dos acontecimentos” (BERGSON, 1993, p. 69).

Vladimir Propp (1992), a partir das reflexões de Bergson e de Aristóteles, retoma a ideia de que o riso está diretamente ligado à vida do homem. “Assim, através de um caminho puramente lógico, chegamos à hipótese de que o cômico está sempre ligado de algum modo justamente com a esfera espiritual da vida do homem” (PROPP, 1992, p. 39). O autor pondera ainda que a habilidade do riso é uma condição eminentemente humana. A partir do tratado sobre a alma escrito por Aristóteles, ele afirma que o único animal que é dado a rir é o homem. Tendo em vista que o animal pode demonstrar a sua alegria, às vezes de maneira muito afetiva, mas não pode “cair no riso”. Talvez essa habilidade não esteja presente nos demais animais porque antes de rir é preciso perceber que esse é um movimento de crítica, possibilitado pelos valores morais. Propp (1992, p. 40) considera que:

O animal pode alegrar-se, regozijar-se, até mesmo manifestar sua alegria com bastante impetuosidade, mas ele não pode rir. Para rir é preciso saber ver o ridículo; em outros casos é preciso atribuir às ações algum valor moral (a comicidade da avareza, da covardia etc.). Finalmente, para apreciar um trocadilho ou uma anedota, é preciso realizar alguma operação mental. De tudo isso os animais não são capazes, e todas as tentativas (dos apreciadores dos cães, por exemplo) de demonstrar o contrário estão de antemão condenadas ao fracasso.

A pesquisa do estruturalista russo estabelece uma classificação dos tipos de riso. Ao todo, Propp (1992) aponta seis: *de zombaria, bom, mau/cínico, alegre, ritual e imoderado*. Levando em consideração nossas especificidades metodológicas, nos concentraremos no primeiro, que se refere à matriz da zombaria e do deboche. Para o autor, este é o tipo de riso que mais se encontra na vida, já que os aspectos de zombaria estão presentes e cabe ao artista encontrar quais nuances devem ser trabalhadas para chegar ao riso.

A este respeito, Romualdo (2000), autor que identifica aspectos de zombaria na composição da charge, destaca que este tipo de riso é provocado pelos defeitos da situação ou da personalidade da qual se ri. Em Propp (1992), a comicidade é percebida como uma correlação entre a natureza física e espiritual. Assim, “ela [a comicidade] se encontra numa correlação das duas, onde a natureza física põe a nu os defeitos da natureza espiritual” (PROPP, 1992, p. 46). Nesta condição, o corpo é um recurso muito utilizado para provocar o riso. O cômico é abordado a partir das deformidades e desproporções - narizes exagerados, bochechas grandes, orelhas de abano, composição da face inusitada. Outra possibilidade é a abordagem do corpo humana a partir da animalização.

Há animais cuja aparência, ou aspecto exterior, fazem-nos lembrar certas qualidades negativas dos homens. Por isso a representação de uma pessoa com aspecto de porco, macaco, gralha ou urso indica as qualidades negativas correspondentes do homem. A similitude com animais aos quais não são atribuídas qualidades negativas (a águia, o falcão, o cisne, o rouxinol) não provoca o riso. Daí a conclusão de que para as comparações humorísticas e satíricas são úteis apenas os animais que atribuem certas qualidades negativas que lembram as qualidades análogas do ser humano. Chamar uma pessoa com o nome de um animal qualquer é a forma mais difundida de injúria cômica tanto na vida como nas obras literárias. Porco, asno, camelo, gralha, cobra etc. são xingamentos comuns que suscitam o riso dos espectadores (PROPP, 1992, p. 67)

Reflexões semelhantes a estas desenvolvidas por Propp (1992) são encontradas na obra de Bakhtin (1981, 1996). Quando o russo toma a noção de carnaval em seus escritos, ele não aborda a festa como estamos acostumados no Brasil, mas recorre às suas origens, analisando os aspectos da Antiguidade, da Idade Média e da Renascença (ROMUALDO, 2000). A festa é tomada como um momento único na narrativa social, em que não há divisão entre os atores e os espectadores. Mais do que observado, o carnaval é uma festa que deve ser vivida. A partir da teoria desenvolvida por Bakhtin, Romualdo pontuou que “Essa vida carnavalesca é uma vida diferente da cotidiana, pois ela desvia a ordem habitual, transformando-se em uma ‘vida às avessas’, ‘num mundo invertido’” (ROMUALDO, 2000, p. 51).

Segundo as reflexões de Robert Stam (1992), durante o carnaval todas as barreiras, normas e proibições estão suspensas e o convívio é estabelecido a partir do contato livre e familiar. Bakhtin considerou que o carnaval estabelece um tipo especial de riso festivo, a partir de uma alegria cósmica universal que se projeta contra tudo e contra todos, inclusive, àqueles que estão presentes na festa. Em suma, o carnaval tem o objetivo de abolir as hierarquias sociais e nivelar todas as classes com o surgimento de uma nova vida, inspirada em outras regras.

Durante o carnaval tudo o que é marginalizado e excluído, o insano, o escandaloso, o aleatório se apropria do centro, numa explosão libertadora. O princípio corpóreo material - fome, sede, defecação, copulação - torna-se uma força positivamente corrosiva, e o riso festivo celebra uma vitória simbólica sobre a morte, sobre tudo o que é considerado sagrado, sobre tudo aquilo que oprime e restringe (STAM, 1992, p. 43).

O carnaval durante a Antiguidade, a Idade Média e a Renascença representava mais do que a interrupção do trabalho produtivo, se pautava pelo questionamento lúdico das normas (STAM, 1992). Esta suspensão da ordem social materializava o surgimento

de imagens carnavalescas, distanciadas do referencial de belo e marcadas pela excepcionalidade.

Para Bakhtin (1996), as características mais marcantes do estilo grotesco são o exagero, o hiperbolismo, a profusão e o excesso. O exagero se destaca como o elemento responsável pela contestação e superação dos limites. Ainda durante o carnaval, outra característica de extrema importância é a hierarquia corporal às avessas, onde o baixo ocupa o lugar do alto. Tal inversão rompe com os pilares do mundo medieval, como a fé, os santos e suas relíquias. Stam destaca que:

Quando focaliza a vida corpórea (cópula, nascimento, defecação) o carnaval oferece uma suspensão temporária da proibição e do tabu, transferindo tudo o que é espiritual, ideal e abstrato para o nível material, para a esfera da terra e do corpo. Os excrementos tornam-se uma expressão literal daquilo que Bakhtin chama de 'estrato físico material mais baixo'. Em Rabelais, os produtos da parte inferior do corpo baixo, a merda e a urina, aparecem em quantidades hiperbólicas e dimensões cósmicas (STAM, 1992, p. 45).

Bakhtin (1992) considera que o riso carnavalesco se posiciona contra o supremo, almejando assim uma alteração na estrutura social. Pensando essa característica na charge, temos claro que o artista deve, no espaço de um único quadro (já que esta é a configuração padrão), estimular o leitor a partir da concessão e da retirada simultânea do poder dos personagens. De acordo com Romualdo (2000), estas características problematizadas por Bakhtin (1992) se encontram na charge, já que:

Pela paródia das ações políticas, pela caricatura, pelo ridículo e pelo próprio riso, o texto chárstico destrona os poderosos e apresenta outras perspectivas para a leitura de suas ações. As charges não se tornam monoplanares, pois elas não têm a intenção de promover uma única leitura, não abafam as várias visões em uma única. Sua força está justamente na ambivalência, na pluralidade de visões que apresentam para o leitor (ROMUALDO, 2000, p. 53).

3.3.2 Humor, Caricatura e Paródia – Desproporção Simbólica e Sátira

Charge e caricatura são modalidades do humor gráfico tão relacionadas que, não raramente, são tomadas como sinônimos. No entanto, enquanto o primeiro formato se destina à crítica de uma situação política ou figura social, a segunda, não menos ideológica, se caracteriza como a representação, com dimensões exageradas, de uma personalidade. Geralmente, aquilo que é apontado como imperfeito no sujeito é alvo da distorção. Como a caricatura se destaca como um formato altamente crítico, ele é utilizado na produção chárstica.

Romualdo afirma que: “[...] a charge e a caricatura não são excludentes. A caricatura, compreendida de acordo com esse conceito particularizado, aparece, com frequência, como um elemento constituinte das charges” (ROMUALDO, 2000, p. 22). Na definição de Eco (2007), a caricatura moderna aparece como um instrumento polêmico voltado contra uma pessoa ou categoria social reconhecível. A técnica consiste no exagero intencional de um aspecto do corpo com a finalidade de denunciar por meio de uma imperfeição física, um aspecto moral. Os traços hiperbólicos conduzem à deformidade com o objetivo de enfeiar o representado.

Em Bergson (1993) a caricatura é tomada como uma deformação mais acentuada de uma característica que passa despercebida. Para o autor, por mais harmoniosa que possa ser a expressão de determinado sujeito, ela nunca é a perfeita. Partindo dessa premissa, cabe ao caricaturista dar destaque a esse movimento por vezes imperceptível. O autor descreve que para o exagero assumir características cômicas, ele não pode ser entendido como um fim, mas como uma alternativa do emissor para manifestar a sua interpretação.

Retornando às reflexões de Romualdo (2000), percebemos a caricatura como um recurso gráfico que exagera, de maneira proposital, as características mais marcantes do indivíduo. Assim como a charge, a caricatura é bastante ligada à representação de lideranças políticas. Consideramos que a deformação parte do campo simbólico e se posiciona como uma crítica efetiva na esfera comunicativa. O suporte contextual é indispensável para que os dois formatos possam ser interpretados pelo público, pois o argumento só terá validade se a situação, bem como os seus personagens, sejam de conhecimento público. “Se isso não acontece, o seu sentido se esvai” (ROMUALDO, 2000, p. 25).

Roberto Elísio dos Santos (2012) classifica a caricatura como a representação de uma figura humana a partir de traços anatômicos exagerados. A caricatura é apresentada como uma ilustração e, por decorrência, não tem o objetivo de narrar uma história. A caricatura é empregada para criticar e ridicularizar personagens que ocupam uma posição de poder ou apresentam falta de caráter.

No artigo *Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma*, o historiador Alberto Gawryszewski (2008) se dedica a propor uma análise a respeito das definições de caricatura e charge. O autor faz uma investigação nos mais variados campos do conhecimento e propõe a definição de *caricatura ideológica* e de *charge ideológica* quando se refere à publicação desta modalidade do humor gráfico em periódicos politicamente engajados.

Assim, poderíamos definir a caricatura ideológica como: imagem de personagem política, podendo abranger também fato político envolvido na questão proposta na ilustração, com a agressividade como essência. O humor não é seu objetivo final, mas pode existir de forma irônica visando denunciar o caráter do retratado. O uso do grotesco, da zoomorfia, da busca da equivalência com uso de símbolos políticos é uma de suas possibilidades. Quanto à definição de charge ideológica, podemos manter as mesmas características da caricatura, apenas se dirigindo ao fato político em especial, destacando-se o uso de símbolos (GAWRYSZEWSKI, 2008, p. 24).

Consideramos que as proposições do autor são bem pertinentes, mas gostaríamos de fazer uma ressalva. Acreditamos que uma charge e também uma caricatura são estruturadas no humor, tomando como prerrogativa as definições de Eco (1989). Desta forma, estas modalidades das linguagens iconográficas deveriam sim objetivar o humor (que é a transgressão). E o riso, por decorrência, seria uma reação secundária.

Outro recurso utilizado na elaboração dos argumentos chárgicos é a paródia. Enquanto um gênero textual, podemos compreendê-la como uma imitação cômica construída a partir da estrutura de uma música, um filme ou uma obra de arte. Afonso Romano de Sant'ana (1985) destaca que a expressão paródia (para-ode) é de origem grega e se refere a um poema cantado (ode) que adultera, perverte ou corrompe o sentido de outro poema. O autor justifica que a paródia surgiu como uma espécie de contracanto.

Sant'ana (1985) defende que a paródia é uma disputa aberta de sentido, que provoca um choque de interpretações. Ela se apresenta como um formato inaugural de um novo paradigma, pois está situado sob uma nova perspectiva. Assim, “[...] a paródia é o discurso em progresso. Também se pode estabelecer outro paralelo: a paráfrase como efeito de *condensação*, enquanto a paródia é um efeito de *deslocamento*” (SANT’ANA, 1985, p. 28). O autor também situa a paródia como um discurso fora da norma, uma espécie de ruído. Na charge, a paródia muitas vezes é usada para contextualizar o leitor sobre o fato. A similaridade com o contexto político faz com que o argumento e a crítica possam ser compreendidos.

Romualdo recorre a Bakhtin (1981) para aproximar a paródia da discussão chárgica. O autor russo destaca que a paródia atua como um espelho que deforma o real. Arriscamos considerar que, na charge, a imitação cômica seja uma aliada para o destronamento dos poderosos. O humor e a paródia são as ferramentas para a transgressão da ordem política.

3.4 CHARGE COMO FORMATO IDEOLÓGICO

Conforme já citamos anteriormente, em suas pesquisas a respeito da filosofia da linguagem, Bakhtin é enfático ao afirmar que o lugar do signo é o lugar da ideologia. Tomando por base esta teoria semiótica, acreditamos que, por suas características contestadoras, o discurso chágico é um fator importante para a discussão do debate ideológico na sociedade. Valdemir Miotello (2005) aponta que a ideologia é um conceito fundamental nas reflexões de Bakhtin. Nos estudos desenvolvidos por Bakhtin e pelos demais teóricos do chamado “Círculo de Bakhtin”, percebemos uma perspectiva que rompe com o conceito de ideologia como uma ideia já dada e com a qual só é possível se defrontar. Os autores inserem “[...] essa questão no conjunto de todas as outras discussões filosóficas, que eles tratam de forma concreta e dialética, como a questão da constituição dos signos, ou a questão da constituição da subjetividade” (MIOTELLO, 2005, p. 168).

Miotello (2005) explica que as reflexões desses autores partem da noção de “falsa consciência”, já difundida pelo marxismo oficial, que destaca a ideologia como um ocultamento da realidade social. No entanto, por apresentarem algumas discordâncias com esse conceito, os autores propuseram uma releitura desta concepção, colocando a ideologia do cotidiano ao lado da ideologia oficial. Nesta perspectiva, a ideologia oficial é compreendida como dominante, e que objetiva “[...] implantar uma concepção única de produção do mundo” (MIOTELLO, 2005, p. 169). Já a ideologia do cotidiano é a que surge nas relações e encontros diários. Dessa forma:

De um lado, a ideologia oficial, como estrutura ou conteúdo, relativamente estável; de outro, a ideologia do cotidiano, como acontecimento, relativamente instável; e ambas formando o contexto ideológico completo e único, em relação recíproca, sem perder de vista o processo global de produção e reprodução social (MIOTELLO, 2005, p. 169).

A partir de Bakhtin (1997) percebemos que a ideologia se materializa no domínio dos signos. O autor destaca que o signo não existe apenas como parte de uma realidade, mas como um recurso para refletir ou refratar uma outra realidade. No domínio dos signos é possível distorcer ou ser fiel ao fato tomado como referência. É a partir desta condição que justificamos a charge como um formato ideológico; a partir dos signos organizados em um argumento, o charginista pode concordar (refletir) ou discordar (refratar) com determinado discurso. Para Bakhtin (1997, p. 32), todo o signo está passível de avaliações ideológicas (ser apontado como bom ou mal, falso ou verdadeiro, justo ou injusto),

já que “[...] onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico*²⁵”.

Ainda a respeito do enfrentamento das ideologias, o pensador russo pontua que há uma disputa de significados dos conceitos no seio da sociedade. Ainda que os interesses políticos sejam diferentes, as distintas classes sociais se relacionam a partir da mesma língua. Nessa perspectiva:

O ser refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também *se refrata*. O que é que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja: *a luta de classes*. Classe social e comunidade semiótica não se confundem. Pelo segundo termos entendemos a comunidade que utiliza um único e mesmo código ideológico de comunicação. Assim, classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua. Conseqüentemente, *em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios*. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. Esta plurivalência social do signo ideológico é um traço da maior importância. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir (BAKHTIN, 1997, p. 46).

Maria Ogécia Drigo e Luciana Coutinho Plagiarini de Souza (2008), a partir das reflexões de Bakhtin, afirmam que a charge enquanto um sistema de signos também é um produto ideológico. E esta ideologia se revela a partir da palavra, dos traços e da combinação das cores. A charge pode, a partir desta perspectiva, se apresentar ideologicamente como uma modalidade textual que pode refletir a política atual do país ou refratar, produzindo a crítica. Talvez por essas características, frequentemente encontramos nos argumentos chárgicos críticas efetivas e bem consolidadas que se dirigem às lideranças políticas. Essa condição “ácida” é muito particular da charge. Talvez o traço humano e a possibilidade de abusar do humor sejam os responsáveis por este caráter persuasivo e direto. Drigo e Souza (2008) afirmam que:

A charge, como produto ideológico que é, apresenta a dupla face do signo. Através da materialidade significante - grafismo, texto verbal, traço humorístico - virá à tona essa duplicidade: ao refletir a realidade, a charge compactua com o sistema, assumindo a força do discurso competente - o discurso cuja linguagem é institucionalmente permitida ou autorizada; ao refratar a realidade, ela deixa escapar as fissuras da dominação. Ou seja, ao deformar, a caricatura aponta para outro discurso, para outro signo, para outra linguagem. É na deformação do referente original que existe o desvio revelador do aspecto ideológico. É nesse desvio que o signo, ao refletir, quebra a direção e transforma, transfigura, refrata a realidade.

²⁵ Grifo do autor.

Acreditamos, com base no que foi esclarecido até aqui, que a charge é um texto ideológico que tem a possibilidade de tensionar a realidade política em que está inserida. O formato desempenha, a nosso ver, uma dupla função: age como um meio informativo, já que traz características de um fato, e exerce também a função de um meio de luta política, uma vez que se destina ao debate das ideologias.

3.5 ZAPIRO: UM MILITANTE SUL-AFRICANO

Jonathan Shapiro é o chargista sul-africano mais conhecido no exterior. Nascido na Cidade do Cabo em 1958, ele estudou arquitetura e Design Gráfico antes de se dedicar exclusivamente às linguagens iconográficas²⁶. Na década de 1980, ganhou uma bolsa de estudos na Escola de Artes Visuais de Nova Iorque. A experiência é apontada pelo chargista, que popularmente é conhecido pelo pseudônimo de Zapiro, como uma oportunidade marcante em sua trajetória, já que estudou com figuras importantes do humor gráfico como Art Spiegelman, Will Eisner e Harvey Kurtzman.

Em uma entrevista ao site da *Stellenbosch University*, Zapiro comentou que o hábito de desenhar começou na infância, por incentivo da mãe, como uma forma de superar os seus pesadelos e de vencer os monstros que surgiam em seus sonhos. O chargista cresceu em um lar politizado e contrário ao regime de segregação racial, por influência de sua mãe. O engajamento político é uma característica evidente em seu trabalho.

Quanto ao seu processo criativo, ele descreve que logo pela manhã, enquanto leva os seus filhos para a escola, acompanha pelo rádio as notícias. Segundo Zapiro, a charge começa pela palavra. A partir daquilo que ouve, constrói mapas mentais que darão origem a pequenos esboços até chegar ao produto final. No campo político, ele iniciou sua militância em 1983 na Frente Democrática Unida (FDU)²⁷, órgão anti-*apartheid*. O cartunista chegou a ser preso naquele período pelas forças armadas nacionais (SADF)²⁸ e monitorado pela inteligência militar. No mesmo ano, participou e desenvolveu o logotipo da campanha pelo fim do recrutamento obrigatório (ECC)²⁹, movimento que contou com a participação de estudantes, grupos religiosos e até mesmo da Organização das Nações Unidas (ONU). O objetivo do ECC era acabar com o alistamento obrigatório de homens brancos, que após

²⁶ Todas essas informações foram cedidas pela Zap Rock Productions, empresa do chargista, após contato via *e-mail*. Estes dados também estão presentes em *sites* que divulgam o trabalho de Zapiro, bem como em seus livros. A tradução foi realizada pela autora.

²⁷ Em inglês United Democratic Front (UDF).

²⁸ South African Defence Force (SADF) foram as forças armadas sul-africanas durante a vigência do *apartheid*.

²⁹ Em inglês End Conscription Campaign (ECC).

cumprirem o período de serviço militar eram frequentemente recrutados pelos órgãos de segurança do Governo branco para coibir manifestações oposicionistas.

O trabalho de Zapiro começou a ganhar força e ser reconhecido na África do Sul a partir de sua atuação em organizações políticas, com caráter progressista e que reivindicavam o fim do regime de segregação racial. No final da década de 1980, começou a trabalhar no jornal *South* como cartunista editorial. Após sua passagem pelos Estados Unidos, regressou à África do Sul em 1991 e se dedicou a quadrinhos educacionais voltados à prevenção dos abusos sexuais infantis, ao combate à AIDS e à democracia.

O chargista tem o seu trabalho publicado nos maiores jornais sul-africanos como o *Sunday Times* (desde 1998), o *Mail Guardian* (desde 1994) e o *The Times* (desde 2009). Além do *Sowetan*, *Cape Argus*, *Cape Times*, *The Star*, *The Mercury* e *Pretoria News*, periódicos em que trabalhou anteriormente. Zapiro também se dedica a publicações de livros. Entre os anos de 1996 e 2013, lançou dezessete coleções políticas, um livro de grande formato que reúne charges de Nelson Mandela e uma coleção de charges esportivas.

O chargista já realizou exposições em Nova Iorque, Amsterdam, Frankfurt e várias edições em seu país. O destaque que tem alcançado junto à crítica internacional tem rendido a Zapiro convites para participar de importantes eventos políticos e de humor gráfico em todo o mundo. O chargista foi o único sul-africano a participar dos encontros anuais do Fórum Econômico Mundial de Davos, na Suíça, entre 2003 e 2006. Ele ainda acumula uma série de prêmios pelos seus desenhos. Em 2004, recebeu o título de doutor *Honoris Causa* em Literatura da Universidade da Transkei (África do Sul).

Em entrevista ao portal *GI*, o sul-africano afirmou que seus desenhos começaram a ganhar contornos políticos mais expressivos a partir de 1999, no mandato de Thabo Mbeki. Na opinião do chargista, naquele período a corrupção saiu do controle. Frente à situação política sul-africana, Zapiro se classifica como altamente crítico e aponta algumas decisões dos governantes como absurdas.

O meu ponto de vista é altamente crítico em relação à política do país. Os políticos que estão no poder têm uma atuação intolerável diante de muitas questões como corrupção e sexualidade. [...] Eu ouço e vejo muitos erros dentro do país. A minha grande motivação para produzir sobre os absurdos que acontecem é persistir em uma mudança (ZAPIRO apud LUZ, 2009).

O trabalho de Zapiro, por suas críticas ao cenário sul-africano e também internacional, tem provocado reações adversas em representantes políticos e religiosos. Com ascendência judia, o chargista, que se autoproclama judeu, questiona abertamente as ações de

Israel na Palestina, bem como o sionismo e as práticas difundidas por Theodor Herzl, fundador do moderno sionismo político. Tal posição já rendeu discussões públicas entre Zapiro e lideranças judaicas, além de acusações de antissemitismo. Em 2009, durante uma entrevista ao *site* da *CNN*³⁰, o artista destacou que tem sido pressionado por sua posição política.

Tem sido difícil ser um judeu sul-africano que se vê contestando a visão judaica dominante em Israel e no sionismo político, do que sempre foi ter sido um sul-africano branco envolvido na luta [contra o *apartheid*]. Isso é o quão difícil quanto. É realmente mais difícil (ZAPIRO, 2009)³¹.

Ainda no campo religioso, o sul-africano também teve problemas quando incluiu em uma de suas charges a representação do profeta Maomé. Segundo o artigo *Uproar over M&G Prophet Muhammad cartoon* (Polêmica em torno da charge de Maomé no *M & G*), veiculado pela versão digital do jornal *Mail & Guardian*, a charge mobilizou uma ação judicial do Conselho dos Teólogos Muçulmanos contra a publicação. Apesar da tentativa das lideranças religiosas, a charge não foi proibida e ganhou as páginas em maio de 2010. Após a sua publicação, funcionários do jornal responderam a uma série de críticas e receberam ameaças de morte.

A charge de Zapiro, *A Prophet at Loss* (Um Profeta em Prejuízo) (Figura 1), reascendeu uma discussão, iniciada em 2005, pelo editor de cultura do jornal dinamarquês *Jyllands-Posten*, Flemming Rose, que convidou alguns profissionais a produzirem e enviarem charges sobre o profeta Maomé. No total, doze charges foram produzidas e publicadas pelo jornal e, posteriormente, reproduzidas por outros periódicos de diversas partes do mundo em defesa da liberdade de imprensa dos veículos jornalísticos.

³⁰ Veja mais em: <<http://www.cnn.com/2009/WORLD/africa/04/01/av.zapiro/>>.

³¹ “It’s been harder being a Jewish South African who sees himself as contesting the mainstream Jewish view on Israel and on political Zionism, than it ever was being a white South African being involved in the struggle [against Apartheid]. That’s how hard it is. It’s actually harder”.

Figura 1



Fonte: Africartoons, (2010).

A ação revoltou a comunidade muçulmana, pois a representação figurativa do profeta é uma prática proibida na cultura islâmica. A charge mais polêmica foi produzida por Kurt Westergaard e representa o profeta com um turbante em formato de uma bomba com o pavio aceso. A ligação entre Maomé e o terrorismo estimulou a mobilização social entre os muçulmanos que se sentiram ofendidos por tal argumento. O artigo *A mídia, o sagrado e as imposturas da imagem: implicações semióticas das charges de Maomé*, de Alberto Klein e Rozinaldo Antonio Miani, reflete sobre a polêmica causada pela representação figurativa do profeta islâmimco. Nesse texto, a charge é destacada como um elemento simbólico demarcador dos conflitos entre o Ocidente e o Oriente³².

Segundo o site *Africartoons*, a charge de Zapiro é uma crítica aos mulçumanos fundamentalistas. Na charge, Maomé está deitado em um divã, o que nos dá a impressão de que o profeta passa por uma situação de crise, o que o motivou a procurar um analista. Logo atrás, observamos um homem sentado que anota tudo o que é dito por Maomé, que ocupa a figura de um paciente. Em sua fala, o profeta destaca que “outros profetas têm seguidores com senso de humor” (Other prophets have followers with a sense of humor). O excesso religioso é tomado em tom de crítica pelo chargista.

Mediante a publicação da imagem, o Conselho dos Teólogos Muçulmanos afirmou que não apoiava protestos violentos em decorrência das charges, mas que não poderia assegurar que eles não iriam ocorrer. A situação ganhou proporções ainda maiores porque ocorreu às vésperas da Copa do Mundo de 2010. Já o editor chefe do *Mail & Guardian*, Nic

³² O artigo *A mídia, o sagrado e as imposturas da imagem: implicações semióticas das charges de Maomé* está disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/4808/3612>>.

Dawes, destacou que não considera a charge um insulto ao Islã e que no argumento de Zapiro não havia traços de intolerância ou de ódio. O jornalista destacou que certamente a charge ofendeu muitas pessoas, mas se esse fosse um critério para selecionar o trabalho de Zapiro, nenhum desenho do artista sul-africano seria publicado no jornal.

Para encerrar a polêmica com assuntos religiosos, o chargista também recebeu críticas de instituições católicas por seus argumentos agressivos frente à posição do Vaticano em relação ao uso de preservativos. Em março de 2009, durante a primeira visita do então Papa Bento XVI ao continente africano, o pontífice afirmou que o uso de preservativos não poderia sanar o problema da África, mas que a solução seria o ensino tradicional da religião romana. A Igreja Católica prega a abstinência sexual fora do matrimônio e a fidelidade como os meios mais eficazes para prevenir a disseminação do vírus.

Talvez a polêmica mais recente de Zapiro envolva a família de Nelson Mandela e uma charge produzida no início de 2013. Após mais uma internação hospitalar do político para tratar de um grave quadro pulmonar, o chargista produziu argumentos em que considerava que o país deveria se preparar para a morte de seu primeiro presidente negro e líder histórico, que estava prestes a completar 95 anos. Além de críticas da população sul-africana, o chargista também foi recriminado pela família de Madiba. O neto do ex-político, Mandla Mandela, afirmou que é "inaceitável ouvir sobre a morte de alguém enquanto eles ainda estão vivos" (MANDELA apud FINNAN; CHAMPEAUX, 2013)³³.

A relação entre Zapiro e Zuma é, com certeza, um dos aspectos que mais agregam visibilidade ao trabalho do chargista. Como as charges que motivam as ações judiciais serão utilizadas nesta análise, vamos abordar este assunto posteriormente.

3.6 IMPRENSA SUL-AFRICANA

Com a chegada de Mandela ao poder, a África do Sul passou a ser gerida por uma nova Constituição, apontada como uma das mais democráticas do mundo. Nesse documento, a liberdade de expressão tornou-se um direito assegurado e indispensável para o desenvolvimento do país. Segundo pesquisa desenvolvida pela ONG *Repórteres Sem Fronteiras*, a África do Sul é um dos países com maior liberdade de imprensa no continente.

³³ Tradução da autora. Texto original de Mandla Mandela destaca que é "unacceptable to hear about someone's passing while they're still alive". A charge que estimulou esta polêmica pode ser vista no apêndice desta dissertação em um artigo em homenagem ao líder negro (Figuras 41a e 41b).

Costumeiramente, e principalmente com a ascensão de Zuma, a mídia se apresenta como uma forte oposição ao Governo.

Durante a vigência do *apartheid*, conforme apresentam Marinovich e Silva (2003), o Estado dominava os meios de comunicação; eles eram responsáveis por auxiliar na propaganda racista. Entre os anos de 1990 e 1994, quando jornalistas *freelancers* registravam a Guerra dos Albergues para agências internacionais, como a *Associated Press* (AP) e a *Syigma*, eles enfrentavam a forte oposição do Estado. Os fotógrafos eram acusados de terem montado as imagens.

Os editores de muitas organizações jornalísticas nacionais e estrangeiras ainda aceitavam como verdadeiros os relatórios policiais, embora fosse evidente que a polícia era parte do problema. [...] Mas a AP e quase todos os veículos de imprensa optaram por acreditar na propaganda do governo. O público teria sido informado sobre mais um massacre por meio das pessoas que, na verdade, estavam envolvidas em muitas das mortes, conforme ficaria provado anos mais tarde. A impressão era que o público nacional e internacional parecia bastante propenso a acreditar que as pessoas que às vezes se vestiam com peles e não sabiam falar inglês corretamente deviam ser gente bárbara, enquanto os políticos e os funcionários brancos, que falavam com tanta lógica, mantinham os trens circulando no horário não poderiam jamais estar implicados nos crimes (MARINOVICH; SILVA, 2003, p. 86).

Estas fotografias foram, em parte, responsáveis por tornar pública a guerrilha interna na África do Sul. Os jornais locais sul-africanos sofriam com a pressão estatal quando publicavam reportagens que fossem desfavoráveis ao Estado Branco. Com a vitória de Nelson Mandela nas eleições de 1994, percebemos um bom relacionamento entre o líder negro e a imprensa. O então presidente era costumeiramente representado com características positivas. Não sabemos se a postura dos jornais durante os anos do *apartheid* tinham motivação política (conformidade com a política excludente), econômica (Estado como grande investidor) ou se os conteúdos de fato eram censurados. As informações são esparsas e dificultam o nosso processo de investigação, principalmente porque poucas características dos grupos de comunicação foram encontradas em nossas pesquisas.

Inicialmente, ao definirmos as charges para a análise, percebemos que as críticas a Zuma eram mais frequentes e mais intensas. Uma das especulações derivadas deste primeiro processo chegou a ser a possibilidade das charges terem sido publicadas em periódicos com inclinações e posturas racistas. Mas esta hipótese foi descartada quando escolhemos as figuras que iriam compor a representação de Mandela, altamente positivas. Percebemos que o tom dos argumentos é distinto, mas os jornais são os mesmos. Antes mesmo de uma análise mais detalhada, há uma nítida percepção de que as representações de Mandela e de Zuma são diametralmente opostas.

Em pesquisas anteriores, nos debruçamos a analisar a representação de Mandela a partir do traço de vários chargistas, inclusive, optamos por não incluir o trabalho de Zapiro na pesquisa. Com os resultados obtidos percebemos que a representação de Mandela é altamente positiva. Os argumentos trazem semelhanças estruturais com os de Zapiro, tomando Madiba como o político ideal daquele país. Uma característica que buscamos identificar é se essa ausência de crítica também está presente em Zapiro. Em nossas análises anteriores, nos deparamos com um Mandela com aura mítica.

Zuma e o CNA têm sido alvos de constantes críticas da imprensa. Principalmente a partir da Lei de Proteção à Informação (POI), popularmente conhecida como *Secrecy Bill*, foi proposta em 2010. A medida é um meio de controlar a imprensa e o que é divulgado. A postura é uma tendência no continente africano, que se vale de penas severas ou da criação de tribunais específicos para conseguirem frear a ação jornalística. Se o projeto for assinado por Zuma, o Governo terá amplos poderes para classificar tudo o que é publicado pelos veículos de imprensa, sob a alegação de defesa da segurança nacional.

A nova lei reserva penas de 25 anos de prisão aos jornalistas que publicarem informações tidas como confidenciais e se negarem a revelar o nome das fontes. O *Estado de S. Paulo* cita que um grupo de 39 editores de destaque no país assinou um manifesto contra a medida. A extremidade da proposta também gerou apreensão das agências internacionais *Associated Press (AP)*, *Reuters*, *France Presse (AFP)* e *Bloomberg*. O grupo encaminhou uma carta ao presidente Zuma declarando inquietação frente à aprovação do *Secrecy Bill*.

Durante a separação das imagens, percebemos que as 36 charges foram publicadas em apenas quatro jornais: *Mail & Guardian*, *Sunday Times*, *The Times* e *Independent Newspapers*. Nosso objetivo era o de traçar um perfil dos jornais escolhidos. Mas apesar de nossos esforços de pesquisa, poucas informações estão disponíveis a respeito da inclinação política dos periódicos. Estes dados seriam muito importantes para as nossas análises e poderiam, inclusive, ter sido obtidos caso a entrevista com o chargista tivesse sido realizada.

O *Mail & Guardian* foi criado em 1985, com o nome de *Correio Weekly*, por um grupo de jornalistas que foram demitidos após o fechamento de dois jornais liberais sul-africanos, o *Rand Daily Mail* e o *Sunday Express*. Por assumir uma postura contrária à segregação racial, o jornal se envolveu em confrontos com o Governo, que culminou em sua suspensão em 1988. Com a transição política, o periódico se adaptou à nova realidade sul-africana. Percebemos que Mandela é uma figura de destaque na publicação, como uma imagem majoritariamente positiva. Segundo a descrição contida na versão digital, criada em

1994, o *Mail & Guardian* se dedica prioritariamente ao jornalismo investigativo, principalmente os escândalos de corrupção.

As versões digitais dos jornais *Sunday Times* e *The Times* estão disponíveis no *site Times Live*. A página se destina a reunir e disponibilizar aos usuários diversos jornais. Segundo informações do *site*, o público alvo das publicações são empresários, agitadores e futuros líderes, grupo classificado como a aristocracia sul-africana. Os leitores são classificados como interessados em política e bastantes críticos. Mais informações sobre as versões impressas não foram encontradas. Os jornais *Sowetan* e *Telegraph* também integram o grupo *Times*. Acreditamos que o grupo se caracterize por sua oposição ao Governo.

O *Independent Newspapers* é um grupo composto por mais de 30 jornais diários e semanais, distribuído nas principais áreas metropolitanas do país. *Cape Times*, *Cape Argus*, *The Mercury*, *The Star*, *Daily News* e *Pretoria News* são alguns dos principais jornais editados pelo grupo. Não sabemos ao certo em qual periódico Zapiro publica as suas charges, ele identificou apenas o grupo. Nenhuma menção ao perfil editorial é apresentada no *site*.

Nos capítulos seguintes faremos a análise das charges selecionadas, de acordo com a data de publicação, buscando identificar a representação construída de cada um dos líderes negros em seus respectivos mandatos: Nelson Mandela (1994-1999), Thabo Mbeki (1999-2004; 2004-2008) e Jacob Zuma (2009-atual). Após o comentário de cada uma das imagens, temos o objetivo de analisá-las em duas categorias: abordagem política e abordagem psicológica.

4 O MITO NELSON MANDELA E OS PRIMEIROS ANOS PÓS-APARTHEID

A primeira charge escolhida para compor esta análise é de 20 de dezembro de 1995 e foi publicada no jornal *Mail & Guardian*. As figuras 2a e 2b - *Nelson Mandela with South Africa's teething problems - crime, apartheid legacy, gravytrain, corruption* (Nelson Mandela com problemas iniciais na África do Sul - crime, legado do *apartheid*, trem da alegria e corrupção) - são referentes ao primeiro ano após a vitória de Mandela nas urnas.

FIGURA 2a



FIGURA 2b



Fonte: Site Zapiro, (1995).

O argumento foi criado a partir da representação da África do Sul como um bebê, o que justifica a presença de brinquedos no chão. Pensar o país como uma criança ainda de colo é uma alusão direta à transição política e ao surgimento da “Nação Arco-Íris”, assim como Mandela se referia à democracia multirracial. Faz parte do repertório social a ideia de que as crianças precisam de cuidados, já que nos primeiros anos de vida ainda são muito frágeis. Acreditamos que estas características foram transferidas ao país, que na charge aparece com uma representação humana. Na figura 2b, em que a charge está em cores, podemos perceber que a fralda da criança é a nova bandeira da África do Sul. Durante o seu mandato, Mandela trocou os principais símbolos nacionais sul-africanos, a bandeira e o hino, com o objetivo de incluir os grupos historicamente discriminados nestas novas

representações. A bandeira e o hino escolhidos após a transição política tinham o objetivo de inaugurar um novo país, outra página na história sul-africana.

A atual bandeira sul-africana foi escolhida após um concurso para substituir o antigo símbolo nacional, estabelecido a partir de uma representação racista da sociedade. O símbolo foi adotado provisoriamente em 27 de abril de 1994, data das primeiras eleições multirraciais e oficializado posteriormente. A bandeira, como pode ser parcialmente vista na figura 2b, traz em seu centro um “Y” deitado, o que representa a convergência da África do Sul após o fim do *apartheid*. A flâmula é composta por seis cores que, além de possuírem significados individuais, também representam os povos históricos sul-africanos. As cores preta, verde e amarela foram retiradas da bandeira do CNA, partido político de extrema importância para a transição política, além de ser majoritariamente composto por negros. Já o vermelho, o azul e o branco são uma alusão direta aos pendões dos colonizadores do país: Reino Unido e Holanda. Separadamente, o vermelho simboliza o sangue; o azul o céu; o verde representa as vegetações que cobrem o país; o preto é uma alusão aos cidadãos negros sul-africanos; o branco aos brancos e o amarelo faz referência ao ouro, minério presente no solo sul-africano.

Para reforçar simbolicamente o discurso de uma nova fase no país, em 1997 um novo hino nacional foi criado após a mistura de vários outros, como o hino do *apartheid*, o hino popular do CNA, além de outros hinos regionais. A letra é composta por trechos das cinco línguas oficiais no país: *zulu*, *xhosa*, *sesotho*, africâner e inglês.

Na charge, Mandela é desenhado usando terno, traje recorrente entre os chefes de Estado. No entanto, ele parece conversar com a criança, que está aos prantos, em seus braços. É como se as palavras de Madiba fossem acalmar o bebê, assim como os pais fazem nessas ocasiões. Na figura 2 (a e b), Mandela assume a postura de adulto responsável pelo desenvolvimento e bem-estar da criança. Transferindo essa relação ao campo político sul-africano, Zapiro apresenta um presidente que está ciente dos seus desafios. A fala do político “é claro, ainda temos alguns problemas iniciais” (*of course, we've still got some teething problems*) caminha no sentido de reconhecer as dificuldades e acreditar em uma possível mudança.

No campo político destacamos que, em 1995, Mandela e sua equipe estavam se esforçando para consolidar as bases da democracia multirracial e impedir uma guerra civil ou um golpe de Estado, tendo em vista que o clima de instabilidade ainda era grande. Em contrapartida, a vitória do líder negro nas urnas representou a esperança para uma parcela da população que acreditava que as mudanças sociais seriam realizadas rapidamente. Talvez (e

lançamos essa possibilidade a partir de uma especulação) a expressão “trem da alegria”, presente no título da charge, não seja apenas uma opção estética, mas uma forma de descrever o entusiasmo exacerbado e prejudicial de alguns setores da sociedade. A presença do brinquedo se justifica pelo argumento construído pelo chargista: analisar a situação política a partir do universo infantil.

Recorrendo à historiografia do período, percebemos em Carlin (2009) que a charge retrata bem os desafios que Mandela teria pela frente. Um problema grave que não está presente no argumento de Zapiro é a disseminação da AIDS no país. Com base em Carlin (2009, p. 24-25) podemos perceber que a realidade sul-africana no início do mandato de Madiba era bastante instável:

Sua missão [de Mandela], comum a todos os sul-africanos politicamente ativos de sua geração, tinha sido substituir o apartheid pelo que o CNA chamava de “democracia não racial”. Só que ele ainda tinha que alcançar uma meta igualmente importante e não menos desafiadora. Ele era presidente agora. Um ano antes, pela primeira vez na história da África do Sul, tinham ocorrido eleições de voto universal. Porém, o trabalho não estava encerrado. Mandela tinha que garantir a base da nova democracia, tornando-a resistente às forças perigosas que ainda espreitavam. A história mostrava que uma revolução tão perfeita quanto a sul-africana, na qual o poder passara da noite para o dia para um grupo historicamente rival, levava a uma contrarrevolução. Eles ainda eram cercados por muitos extremistas treinados por militares e fortemente armados; muitos africanos intransigentes de extrema direita - variações da Ku Klux Klan dos Estados Unidos, porém mais organizadas, mais numerosas e mais fortemente armadas.

O ano de 1995 também marcou a realização da Copa do Mundo de Rúgbi na África do Sul. Segundo Carlin (2009) a realização do mundial trouxe resultados positivos para o país no campo social, assim como almejava o presidente. A respeito dos primeiros anos de Mandela à frente do país, Zapiro (2009) destaca que a condição do país era instável. Do ponto de vista econômico, apesar do crescimento, não havia aumento significativo na geração de empregos e a violência seguia em altos níveis. O próprio chargista considera que:

At the beginning of the 1995, there was evidence that the economy was growing. But there was little evidence that this was creating jobs. The unemployment rate remained sky high. The link between the lack of the jobs and the high crime rate was inescapable. It was obvious that unemployment and crime were going to be dominant issues which could threaten the success of the new democracy. The general lack of respect for the law was a carry-over from the apartheid era, when the law was seen as unjust and part of the oppressive machinery of the state. Now some people were beginning to ask whether a high-minded approach to human rights was appropriated under the circumstances, or whether it was time for the government to get tough the crime. I remember well the first drawing I did on the subject of corruption. I remember the angst of sitting with a blank pie of paper in front of me and realising that I was going to have to start attacking some of the people I also significant for me that these cartoons appeared in readers. I was determined not to be thought of as a carping whitey. My saving grace was Mandela himself, who at the time acknowledged that some of the new state officials were succumbing to greed and venality. In those uncertain days, it seemed that the threat of anarchy was never far away, and that, if necessary, the government might reluctantly have to resort to the iron fist to stamp it out (SHAPIRO, 2009, p. 46)³⁴.

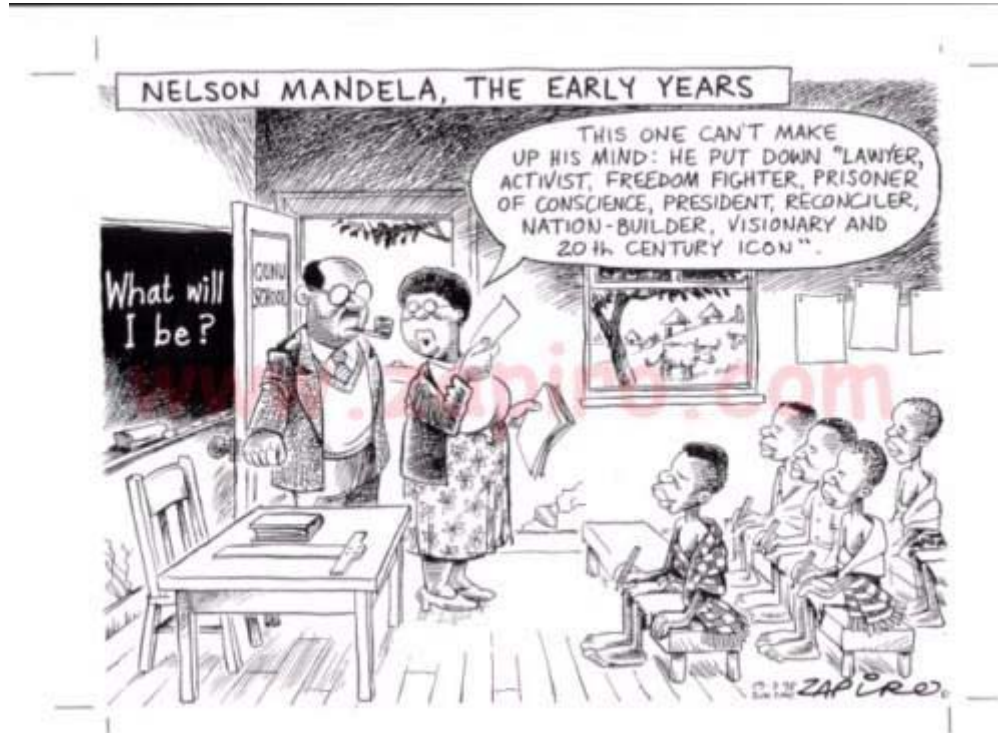
Segundo Zapiro (2009), este argumento representa o aniversário de um ano da nova realidade sul-africana. Para o chargista, a apresentação do país como um bebê que precisa de muito carinho e de uma quantidade grande de alimento era natural. No entanto, um episódio da vida pessoal de Zapiro, a gravidez de sua esposa Karina, fez com que o artista pensasse mais em crianças naquela época. O carisma pessoal de Mandela e o seu afeto com os pequenos também foram determinantes para que o chargista produzisse a figura 2. O primeiro filho de Zapiro e Karina, Tevya, nasceu em julho de 1995.

A figura 3 - *Nelson Mandela's School days* (Dias de escola de Nelson Mandela) - foi publicada por Zapiro no jornal *Sunday Times*. Originalmente produzida em preto e branco, a charge foi colorida posteriormente para publicação no livro *The Madiba Files* (Os Arquivos de Mandela). A figura não se refere a um fato político sul-africano, mas parte de um argumento criado por Zapiro. A charge tem um tom de homenagem; essa característica está diretamente ligada à data em que foi produzida: é de 19 de julho de 1998,

³⁴ Livre tradução da autora: No início de 1995, havia evidência de que a economia crescia. Mas havia pouca evidência de que estava criando postos de trabalho. A taxa de desemprego manteve-se ao alto. A ligação entre a falta de postos de trabalho e a elevada taxa de criminalidade era inevitável. Era óbvio que o desemprego e o crime iam ser questões dominantes que poderiam ameaçar o sucesso da nova democracia. A falta generalizada de respeito pela lei era uma redundância da era do *apartheid*, quando a lei era vista como injusta e parte da máquina opressora do Estado. Agora, algumas pessoas estavam começando a se perguntar se uma abordagem exultante aos direitos humanos era apropriada dadas as circunstâncias, ou se era hora de o governo ser duro contra o crime. Lembro-me bem do primeiro desenho que fiz sobre o tema da corrupção. Lembro-me da angústia de estar com uma folha de papel em branco na minha frente e perceber que eu ia ter que começar a atacar algumas das pessoas que também eram importantes para mim e que estes desenhos animados chegariam aos leitores. Eu estava determinado a não ser visto como um branquelo maligno. Minha graça foi o próprio Mandela, que na época reconheceu que alguns dos novos funcionários do Estado sucumbiram à ganância e venalidade. Naqueles dias incertos, parecia que a ameaça de anarquia nunca foi muito longe, e que, se necessário, o governo podia relutantemente ter que recorrer à força primeiro a eliminá-lo.

um dia após o aniversário de 80 anos de Mandela, que estava finalizando o seu mandato como presidente.

FIGURA 3



Fonte: Site Zapiro (1998).

Uma década depois, em 2008, o aniversário de 90 anos do líder negro foi comemorado publicamente no *Hyde Park* de Londres. O sucesso e a adesão popular à celebração transformaram o dia em uma homenagem a Mandela, reconhecendo a sua dedicação pessoal e política na luta contra o racismo. Em 2009, a festa popular ganhou o nome de *Mandela Day* com o objetivo de estimular a fraternidade entre as pessoas comuns. A principal iniciativa da data é destinar 67 minutos do seu dia (um minuto para cada ano de luta de Madiba) em favor do próximo, a partir do slogan *Make every day a Mandela Day* (Faça de todos os dias um dia de Mandela). Em 10 de novembro do mesmo ano, a homenagem foi reconhecida pela ONU como o *Dia Internacional de Nelson Mandela*.

Pelas figuras 2a, 2b e 3 podemos observar que a representação chágica de Mandela se difere da produzida pelos charginistas brasileiros em relação aos nossos políticos (frequentemente acusados de corrupção, entre outros crimes); por enquanto, trata-se apenas de uma hipótese. Talvez, essa condição, represente certo otimismo quanto à administração de

Mandela. Tal sentimento possivelmente se explique pelo fato do líder negro ser o primeiro presidente majoritariamente eleito, após uma política de segregação racial.

Nelson Mandela é compreendido por muitos como o principal representante da África do Sul. Esta imagem foi reforçada por Zuma durante o pronunciamento oficial da morte de Madiba. O atual chefe de Estado apresentou o seu amigo de luta como o maior filho da África do Sul, pai da nação democrática e como a personificação do senso de uma nação comum. Segundo Zuma:

Meus amigos sul-africanos, nosso amado Nelson Rolihlahla Mandela, o presidente fundador da nossa nação democrática, foi embora. Ele morreu em paz, na companhia da sua família, por volta das 20h50 (horário sul-africano) neste dia 5 de dezembro. Ele está descansando. Ele está em paz. Nossa nação perdeu seu maior filho. Nosso povo perdeu um pai. Mesmo que soubéssemos que esse dia estava chegando, nada pode diminuir nosso senso de uma perda profunda e duradoura. Sua incansável luta pela liberdade fez o mundo respeitá-lo. Sua humildade, compaixão, e sua humanidade levaram a ele o amor. Nossos pensamentos e orações estão com a família de Mandela. A eles, devemos nossa gratidão. Eles sacrificaram muito e lutaram muito para que nosso povo fosse livre. Nossos pensamentos estão com a sua esposa, senhora Graca Machel, sua ex-esposa Winnie Madikizela-Mandela, com seus filhos, seus netos, seus bisnetos e sua família inteira. Nossos pensamentos estão com seus amigos, camaradas e colegas, que lutaram com Madiba em uma vida de lutas. Nossos pensamentos estão com o povo sul-africano, que hoje está em luto por uma pessoa que, mais que qualquer um, personificou o senso de uma nação comum. Nossos pensamentos estão com as milhões de pessoas pelo mundo que abraçaram Madiba como se fosse deles, e viram a causa dele como de todos. Esse é o momento do nosso maior sofrimento. Nossa nação perdeu seu maior filho. O que fez Mandela grande foi precisamente o que fez ele humano. Nós vimos nele o que procuramos em nós mesmos. E nele nós vimos muito de nós mesmos. (ZUMA apud TERRA, 2013).

A figura 3 ambienta uma sala de aula bem simples, com o objetivo de ilustrar a infância de Mandela. Na porta há uma inscrição que demarca que aquela era a escola de Qunu, região sul-africana agrária onde ele passou a infância. Todas as crianças usam trajes típicos *xhosas* (etnia de Mandela). Estas informações são bem próximas das descrições feitas pelo próprio líder negro em sua autobiografia; percebemos apenas discordâncias no que diz respeito aos trajes escolhidos para frequentar as aulas.

A escola consistia de uma única sala, como um teto de estilo ocidental, e localizava-se no outro lado da colina vizinha a Qunu. Eu tinha sete anos de idade, e no dia anterior ao meu primeiro dia de aula, meu pai me chamou para uma conversa e me disse que eu devia estar apropriadamente vestido para ir à escola. Até aquele momento, eu, como todos os outros meninos em Qunu, havia usado apenas uma manta, que cobria um ombro e era fixada na cintura. Meu pai pegou uma de suas calças e a cortou na altura dos joelhos. Ele me disse para vesti-las, o que fiz, e elas ficaram mais ou menos no comprimento certo, apesar de a cintura ser larga demais. Meu pai pegou então um pedaço de barbante e apertou as calças na cintura. Devo ter sido uma visão cômica, mas nunca possuí um traje que tivesse tanto orgulho em vestir do que calças cortadas de meu pai (MANDELA, 2012, p. 15-16).

Foi também após a sua inserção no mundo escolar que ele adotou o nome Nelson e deixou de lado o seu nome tribal Rolihlahla. Era uma tradição nas escolas negras que as crianças adotassem um nome inglês em substituição ao africano. A charge faz referência a atividades típicas dos primeiros anos escolares, em que os professores pedem para que as crianças imaginem como será a vida adulta. No quadro negro, situado atrás da professora, há a pergunta “O que eu vou ser?” (What will I be?).

A professora ficou espantada com a resposta de um dos estudantes, no caso Mandela, e resolve mostrar para alguém a perspectiva de futuro daquela criança, acreditando que ele não cumpriria as suas metas. Na redação, o menino traça planos bem audaciosos. Os seus objetivos não significam apenas uma mudança estrutural na sua vida, mas em todo o país. A charge de Zapiro passa a imagem do presidente como um líder nato, alguém que está em um lugar do qual é merecedor.

Mandela responde a atividade proposta com os seguintes argumentos: "advogado, ativista, defensor da liberdade, prisioneiro de consciência, presidente reconciliador, construtor de nação, visionário e ícone do século 20" (*lawyer, activist, freedom fighter, prisoner of conscience, president reconciler, nation-builder, visionary and 20th century icon*). Outra interpretação que a charge pode nos suscitar neste caso é uma dificuldade típica das crianças em conseguirem determinar qual caminho desejam seguir na vida adulta (*This one can't make up his mind*). É normal que os pequenos listem uma série de atividades que, muitas vezes, não estabeleçam nenhuma relação ou vínculo entre si.

Levando em consideração a idade do líder negro, a charge representaria uma sala de aula na década de 1920, quando a reação de uma professora seria, possivelmente, muito semelhante à proposta por Zapiro. Ainda que naquele período o *apartheid* não vigorasse como sistema de governo, as condições de desenvolvimento dos negros já eram bastante precárias e permeadas por políticas que não almejavam a igualdade. Naquele contexto, a resposta do pequeno Mandela se apresentava na contramão da realidade dos negros sul-africanos nas primeiras décadas do século XX. Acreditamos que, além de espantada com a complexa resposta do pequeno quanto ao seu futuro, a professora também possa ter levado em consideração a desigualdade racial presente no país, fator que implicaria em uma série de empecilhos no desenvolvimento daquela série de funções, assim como foi com Nelson Mandela.

Elleke Boehmer (2013), a partir desta charge de Zapiro, aponta Nelson Mandela como alguém que desempenhou papéis variados ao longo de sua trajetória pública. A autora destaca-o como aluno estudioso (foi o primeiro de sua família a ingressar no sistema

educacional sul-africano, altamente influenciado pela cultura britânica, e a receber um diploma de ensino superior. Nelson Mandela era advogado); o jovem urbano (ao chegar a Joanesburgo, ele se deparou com o racismo que separava brancos e negros em realidades altamente distintas, conforme já destacamos no transcorrer desta dissertação), o guerrilheiro audacioso (Mandela, ao lado de Oliver Tambo e de Walter Sisulu, foi o criador da Liga Jovem, braço armado do CNA. em 1944. Anos mais tarde, Madiba tornou-se sua principal liderança³⁵); o preso político que permaneceu mais tempo encarcerado no mundo (condenado à prisão perpétua, ficou preso por 27 anos); e o salvador milenarista. A partir de Boehmer (2013, p. 19-20), podemos perceber que:

Mostrou-se um camaleão versátil, até pós-moderno, que, em cada etapa de sua carreira ou na nova forma adotada, conseguia projetar um fascínio de múltiplas facetas. As mais variadas faixas do público - nacionalistas negros e comunistas brancos, romancistas e jogadores de rúgbi, líderes mundiais e aldeões -, cada qual se sentindo diretamente abordada por ele, adotaram seu emblema. *Mandela*, a lenda, representa a jornada e a superação individual, mas *ao mesmo tempo* também narra a história coletiva, de múltiplas vozes, do nascimento de uma nação. Uma das principais histórias associadas ao nome de Nelson Mandela é inevitavelmente uma história nacionalista, a *história de uma nação*. Pelo menos desde os meados de seu período como presidente, por volta de 1997, a biografia de Mandela foi alçada oficialmente a principal lenda sul-africana, seu mito moderno, como se reflete nas cartilhas escolares do governo e nas histórias em quadrinhos infantis. Mesmo sua autobiografia, *Longa caminhada até a liberdade* (1994), é elaborada - o que não se admira - como uma parábola da construção da democracia. Em suas biografias, o caráter e o pensamento da figura histórica vêm sempre envolvidos por relatos fiéis dos processos histórico-políticos de que participou. Em nível mais geral, como que para reforçar essas representações do salvador nacional, os resumos históricos do século XX trazem a trajetória de Mandela como uma das poucas narrativas nacionais de afirmação ética, nascidas de décadas de conflitos devastadores, muitas vezes entre nações rivais.

Como esta charge não foi criada a partir de um fato, mas sim com o intuito de celebrar o aniversário de Mandela, temos menos possibilidade de compará-la com a historiografia sul-africana. No entanto, percebemos que o chargista se vale de sua influência para fazer uma homenagem ao presidente e prestar apoio às suas ações políticas. Assim como nas figuras 2a e 2b analisadas anteriormente, não há o uso do humor como uma ferramenta de transgressão à ordem vigente. Arriscamos afirmar que estas imagens retratam os bons olhos com que Zapiro analisa o primeiro mandato político pós-*apartheid*. Analisando estas imagens anos depois, percebemos que o presidente teve sua conduta elogiada durante os anos em que esteve no poder.

³⁵ Segundo informações publicadas na *Folha de S. Paulo*, o líder negro recebeu treinamento em armas e sabotagem na agência de inteligência israelense Mossad, na década 1960. O texto completo está disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/12/1388728-israel-treinou-mandela-em-armamentos-e-sabotagem.shtml>.

Costumeiramente, Mandela é apontado como um dos ícones do século XX e último grande estadista; um político comprometido com a África do Sul e que governou com competência e habilidade. Os anos de prisão e a perseguição política do *apartheid* contribuíram para o destaque de sua imagem como um grande líder político. O articulista da *Folha de S. Paulo*, Clóvis Rossi, definiu Mandela como o “maior estadista” africano.

A maneira exemplar como Nelson Mandela operou a descolonização da África do Sul transforma-o no maior estadista africano de todos os tempos. Pena que não tenha tido seguidores fora da própria África do Sul. Quando digo descolonização refiro-me à libertação da maioria negra do apartheid imposto pela minoria branca, tão ou mais cruel que o colonialismo clássico das potências europeias no continente. Em toda a África, à descolonização sucederam-se conflitos tribais, muitos dos quais prosseguem até hoje. [...] Na África do Sul, ao contrário, a tolerância de que Mandela foi um arquétipo inigualável permitiu uma transição tão ordenada quanto possível (ROSSI, 2013).

Percebemos que muitas das descrições propostas por Zapiro, a partir da representação de Mandela como uma criança, têm a intenção de descrever a importância do militante negro para a transição política sul-africana. Em decorrência da morte de Madiba, no dia 05 de dezembro de 2013, considerações parecidas às publicadas na figura 3 foram divulgadas em inúmeros jornais e *sites* espalhados por todo mundo. Nesta ocasião, o presidente norte-americano Barack Obama descreveu o líder negro como um “gigante da história”, que moveu bilhões de pessoas em todo mundo e que, por meio da luta, alcançou o seu lugar na posteridade. Obama ainda destacou os esforços do ex-presidente para superar a segregação racial e conduzir a nação em direção à justiça. A presidente brasileira Dilma Rousseff descreveu o ex-chefe de Estado sul-africano como a maior personalidade do século XX (percebemos uma semelhança com o argumento estruturado pelo chargista, no qual ele classifica Nelson Mandela como um ícone deste período). Para a brasileira, “Mandela conduziu com paixão e inteligência um dos mais importantes processos de emancipação do ser humano da história contemporânea - o fim do apartheid na África do Sul” (ROUSEFF apud CHAGAS, 2013).

A figura 4 estabelece uma comparação entre as lideranças do CNA na década de 1960 e as atuais. A charge *50 years anniversary of the arrests at Liliesleaf Farm* (50 anos de aniversário das prisões em Liliesleaf Farm) foi publicada em 11 de julho de 2013 no jornal *Mail & Guardian*. Esta fazenda era o ponto de encontro das lideranças do CNA. As prisões a que o título se refere incluem os líderes Nelson Mandela, Walter Sisulu e Govan Mbeki, todos condenados no julgamento de Rivonia, em 1963. Os líderes negros aguardaram o julgamento presos. O dia 11 de julho de 2013 marcou a comemoração de 50 anos dessa

data. No julgamento de Rivonia, Nelson Mandela e seus companheiros foram condenados à prisão perpétua. Segundo o site de Zapiro, dez líderes anti*apartheid*, entre eles Madiba, Walter Sisulu e Govan Mbeki³⁶, foram levados ao tribunal. O julgamento de Rivonia, terceiro e último de Mandela pelo Estado do *apartheid*, começou em 26 de novembro de 1963 e terminou em 12 de junho de 1964.

FIGURA 4



Fonte: Site Zapiro (2013).

A figura 4 traz na parte superior a prisão de Mandela, Sisulu e Mbeki em 1963. Acreditamos que o sentido destas prisões foi ressignificado no imaginário sul-africano e passou da esfera do crime para a condecoração como um ato de resistência ao regime de segregação racial; é claro que esta visão é parcial e só pode se consolidar efetivamente no seio da sociedade nos últimos anos. Na década de 1960, todos os militantes de oposição eram identificados como terroristas.

Conforme podemos observar na parte superior da figura 4, os policiais dão ordem de prisão aos militantes sob alegação de traição e sabotagem (“*you are charged with treason against the state and sabotage...*”). Como já foi destacado anteriormente, foi diante do júri de Rivonia que Mandela se apresentou sem advogado e discursou por quase quatro

³⁶ Pai de Thabo Mbeki.

horas, frisando que a liberdade era um ideal pelo qual ele estava disposto a viver e também a morrer. Acreditamos que este é um fato em que podemos observar que a representação pode variar de acordo com o meio em que ocorre a emissão. Para os leitores de um jornal ligado ao *apartheid*, e que comungassem da mesma visão de mundo da publicação, possivelmente a prisão de Mandela foi interpretada como uma ação justa. Já um periódico mais progressista, identificado com a oposição, deve ter apontado o incidente como mais uma medida arbitrária e abusiva do Estado branco.

Prosseguindo a análise, na parte inferior há uma representação de 2013. No entanto, ela só faz sentido como um complemento do quadro anterior. Apesar da distância temporal de meio século que a charge almeja representar, destaca-se o fato deles pertencerem à mesma história. A expressão “de seus princípios” (*of your principles*), presente no segundo quadro, só faz sentido após a ideia anterior (*você é acusado de traição contra o Estado e sabotagem ...*). O chargista novamente repete as três figuras centrais da década de 1960, mas acompanhados do atual presidente sul-africano e liderança do CNA, Jacob Zuma.

A crítica à mudança de conduta do partido é frequente no trabalho de Zapiro. Um fato que reforça essa condição é o anúncio recente do arcebispo emérito da Cidade do Cabo, Desmond Tutu, de que não vota mais no CNA. Dessa forma, o primeiro quadro visa transmitir um partido ético que luta pelos seus ideais, já no segundo, a sabotagem dos princípios é uma referência aos crescentes casos de corrupção no interior da sigla. O chargista destaca uma mudança nos princípios do partido. Esta alteração é tomada a partir de um âmbito negativo, um declínio.

Na figura 4, percebemos que Zapiro cria uma representação de Zuma com um caráter negativo, como um líder corrupto. Acreditamos que por meio dessa imagem atribuída ao presidente, há um processo de transgressão por parte do chargista. O texto e a imagem trazem características de Zuma que não integram o discurso oficial. Essa representação é um ataque contra a reputação do líder do executivo sul-africano. O perfil do atual presidente traçado pelo chargista leva em conta uma série de acusações de corrupção desferidas contra Zuma (essa representação será aprofundada em capítulo posterior). Talvez a mais recente delas seja de novembro de 2013. De acordo com o texto *Sul-africanos pedem renúncia do presidente após denúncia de corrupção*³⁷, da Agência Reuters, um relatório provisório do maior organismo anticorrupção do país atestou que o presidente teve um ganho pessoal significativo, com gastos de US\$ 21 milhões em sua residência pessoal. Mediante a

³⁷ O texto completo está disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2013/11/30/sul-africanos-pedem-renuncia-do-presidente-apos-denuncia-de-corrupcao.htm>>.

denúncia, uma petição *on-line* foi criada pedindo que Zuma deixasse o cargo. Outra manifestação popular contrária ao presidente também pode ser percebida nas cerimônias fúnebres de Nelson Mandela em dezembro de 2013. Durante a maior celebração pública realizada no estádio *Soccer City*, o presidente do país e do CNA foi vaiado em várias ocasiões.

Um aspecto que merece uma ressalva é a inclusão de Sisulu e de Mbeki no campo da imagem que faz referência a 2013. No entanto, os dois líderes políticos estão mortos. Se pensarmos a charge como um elemento comunicativo que circulou na África do Sul, esta informação não é de extrema importância, pois os sul-africanos sabem destes fatos. Talvez um ou outro desavisado pudesse se confundir. Sisulu morreu em 2003 e Mbeki dois anos antes, em 2001. Vale ressaltar também que Walter Sisulu foi uma das figuras sul-africanas que mais incentivaram Mandela em sua vida pública. Militante político ativo, ele permaneceu preso até o final de 1989. Após deixar a prisão optou por auxiliar no processo de transição para a democracia multirracial, mas não se candidatou a nenhum cargo.

Govan Mbeki era editor do jornal *Nova Era* entre as décadas de 1950 e 1960. A publicação destacava e criticava os atos racistas constantemente praticados pelo Governo branco. Com o crescimento da repressão por parte do Estado, Mbeki também participou da luta armada, motivo pelo qual foi preso e condenado à prisão perpétua. Libertado em novembro de 1987, voltou a trabalhar no CNA. Após as eleições que apontaram Mandela como o chefe do Executivo sul-africano, Govan Mbeki foi eleito presidente do Senado.

A figura 5, 2003: *Hamba Kahle Walter* (2003: Adeus, Walter), publicada em 08 de maio de 2003, no jornal *Mail & Guardian*, soluciona um dos erros históricos levantados na imagem anterior (Figura 4), já que é uma homenagem póstuma a Walter Sisulu. A imagem ganhou as páginas no dia em que o líder *antiapartheid* faleceu.

O argumento criado por Zapiro tem o objetivo de enfatizar a importância de Nelson Mandela, Oliver Tambo e Walter Sisulu para a África do Sul. A figura 5 recria um escritório de arquitetura, já que esse é o título atribuído pelo chargista ao trio: *Tambo, Sisulu & Mandela - Arquitetos da Democracia*. Assim como cabe a um profissional da arquitetura planejar a utilização mais inteligente de um determinado espaço físico, essa era a função dos líderes negros nessa nova fase do país. Como a democracia multirracial representou uma mudança estrutural e de bastante impacto no poder político (ao menos do ponto de vista da representação política; até então era impossível que um negro pudesse se candidatar a algum cargo, votar ou ser votado), a estrutura social deveria ser repensada.

Figura 5



Fonte: Africartoons (2003).

O primeiro personagem que está ausente na figura 5 é Oliver Tambo. Amigo de Mandela desde a década de 1940, os dois abriram o primeiro escritório de advocacia para negros em Joanesburgo destinado à população segregada racial e economicamente. Em 1944, diante das negativas do governo branco em discutir a segregação no país, criaram, ao lado de Walter Sisulu, a Liga Jovem do CNA, o braço armado do partido. Em 1952, ele chegou a ser preso por desobedecer deliberadamente as ordens do *apartheid*. Durante os anos em que Madiba permaneceu preso, Tambo tornou-se uma das principais lideranças na resistência ao regime racista no exterior. O líder permaneceu no exílio por três décadas. Segundo o site do CNA, Tambo está entre os líderes africanos mais respeitados no próprio continente, na Europa, na Ásia e na América. Foi durante a sua presidência que o partido cresceu. Em 1991, Oliver Tambo voltou à África do Sul, mas morreu dois anos depois em decorrência de um acidente vascular cerebral.

Walter Sisulu, o grande homenageado da figura 5, se retirou da vida pública em 1994, em decorrência de problemas de saúde. Ao lado de sua esposa, e também militante política, Albertina Sisulu, atuou em trabalhos assistenciais com objetivo de auxiliar crianças carentes. Ele morreu poucos dias antes de comemorar o seu aniversário de 91 anos. Zapiro destaca a relação fraternal que existia entre Mandela e Sisulu. Na cadeira destinada ao líder

popular há uma mensagem, em tom de despedida: “*Go well, old friend*” (Fique bem, velho amigo). Há na representação de Mandela um ar de tristeza, quem sabe até mesmo desespero em relação aos rumos do país. Acreditamos que o intuito do chargista era destacar que o país estava perdendo a sua geração de heróis históricos e que era preciso continuar. Zapiro, a partir desta charge, confiou aos antigos líderes do CNA a missão de conduzir o país. Ampliando um pouco mais a nossa interpretação, podemos considerar que a charge, publicada em 2003, também teve o intuito de comunicar a insatisfação com os atuais membros do partido, pois ela foi produzida após a retirada da vida pública de Mandela.

Apenas em um sentido comparativo (já que a imagem não integra o nosso *corpus* de análise) percebemos que a amizade entre os militantes históricos do CNA tem sido utilizada pelos chargistas como argumento para a elaboração de charges. A que vamos considerar a seguir é de 08 de dezembro de 2013 e foi publicada no jornal *Sunday Sun*, como uma homenagem a Nelson Mandela. A figura 6 é de Alastair Findlay. Na imagem encontramos representados os líderes negros presentes nas figuras 4 e 5, Oliver Tambo, Walter Sisulu, Madiba e Govan Mbeki, além de Albert Luthuli e John Dube.

Figura 6



Fonte: Africartoons (2013).

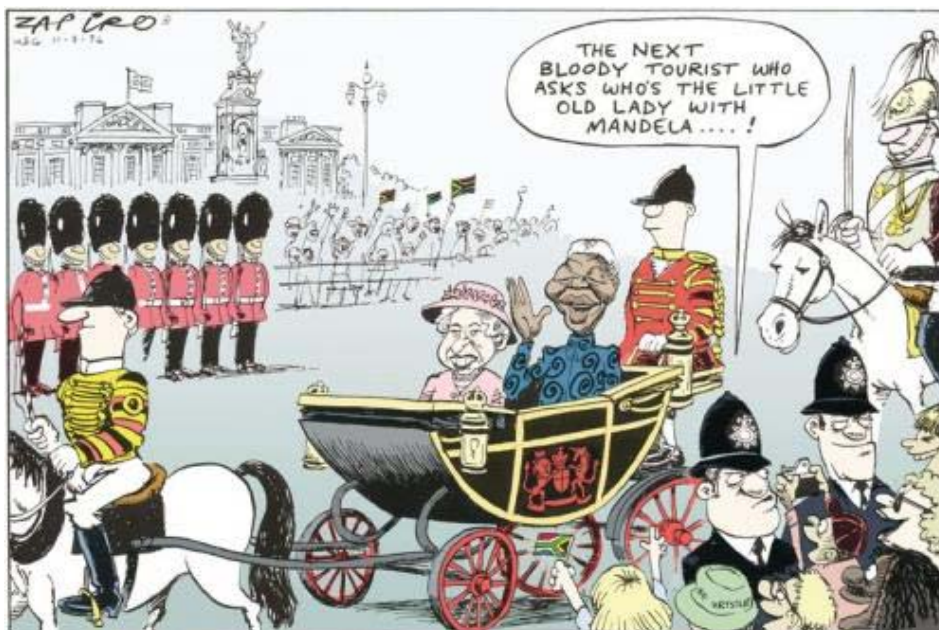
Como podemos perceber, nas figuras 5 e 6 há uso da expressão “velho amigo” (old friend). Enquanto na charge de Zapiro (Figura 5) o termo designa uma separação - a partida de Sisulu -, no desenho de Findlay, a partir de uma visão religiosa, acontece um reencontro - Mandela vai para o céu, lugar onde estão os seus amigos, falecidos

anteriormente. Luthuli e Dube também são personagens referenciais da história política sul-africana.

Albert Luthuli é considerado um dos principais líderes do CNA. Antecessor de Oliver Tambo, ele presidiu o partido até 1967, quando morreu após ser atropelado por um trem. A versão oficial de sua morte é contestada e até hoje não foi inteiramente esclarecida. Luthuli era militante contrário ao imperialismo, colonialismo e racismo. Por seus esforços contra o fim do regime de segregação racial, recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1960. Já Dube, que também presidiu o CNA, foi uma das principais vozes dissonantes à Lei de Terras, assinada em 1913. No ano seguinte, ele foi um dos delegados do país que viajaram a Londres para protestar contra a referida normativa.

A figura 7 - *1996: Mandela visits The Queen* (1996: Mandela visita a Rainha) - foi publicada por Zapiro no dia 12 de julho de 1996, no jornal *Mail & Guardian*. A charge destaca o prestígio internacional conquistado por Nelson Mandela nos anos em que esteve encarcerado.

Figura 7



Fonte: Africartoons (1996).

O cenário representado pelo artista mostra Madiba ao lado da Rainha Elizabeth II em um passeio na carruagem real pelas ruas de Londres. A cidade foi recriada a partir de sua arquitetura e, sobretudo, pela presença de guardas ingleses logo no primeiro plano. No canto inferior direito há dois guardas responsáveis pela segurança de Nelson

Mandela e da Rainha Elizabeth. Este encontro seria impossível durante os anos de segregação racial, já que ela representa o poder real na Inglaterra, um dos principais povos de ascendência dos brancos sul-africanos. A figura 7 é a representação da fotografia abaixo (figura 8).

Figura 8



Fonte: Associated Press (1996).

Elizabeth II é a atual matriarca de um país que espalhou colônias por todo o mundo, entre elas a própria África do Sul. Como já mencionamos anteriormente, há dois guardas dispostos no canto inferior direito, responsáveis pela segurança das lideranças nacionais que estavam logo atrás na carruagem. Até que um deles menciona: “*The next bloody tourist who asks who's the little old lady with Mandela...!*” (“O próximo turista maldito que perguntar quem é a velhinha com Mandela...!”). A charge tem o objetivo de destacar o carisma de Mandela e o reconhecimento que o público tem para com ele. O texto proposto pelo chargista atribui uma importância maior ao líder africano do que à Rainha em seu próprio reino. Zapiro transmite a ideia de que os turistas e populares que ali estão aglomerados esperam para ver Mandela, um africano em visita ao continente europeu, e não a Rainha Elizabeth II.

A charge trata com bom humor um fato real; realmente ele esteve no Reino Unido e em outros países europeus em comitivas presidenciais em julho de 1996. Viagens internacionais são condutas recorrentes de um chefe de Estado, principalmente de uma nação que passava por um processo de transição tão grande quanto à África do Sul. Segundo Zapiro (2009), Mandela sempre era celebrado quando viajava a outros países. No entanto, esta

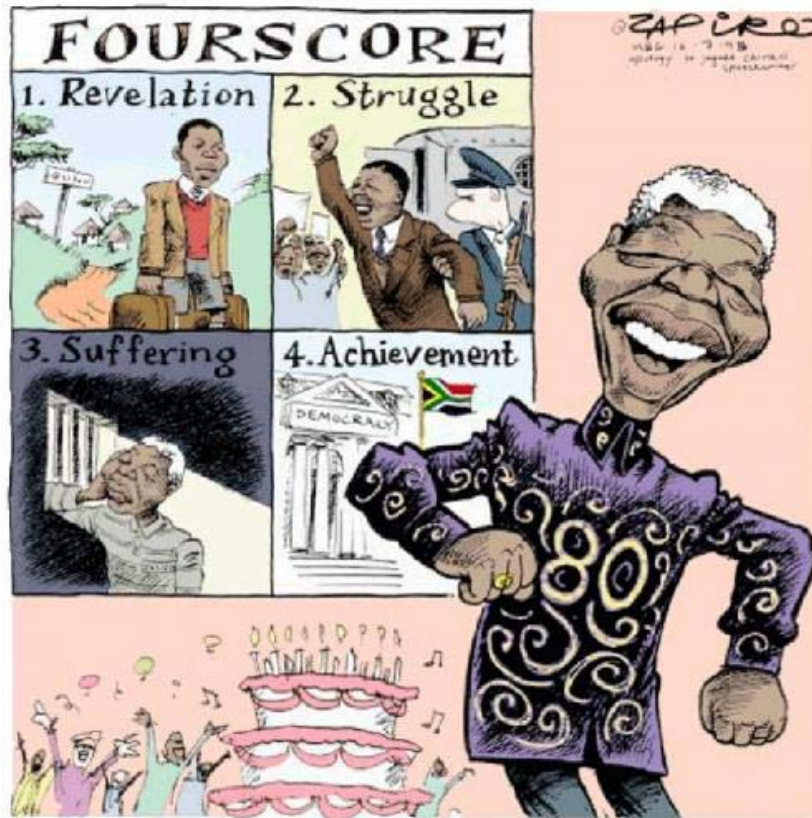
excursão à Europa destacou-se como um sucesso particular. O chargista aponta que muitos sul-africanos e muitos britânicos conservadores esqueceram a antipatia que por anos nutriram contra o movimento contrário ao regime de segregação e ao próprio Mandela.

Cerca de dez anos antes da publicação desta charge, a ex-primeira ministra da Inglaterra, Margaret Thatcher, o chamava de terrorista. Lideranças inglesas consideravam que o líder negro deveria ser fuzilado e que o seu objetivo era transformar o país em uma ditadura comunista negra. A África do Sul presidida pelo *apartheid* encontrava no Reino Unido um aliado. A mesma condição se apresentava em relação aos Estados Unidos. Até 2008, Mandela e outras lideranças do CNA permaneciam na lista de terroristas organizada pela Agência Central de Inteligência Americana (CIA). Segundo informações publicadas pela revista *Exame*, este órgão de inteligência norte-americano ajudou na prisão de Madiba ao infiltrar um agente no CNA, responsável por fornecer dados às autoridades do *apartheid* para que ele pudesse ser seguido.

Zapiro (2009) destaca que a chegada de Mandela na Europa foi um triunfo. A comitiva real com a presença de Madiba foi transmitida para o mundo todo. O primeiro presidente negro da África do Sul foi recebido e referenciado por multidões. O chargista declara que não é fã da realeza, mas classificou o episódio como emocionante. O sul-africano destaca que a figura 7 é uma de suas charges preferidas. Esta charge, assim como na figura 5, se apresenta como uma espécie de homenagem ao então presidente. Não percebemos menções satíricas ou críticas à conduta de Mandela nessas duas imagens (Figuras 5 e 7).

A figura 9 - *Fourscore - Mandela's First Eighty Years* (“Oitenta - Primeiros Oitenta Anos de Mandela”) - foi publicada no dia 16 de julho de 1998, no jornal *Mail & Guardian*. Assim como na figura 3, temos uma homenagem chágica ao aniversário do líder negro. O agendamento do aniversário de Nelson Mandela no trabalho de Zapiro, antes da instituição do *Mandela Day*, reforça a importância simbólica da figura política para o chargista e para o país. A charge, considerada um texto de humor e focado na crítica política, provavelmente retrataria a comemoração de mais um ano de vida a partir do escárnio, tornando tal situação ridícula.

Figura 9



Fonte: Africartoons (1998).

O que nos parece até este momento da análise é que Zapiro, por vezes, pretende construir uma imagem de Mandela à prova de críticas e de repreensão. Há todo momento - e ainda em charges que não celebram o aniversário do líder negro, como a figura 7 - há uma representação positiva do primeiro presidente negro. Ainda que possamos considerar que o chefe popular historicamente represente um partido de oposição, no momento em que esta charge foi produzida, ele era caracterizado como o líder máximo da política sul-africana, o chefe de Estado. A posição de apoio de Zapiro ao presidente também não é isenta; talvez esta justifique e se apresente com o objetivo de incentivar o governo de transição, já que a situação no país era instável. De qualquer forma, podemos levantar como uma primeira constatação que Nelson Mandela tem uma representação chágica diferenciada quando discutimos o universo político, principalmente em comparação ao brasileiro.

A figura 9 divide a vida de Mandela em quatro grandes fases: revelação (*revelation*), luta (*struggle*), sofrimento (*suffering*) e conquista (*achievement*). Na imagem as fases se sucedem e terminam com a comemoração do líder negro, trajado com estampas sul-africanas e também festejado pela população branca e negra presente no canto inferior da imagem, próximo ao bolo de aniversário.

Na primeira fase, a revelação, nos deparamos com Mandela deixando a província de Qunu em direção a Joanesburgo, um das áreas centrais da África do Sul. Este quadro simboliza o primeiro contato de Nelson Mandela com a segregação racial, oriunda do *apartheid*, e o início de seus estudos no campo do Direito. Foi em Joanesburgo que Madiba se aproximou do CNA e começou a sua militância política (segunda fase - luta). Sua oposição ao governo racista o levou à cadeia e o tornou referência no combate aos crimes raciais em todo o mundo. Durante os anos em que permaneceu encarcerado, Mandela recebia homenagens internacionais por sua conduta pública. No entanto, é importante ressaltar que a luta do CNA é anterior aos seus principais líderes. O partido foi fundado em janeiro de 1912, anterior mesmo à Lei de Terras, promulgada em 1913, que restringia uma pequena parcela do território sul-africano à população negra.

A terceira fase, o sofrimento, representa os 27 anos em que o sul-africano permaneceu preso. Mais do que o distanciamento da família e a privação da liberdade, acreditamos que o objetivo de Zapiro tenha sido o de destacar a forma como ele saiu da prisão. Mandela buscou se reconciliar com aqueles que o condenaram à prisão e fazer a transição para um governo que integrasse os mais distintos grupos raciais presentes no país.

A quarta e última fase diz respeito à eleição do líder negro como o primeiro presidente escolhido em um pleito multirracial. A charge é de 1998. Mesmo após quatro anos como chefe de Estado não há críticas no argumento de Zapiro. Talvez, o chargista pudesse aproveitar a data para fazer um balanço do mandato, mas não é o que acontece. A vida de Mandela é apresentada pelo chargista como irretocável, algo admirável. Percebemos que ele é representado em diversos momentos como um herói nacional. O título da charge parece conceder um grau de eternidade ao líder negro. O chargista menciona os primeiros 80 anos de Mandela, como se fosse possível a um ser humano viver muito além desta marca... Zapiro (2009) classifica a comemoração dos 80 anos de Mandela como o *big birthday* (grande aniversário). Acreditamos também que grande parte do simbolismo da data se deve ao fato de 80 anos ser uma marca expressiva aos sul-africanos, tendo em vista a baixa expectativa de vida.

A figura 10 - *Free Mandela from these guys* (Liberte Mandela destes caras) foi publicada após a retirada de Mandela da vida pública, em 21 de setembro de 2009, no jornal *The Times*. O argumento destaca a importância simbólica do líder negro no universo político sul-africano e, sobretudo, no CNA. Pela sua trajetória política e pelos grandes feitos em seu mandato, como a Comissão da Reconciliação e Justiça, o apoio de Madiba acarreta muitos benefícios aos aspirantes políticos.

Figura 10



Fonte: Site Zapiro (2009).

A charge acima foi produzida poucos meses após a vitória de Jacob Zuma nas eleições presidenciais. Assim como o seu antecessor, Thabo Mbeki, o líder *zulu* usou de sua proximidade com Mandela como um dos trunfos para a sua campanha. Muito provavelmente, Zuma se apresenta como o presidente mais controverso da África do Sul, e tudo isso se dê por sua vida privada que é marcada por escândalos.

Os desenhos têm o objetivo de reproduzir um pronunciamento público de Zuma, semelhante a um comício. Logo acima de seus aliados políticos dispostos no fundo da imagem há um cartaz escrito Madiba. Ao lado do apelido do chefe há o símbolo do CNA, o que podemos considerar que a charge simbolize uma conferência do partido. Não há como questionar a importância desta sigla no cenário político sul-africano. Além de se destacar historicamente como uma força coletiva de oposição, o partido permanece no poder majoritário há 20 anos, com três representantes distintos em eleições apontadas como democráticas. No entanto, especialistas consideram Mandela uma figura importante para a união no interior do partido; aquele que congregava líderes com objetivos vastamente distintos. Os mais pessimistas consideram que a morte do líder negro pode resultar em uma implosão no interior da sigla. Um exemplo latente desta divisão interna foi a crise desencadeada após a cassação de Zuma em 2005, quando este ocupava o cargo de vice-presidente no governo de Thabo Mbeki.

O que nos parece mais interessante nesta charge e onde podemos encontrar leves traços de transgressão por parte do autor do argumento é a forma como as novas lideranças do CNA são tratadas pelo arcebispo Desmond Tutu, figura religiosa de grande importância no processo de transição do *apartheid* para a democracia multirracial. Devido ao papel de destaque do religioso no campo político sul-africano, o arcebispo que já havia sido homenageado com o Prêmio Nobel da Paz em 1984 por sua luta persistente em favor dos direitos dos negros e à implementação de uma política multirracial, foi escolhido por Mandela para coordenar um dos mecanismos mais enfáticos no objetivo de unificar o país: a Comissão da Reconciliação e Verdade. Nas palavras do próprio Tutu:

A comissão sul-africana é considerada um modelo inovador para construir paz e justiça. A força do processo esteve na participação pública. Uma característica importante foi a abertura, a transparência. As audiências públicas asseguraram que os sul-africanos ficassem sabendo das atrocidades cometidas durante os anos do *apartheid*. A comissão foi confrontada por um número de desafios, uma vez que não foi aceita por todas as partes do conflito. Os altos escalões militares não cooperaram. Políticos importantes do antigo governo e líderes do aparato de segurança tampouco. No caso dos movimentos de libertação [como o CNA], argumentaram que, dado que tinham conduzido uma "guerra justa", não precisariam pedir anistia, já que suas ações não constituíam graves violações de direitos humanos. Foi preciso haver considerável convencimento para que eles participassem. A magnanimidade mostrada por algumas pessoas foi incrível. Recusaram a possibilidade de vingança e abraçaram o perdão e a reconciliação. Creio que, sem esse processo, nosso país teria experimentado um conflito social inimaginável (TUTU apud ZANINI, 2010).

Tutu já criticou abertamente o partido por sua forma de conduzir o país. Segundo a liderança religiosa, a transformação social é um processo demorado, levando em consideração que as diferenças econômicas entre as classes resultam de décadas de *apartheid*, a partir de uma sistemática opressão de gerações. No entanto, isso não significa a tolerância à “corrupção, enriquecimento pessoal, clientelismo, más decisões quanto à AIDS e a outros problemas que afligem nossa nação” (TUTU apud ZANINI, 2010). Tutu aponta a África do Sul como o país mais desigual do mundo. Além disso, o sul-africano também mostrou o seu descontentamento com o crescimento da corrupção.

A camiseta vestida pelo arcebispo na figura 10 faz uma analogia aos movimentos populares que lutavam pela libertação de Nelson Mandela na década de 1980, nos quais o próprio Desmond Tutu era uma figura de destaque. A frase “Mandela livre” (*Mandela free*) simbolizava mais do que a libertação do líder negro, mas também uma esperança para toda a nação sul-africana. Neste caso, a liberdade que Zapiro problematiza é a utilização frequente da imagem do líder negro pelas novas lideranças do partido, os quais ele aponta como oportunistas. Nelson Mandela abandonou a carreira política com boa aprovação

popular, após um mandato de cinco anos. Antes de se retirar da vida pública, ele ainda se ocupou com trabalhos assistenciais voltados principalmente às crianças e aos portadores do HIV. Ter Mandela como aliado é um grande começo para quem pretende se lançar como candidato.

No *site* oficial do chargista, do qual a figura 10 foi retirada, o texto apresentado é o seguinte:

Mandela se retirou oficialmente da vida pública, mas o seu nome, imagem e presença ainda são procurados, com celebridades que querem conhecê-lo e do Congresso Nacional Africano buscando seu apoio contínuo. As charges de Zapiro mostram como Mandela foi 'sequestrado' por Zuma e seu próprio neto (SHAPIRO, 2009)³⁸.

A fala atribuída a Tutu, *Free Mandela from these new guys* (Livro Mandela destes novos caras), assim como o texto anterior, aponta diretamente para a utilização excessiva da imagem de Mandela. Zapiro chegou até a falar em sequestro. O primeiro personagem que podemos identificar neste quadro chágico é o próprio Zuma. Apesar de se classificar como um seguidor dos passos de Mandela, o mandato do atual presidente tem acumulado uma série de polêmicas. Em 2006, Zuma foi réu em um julgamento de suposto estupro, e apesar de ter sido inocentado, a acusação parece ainda ressoar no imaginário coletivo sul-africano. Além disso, não podemos deixar de destacar que ele carrega acusações frequentes de corrupção e de não colaborar com as ONGs responsáveis pela conscientização da população contra os riscos da AIDS.

No canto esquerdo, com uma camiseta escrita *zumarites*, o que acreditamos significar algo como partidário do Zuma, Zapiro representa Gwede Mantashe, secretário-geral do CNA. Pela posição que ele ocupa no partido do atual presidente sul-africano, acreditamos que eles tenham uma relação de bastante proximidade. Mantashe também é membro e presidente do Partido Comunista Sul-Africano. Com o declínio do CNA, a partir das acusações de corrupção de Mbeki e Zuma, os membros de seu alto escalão estão cada vez mais expostos. O que nos parece estranho, e até mesmo contraditório, é que Gwede Mantashe possua dois cargos de relevância em duas siglas partidárias, que, ainda que sejam aliadas, são distintas.

Ainda no canto esquerdo, ocupando a segunda cadeira, está Julius Malema, um jovem político sul-africano com uma conduta bem controversa. Zapiro frequentemente o

³⁸ Traduzido pela autora. Nas citações diretas, optamos por utilizar o nome do chargista. Seguimos o padrão apresentado nos livros publicados por Zapiro.

chama de “vestido em fraldas”, destacando sua personalidade que considera imatura. Malema é o atual comandante dos Combatentes da Liberdade Econômica (CLE), movimento político sul-africano, criado em 2013. Segundo a descrição do *site* oficial desta organização, o CLE é um movimento que visa a emancipação econômica e militante da África do Sul. Na descrição do próprio grupo, o CLE é composto por revolucionários, ativistas destemidos, radicais, militantes, movimentos de trabalhadores, ONGs, organizações comunitárias e grupos de pressão.

Malema é ex-presidente da Liga da Juventude do CNA e em 2012 foi oficialmente expulso do partido. Submetido a treinamento militar desde os 14 anos, também foi combatente em seu braço armado. Aliado de Jacob Zuma, ele foi acusado de fazer campanha para o então candidato à presidência do país em enfermarias de hospitais. Descrito como o “futuro líder” do país pelo atual presidente, é percebido como um “populista irresponsável” por outros setores da sociedade. Em mais de uma ocasião, Malema foi acusado de reacender o ódio racial no país.

A mulher presente na figura 10 não corresponde a nenhuma figura específica. Com uma camiseta escrita “os puxa-casos” (*the hangers-on*), Zapiro pretende retratar todos os políticos que utilizam a imagem de Mandela apenas para se manter ou conquistar o poder. Como já mencionamos anteriormente, a figura do líder negro é uma imagem referencial para o desenvolvimento político do país.

O último personagem que conseguimos identificar nesta charge é Mandla Mandela, neto do primeiro presidente negro sul-africano. O jovem é membro do Parlamento Sul-Africano, com uma cadeira do CNA, desde 2009. Para Zapiro, Mandla é uma personalidade política controversa e que se utilizou do nome e da influência de seu avô para ter sucesso no campo político. Em 2013, o chargista e o político entraram em conflito após uma charge publicada sobre o frágil estado de saúde de Mandela, conforme já mencionamos anteriormente. Mandla é o atual dirigente do clã de Madiba. Ele esteve próximo ao corpo de seu avô durante todo o funeral público. Em uma reportagem especial acerca do falecimento de Mandela, as jornalistas Tatiana Gianini e Tamara Fisch (2013) destacam que uma das falhas do líder negro foi confiar plenamente em seus herdeiros políticos.

O pai da democracia sul-africana falhou em transmitir plenamente seus ideais aos herdeiros políticos e aos familiares mais próximos. O seu partido, o CNA, está no quinto mandato presidencial consecutivo, apesar da alta criminalidade e dos escândalos de corrupção, e se esmera por consolidar sua hegemonia. Nos últimos anos, os filhos e netos de Mandela se dedicaram mais a explorar comercialmente o seu nome e a brigar pela administração dos seus bens do que a propagar os seus ideais. O neto mais velho, Mandla, chegou ao ponto de transferir de Qunu para sua aldeia, Mvezo, os corpos de três filhos do avô, na esperança de que ele decidisse ser enterrado lá³⁹. Por ordem judicial, os restos mortais foram devolvidos aos seus túmulos originais, e é em Qunu, onde passou a maior parte da infância, que Mandela terá o seu jazigo - como, aliás, sempre foi o seu desejo (GIANINI; FISCH, 2013, p. 136).

A figura 11 também aborda a utilização frequente da imagem de Nelson Mandela. A charge foi publicada em 19 de julho de 2011, no jornal *The Times*. A figura *Zuma's 67 minutes going to Madiba's 93nd Birthday Party* (67 minutos de Zuma indo à festa de aniversário de 93 anos de Madiba) analisa o *Mandela Day*, no entanto o foco do argumento é para a conduta de Jacob Zuma.

A charge recria o ambiente de uma casa, onde é possível ter contato com a natureza. Enquanto Zuma sai da residência com um avental e uma bandeja cheia de copos (o que o chargista utiliza para justificar que o presidente está entre as pessoas que vão trabalhar na festa; sua função é servir aos convidados; esta seria a forma que o atual presidente escolheu para celebrar os 67 minutos em favor ao próximo), Mandela está sentado em uma cadeira com um jornal nas mãos. No canto inferior esquerdo da imagem é possível visualizar uma série de convidados para a comemoração do aniversário de Nelson Mandela, ao lado de um bolo e de várias bexigas. A figura 11 é um argumento criado pelo chargista para criticar a condução política do país pelo atual presidente.

³⁹ O objetivo de Mandla era estimular o turismo em sua aldeia após a morte do avô, já que ele considera que o túmulo de Mandela se tornará um lugar de peregrinação.

Figura 11



Fonte: Site Zapiro (2011).

Segundo informações divulgadas no *site* do próprio chargista a respeito da charge, o argumento utilizou como ponto de partida a visita realizada pelo presidente ao líder negro em sua casa em Qunu, vilarejo em que Mandela passou a infância e onde está sepultado. Mandela está representado com uma camisa estampada, muito semelhante àquelas que ele começou a usar depois que assumiu a presidência do país.

Até o presente momento, as charges analisadas que incluíam a figura de Zuma não questionavam as suas ações enquanto chefe de Estado, mas principalmente como partidário do CNA. O que mais surpreende na imagem, de acordo com o nosso ponto de vista, é a crítica atribuída por Mandela aos atuais representantes do país. O líder negro propõe: *Very nice Jacob, but I have something else in mind for your 67 minutes* (Muito bom Jacob, mas eu tenho outra coisa em mente para seus 67 minutos). Ao insinuar sua pretensão de que Zuma utilize o tempo destinado a auxiliar o próximo de outra forma, ele se refere diretamente ao jornal que está em suas mãos. A manchete grafada em letras grandes e em negrito deixa claro o objetivo de Mandela quanto a Bheki Cele, Gwen Mahlangu-Nkabinde e Sicelo Shiceka, membros da equipe de Zuma acusados de corrupção e de mau uso do dinheiro público: retirá-los do governo e da administração pública sul-africana (*firethem!*). Não conseguimos achar nenhuma confirmação de que Mandela tenha feito alguma declaração semelhante a esta. Acreditamos, portanto, que Zapiro usou como ponto de partida o crescimento das acusações de desvios de dinheiro no governo de Zuma.

Bheki Cele é um dos membros fundadores da União Nacional para a Educação da África do Sul. Ele assumiu o cargo de Comissário Nacional dos Serviços de Polícia Sul-Africano em 2009 e permaneceu nele até 2011, quando foi suspenso após denúncias de corrupção. No ano seguinte a demissão foi oficializada. Cele também foi Membro do Conselho Executivo (MEC) para os Transportes e Segurança em KwaZulu -Natal. Gwen Mahlangu-Nkabinde teve um desfecho semelhante ao de Cele, após acusações da mesma natureza. Ela é ex-ministra de Obras Públicas e ex-vice-ministra de Desenvolvimento Econômico. Sicelo Shiceka também integrou o quadro ministerial de Zuma. Ele assumiu as pastas do Departamento de Governo Provincial (2008) e Local e do Governo Cooperativo e Assuntos Tradicionais (2009). Shiceka se indisputou com o CNA ao apoiar a formação da Associação do Governo Local Sul-Africano (AGLSA) (*South African Local Government Association* - SALGA). A AGLSA é um grupo autônomo de municípios, baseado na Constituição da República da África do Sul. A associação se apresenta como a voz e único representante do governo local, levando em conta a divisão política do país. Após acusações de gastar dinheiro público em despesas pessoais, deixou o Governo Federal. Sicelo Shiceka morreu em abril de 2012.

4.1 DISCURSO DISSONANTE: CRÍTICA A MANDELA?

Podemos perceber até este momento que a representação de Nelson Mandela no trabalho de Zapiro é positiva. Arriscamos considerar que Madiba é uma figura lembrada com carinho e admiração por grande parte dos sul-africanos e o mesmo acontece em grande parte da imprensa, até mesmo no trabalho de chargistas. Ponderamos que a afirmação de Tutu, apesar de estar marcada por um envolvimento pessoal, já que eram amigos íntimos e de longa data, traz em si muito daquilo que pode ser percebido a partir da conduta do primeiro presidente negro sul-africano. “Nunca na história da humanidade alguém foi reconhecido universalmente ainda em vida como a encarnação da magnanimidade e da reconciliação” (TUTU apud GIRALDI, 2013).

Talvez essa condição esteja intimamente ligada aos anos de luta e reclusão política que marcaram a história recente da África do Sul e dos quais o líder negro é apresentado como a principal força de oposição. Muito do que aconteceu no país, após 1994, é creditado diretamente a Mandela. Muitos especialistas em jornalismo internacional afirmam que o país só não passou por uma guerra civil graças ao perfil conciliador e à influência do líder negro no âmbito nacional e internacional.

Levando em conta o aspecto temporal, a figura 12 deveria ser a primeira imagem a compor a nossa análise. No entanto, percebemos que ela se diferencia das demais e por isso a escolhemos como a mais apropriada para finalizar este bloco que se refere diretamente a Mandela.

Figura 12



Fonte: Africartoons (1995).

A figura 12 foi publicada em 04 de maio de 1995, no jornal *Mail & Guardian*. Sem um título determinado pelo chargista, ela traz Nelson Mandela sentado em um trono, com trajes, expressões e gestos que agregam uma representação de divindade. Em um primeiro momento, consideramos que o argumento é extremamente positivo, no entanto, ela revela certa ambiguidade e apresenta uma leve crítica à conduta política do então presidente.

A figura de Mandela parece imóvel, como que uma estátua, das quais são dignas apenas as personalidades mais relevantes de uma sociedade. Zapiro o classifica como o *St Rolihlahla The Righteous* (São Rolihlahla - O Justo). Atribuir um grau de santidade a alguém, ainda mais no campo político, é uma condição rara, ainda mais quando tomamos como paradigma para esta afirmação o cenário político brasileiro. Acreditamos que isso também ocorra na África do Sul.

No entanto, podemos perceber que a cadeira (um trono) onde Madiba está sentado compõe um cenário natural; não está mantida em um palácio ou panteão. Este foi o recurso utilizado pelo chargista para compor a crítica. Compõem a imagem homens com uniformes e capacetes de segurança, além de um guindaste. No campo direito, com dimensões bem menores que as de Mandela (podemos entender que se trata de um homem comum), há, possivelmente, o engenheiro, o profissional responsável pela obra, atendendo a alguns jornalistas. A presença da imprensa indica que o fato é importante e que merece ser destacado. Durante a entrevista, o responsável pela obra destaca: *“It’s nothing serious - just the occasional slipped halo”* (Não é nada sério - apenas o escorregão ocasional da auréola). Este escorregão na auréola é um destaque à humanidade de Mandela, o que aponta a sua capacidade de se enganar e de cometer erros. Mandela mostrou à África do Sul que também era falível. Ainda que o chargista tenha se utilizado da ironia para produzir o seu argumento (a presença do guindaste para colocar o arco em seu devido lugar), ela é bem sutil. A crítica é amena.

Mesmo quando é recriminado por sua conduta, o argumento é precedido por um elogio. Zapiro apresentou Mandela como um deus (perfeição), para afirmar que na verdade ele é humano e também erra. O chargista destacou que este argumento foi motivado pela nomeação contraditória de um companheiro de luta. A partir desta informação e das apresentadas por Zapiro (2009), acreditamos que se trate de Allan Boesak. Conforme o chargista mesmo destaca,

This is cartoon - my first overtly critical cartoon of Mandela - represented something of a personal crisis for me. Mandela’s occasional departures from his prepared scripts had his political advisers cringing and doing damage control. He was known to come up with some eccentric off-the-cuff suggestions every now and then - such as when he suggested before the first election that 14-years-olds should have the vote - causing party members to shake their heads from time to time. But his failure to take a firm stand on the Boesak issue drew attention to his fallibility. Realizing that the patriarch of our new nation was fallible was a bit like being a teenager and coming to realize that your own father can make mistakes – scary, but also liberating in a way. I remember thinking very carefully about this cartoon and about the use of the irony as a form of affectionate criticism, knowing that he was likely to see this cartoon. It was like addressing Mandela and saying: ‘We revere you – don’t give us cause to criticize you’ (ZAPIRO, 2009, p. 60)⁴⁰.

40 Esta charge - o meu primeiro desenho abertamente crítico de Mandela - representava algo de uma crise pessoal para mim. Mandela teve partidas ocasionais de seus conselheiros políticos, encolhendo e fazendo o controle de danos. Ele era conhecido por sua pouca preparação e por chegar a algumas excêntricas sugestões de vez em quando - como quando ele sugeriu antes da primeira eleição que o voto deveria ser com 14 anos - fazendo com que os membros do partido agitassem as suas cabeças em sinal de discordância. Mas sua incapacidade de tomar uma posição firme sobre o caso de Boesak chamou a atenção para a sua falibilidade. Percebendo que o patriarca da nossa nova nação era falível era um pouco como ser um adolescente começando a perceber que o seu próprio pai pode cometer erros - assustadores, mas também libertador de certo modo. Eu me lembro de pensar com muito cuidado sobre a charge e sobre o uso da ironia como uma forma de crítica carinhosa, sabendo que provavelmente ele o veria. Era como abordar Mandela, dizendo: "Nós reverenciamos você - não nos dê motivos para criticá-lo".

Allan Boesak é um clérigo sul-africano com passado de militância política. Na década de 1980, ele se destacou como uma das principais vozes contrárias ao *apartheid*. Membro da Igreja Reformada Holandesa para negros rejeitou o uso da religião como uma cultura racial e discriminatória. Durante o regime de segregação racial, a religião se destacou como um forte argumento para a manutenção do sistema. Muitas vezes, as crenças fundamentavam e justificavam as medidas segregacionistas. A principal expressão racista no âmbito da religião era a Igreja Reformada Holandesa. Assim como acontecia com as outras instituições sociais, no campo religioso também havia a separação racial das crenças. Em Carlin (2009, p. 109) há a seguinte descrição:

De acordo com o livro intitulado *Biblical Aspects of Apartheid* (Aspectos Bíblicos do Apartheid), publicado em 1958 por um teólogo eminente da Igreja Reformada Holandesa, a Lei de Zonas de Grupos se aplicava à vida depois da morte também. O livro confortava os sul-africanos brancos que temiam ter que se misturar aos negros no céu. Não havia porque se preocupar. O livro lhes garantia que a Bíblia dizia que: “Na casa de meu Pai há muitas moradas”.

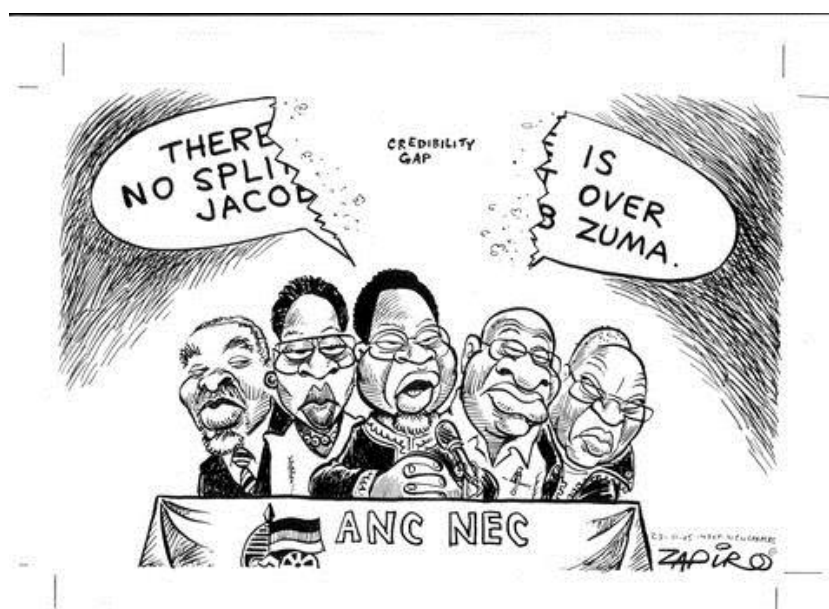
O religioso foi um dos apoiadores da Frente Unida Democrática (FUD), que ganhou notoriedade no combate à segregação racial. A militância política aproximou Boesak do CNA e dos protestos pela liberdade de Mandela. A conduta pública do clérigo começou a ganhar contornos controversos na década de 1990, quando foi acusado de desviar mais de meio milhão de dólares arrecadados por igrejas e grupos de ajuda internacionais destinados à doação. Mesmo com as acusações, ele continuou a ter o apoio do Governo do CNA que o considerava inocente. Em 1997, ele foi preso em Cape Town e dois anos mais tarde foi condenado a seis anos de reclusão em três acusações de roubo e uma de fraude. Após cumprir menos de um ano, Boesak recebeu o perdão presidencial.

5 THABO MBEKI: PRESSÃO POLÍTICA E DECLÍNIO DO CNA

Apesar de o chargista ter comentado abertamente que o seu trabalho se direcionou para assuntos mais políticos durante o mandato de Thabo Mbeki, motivado pelo crescimento da corrupção, consideramos que o crescimento desta abordagem é ainda mais recente e pode ser mais percebida em Zuma.

Na primeira charge escolhida sobre a representação de Mbeki, Zapiro destacou o racha no interior da sigla, motivado pela cassação do mandato de Zuma, vice-presidente. A figura 13 foi publicada no jornal *Independent Newspaper*, em 23 de novembro de 2005, com o título *No split over Jacob Zuma in the ANC NEC* (Jacob Zuma, não divida o Comitê Nacional do CNA). Apesar das pesquisas, não conseguimos identificar as personagens representadas, além de Mbeki e Zuma. No entanto, há a presença de uma bancada com a identificação da sigla. Percebemos que o então presidente do CNA, Mbeki, e Jacob Zuma, eleito para o mesmo cargo três anos mais tarde, estão cada um em uma das extremidades da mesa. A separação e a expressão facial indicam que a situação entre os dois é de ruptura.

Figura 13



Fonte: Africartoons (2005).

Mbeki e Zuma ocupavam, respectivamente, os cargos de presidente e vice-presidente da África do Sul entre os anos de 1999 e 2005. Os dois se destacaram no interior da sigla como grandes militantes contrários ao *apartheid*. Talvez Mbeki ocupasse um

lugar ainda mais privilegiado por ser filho de Govan Mbeki, por ter governado o país ao lado de Nelson Mandela e sucedido o primeiro presidente negro no comando do país. Com Mbeki e Zuma no poder, o CNA ganhava destaque por colocar mais dois militantes contrários ao antigo regime no poder. Entretanto, as acusações de corrupção cresceram no país após o governo de Nelson Mandela até que, em 2005, Mbeki cassou o mandato de seu vice, baseado nessas alegações.

Segundo a revista *National Geographic*, a decisão causou um cisma no interior da sigla, contrariando os apoiadores de Zuma. Também junto à população, o ato não alcançou o retorno almejado pelo chefe de Estado. O seu objetivo era o apoio geral da opinião pública e um fortalecimento da sua imagem. A publicação destaca que a decisão de cassar Zuma trouxe fortes consequências ao governo de Mbeki, que deixou o cargo após perder apoio e ser pressionado pelo CNA. Em contrapartida, o afastamento de Mbeki da presidência também revoltou uma parcela da sigla, que criou um novo grupo político, o Congresso do Povo (Cope). O partido ficou em terceiro lugar nas eleições de 2009, atrás apenas do CNA e da Aliança Democrática.

Outro fato que culminou para acirrar ainda mais a relação entre os dois políticos, de acordo com o jornal *Mail & Guardian*, foi a reabertura de um processo contra Zuma, mediante acusação de corrupção. Segundo a Promotoria sul-africana, o caso não teve continuidade anteriormente porque o acusado era irrelevante em termos políticos. Para Zuma, a continuidade deste processo foi estimulada por Mbeki, como um meio de impedir que ele disputasse as eleições majoritárias em 2009. Em setembro de 2009, o processo foi encerrado por falta de fundamentos. Segundo o judiciário sul-africano, a reabertura do processo teve mesmo motivações políticas. Embora pouco material ainda tenha sido analisado, percebemos que Zapiro dá destaque ao enfraquecimento desse partido, que foi o principal representante político de oposição durante a vigência do *apartheid*. Um argumento semelhante foi utilizado pelo chargista nas figuras 4 e 10. Historicamente, o CNA é lembrado como uma forte expressão negra no interior da África do Sul, bem como em todo o continente.

Podemos considerar que a divisão entre os dois líderes negros trouxe perdas para os dois lados. Se Mbeki foi retirado do cargo de presidente e também deixou a chefia do partido por pressões de seu ex-companheiro e atual adversário, Zuma e o CNA também saíram arranhados da situação. A sigla perdeu partidários que formaram o Cope e teve uma redução nos votos e no índice de aceitação dos sul-africanos.

Na figura 13, Zapiro reproduz vários personagens com o intuito de destacar as lideranças do CNA. Percebemos que a pessoa que comanda a reunião do Comitê Executivo faz uma assertiva de que não há divisão frente à retirada de Zuma do Governo, afirmando que *There is no split over Jacob Zuma* (Não há divisão sobre Jacob Zuma). Quando o representante do partido afirma que não há divergências sobre a cassação de um membro de um cargo do alto escalão, ele endossa a atitude de Mbeki.

Do ponto de vista histórico, esta condição faria sentido, até porque o presidente do país, nesse caso, também era o líder máximo do partido. Entretanto, a reprodução do balão é contraditória ao discurso; ele está quebrado. Enquanto o texto sugere que a decisão de Mbeki foi aceita pelos militantes do CNA (união), o balão indica que a recepção foi negativa e que há uma cisão no interior do partido (separação). Esta dualidade entre o balão e o discurso descredencia a posição partidária. O chargista deixou implícito ao leitor a ideia de que a afirmação feita pelas lideranças do CNA é falsa ou que não tem mais validade. Entre as duas partes do balão há um destaque para a expressão *credibility gap*, que significa falta de credibilidade. Para dar um tom mais humorado e transgressivo à charge, podemos observar Mbeki tentando espiar a reação de Zuma no outro lado da mesa. O ex-vice presidente aparece descontente e contrariado.

Zapiro propõe uma crítica ao discurso e à conduta do CNA. Aqui podemos nos debruçar sobre a própria figura de Mbeki que recebia várias críticas em seus mandatos, inclusive acusações de corrupção. A falta de credibilidade, ou melhor, a quebra de credibilidade do CNA conquistada ao longo de anos é um ponto de discussão na África do Sul contemporânea e também na política internacional, levando em consideração o grau de influência do partido no país.

A figura 14 destaca mais uma vez a rivalidade entre Mbeki e Zuma. Pelo que se pode perceber, a cassação do vice-presidente tornou-se um dos maiores fantasmas do segundo mandato de Mbeki. As consequências desta decisão e o crescimento da influência de Zuma na presidência do CNA, após as eleições realizadas no final de 2007, foram culminantes para sua renúncia, após forte pressão da sigla. A charge *The Thinker and the Poser* (O Pensador e o Poser) foi publicada no jornal *Independent Newspapers*, em 05 de novembro de 2006.

Figura 14



Fonte: Site Zapiro (2006).

Zapiro recorre ao repertório social para a construção deste argumento, reforçando a natureza intertextual da charge. Ele parte da estátua mundialmente conhecida de Auguste Rodin, “O Pensador”, e a caracteriza como Mbeki. Para fazer a contraposição a uma figura que historicamente se dedica a práticas intelectuais, ele insere um falsário que se aproveita das circunstâncias para alcançar visibilidade, “o Poser”. Zapiro representa o então presidente em um momento de leitura e com um livro nas mãos. Talvez, este prazer pela leitura seja real e tenha sido estimulado ainda na infância, já que os seus pais eram professores. Segundo a biografia do político disponível no *site* oficial do CNA, Mbeki começou a ler muito jovem. A *National Geographic* destaca que Mbeki é um *xhosa*, da província de Cabo Oriental, com alto grau de instrução. Já Zuma é um *zulu* sem educação formal e que passou mais de uma década preso na Ilha Robben por sua oposição ao *apartheid*.

No canto direito do quadro, o chargista representou Jacob Zuma. A expressão “poser”, uma gíria decorrente da língua inglesa, tem o objetivo de descrever alguém que faz pose, que interpreta determinado ato. Zuma está com um microfone em suas mãos, cantando. Ao seu lado, o chargista apresenta qual personagem será apresentado naquele dia: o herói da classe trabalhadora (*Today's pose: Working Class Hero in Gucci*).

Se nos atentarmos à representação de Zuma nas figuras 13 e 14, percebemos que a caricaturização do político sofreu algumas alterações a partir de 2006. Este assunto será abordado com mais detalhes na análise das figuras que se referem ao atual presidente (No

entanto, desde que Zuma disse que uma ducha é suficiente para evitar a contaminação do HIV, Zapiro adicionou um chuveiro na cabeça do presidente e passou a chamar de *Zuma Shower*).

Acreditamos que esta figura não teve o objetivo de elogiar a conduta de Mbeki, ao contrário, há uma crítica do distanciamento dele frente à população. A partir de nossas pesquisas, consideramos que não há uma identificação de grande parte dos sul-africanos com sua figura, assim como acontecia no governo anterior. Na charge percebemos que apenas duas pessoas olham para a estátua de Mbeki, enquanto vários correm para Zuma. Entre os observadores de Mbeki, um declara: *Eish too high brow! Just does n't speak to me!* (Opa, muito acima *mano!* Não fale comigo!) enquanto o outro segue olhando a estátua.

O diálogo nos faz compreender o estabelecimento de uma comparação entre os dois líderes negros. Enquanto o homem que contempla Mbeki o considera superior a Zuma, o que está ao seu lado é irônico, pois afirma que não há diferença entre eles. Indignado com a reação do amigo, ele segue andando e pede que o partidário do líder negro não lhe dirija mais a palavra. Zapiro é irônico por usar dois estereótipos completamente distintos para estabelecer uma crítica. Mais do que a desaprovação com Mbeki e Zuma, o chargista estabelece uma crítica à forma como o maior partido do país era dirigido.

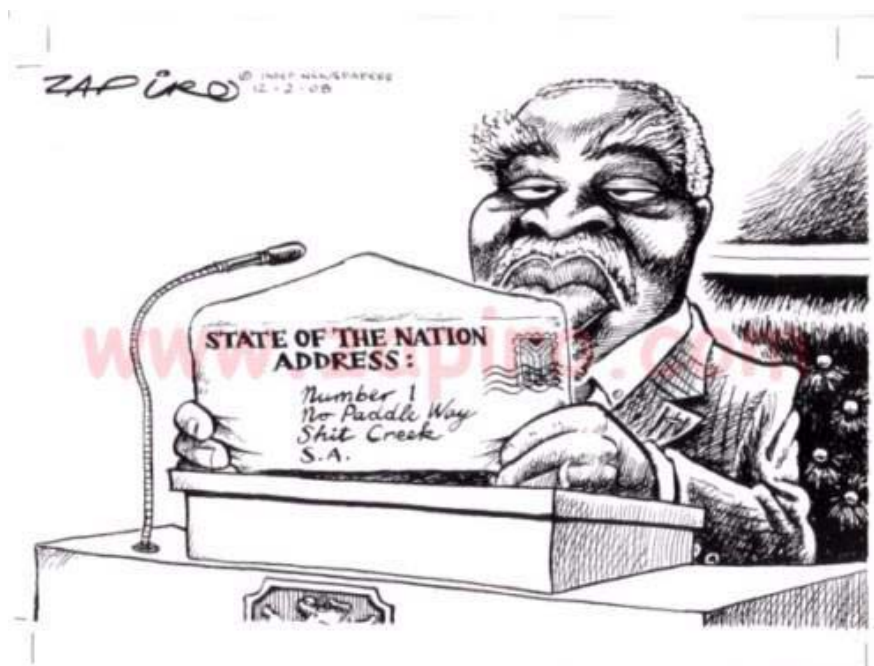
As identidades de Mbeki e Zuma não poderiam ser mais distintas na representação de Zapiro. Enquanto o primeiro era um político reservado e distante dos eleitores, o segundo era taxado como populista. Esta percepção também está presente entre os analistas políticos sul-africanos, de acordo com o *site* da *BBC*. Em contrapartida, no interior de seu partido, o ex-comunista é reconhecido por ter um tom conciliador. Na esfera econômica, ele é temido pelos investidores e pelo Mercado. Esta condição pode ser facilmente compreendida quando analisamos o crescimento do país sob a liderança de Mbeki, chegando a 6% em 2006. Enquanto se preocupava com o desenvolvimento econômico, o presidente não se atentou devidamente às questões sociais. No campo da saúde, foi bastante omissivo com a AIDS. A sua conduta foi caracterizada como o "genocídio por negligência".

A crítica de Zapiro a Zuma apresentava neste momento uma desconfiança com o futuro do país, já que o chefe *zulu* se afirmava como o sucessor de Mbeki nas próximas eleições. A postura de Zuma era vista como mentirosa e interessada apenas em conquistar o seu espaço na administração do país e também do CNA.

A charge abaixo (Figura 15) foi produzida em 12 de fevereiro e publicada no *Independent Newspapers*, com o título *Mbeki's State of the Nation Address* (Estado de Mbeki, endereço da Nação). A palavra "estado" aqui é um trocadilho; não se refere a uma

divisão geográfica, o que reconhecemos como um conjunto de países submissos à mesma legislação ou o conjunto de poderes políticos de uma nação, mas se trata da condição pessoal de Mbeki. A situação em que ele se encontrava. Com a eleição de Zuma para a presidência do CNA, o chefe do Executivo sul-africano começou a perder espaço.

Figura 15



Fonte: Site Zapiro (2008).

Como já mencionado, o sistema eleitoral sul-africano tem algumas particularidades em relação ao brasileiro. Primeiramente, no caso específico para a eleição do presidente, um membro do partido é indicado como o presidente, o chefe do partido. Ele é apresentado aos eleitores como candidato, mas o seu mandato só é confirmado após o pleito, em uma eleição interna no Parlamento. A população, quando vai às urnas, não vota diretamente no candidato, mas no partido. Após a escolha da sigla, o candidato é apresentado ao Congresso e escolhido posteriormente, após alcançar a maioria simples. Neste caso, tornar-se presidente de um partido de grande expressão pública, como é o CNA, é ter a sua candidatura praticamente automática à presidência do país. Ao comentar os últimos anos de Mbeki como presidente do país, antes da escolha de Zuma para chefiar o partido e da renúncia, o jornalista Cristiano Dias (2007) afirmou que o fato de o presidente não ter escolhido um sucessor para o cargo de presidente do partido levou o CNA à maior crise interna desde a sua fundação.

Segundo o jornalista, o fato de não ter apontado herdeiros políticos no quadro do CNA, já seria um grande motivo para desencadear uma crise. A condição ficou ainda pior quando:

[...] [Mbeki] impedido pela Constituição de concorrer a um terceiro mandato, em 2009, falou em candidatar-se à presidência do Congresso Nacional Africano (CNA), principal partido sul-africano e fio condutor da luta contra o apartheid. Se isso acontecer - e ninguém descarta a possibilidade -, Mbeki passaria a comandar o país dos bastidores, colocando o próximo presidente em uma saia justa. A conta é fácil de entender. Como 90% da população é negra e o CNA foi o catalisador da resistência ao regime branco, o partido tem uma fatia cativa de pelo menos 65% do eleitorado. Ou seja, ser presidente do CNA e da África do Sul é praticamente a mesma coisa (DIAS, 2007).

Para Dias (2007), Mbeki era o sucessor imediato de Nelson Mandela. Com a aposentadoria do líder histórico da sigla, Mbeki passou a ser a figura mais importante do CNA. Acreditamos que a intenção do partido em colocar Zuma como o vice em sua chapa tenha sido o de repetir esta fórmula: lançá-lo como sucessor natural do então presidente. Quando Mbeki foi indicado para a presidência, em 1999, o CNA obteve 70% das vagas do Parlamento.

Na figura 15, Mbeki está em suas funções de presidente, enquanto segura em suas mãos um envelope que acabou de receber. O texto escolhido para o envio da carta é um trocadilho com a situação que o então presidente estava enfrentando. O número 1 se refere à importância do líder negro para o desenvolvimento do país, já que ele é o chefe de Estado. Ainda que o chargista tenha feito uma disposição diferenciada para que o texto pudesse ser compreendido como um endereço postal, o que ele quis dizer foi *shit creek without paddle* (em uma situação embaraçosa). De fato, a situação de Mbeki estava complicada. Ainda que o país acumulasse altos índices de desenvolvimento, as consequências da crise internacional começavam a atingir o país. Além disso, ele seguia isolado, sem apoio do partido.

Com o avanço da crise entre Mbeki e Zuma, Zapiro resolveu fazer uma brincadeira com a expressão do então presidente. Pelo que se pode observar na figura 16, o líder negro é apresentado como alguém pouco expressivo e que não costuma demonstrar e tornar explícitos os seus sentimentos com expressões faciais.

A charge começa com a ironia logo em seu título *The many faces of the Thabo Mbeki* (As muitas faces de Thabo Mbeki). Ela foi publicada no jornal *Mail & Guardian* em 29 de maio de 2008, menos de quatro meses antes de sua renúncia. Não encontramos muitas informações sobre este argumento, entretanto, percebemos que o

chargista parte de uma condição natural a Mbeki para fazer críticas ao seu sistema de governo.

Figura 16



Fonte: Site Zapiro (2008).

O chargista lança vários estados de espírito os quais resultariam em alterações na expressão de Mbeki: preocupado (*concerned*); encantado (*delighted*); angustiado (*anguished*); zangado (*angry*); jovial (*jovial*); severo (*stern*); extático (*ecstatic*) e indignado com xenofobia (*outraged by xenophobia*). Ainda que não tenhamos identificado indícios de que o presidente não tenha se preocupado com o crescimento da xenofobia, o país apresenta, desde o fim do *apartheid*, índices bastante altos dessa prática. Até mesmo pelo passado racialmente dividido do país são necessárias medidas abrangentes para evitar todas as expressões de preconceito e racismo. Os atos xenófobos recorrentes no país preocupou a direção da Fifa por ocasião da Copa do Mundo de 2010. O receio maior era de que os índices de violência crescessem com a chegada de turistas de todas as partes do mundo. No entanto, o evento não registrou incidentes desta natureza.

Seguindo na crise política de Mbeki, a figura 17, *The Mbeki Legacy* (O Legado de Mbeki) foi publicada em 29 de julho do mesmo ano, no jornal *Sunday Times*. Muito provavelmente, embora isso não apareça no quadro chárigo, este argumento teve o

objetivo de contrapor a conduta e os resultados dos governos de Mandela (cinco anos) e de Mbeki (nove anos, mas até aquele momento destacava-se o cumprimento do segundo mandato).

Figura 17



Fonte: Site Zapiro (2008).

Enquanto Mandela era apresentado como o herói da nação; um grande homem que cumpriu o seu papel frente ao seu país e que, posteriormente, se afastou da vida pública, Mbeki firmava a sua imagem de político corrupto e isolado. Ao analisar sua renúncia, Chris McGreal no *site* do *Estado de S. Paulo* fez o seguinte comentário:

Tudo começou relativamente bem. Os sul-africanos, brancos e negros, amavam Nelson Mandela. Mas quando terminaram os cinco anos desse grande homem na presidência, em 1999, todos sabiam que sua tarefa de unificar a nação estava concluída. Era a hora de alguém que soubesse como administrar um governo. Esse homem era Thabo Mbeki, vice-presidente do governo Mandela e braço direito do histórico líder no partido Congresso Nacional Africano (CNA) durante os anos que antecederam a queda do apartheid. Mbeki trabalhara durante quatro décadas por esse momento e, com a saída de cena de Mandela, a África do Sul estava pronta para ele. Nove anos depois, Mbeki entregou o cargo prematuramente na semana passada, humilhado e rejeitado pelo partido ao qual dedicou meio século de sua vida. A visão de uma nova África foi enterrada sob anos de difamação provocada pelo inútil debate intelectual sobre as origens da aids, enquanto centenas de milhares de pessoas morrem vítimas da doença. A promessa de boa administração deu lugar a acusações de expurgos nas instituições estatais para livrar-se dos críticos, interferência no Poder Judiciário e proteção a funcionários de alto escalão contra investigações, cujo caso mais notável é o do chefe de polícia do país, que foi acusado de ter laços com o crime organizado e acobertar um assassinato (MCGREAL, 2008).

Na figura 17 temos a imagem do prédio do Governo sul-africano; há um mastro com a bandeira do país bem no centro da construção. Percebemos a ironia do chargista em relação à administração do presidente pela inserção de dois tambores de lixo no alto da construção. Com o intuito de afirmar que as ações de Mbeki não “cheiram bem”, os latões de lixo estão transbordando e há várias moscas.

No tambor da esquerda há o nome de Mbeki. Percebemos que o lixo é representado por tudo aquilo que o chargista considerou errado durante os mandatos do presidente. Entre as acusações, encontramos as de apagões (*blackouts*) e erosão do Estado de Direito. Segundo vários jornais sul-africanos, o abuso de poder (*abuse of power*), a negação da AIDS (*AIDS denialism*) e a corrupção (*corruption*) foram os pontos mais determinantes para que o líder negro perdesse credibilidade frente aos sul-africanos e à crítica internacional.

No que se refere ao abuso de poder, o ex-delegado do CNA, Andrew Feinstein, considera que a administração de Mbeki se assemelhava ao regime leninista. A ideia de que o poder estava baseado na figura do líder e que não poderia ser contestado, era muito grande. Para justificar a sua afirmação, Feinstein destaca a negligência com a disseminação da AIDS, que foi decidida pelo próprio presidente. O destaque ao abuso de poder por parte de um governante negro ganhou ainda mais destaque na África do Sul, pois o país havia saído de um governo com características ditatoriais estruturado na minoria branca. O mandato ditatorial representaria uma inversão de poder, o que não traria benefícios para as relações entre os grupos inter-raciais, e comprometeria ainda mais o desenvolvimento do país. Uma postura como essa se distancia dos esforços pós-transição para uma reconciliação racial.

A corrupção se alastrou sob o comando de Mbeki. Segundo Andrew Feinstein, os desvios começaram em meados da década de 1990, quando este ocupava o cargo de vice-presidente. Segundo texto de McGreal, publicado no Estadão:

Em meados da década de 90 a África do Sul estava negociando com um cartel de indústrias de armamento a maior compra de armas da sua história. Mbeki era então vice-presidente e chefiava o subcomitê parlamentar que distribuía os contratos públicos. Feinstein era o membro do CNA de mais alto escalão a participar do comitê parlamentar de finanças públicas, que posteriormente investigou o acordo de compra. Ele disse que a compra era totalmente desnecessária, além de estar infectada pela corrupção. Enquanto as autoridades envolvidas, incluindo o ministro da Defesa, Joe Modise, enchiam os bolsos, o partido enchia os cofres de dinheiro proveniente de subornos. Entre os exemplos de contratos ilógicos está a decisão de pagar US\$ 2,7 bilhões pela compra de aviões da BAe Systems e da Saab. Mbeki inicialmente acobertou seu vice-presidente, Jacob Zuma, quando este foi acusado de corrupção. Mas, em 2005, o conselheiro financeiro de Zuma foi condenado a 15 anos de prisão por receber em nome do vice-presidente subornos de uma empresa francesa de armamentos. Mbeki o demitiu. O presidente disse que estava agindo em nome do interesse nacional. Zuma suspeitou que o presidente tivesse se aproveitado da oportunidade para livrar-se de uma crescente ameaça política. A partir desse momento, seguiu-se aquilo que um juiz do Tribunal Supremo chamou de 'titânica disputa política' pelo controle do CNA (MCGREAL, 2008).

Considerando as informações que conseguimos compilar para o desenvolvimento deste trabalho, podemos considerar que a cassação do mandato de Zuma pode ter sido uma jogada de Mbeki para permanecer como figura mais expressiva no CNA. Talvez, o projeto do então presidente era o de permanecer com a imagem de um líder honesto frente à opinião pública e ao eleitorado sul-africano.

A questão da AIDS tomou um contorno tão sério que foi necessária a intervenção de Nelson Mandela para que ele mudasse a sua conduta. Para Mbeki, a doença era causada por um colapso no sistema imunológico, não por vírus. Esta concepção era defendida por um grupo de cientistas dissidentes. O presidente justificou que esta alteração estrutural era causada pela pobreza, a má nutrição e falta de saúde em geral. Dessa forma, o controle da doença exigia a redução da pobreza e não tratamentos com medicamentos. Convencido de sua postura, ele chegou a recusar que medicamentos gratuitos fossem distribuídos no país. Segundo um estudo realizado por pesquisadores de Harvard, o Governo se apresentou como um dos principais obstáculos para a distribuição dos medicamentos no país. O resultado do estudo mostrou que 330 mil pessoas morreram no país por negligência do presidente. Cerca de 35 mil bebês, que poderiam nascer sem o vírus, foram infectados. A postura de Mbeki foi fortemente condenada por cientistas internacionais e afetaram a sua imagem política. Segundo McGreal:

Mbeki enxergava a doença, como tantas outras coisas, através do prisma racial. Segundo ele, tratava-se de uma desculpa para reforçar estereótipos que caracterizavam os africanos como primitivos e incapazes de controlar sua libido. O presidente tornou-se um instrumento natural para os cientistas dissidentes, que questionavam o elo entre o HIV e a aids e propunham, em vez disso, que a doença seria o resultado da pobreza. O coquetel de remédios anti-retrovirais contra a AIDS estava envenenando as pessoas, segundo eles. Mbeki começou a questionar publicamente as causas da AIDS e, sob o pretexto de garantir a segurança do uso de medicamentos, proibiu a distribuição do coquetel nos hospitais do governo. Dezenas de milhares de bebês que poderiam ter sido salvos ficaram sem a dose única de um remédio barato no momento do seu nascimento. Centenas de milhares de adultos foram abandonados à morte, enquanto Mbeki realizava debates intelectuais, principalmente consigo mesmo, em relação aos méritos do tratamento. [...] O CNA distribuiu um vasto documento afirmando que o coquetel era uma tentativa de genocídio contra o povo negro. O presidente distorceu as estatísticas que apresentou ao Parlamento, numa tentativa de reduzir o orçamento de seu próprio governo destinado ao combate à AIDS. Em meio à indignação cada vez maior em seu próprio país, e ao escárnio no exterior - que terminaram por manchar a imagem do presidente como político confiável -, Mbeki acabou permitindo a distribuição dos medicamentos nos hospitais, salvando muitas vidas. Mas ele não mudou de ideia a respeito da AIDS até hoje. O desastre da AIDS provocou imensos danos na reputação de Mbeki. O estadista era agora visto como profundamente instável (MCGREAL, 2008).

As medidas do Governo foram consideradas por um líder religioso como um crime com a mesma gravidade do *apartheid*. No entanto, logo após a transição para a democracia multirracial, o país não se voltou diretamente no combate à disseminação do vírus. Mbeki herdou a falta de investimentos do governo de Mandela. O líder histórico se dedicou ao combate à doença posteriormente, após encerrar o seu mandato, com a abertura de uma ONG. A iniciativa também foi motivada pela morte de um de seus filhos que contraiu a doença.

No lado direito da charge está situado o segundo tambor, que se refere ao legado do presidente. Entre as críticas presentes na figura 17 estão o negócio de armas (*arms deal*) e a crescente disparidade (*growing disparity*) social. Um negócio desnecessário de armas, que já foi citado no início desta análise, foi o estopim para as acusações de corrupção no mandato de Mbeki.

No que tange à disparidade social, a África do Sul está entre os países mais desiguais do mundo⁴¹. Um ponto que ganhou bastante crítica desde o mandato de Mandela foi o surgimento de uma nova classe social, conhecida como os *black diamonds*. Cerca de 2,6 milhões de negros foram beneficiados pelo Governo e receberam treinamento especial para que pudessem trabalhar na administração do país. As acusações giram em torno do favorecimento de um pequeno grupo em detrimento do restante da população.

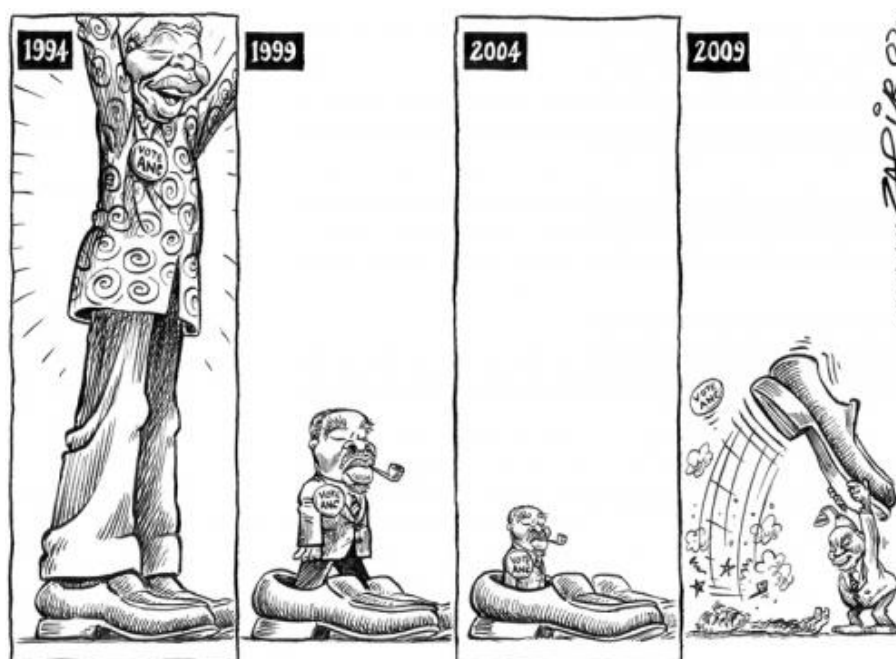
⁴¹ A renda da população branca é cerca de 7,7 vezes maior do que a dos negros, segundo dados da National Geographic.

Ainda que Mbeki tenha uma ligação intensa (pessoal e familiar) com a causa sul-africana, ele frequentemente é apontado como um candidato que assumiu o cargo sem as características necessárias para um presidente diante de um país em crise e em processo de desenvolvimento. Ele foi vice-presidente de Mandela a partir de 1997, após a retirada da vida pública de Frederik de Klerk. Quando Mbeki deixou a Presidência em 2008, o país foi presidido interinamente por Kgalema Motlanthe. Sua eleição também é apontada como uma crítica ao próprio Mandela, acusado de não ter preparado um sucessor para assumir o cargo.

Como é uma característica frequente na esfera política, durante a campanha eleitoral o CNA apontou Mbeki como um seguidor direto de Madiba, alguém que daria continuidade ao seu modo de governar. Não à toa, a imagem dos dois militantes foi aproximada, com o objetivo de transferir a popularidade de Mandela para Mbeki.

A figura 18 - *Voting for the ANC - Elections Strategies* (Votando para o CNA - Estratégias da Eleição) - foi pensada para o pleito de 2009, eleições vencidas por Zuma e que determinaram o sucessor de Mbeki. No entanto, esta charge traz aspectos interessantes sobre o mandato do segundo presidente negro da África do Sul. Inicialmente, a vitória de Zuma nas urnas representou uma derrota para Mbeki, além do enfraquecimento da sua influência política no próprio país.

Figura 18



Fonte: Site Zapiro (2009).

Essa charge foi publicada no jornal *Mail & Guardian* em 16 de abril de 2009, mês em que comumente as eleições majoritárias são realizadas. O quadro faz uma análise das estratégias do partido nos 15 anos de eleição pós-*apartheid*. Embora até aquele momento Zuma ainda não tivesse sido indicado ao cargo pelo partido, sua vitória já era praticamente certa, considerando a estrutura do CNA perante as outras siglas. Além disso, o político contava com o apoio direto de Mandela, que apesar de sua saúde frágil, esteve presente no último comício da campanha eleitoral de Zuma. Podemos perceber a importância simbólica de Madiba no trecho abaixo escrito por Rafael Pirrho em abril de 2009:

No último comício de Zuma antes das eleições, realizado no domingo, o CNA lançou mão de seu maior trunfo. Aos 90 anos, Nelson Mandela apareceu ao lado de Zuma, surpreendendo as mais de 60 mil pessoas que foram ao estádio Ellis Park, em Johannesburgo. Mesmo com saúde frágil, o maior símbolo da luta contra o Apartheid (regime de segregação racial que perdurou por mais de 40 anos na África do Sul) foi manifestar seu apoio a Zuma em um momento em que o candidato enfrenta muitas críticas por suspeitas de corrupção - ele foi acusado de ter recebido dinheiro em uma negociação de venda de armas quando era vice-presidente do país, em 2005 (PIRRHO, 2009).

Segundo a *BBC*, apesar de seu favoritismo no pleito de 2009, o CNA enfrentou o seu momento mais delicado desde que chegou ao poder. Após os mandatos de Mbeki, a aprovação do partido caiu drasticamente. Em 2004, o índice era de 75%, chegando a 52% no final de 2008. A divisão entre Mbeki e Zuma também arranhou a imagem do partido perante os sul-africanos. O *site* ainda destaca que o CNA é criticado pela população branca, o que representa cerca de 10% do país, pelas ações afirmativas que beneficiam os negros. Além disso, a acusação de estupro movida contra Zuma está presente no imaginário sul-africano.

Na imagem, em 1994, Mandela é tomado como um gigante. Vestido com uma típica camisa sul-africana, traje comum de Madiba durante o seu mandato, o líder negro está resplandecente; não seria exagero usar o adjetivo “glorioso” para caracterizar tal situação. A trajetória política de Mandela (a saída de um vilarejo rural para as áreas centrais sul-africanas; seu empenho em defender os mais pobres depois de tornar-se advogado; abdicação da vida pessoal para a luta política; 27 anos de reclusão em regiões isoladas do país; principal artífice da transição do *apartheid* para a democracia multirracial; e primeiro presidente negro eleito em um pleito aberto a todos os sul-africanos maiores de 18 anos) lançaram-no ao *status* de herói nacional. Como já destacamos no primeiro bloco de análise, ter a imagem de Mandela como um aliado durante a campanha eleitoral diz muito para aqueles que disputam um pleito. O CNA busca incutir na sociedade a ideia de que os atuais membros do partido têm os mesmos ideais de suas figuras históricas como Mandela, Sisulu e Tambo.

A caricatura de Mandela (apesar de ser uma caricatura, não há no chargista o objetivo de desqualificar o candidato) faz referência a um gesto de interação com um possível público; arriscamos tal possibilidade analítica ao observar a presença de um broche, com a inscrição “vote CNA”. Ainda que o resultado do pleito beneficiasse outro partido de oposição, o fato de encerrar o sistema do *apartheid* já se apresentava como a grande vitória contemporânea da África do Sul.

Zapiro utiliza os diferentes tamanhos dos líderes negros para estabelecer o seu argumento. Em 1994, Nelson Mandela aparece como um gigante que ocupa a totalidade do quadro em que está inserido. O líder negro contava com o apoio e a confiança do eleitorado sul-africano, por isso suas grandes dimensões. Em 1999, a representação de Mbeki é distante da anterior (de Mandela), visivelmente menor. O segundo candidato à presidência da República se distancia da imagem de um ícone do seu antecessor. Segundo o *site* de Zapiro, o então candidato tem a “função de encher os sapatos de Madiba”. Como esta expressão não faz sentido em nosso contexto, optamos por classificar que Mbeki está à sombra de Mandela.

De acordo com o chargista, a mesma situação é repetida nas eleições seguintes, em 2004, mas a imagem de Mbeki está ainda menor. Essa diminuição é claramente simbólica; trata-se de uma alusão ao enfraquecimento político do então presidente. Segundo informações do portal português *Público*, Mbeki reagiu bem à decisão do partido de retirá-lo do poder. O texto traz uma declaração de Gwede Mantashe, secretário-geral do CNA, onde ele afirma que o partido optou por retirar a confiança do então presidente, após uma reunião dura e difícil.

Por mais que Mbeki tenha assumido o posto de sucessor político de Mandela, ele não manteve o bom relacionamento com a opinião pública e com o eleitorado como o primeiro presidente. Estes fatores foram muito importantes para a formação da sua imagem como chefe de Estado. A indicação de Mandela foi o que pesou para que Mbeki pudesse traçar os seus passos no alto escalão político sul-africano. Na charge acima, percebemos como Mbeki perdeu sua influência e apelo popular com o passar dos anos. Muito desta representação é formada a partir do juízo de valor do próprio chargista, ainda que elas possam ser comprovadas por meio da historiografia sul-africana. Se tomarmos Mandela como o político modelo, percebemos um declínio em seus sucessores. Zuma surge no quadro chárstico com aproximadamente o mesmo tamanho de Mbeki, a sua dimensão já entra neste cenário com uma desvantagem frente aos antecessores. A crítica a Mbeki e Zuma se contrapõe à exaltação de Mandela.

O último quadro, 2009, é uma referência às disputas eleitorais que estavam em curso. O esmagamento simbólico de Mbeki por Zuma se refere ao crescimento do segundo frente ao CNA, que venceu o primeiro nas eleições internas pela presidência do partido. O fortalecimento de Zuma e de sua influência, está, segundo o jornal *Mail & Guardian*, diretamente ligada ao enfraquecimento político de Mbeki.

Durante a campanha eleitoral de 2009, a *BBC* publicou, em texto de Farouk Chothia, uma pesquisa destacando o perfil dos eleitores sul-africanos. O estudo realizado pelo instituto Ipsos Markinor indicava que 77% dos eleitores negros tinham simpatia por Zuma. Entre os brancos, o índice caía para 1%. Para muitos partidários do líder negro, as acusações de corrupção e estupro destacavam que o candidato, assim como qualquer pessoa, tinha fraquezas e era passível de erros. Outro ponto interessante alcançado pela pesquisa foi que as acusações de corrupção, que motivaram a sua cassação em 2005, eram vistas por uma parcela da população como conspirações para proibi-lo de disputar as eleições.

No texto em que divulgou os resultados da pesquisa, Chothia entrevistou o jornalista e autor sul-africano Fred Khumalo. Segundo Khumalo, os “sul-africanos amam uma vítima - alguém que foi injustiçado, ridicularizado, humilhado e abusado - alguém que teve sua dignidade atropelada pelo destino ou por inimigos reais” (KHUMALO apud CHOTHIA, 2009). Para concorrer à indicação do CNA à presidência, Zuma foi declarado inocente pela justiça sul-africana de inúmeras acusações. Ao comentar esta questão, Chothia (2009) citou Zapiro e o seu argumento de mais destaque. “Para os críticos de Zuma, as vitórias legais equivalem - como disse o cartunista sul-africano Zapiro - a ‘estupros da Justiça’ e um sinal de que a África do Sul estaria se tornando uma ‘república das bananas’” (KHUMALO apud CHOTHIA, 2009).

Devido à sua controversa vida pública, Zuma também conquistou a desconfiança do arcebispo Tutu. Além de ter cobrado da população um exame de consciência antes das eleições, o religioso comentou que o líder do CNA deveria ser julgado por corrupção. “Se ele é inocente como se diz, que seja um tribunal que o diga... no momento, eu não posso dizer que estou ansioso para vê-lo como meu presidente” (TUTU apud CHOTHIA, 2009).

A figura 19 - *The Evolution and devolution of democracy* (Evolução e Devolução da Democracia na África do Sul) - é uma crítica comparativa entre os presidentes do *apartheid* e os sucessores de Nelson Mandela. A charge foi publicada em 20 de agosto de 2010 no *Mail & Guardian*. Assim como a figura 17, apesar de estabelecer uma crítica à figura de Mbeki, a imagem foi produzida quando ele já tinha deixado a Presidência da República.

Acreditamos que o argumento da figura 18 tivesse o intuito de estabelecer uma continuidade, com ares de declínio, na postura de Zuma. A partir destas figuras, podemos destacar que Mbeki é tratado como uma grande decepção em seu país, já que não seguiu os esforços de Mandela.

Figura 19



Fonte: Africartoons (2010).

Zapiro (2009) deixou claro ter grande simpatia e apreço pela figura de Mandela e de seus esforços para a transição à democracia multirracial. É como se a sua chegada à presidência encerrasse uma conduta heroica e vitoriosa em um país racialmente desigual. Mandela é o símbolo de uma geração que enfrentou o *apartheid* sem mediar as consequências, arriscando a própria vida. No entanto, se Madiba é o grande nome da África do Sul, muitos outros não o abandonaram no caminho até o fim da segregação racial.

O chargista objetiva por meio de seu argumento destacar que apesar do *apartheid* ter acabado, o desenvolvimento do país foi comprometido por líderes como Mbeki e Zuma. A partir da figura 19, Zapiro propõe uma queda drástica na administração política entre Mandela e os seus sucessores. O primeiro presidente foi representado como humano (no seu mais pleno estágio de desenvolvimento), mas os seus sucessores, se aproximavam, na visão do chargista, mais com os líderes do *apartheid* do que com o próprio Mandela. A charge

não estabelece uma crítica exclusiva aos presidentes representados, mas ao sistema político sul-africano e os seus principais partidos, o Africânder (*apartheid*) e o CNA.

Zapiro parte do paradigma da evolução das espécies de Charles Darwin para retratar a política sul-africana. O que há de diferente na figura 19 é que esse processo sofre, em seu primeiro estágio, uma evolução e, posteriormente, volta a regredir. Este argumento já foi utilizado em outra ocasião na obra do chargista por compor o repertório cultural e social. Acreditamos que a figura 20 - *Regression of the Youth League Leadership* (Regressão da Liderança da Liga Jovem)⁴² -, embora não componha nosso *corpus* de análise, possa reforçar o que já foi dito até o momento, bem como destacar que Mandela é visto como uma das figuras mais expressivas da história sul-africana. A sua representação frequentemente é positiva. A partir da utilização de uma teoria que é conhecida em todo o mundo, Zapiro consegue transpor as barreiras geográficas sul-africanas deixando a crítica mais clara.

Figura 20



Fonte: Africartoons (2009).

Na figura 19 percebemos que a crítica é estabelecida a partir de Hendrik Frensch Verwoerd (HF Verwoerd), o arquiteto do *apartheid* e presidente da República entre as décadas de 1950 e 1960, passando por seus sucessores, Balthazar Johannes Vorster (BJ Vorster), Pieter Willem Botha (PW Botha, conhecido como “O Grande Crocodilo”,

⁴² A figura 21 não compõe o nosso quadro de análise. Sua utilização teve apenas o objetivo de mostrar que Zapiro já havia utilizado o argumento da “Evolução das Espécies” em outro momento.

governante que iniciou as conversas que culminaram na libertação de Mandela, ainda na década de 1980) até chegar em Frederik Willem de Klerk (FW de Klerk), o último presidente do *apartheid*.

A partir da retratação animalésca, Zapiro expressa a sua visão sobre o regime de segregação racial. O *apartheid* é desumano a partir de sua própria estrutura. A crítica é bastante transgressiva, tomando como referência as problematizações de Eco (1989) levantadas na fundamentação teórica desta pesquisa. A deformação simbólica tem o objetivo de reafirmar o poder dos quatro presidentes e logo em seguida retirá-lo. Esta é uma boa demonstração da acidez das críticas chárgicas a determinadas personagens políticas. Ainda que outro jornalista almejasse analisar de maneira dura a conduta dos líderes do *apartheid*, muito dificilmente conseguiria um impacto tão eficaz, por, geralmente, ser norteado pelos dogmas da neutralidade e da imparcialidade jornalística.

Se tomarmos Mandela, o personagem humanamente desenvolvido da linha presidencial como fator que norteia a nossa análise, percebe-se que De Klerk era quem estava em uma etapa evolutiva mais próxima ao líder negro. Essa condição se apresenta a partir de sua postura mais ereta em comparação com os outros políticos. Zapiro toma como ponto de partida para a representação do último presidente do *apartheid* suas ações para o fim do sistema de segregação racial. Foi no governo de De Klerk que os líderes mais expressivos foram libertos, entre eles, Sisulu e o próprio Mandela. Seu mandato também ganhou notoriedade por acabar com algumas das leis segregacionistas, entre elas a que exigia o porte de passaporte para transitar em áreas das quais não fosse o habitante. Além disso, o presidente convocou em 1992 um plebiscito apenas com a população branca para decidir sobre a manutenção ou o término da política segregacionista.

Já a representação de Mandela segue as mesmas características das charges anteriores; a caricatura tem apenas o intuito de transferir para o traço a fisionomia do político, não havendo o estabelecimento de uma crítica. Mais uma vez, o chefe de Estado é representado com uma típica estampa sul-africana e carrega em suas mãos um documento escrito “democracia”; esta é a nova legislação que acabou com a separação racial enquanto política de Governo. A partir de Mandela, observamos a retomada de um declínio com Mbeki e Zuma.

Ao apresentar esta charge, o site *Africartoons* considera que apesar dela ter feito bastante sucesso e ter recebido críticas positivas, Zapiro foi acusado de racismo ao representar negros como primatas. No entanto, esta opção de registro também foi aplicada aos presidentes brancos ligados ao *apartheid*. Acreditamos que - assim como na figura 20 - na

figura 19 tal opção teve o objetivo de revelar os defeitos espirituais destas personagens políticas, a partir do recurso da animalização, conforme destacado por Propp (1992) e apresentado no segundo capítulo desta dissertação. O argumento não teve motivações raciais, o objetivo não foi comparar os sul-africanos negros como primatas, o que acontece em diversas manifestações racistas, mas políticas. O chargista inverteu o processo evolutivo analisado pelo cientista. Na visão de Zapiro, os políticos deram um passo atrás: não são mais humanos...

A apresentação como primata se caracteriza até mesmo como uma exigência do paradigma utilizado pelo chargista, qual seja, a evolução das espécies. Percebemos que a fisionomia animalesca aqui se configura como crítica, principalmente nos sucessores de Mandela, já que teoricamente representariam uma escola política bastante distinta da praticada durante o *apartheid*. Pela comparação, podemos aferir que na visão de Zapiro não há muita diferença entre estes dois grupos; certamente, a veiculação de figuras políticas nestas condições é um movimento de transgressão contra o poder político sul-africano.

Para encerrar a análise de charges de Mbeki, escolhemos a figura 21 - *Dream on, Thabo, dream on* (Sonhe, Thabo, Sonhe). A charge é a mais recente entre as compiladas do segundo presidente sul-africano e foi publicada no dia 17 de janeiro de 2012, no *The Times*.

Figura 21



Fonte: Africartoons (2012).

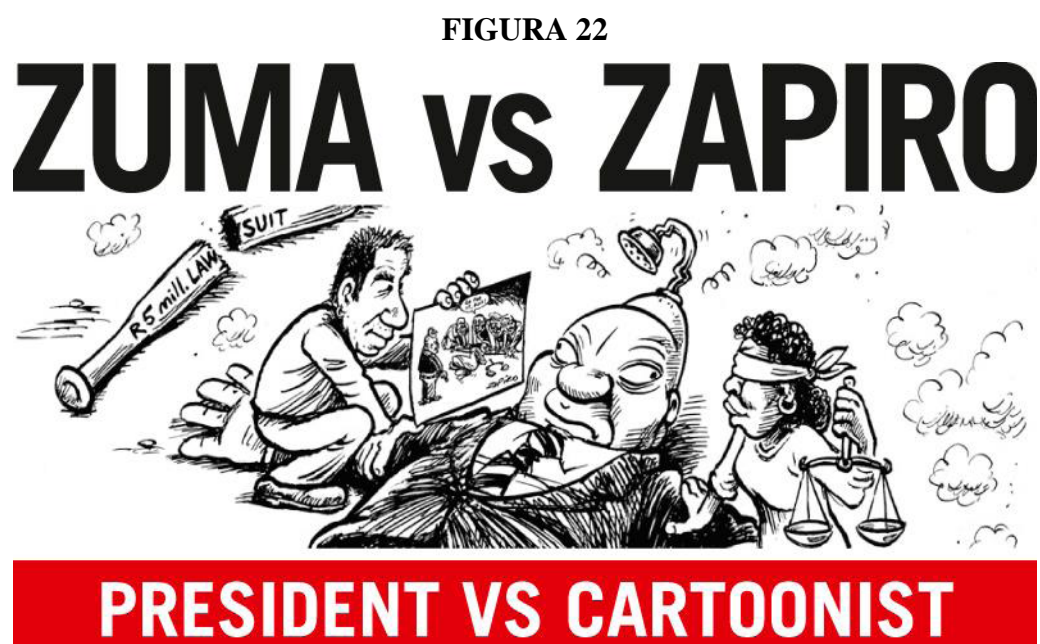
O argumento de Zapiro faz uma sátira a Mbeki a partir de uma frase muito conhecida de outro líder negro, Martin Luther King. A expressão *I have a dream* (Eu tenho um sonho) foi utilizada para apresentar o estado de Mbeki quase quatro anos após o deixar o cargo político mais importante do país.

Zapiro escolheu o dia 17 de janeiro por se tratar da comemoração do *Martin Luther King Day*. A data é um feriado norte-americano comemorado na terceira segunda-feira de janeiro, já que o líder negro nasceu no dia 15 do referido mês. Não conseguimos encontrar informações de que Mbeki fosse fumante, mas acreditamos que sim, pois é uma característica da caricatura levar ao extremo uma expressão, traço ou vício da personagem.

Neste caso, o intuito do chargista é mostrar que a dependência de Mbeki é grande. Além da palavra cachimbo, sua representação icônica aparece mais duas vezes. Enquanto fuma, o sul-africano está sentado em uma confortável poltrona, trajando um pijama e meias, e começa a sonhar... Mbeki imagina um retorno triunfal à política sul-africana: em um comício, com muitas pessoas, ele é aclamado. Ao fundo há uma faixa convocando o seu retorno ao centro político do país. No entanto, o ex-presidente havia perdido espaço no CNA nos últimos anos e também a credibilidade com o eleitorado. Um retorno de Mbeki ao alto escalão da política sul-africana naquele momento seria quase impossível. O país se prepara para mais uma eleição no dia 7 de maio 2014 e tudo indica que Zuma seria indicado novamente pelo CNA e, conseqüentemente, reeleito. O novo chefe de Estado também não dá indicações de um sucessor político específico. Malema poderia ser uma aposta, já que é tido por Zuma como um futuro líder. No entanto, o jovem foi desligado do partido em 2012.

6 JACOB ZUMA X ZAPIRO: A POLÊMICA DO ESTUPRO E DA MÁ ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Como já mencionamos anteriormente, a relação entre Zapiro e Zuma é a mais polêmica dentre as analisadas aqui. Os dois já se enfrentaram nos tribunais sul-africanos após o político acusar o chargista de argumentos racistas. Para facilitar a nossa análise, vamos trabalhar com bloco de figuras, já que muitas charges trazem assuntos muito parecidos. A figura 22 que inicia a nossa análise é um *banner* produzido pelo *site Africartoons* com o objetivo de reunir todas as charges que tematizam a disputa judicial entre os dois após a charge *The rape of justice*.



Fonte: Africartoons (2012).

O *banner* é adaptação de um dos argumentos do chargista que será utilizado nesta análise, a fim de investigar qual é a representação de Jacob Zuma no traço do chargista. A figura 22 foi publicada apenas na internet, em outubro de 2012. As charges que compõem este primeiro bloco dissertam sobre a polêmica entre o político e o chargista iniciada em 2006 e judicialmente encerrada em 2012. As figuras trazem à tona a acusação de suposto estupro cometido por Zuma em 2006, enquanto ele ainda tentava se firmar como candidato à presidente da República.

A partir do paradigma da violência sexual, Zapiro constrói, ao longo de seis anos, diversos argumentos para criticar os atos do político antes de assumir o cargo mais

importante do executivo sul-africano, bem como condutas posteriores às eleições. Acreditamos que a insistência do chargista neste argumento tem trazido bastante retorno, mas não é uma característica comum da charge, como elemento comunicativo, já que ela é pautada pela efemeridade.

Até mesmo por sua história política tumultuada, a vitória de Zuma já foi recebida com desconfiança pelo chargista. Antes mesmo de o líder popular assumir o cargo, Zapiro afirmou em entrevista ao portal brasileiro *GI* que esperava um fortalecimento da oposição e que os sul-africanos fossem menos passivos diante das irregularidades na administração política.

Apenas na figura 23 - *Zuma sues Zapiro* - o chargista não reproduziu a acusação de estupro, mas fez referência a ela. Nesta charge, publicada no *Independent Newspapers* em 6 de junho de 2006, Zuma foi até o escritório de Zapiro com vários recortes de jornais que considerou difamatórios.

Figura 23



Fonte: Africartoons (2006).

Com a expressão visivelmente alterada e aos gritos - recurso alcançando pelo chargista a partir da paralinguagem⁴³ - tivemos a ideia de que o político se irritou com o

⁴³ A paralinguagem é um recurso imagético que acompanha o comportamento verbal numa determinada situação comunicativa; ela se refere às representações não verbais de modalidades da voz, como alterações no volume, ritmo ou intensidade de uma fala. Na charge, bem como nas demais modalidades da linguagem iconográfica, este recurso se apresenta na variação do corpo da fonte, bem como em seu tipo normal ou negrito.

argumento e chegou ao escritório de Zapiro nervoso, talvez com o objetivo de “tirar satisfações”. Na figura acima, percebemos que apenas algumas palavras (*suing; damage; reputation*) estão negritadas; por meio deste recurso o chargista deu ênfase a alguns pontos do discurso.

A partir da paralinguagem, podemos apreender informações acerca do estado de espírito da personagem representada; Zuma estava nervoso, enquanto Zapiro permanecia calmo. A irritação do político foi motivada pelas charges publicadas pelo referido chargista e talvez esta tenha sido a justificativa para a sua inserção no argumento. Diante de Zapiro, o então candidato declarou a abertura de um processo motivado por danos à sua reputação (*I'm suing for damage to my reputation*).

A acusação de estupro foi movida por uma jovem apontada como filha de um dos seus amigos, portadora do vírus da AIDS. A denúncia foi levada aos tribunais, mas o político foi inocentado no mesmo ano. Zuma declarou em juízo que houve relação sexual consensual e que ele não utilizou preservativo, mas que uma ducha posterior foi o suficiente para evitar a contaminação. A jornalista Natália Luz (2009), durante uma entrevista com Zapiro, contextualizou a violência do seguinte modo:

Em frente aos juízes, enquanto era julgado por estupro em 2006, Zuma se defendeu e disse que fez sexo com a mulher porque ela estaria o provocando com trajes inadequados. Como ele é um exímio representante da cultura zulu cumpriu o seu papel de um homem viril e fez sexo sim com a mulher. Ele disse que o sexo foi consensual, a vítima de 31 anos e soro-positivo, contou que sofreu um estupro terrível. Questionado sobre o uso do preservativo, ele disse que não havia usado, porque para evitar o contágio ele: “toma uma ducha depois da relação sexual!” A declaração caiu como uma bomba nas organizações de combate à AIDS no país que se esforçam para minimizar a epidemia que se alastra por 12% da população baixando a expectativa de vida para 51 anos (LUZ, 2009).

Quando Zuma se refere às acusações, o chargista é irônico e responde ao líder negro: “seria essa a reputação de um demagogo machista desgraçado que não pode controlar seus impulsos sexuais e que pensa que uma ducha evita AIDS?” (*Would that be your reputation as a disgraced chauvinistic demagogue who can't control his sexual urges and who thinks a showers prevents AIDS?*). A inserção do autor no argumento chárstico não é uma condição muito frequente no trabalho de outros artistas. O objetivo de Zapiro também é o de demonstrar a reação de Zuma ao seu trabalho.

Outra charge que dá sequência a este argumento de Zapiro foi publicada no dia 05 de setembro de 2006, no *Independent Newspapers*. A figura 24 - *Aids Message* (Mensagem da Aids) - é uma crítica direta à afirmação de Zuma de que uma ducha é o

suficiente para evitar a transmissão do vírus HIV após uma relação sexual sem proteção. Esta é a primeira vez que Zuma foi representado pelo chargista com um chuveiro na cabeça, o *Zuma Shower*; desde então, todas as charges passaram a ter este elemento. A inclusão do chuveiro é um recurso utilizado pelo chargista para eternizar a infeliz afirmação de Zuma. Ainda que a crítica estabelecida no formato tenha outro viés (transgressão à imagem do presidente), ela destaca a ignorância do político em relação ao controle e a disseminação da doença e disserta sobre o problema que a epidemia representa ao país.

Figura 24



Fonte: Africartoons (2006).

A figura 24 tem o objetivo de simular um pronunciamento do candidato a presidente sobre os cuidados quanto à disseminação do vírus. Além de estabelecer uma crítica da conduta moral de Zuma, a charge também parte para o campo da saúde pública, tendo em vista a gravidade do problema no país e as medidas pouco eficazes tomadas pelos presidentes pós-*apartheid*. O político está em um palanque diante de alguns sul-africanos que, com os olhares bem abertos aos seus movimentos, prestam atenção em seu discurso. Zuma segura um papel com as palavras *abstain* (evitar), *be faithful* (ser fiel) e *condomise* (camisinha/preservativo).

Podemos perceber a ironia do argumento chágico pela forma como os termos foram dispostos, a partir da organização a/b/c. Como se o político estivesse ali para ensinar quais são os passos básicos para que o número de sul-africanos portadores do vírus

não aumente ainda mais. Nenhum dos itens lidos, de fato, são cumpridos pelo presidente, tendo em vista a acusação de estupro. Ainda que a relação sexual com a jovem que o acusou de estupro tenha sido consensual, o político não procurou evitar o ato, tampouco foi fiel a suas quatro esposas ou usou preservativo.

A poligamia de Zuma, que é permitida na África do Sul e muito frequente entre os negros da etnia *zulu*, a qual ele pertence, é uma crítica frequente das organizações que buscam conscientizar a população sul-africana. As instituições consideram que um cidadão com a influência de Zuma, ao ter vários parceiros sexuais, depõe contra as campanhas.

Outro fator que reforça a ausência de apoio do militante político é a presença do chuveiro. O aparelho está ligado e, por decorrência, a água apaga tudo aquilo que está escrito no papel. Simbolicamente, a água tem o objetivo de tirar todo o sentido daquelas palavras; é como se elas fossem falsas, não tivessem importância.

As próximas imagens presentes neste bloco são as que mais refletem o objetivo de Zapiro em manter o paradigma da violência sexual vivo no inconsciente coletivo sul-africano e reforçar uma determinada representação social. A figura 25 - *The Rape of Justice* (A violação da Justiça) é considerado pelo site *Africartoons* como a charge mais genial já produzida na África do Sul. Antes da charge ser publicada pelo jornal *Sunday Times*, o chargista e o periódico já haviam sido processados pelo político, acusados de argumentos ofensivos. Jacob Zuma e o seu partido consideraram que a charge tinha cunho racista e entraram na justiça. A opinião pública sul-africana compreendeu o fato como um atentado à liberdade de expressão; em decorrência disso, vários chargistas sul-africanos começaram a produzir novas charges com o mesmo argumento.

Figura 25



Fonte: Africartoons (2008).

Para produzir um grau de dramaticidade maior na charge, Zapiro humanizou o sistema judiciário sul-africano. Aqui a acusação do suposto estupro é mantida, mas a vítima é a estátua da justiça. A charge foi publicada em 07 de setembro de 2008, poucos meses antes das eleições majoritárias no país. Como Zuma já havia assumido o cargo de presidente do CNA, sua candidatura estava praticamente selada. O objetivo do chargista, segundo entrevista do *Los Angeles Times* publicada no site *Africartoons*, foi o de mostrar a influência de Zuma e de seus aliados sobre o sistema judiciário. Se o líder não tivesse sido inocentado em todas as acusações, ele não poderia concorrer ao cargo. Segundo o próprio chargista:

The central message is that Jacob Zuma is about to violate and rape the justice system with the help of his political allies. Justice is an allegorical figure but she does have a certain amount of humanity in the way I've drawn her, which added to the shock value. It's [Zuma's] own rape trial, for which he was acquitted, that makes it more explosive (ZAPIRO apud DIXON, 2008)⁴⁴.

Os aliados políticos presentes na figura são Julius Malema (representante da Liga Jovem do CNA, braço armado do partido), Gwede Mantashe (secretário-geral do CNA), Blade Nzimande (candidato à vice-presidência; membro do Partido Comunista Sul-Africano) e Zwelinzima Vavi (secretário-geral do Congresso dos Sindicatos Sul-Africanos). A presença

⁴⁴ A mensagem central é que Jacob Zuma está prestes a violar e violentar o sistema judiciário com a ajuda de seus aliados políticos. A justiça é uma figura alegórica, mas ela tem uma certa humanidade, o que produz um choque. É o julgamento de estupro próprio [de Zuma], para o qual ele foi absolvido, que o torna mais explosivo.

destes homens na charge reforça a crítica ao sistema político sul-africano e, principalmente, ao CNA e aos partidos que apoiam o governo.

Como já mencionamos anteriormente, a imagem do CNA vem perdendo credibilidade com o passar do tempo. Se partirmos para o campo da especulação e considerarmos que por sua influência, organização política e superioridade financeira, a sigla se mantenha no poder durante os próximos anos, Zapiro já estabelece uma crítica aos próximos dirigentes sul-africanos e aos partidos de coalisão. Como eles ocupam os cargos mais altos, muito provavelmente terão papel de destaque em futuras transições presidenciais. Enquanto a mulher é imobilizada por Malema, Nzimande e Vavi, Mantashe, que também apoia o grupo, se dirige ao presidente do CNA e diz “vá em frente, chefe” (*Go for it, boss*), enquanto Zuma abre a calça. A frase demonstra a cumplicidade do alto escalão político sul-africano com as atitudes do líder *zulu*.

A charge ganhou tamanho destaque na África do Sul que chegou a ocupar a primeira página do *The Times*, um dos periódicos mais importantes do país. A figura não estava veiculada ali apenas como uma charge, mas ganhou uma análise jornalística acerca de suas motivações para o argumento e da reação de Zuma. O chargista disse que chegou a pensar em não publicar a charge (figura 25). Zapiro destacou que não ficou apreensivo com a recepção do político, mas com as mulheres que poderiam se sentir ofendidas diante da imagem.

[...] [Did you hesitate before publishing the cartoon?] Yes, but that's not what nearly stopped me from doing the drawing. If I were doing the cartoon in another country about someone who's trying to become president and in the process he's trying to wipe away 4 million rand [almost \$500,000] worth of corruption charges stretched over a decade so that he can become president with a supposedly clean slate -- that would set someone up anywhere in the world for heavy criticism. It wasn't my being worried about Zuma's rape trial that made me think twice, three times, four times, five times before doing this drawing. It was women's feelings I was more worried about. I sent the cartoon around to some very trusted female friends. The initial shock at seeing the drawing almost made people draw breath. You gasp when you see it. But within a brief amount of time they considered the drawing and said it's valid both in terms of what it's saying about Zuma's violation of our justice system and our constitutional tenets but also in terms of the very violent and patriarchal society that we have (ZAPIRO apud DIXON, 2008)⁴⁵.

⁴⁵ [...] [Você hesitou antes de publicar a charge?] Sim, mas não é isso que quase me impediu de fazer o desenho. Se eu estivesse fazendo o desenho em outro país sobre alguém que está tentando se tornar presidente e, no processo está tentando enxugar 4 milhões de rands [quase 500 mil dólares] no valor de acusações de corrupção que se estendia mais de uma década, para que ele possa se tornar presidente com uma ficha supostamente limpa - que iria definir alguém em qualquer lugar do mundo para a crítica pesada. Não foi o meu estar preocupado com o julgamento de Zuma que me fez pensar duas vezes, três vezes, quatro vezes, cinco vezes antes de fazer este desenho. Foi com o sentimento das mulheres que eu estava mais preocupado. Enviei o desenho para algumas amigas muito confiáveis. O choque inicial ao ver o desenho quase fez as pessoas pararem para respirar. Você suspira quando você o vê. Mas dentro de um breve período de tempo que eles consideravam o desenho e disse que é válido tanto em termos do que ele está dizendo sobre violação de Zuma de nosso sistema de justiça e os nossos princípios constitucionais, mas também em termos da sociedade muito violenta e patriarcal que nós temos.

Embora este argumento tenha ganhado espaço e notoriedade com Zapiro, a criação original não é dele, mas de John Curtis. A versão de destaque no cenário internacional surgiu cerca de dois anos e meio depois. A figura 26 (a e b) foi produzida em 23 de fevereiro de 2006, durante o julgamento de Jacob Zuma frente à acusação de estupro, para o jornal *Cape Argus*. A charge foi considerada muito ofensiva pelo editor (26a); o chargista produziu uma versão mais amena que foi publicada no dia seguinte (26b).

Figura 26a



26b



Fonte: Africartoons⁴⁶ (2006).

The Rape of Justice foi uma charge que ganhou bastante destaque na África do Sul. Enquanto alguns políticos apontavam o argumento como extremamente agressivo, ele era visto como genial pelos chargistas e por parte da imprensa. O sucesso da figura 25 fez com que o mesmo argumento fosse utilizado em outras ocasiões. No dia 11 de setembro de 2008, uma charge muito semelhante foi publicada no *Mail & Guardian* (Figura 27).

⁴⁶ Texto no balão: “Há alguém mais ligado a este caso, que foi violada pelo acusado?”. A figura 26 (a e b) também não integra o nosso *corpus* de análise. Sua inserção tem o objetivo de apenas mostrar a origem do argumento *The Rape of Justice*.

Figura 27



Fonte: Africartoons (2008).

Esta situação destaca a intertextualidade presente no trabalho de Zapiro. Para que as figuras 27, 28, 29 e 30 sejam plenamente compreendidas é importante que a figura 25 faça parte do repertório dos leitores. Tomamos como conceito de intertextualidade a citação expressa de uma fonte na constituição de determinado argumento chárstico, assim como destaca Romualdo (2000). No caso de *The Rape of Justice*, julgamos que a intertextualidade seja expressa, pois

[...] se não houver citação expressa da fonte, devendo o interlocutor recuperá-la para estabelecer o sentido, estamos diante de um caso de intertextualidade implícita. Isto acontece nas alusões [como neste caso], na paródia, em certas paráfrases e diversos tipos de ironia (ROMUALDO, 2000, p. 61).

A charge não tem título, mas pela semelhança estrutural, acreditamos que ela tenha o objetivo de responder Jacob Zuma após reclamações sobre o argumento original (Figura 25). A figura 27 utiliza da ironia para dar um direito de resposta a Zuma. Nós acreditamos que ele tenha utilizado o resultado da sentença que inocentou Zuma para justificar a agressividade do argumento de Zapiro. Entretanto, o que o chargista faz não é negar o que havia afirmado com a figura 24, mas reforçar mais uma vez o seu argumento.

Os aliados políticos permanecem segurando a mulher, mas com os olhos fechados, como se estivessem confirmando aquilo que o líder político diz. Repetindo o gesto de abrir as calças, Zuma estende a mão e diz: “...mas antes de começarmos, eu quero dizer como nós respeitamos você” (*...but before we start, I just want to say how much we respect you*). A justificativa simbólica de Zuma agrava ainda mais a situação e descredencia qualquer possibilidade deste respeito mencionado ao sistema judiciário ser verdadeiro. Zapiro se utilizou do desdobramento dos fatos e das possíveis explicações de Zuma para reforçar suas acusações contra ele.

A figura 28 - também sem título - foi publicada no jornal *Mail & Guardian* em 15 de janeiro de 2009. Tivemos bastante dificuldade para compreender com clareza como se deu o processo de absolvição de Zuma diante das acusações de corrupção. Pelo que pudemos apurar, ele foi ao tribunal em duas ocasiões. A primeira, referente ao processo que culminou em sua retirada do poder, da qual foi inocentado em 2007. Posteriormente, uma nova ação, referente a acusações de corrupção, foi reaberta. Zuma e muitos partidários do CNA consideram que a decisão de retomar esta investigação era política e encabeçada por Mbeki. Acreditamos que esta charge se refira a este segundo julgamento. Enquanto as figuras 25 e 27 representam todas as condutas condenáveis de Zuma para chegar ao poder, esta charge é mais específica.

Se compararmos a figura 28 com o argumento original (Figura 25) e seu primeiro desdobramento (figura 27) é possível perceber que o presidente, pela primeira vez, sai prejudicado. De acordo com o que podemos analisar a partir do trabalho de Zapiro, a “surra” dada no político e em seus aliados pode ser considerada uma vitória da moral pública, já que a ação permanecia ativa. A esperança do chargista era de que as acusações contra Zuma enfraquecessem a sua candidatura, mas não foi o que aconteceu.

Figura 28

Fonte: Africartoons (2009).

Segundo informações do site moçambicano *Imensis*, após decisão judicial o julgamento de Zuma foi marcado para 2009, após as eleições presidenciais. Não conseguimos encontrar muitos dados de como essa ação se deu durante a campanha presidencial, entretanto, o processo foi arquivado em setembro de 2009 por falta de provas.

As figuras seguintes se referem ao ápice da polêmica entre Zuma e Zapiro: o encontro dos dois no tribunal. Em 2009, em uma entrevista à jornalista Natália da Luz, do portal *G1*, o chargista afirmou que em 2006, após a publicação do primeiro *Zuma Shower* (Figura 24), ele foi processado em 15 milhões de rands (algo em torno de R\$ 3,249 milhões). Segundo o próprio chargista: “Ele disse que ia me processar em 15 milhões de rands por eu manchar a reputação dele. Ficou tão furioso que dizia isso em entrevistas e para toda imprensa. Falava que eu o chamava de corrupto e estuprador” (ZAPIRO apud LUZ, 2009). Em 2009, Zapiro tinha mais dois processos movidos por Zuma, que havia acabado de ser eleito. Um no valor de 2 milhões de rands (R\$ 433,2 mil) e outro de sete milhões de rands (R\$ 1,5 milhão), sob acusação de ferir a reputação do presidente.

Além de Zapiro, outras empresas e profissionais de comunicação também foram processados pelo político. Segundo veículos de informação, Zuma não aceitava ser criticado publicamente por suas condutas frente ao país ou no campo privado. O presidente também decidiu entrar na justiça contra o jornal inglês *The Guardian*. Ele se ofendeu após ser descrito como um líder polígamo que se veste com peles.

A charge *The Rape of Free Speech* (A violação da Liberdade de Expressão), figura 29, foi publicada em 11 de junho de 2011, também no *Mail & Guardian*. O argumento é similar ao *The Rape of Justice* e traz implícita a ideia do estupro. O único aliado político de Zuma que aparece na imagem é Gwede Mantashe, o secretário-geral do CNA, que novamente segura uma mulher, desta vez a “liberdade de expressão. Zuma mais uma vez aparece tirando as calças e abrindo o cinto, enquanto a “justiça” está no canto esquerdo da imagem gritando “Lute, irmã, lute!!” (Fight, sister, fight!).

Figura 29



Fonte: Africartoons (2011).

A figura 29 reserva uma crítica ácida ao presidente da República. Segundo o chargista, após usar a sua influência para violar o sistema judiciário e se lançar candidato ao cargo político máximo do país, Zuma estava disposto a controlar a liberdade de expressão dos veículos de comunicação sul-africanos. A postura de Zapiro irritou o CNA que cogitou a abertura de um novo processo, mas que não se confirmou. O porta-voz do partido, Brian

Sekoto, afirmou: "Nós pedimos a ele para parar de desenhar esses tipos de desenhos animados que fazem fronteira com a difamação. Ele deveria se concentrar em praticar a sua profissão dentro dos limites do jornalismo ético" (SEKOTO apud PEYPER, 2011).

Apesar da pressão do partido, o chargista continuou o seu trabalho e fez mais uma atualização do argumento *The Rape of Justice*. Em 2012, Zuma retirou a acusação contra Zapiro aberta em 2006. Antes da retirada do processo, o valor da indenização foi reajustado até chegar em 100 mil rands e um pedido de desculpas público. A retirada da ação foi vista como a maior vitória da liberdade de expressão da imprensa sul-africana, segundo o site moçambicano *Verdade*⁴⁷. Por outro lado, a decisão foi recebida como uma jogada do presidente, pois Zuma retirou o processo às vésperas das eleições internas do CNA, nas quais foi reeleito.

Zapiro decidiu transformar a decisão de Zuma em charge. No dia 28 de outubro de 2012, a Figura 30 (sem título) foi publicada no jornal *Sunday Times*.



Fonte: Africartoons (2013).

A charge é trabalhada como um acerto de contas com o presidente. Zapiro se utiliza mais uma vez de seu argumento mais famoso (Figura 25), mas, desta vez, Zuma é a

⁴⁷ Confira em <<http://iphone.verdade.co.mz/africa/31801-jacob-zuma-desiste-da-batalha-judicial-contr-o-cartoonista-zapiro>>.

vítima. Mais uma vez o chargista se insere no quadro. Ele e a Justiça imobilizam o político que está deitado no chão. No canto superior esquerdo há um taco de beisebol, que representa o valor da indenização, quebrado. Enquanto segura o líder negro, Zapiro mostra a charge responsável por toda a polêmica e pergunta: *Are we done here?* (Terminamos aqui?).

A pergunta irônica do chargista sela uma série de argumentos em que podemos perceber críticas bastante graves e fortes ao presidente sul-africano, bem como aos seus aliados. A seguir nos debruçaremos em mais imagens que apontam o desempenho de Zuma enquanto chefe de Estado; no entanto, críticas à sua postura privada aparecem novamente.

Com o fim do regime do *apartheid*, a África do Sul adotou uma nova Constituição, apontada com uma das mais liberais do mundo. Em 2011, sob a chefia do presidente Zuma, foi lançado um controverso projeto popularmente conhecido como *Secrecy Bill*. O Estado afirmou que precisava atualizar a legislação e proteger informações que são importantes. Na prática, o objetivo é regulamentar tudo o que é veiculado sobre o Governo. O jornal *The Guardian* consultou especialistas que afirmaram que o projeto é uma ameaça direta à liberdade de expressão e que colocaria muito poder nas mãos do Governo. A liberdade de expressão é apontada como um dos pilares da Constituição assinada por Nelson Mandela.

Partidos de oposição, diversos grupos da sociedade civil e os meios de comunicação se organizaram para impedirem a aprovação da medida. O *Secrecy Bill* tem sido um tema frequente no trabalho de vários chargistas, entre eles Zapiro. A figura 29 (*The Rape of Free Speech*), onde ele aborda a tentativa do presidente em violar a liberdade de expressão, também é uma referência direta a este projeto.

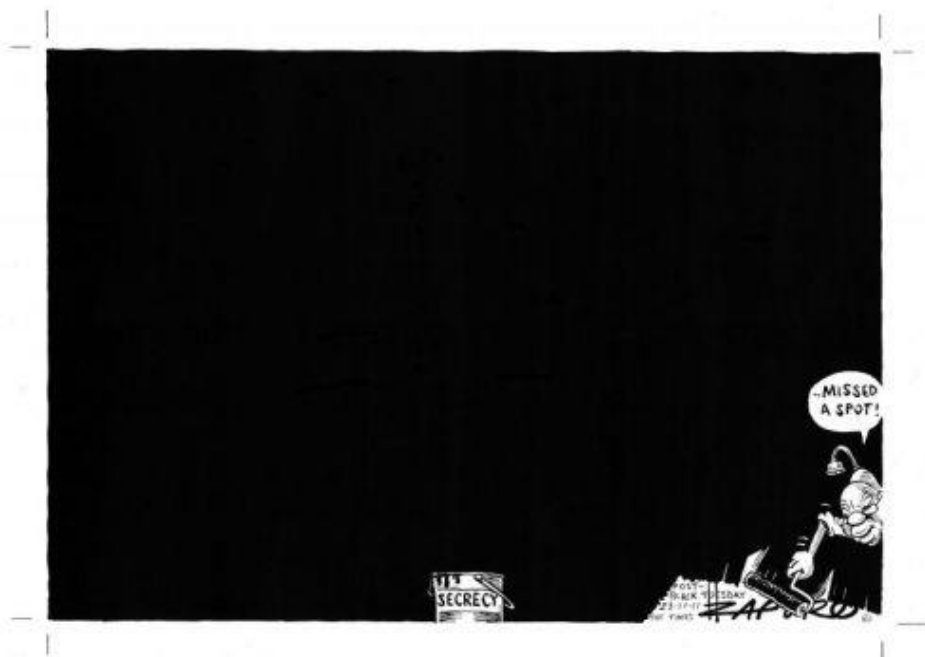
Nas figuras 31 e 32 vemos seu apoio ao protesto *Black Tuesday*, que levou pessoas vestidas de preto às ruas no dia 22 de novembro de 2011, dia em que estava prevista a aprovação do projeto pelo Parlamento. A data foi considerada como o pior dia para a África do Sul desde o fim do *apartheid*. Com a aprovação da medida, seria considerado crime divulgar informações classificadas como restritas pelo Governo. A pena poderia chegar a até 25 anos de prisão. A aprovação do projeto tornava-se ainda mais polêmica pela situação de Jacob Zuma perante a imprensa. Ainda segundo o *The Guardian*, a mídia sul-africana é a que goza de mais independência frente ao restante do continente. Com um papel efetivo no campo político, é vista por alguns como uma oposição não oficial. Os movimentos da sociedade civil também são muito importantes e a publicação destaca que eles têm o papel de auxiliar na descentralização de poder no país.

Figura 31



Fonte: Africartoons (2011).

Figura 32



Fonte: Africartoons (2011).

As figuras acima têm o mesmo título *Black Tuesday* (Terça-feira Preta). As imagens foram publicadas no jornal *The Times*. A primeira saiu no dia 22 de novembro, data das manifestações, e a segunda no dia seguinte. O presidente Zuma é o único personagem a aparecer nas duas charges. Na figura 31 ele está trajado com um macacão, algo semelhante a um uniforme utilizado pelos pintores. No argumento de Zapiro, vemos Zuma apagando a democracia com uma tinta preta, com a palavra *secrecy* (sigilo) na lata. Percebemos que o presidente já iniciou o seu “trabalho”, pois algumas partes da palavra já estão encobertas. Parece-nos claro que o objetivo do chargista é criticar a postura do presidente: ele se diverte (canta) enquanto se dedica a esconder informações importantes do Governo. O que é mais controverso, a respeito desta situação, em nosso ponto de vista, é justamente o fato de uma proposta como essa partir do CNA, um partido que historicamente lutou para acabar com os segredos de um estado de segregação.

Apesar das figuras terem sido publicadas separadamente no *The Times* há uma grande noção de continuidade entre as charges. Novamente, a intertextualidade fica explícita no trabalho de Zapiro. A figura 32 é uma finalização da 31; a sua compreensão plena está ligada necessariamente à leitura da primeira imagem. Ainda que a crítica à *Black Tuesday* fique clara na figura 32, em decorrência do título, o julgamento mais específico (que se refere à rivalidade entre Zuma e Zapiro) precisa da relação entre as duas charges. Este argumento do chargista também possui relação com de outros chargistas. A possível aprovação do projeto recebeu bastante destaque entre os profissionais do humor gráfico.

O chargista aproveita os seus conflitos na justiça com Zuma e dá um tom bastante irônico ao argumento. Zuma conseguiu cobrir inteiramente a palavra democracia com a tinta “sigilosa”, conforme destaca o chargista. Entretanto, falta uma parte importante e que tem lhe rendido inúmeros problemas na vida pública: Zapiro. O presidente percebe que se esqueceu de um ponto (...*missed a spot*) e também pinta a assinatura do chargista. Com a aprovação do projeto, argumentos bastante críticos como os apresentados por Zapiro estariam proibidos e seriam passíveis de prisão. Segundo informações do *site* sul-africano *IOL*, o projeto foi aprovado em novembro de 2013 pela Assembleia Nacional, mas alterações foram solicitadas ao texto original. Até o final de 2013, a lei ainda não havia sido sancionada pelo presidente.

Além do *Secrecy Bill*, o jornal *The Guardian* destaca que o CNA prevê a criação de um tribunal responsável por disciplinar jornalistas. A informação parece ser bastante grave, mas não encontramos mais dados sobre este fato. O próprio jornal destaca que a questão não foi inteiramente esclarecida pelo partido.

As próximas charges que vamos analisar destacam a vida sexual de Zuma. O presidente, proveniente da etnia *zulu*, é polígamo. Entretanto, sua conduta tem sido criticada sucessivamente em decorrência do alto número de casos de AIDS no país. Os órgãos de imprensa e as organizações não governamentais que combatem a disseminação da doença cobram do chefe de Estado uma postura mais exemplar, já que relações sexuais com múltiplos parceiros aumentam a chance de contaminação e proliferação do vírus.

Em maio de 2012, uma exposição de obras de Brett Murray, em Joanesburgo, provocou uma grande discussão no país. O artista que afirmou ter sido um partidário anti*apartheid* durante o regime de segregação racial e ex-militante do CNA já havia organizado uma exposição em que satirizava os líderes racistas do regime de segregação. Mas o trabalho em questão, e que gerou polêmica, foi uma mostra que analisava o centenário do CNA, os líderes negros do país, a corrupção e o nepotismo. A obra “A Lança” (Figura 33) foi a que causou mais polêmica; ela integrava a coleção “Saudação ao Ladrão”.

Figura 33



Fonte: Sipiwe Sibeko, Reuters (2012).

A figura 33 é uma fotografia que reproduz o quadro “A Lança”, de Murray, que ficou exposto na Galeria Goodman. A jornalista sul-africana Karen MacGregor (2012) destacou em um texto publicado pelo *UOL* que a pintura reflete resquícios das rivalidades

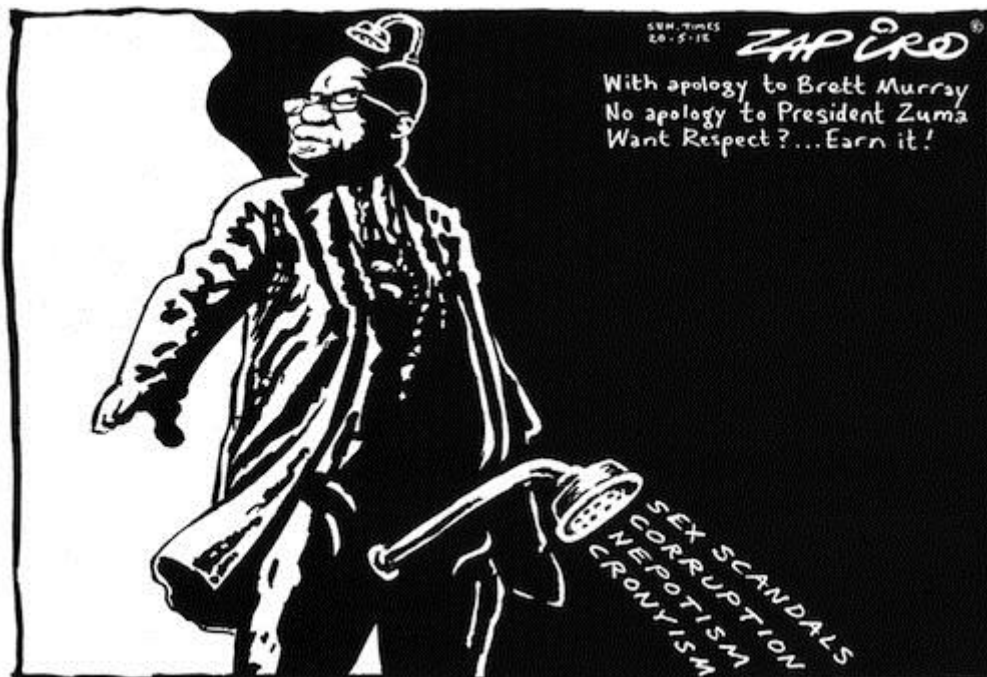
raciais predominantes durante o regime de segregação racial, tendo em vista que o artista é branco e o presidente é negro. Zuma é representado como um *fac-símile* de um famoso cartaz do revolucionário comunista russo Vladimir Lenin; no entanto, observa-se que a genitália está exposta. O artista destaca que os órgãos íntimos à mostra são referências ao suposto caso de estupro e poligamia. Zuma se casou seis vezes e atualmente tem quatro esposas (o presidente ficou viúvo de uma de suas mulheres e se divorciou de outra). Consideramos que apesar de bastante audacioso e crítico, o argumento está mais pautado em acusações e posturas tomadas pelo próprio presidente do que na questão racial.

Ainda de acordo com a jornalista, três pessoas foram presas na galeria por tentarem atacar a obra e um segurança também foi detido por agredir um visitante que atacava o quadro. Religiosos chegaram a pedir o apedrejamento do artista até a morte. Já as lideranças do CNA conseguiram na justiça retirar a imagem da galeria e do *site* de um jornal que havia feito a reprodução. MacGregor (2012) aponta que o principal debate em relação à pintura se deu no âmbito da liberdade de expressão e o direito à dignidade. A jornalista comenta que:

O debate foi principalmente emoldurado como liberdade de expressão contra o direito à dignidade, ambos princípios protegidos pela Constituição sul-africana. Muitos argumentaram que dada a história desagradável e sensibilidades raciais do país, a dignidade deveria prevalecer sobre a liberdade de expressão (MACGREGOR, 2012).

Diante de toda a polêmica, Zapiro publicou no dia 20 de maio de 2012, no jornal *Sunday Times*, a charge *Twin Showers* (Chuveiros Gêmeos), inserida neste trabalho como a figura 34. Este argumento, mais uma vez, recorre à intertextualidade para a formação da sua crítica; Zapiro inspirou-se em “A Lança”, tela de Murray. Neste trabalho, a associação pode ser facialmente percebida já que as duas imagens estão apresentadas. Mas para os leitores que se depararam com a figura 34 nas páginas dos jornais ou na internet, sem conhecer a pintura, a correspondência pode não ter ficado tão clara.

Figura 34



Fonte: Africartoons (2012).

A charge é muito semelhante ao quadro produzido por Murray. A diferença atribuída por Zapiro foi a presença de dois chuveiros. O primeiro já tradicional no topo da cabeça do presidente, enquanto o segundo substitui a genitália. O chargista deixa claro, com um texto inserido na própria imagem, que este argumento apoia a pintura de Murray: *With apology to Brett Murray. No apology to President Zuma. Want Respect? Earn it.* (Em defesa a Brett Murray. Nenhuma desculpa ao Presidente Zuma. Quer respeito? Ganhe-o). Além de reiterar que não apoia o político, Zapiro é agressivo em seu texto, afirmando que o presidente é responsável pelo desenvolvimento de argumentos semelhante a esses, por sua conduta pessoal.

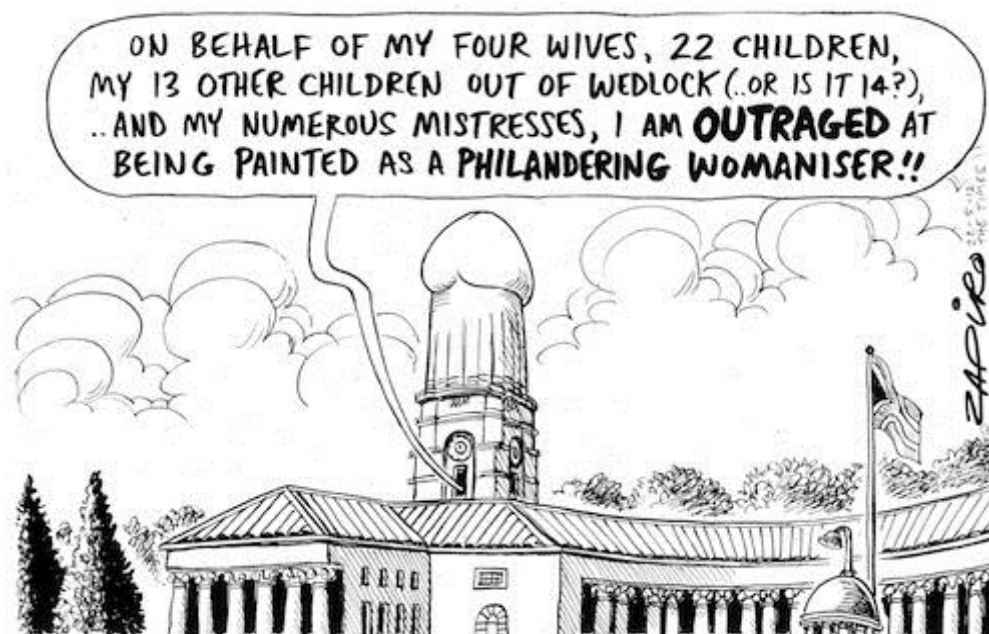
No chuveiro que substitui a genitália originalmente exposta no trabalho de Murray, escorrem diversas acusações atribuídas ao político: escândalos sexuais (*sex scandals*), corrupção (*corruption*), nepotismo (*nepotismo*) e clientelismo (*cronyism*). Esta charge foi bem recebida pelo público que a elegeu entre uma das dez mais populares de Zapiro em 2012.

Como a exposição ganhou destaque no país por suas críticas à mudança drástica de conduta do CNA, e principalmente pela representação polêmica de Jacob Zuma, o fato continuou influenciando o trabalho gráfico de Zapiro. Dois dias após a publicação da figura 34, Zapiro publicou a charge *President Zuma responds to the Murray Artwork* (Presidente Zuma responde à obra de Murray). A figura 35 ganhou as páginas do *The Times* e mais uma vez aborda a vida pessoal do presidente.

Nesta imagem, Zapiro utiliza bastante da transgressão e da ironia na representação de Zuma. Na figura, o presidente está no Palácio Presidencial. O que chama a atenção quase que imediatamente na imagem é a reprodução da torre da construção em formato fálico. O político não aparece na charge, mas ele estaria no interior do palácio. O que temos são suas reclamações, a partir de alguns gritos (podemos perceber este objetivo do chargista a partir dos grifos realizados pelo chargista no texto). Zapiro destaca as quatro esposas de Zuma, os mais de 20 filhos reconhecidos e os casos extraconjugais para compor o seu argumento.

Na resposta do presidente *On behalf of my four wives, 22 children, my 13 other children out of wedlock (...or is it 14?), ... and my numerous mistresses, I am outraged at being painted as a philandering womaniser!!!* (Em nome das minhas quatro esposas, 22 filhos, meus outros 13 filhos fora do casamento (... ou será 14?) ... e minhas numerosas amantes, estou indignado por ter sido pintado como um mulherengo!) há um exagero próprio do trabalho dos chargistas. Muito provavelmente, o seu objetivo tenha sido o de expor Zuma ao ridículo frente às ações judiciais do CNA para retirar o quadro “A Lança” (Figura 33) da exposição. Zapiro pretendia enquadrar Zuma na descrição de Murray, a qual foi proibida.

Figura 35

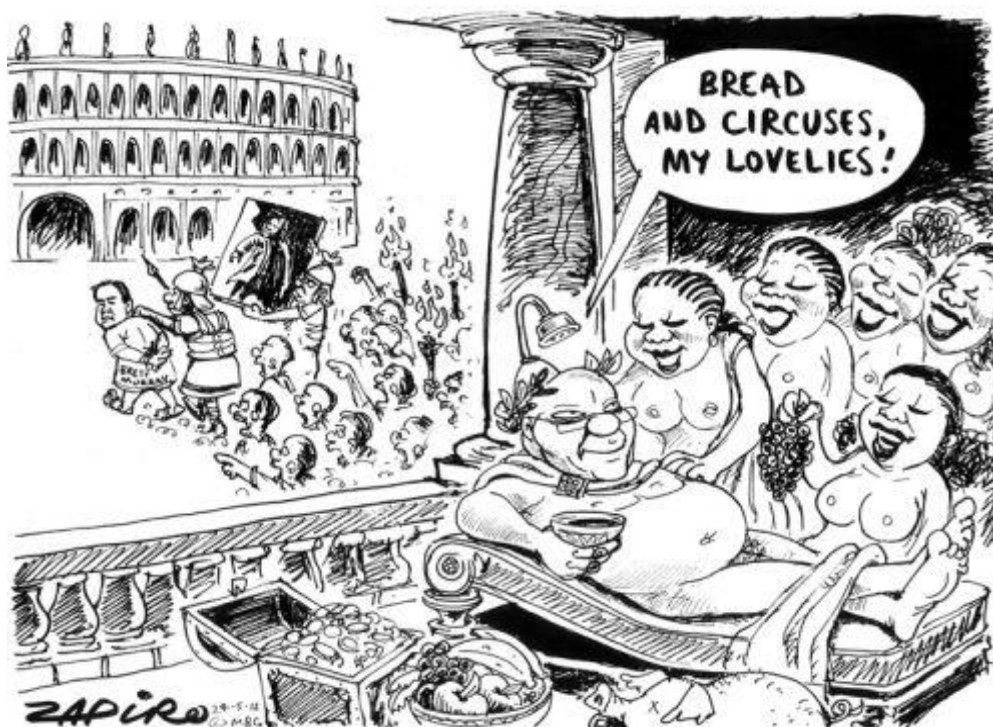


Fonte: Africartoons (2012).

No dia 24 de maio de 2014, o chargista publicou no *Mail & Guardian* mais uma charge que segue estas mesmas características. A figura 36, que não tem título, aborda toda a polêmica gerada pela pintura. Zapiro recria um universo romano e insere o Coliseu no quadro chárstico. Murray é preso por um guarda sul-africano (vestido com os trajes romanos), enquanto outro carrega o quadro e caminham em direção à arena, acompanhados por pessoas com tochas nas mãos. Podemos intuir que o artista será levado a uma batalha com gladiadores. Enquanto isso, em primeiro plano, Zuma se destaca como um imperador, tomando vinho e cercado por várias mulheres.

Zuma e suas acompanhantes estão de costas para a movimentação. A partir deste argumento, o chargista critica o presidente em manipular os seus eleitores. O caso é trabalhado como uma forma para conquistar o apoio popular e construir uma imagem de fragilidade diante dos sul-africanos. Chegamos a esta suposição a partir do discurso que Zapiro atribui a Zuma neste contexto: *Bread and circuses, my lovelies!* (Pão e circo, meu amores!). Assim como os imperadores romanos, o chargista aponta que o presidente se vale da política do “Pão e Circo” para manter a população como sua aliada.

Figura 36



Fonte: Africartoons (2012).

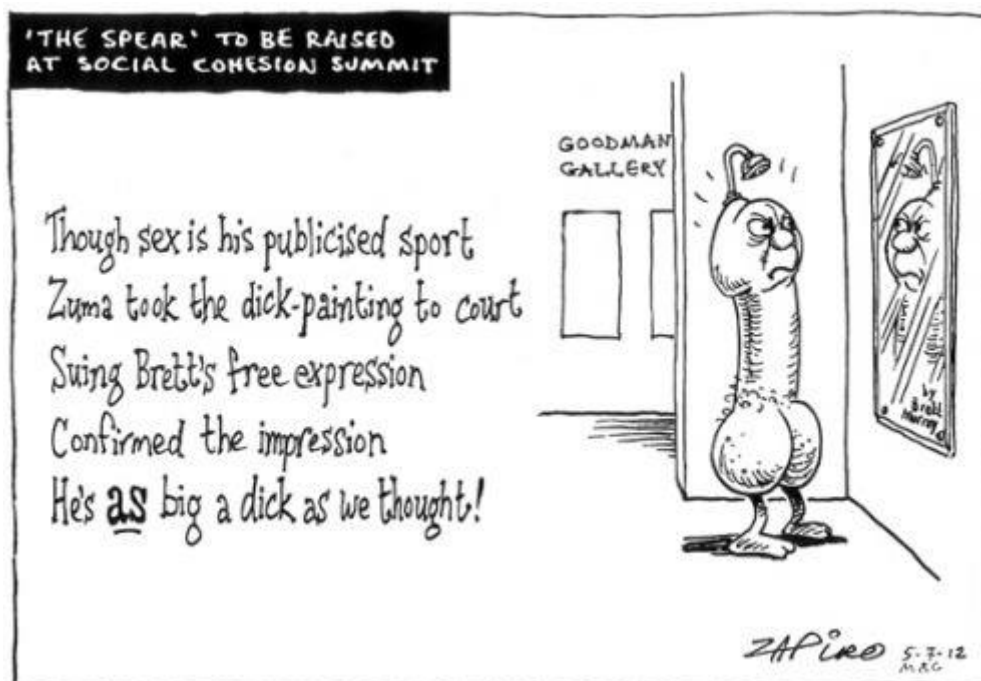
A figura 37, intitulada *Raising the Spear* (Levantando a Lança) foi publicada no jornal *Mail & Guardian* em 06 de junho de 2012. O chargista se valeu ainda da polêmica gerada com o quadro “A Lança” (Figura 33) com a I Cúpula Africana Global sobre a Diáspora realizada em maio de 2012, em Joanesburgo. O evento reuniu chefes de Estado e de Governo da América do Sul, América Latina e Caribe. O objetivo da Cúpula foi estabelecer parcerias entre a África e sua Diáspora, a partir de um diálogo sustentável e da colaboração entre os governos internacionais.

Zuma é representado como um órgão genital masculino na *Goodman Gallery*, local onde a exposição que criticava a postura do CNA e de seus principais líderes foi realizada. Apesar de citar a Cúpula, acreditamos que o chargista tenha se dedicado mais sobre os desdobramentos da exposição de Murray. No entanto, muito certamente, a proximidade entre a mostra artística e a reunião política causou um desconforto ao presidente.

Uma das possibilidades que esta charge nos remete é que após visitar a exposição, esta foi a autoimagem do político. Ele se convenceu das acusações de Murray e observa o seu reflexo diante de um espelho. Outra possibilidade, e que nos parece a mais provável, é a de que Zuma não esteja diante de um espelho, mas de um quadro, pois na parte inferior há a assinatura do artista (by Brett Murray). Na parte de cima da charge, inserido em um retângulo, há o texto ‘*The Spear*’ to be raised at social cohesion summit (‘A Lança’ a ser

levantada na Cúpula da coesão social). Apesar das pesquisas, não encontramos nenhum texto na internet que destaque a atuação de Zuma no encontro. Talvez o argumento do chargista se justifique pelo fato da reunião ter sido realizada na África do Sul.

Figura 37



Fonte: Africartoons (2012).

O texto do chargista critica novamente a postura do político e sua conduta em proibir o quadro “A Lança”, o que ele considera um atentado à liberdade de expressão. O

texto presente na charge *Though sex is his publicised sport, Zuma took the dick-painting to court; Suing Brett's free expression confirme the impression. He's as big a dick as we thought!* (Embora o sexo seja seu esporte divulgado, Zuma levou a pintura do “pinto” a um tribunal. Processando a livre expressão de Brett confirma a impressão de que ele é um grande imbecil como pensávamos!) é bastante transgressivo. Até o momento, percebe-se que, desde 2006, Zapiro se apresenta crítico à conduta de Zuma.

Outro tema que ganhou destaque no trabalho de Zapiro foi a quinta reunião do BRICS realizada na África do Sul, em março de 2013. A cúpula marcou o encontro do presidente sul-africano, Jacob Zuma; a presidente brasileira, Dilma Rousseff; o presidente chinês, Xi Jinping; o presidente russo, Vladimir Putin e o primeiro-ministro indiano, Manmohan Singh. Nas figuras 38 e 39 nos deparamos com esta abordagem. Em seu último encontro, o grupo de países emergentes desenvolveu propostas para se protegerem da crise econômica mundial. O principal resultado da quinta cúpula foi a criação de um banco para financiar infraestrutura e um fundo de US\$ 100 bilhões para proteger um dos cinco países em possíveis casos de crises.

A charge - *Zuma having CAR trouble during BRICS summit* (Zuma com problemas na República Centro-Africana durante a reunião do BRICS) foi publicada em 27 de março de 2013, no jornal *Mail & Guardian*. Na figura 38, Zapiro simula um passeio pelo safári sul-africano, uma das principais atrações para os turistas. O chargista estabeleceu um trocadilho entre a palavra *car* (carro) e a sigla, em inglês, da República Centro-Africana (*Central African Republic*).

Zapiro representou um passeio, onde ocorrem problemas mecânicos no carro, para abordar a morte de 13 sul-africanos durante a cúpula do BRICS. Segundo o chargista (não conseguimos confirmar esta informação em outras fontes) estas pessoas foram assassinadas na República Centro-Africana (RCA). O anúncio afetou o momento político de destaque em que o país se encontrava. Outro ponto não esclarecido que parece ter afetado a imagem do presidente foi a presença não justificada de 200 soldados sul-africanos no país.

A RCA atravessa uma intensa guerra religiosa entre católicos (80% da população) e muçulmanos. Os conflitos começaram em março de 2013, poucos dias antes do encontro dos líderes do BRICS, quando uma coalizão rebelde de maioria muçulmana, os Seleka, retirou do poder o presidente François Bozizé. A partir destes conflitos, Michel Djotodia, representante do grupo muçulmano, ficou à frente do Estado até janeiro de 2014, quando foi forçado a renunciar. O cargo foi assumido pela presidente interina Catherine Samba-Panza. As próximas eleições estão previstas para 2015.

Com a junção destes dados, podemos pensar que a morte de 13 sul-africanos e a presença de um exército em um país completamente instável - todas estas situações pouco explicadas - “sujaram” a imagem do presidente (assim como a fumaça na charge após o carro ter quebrado). Estes fatos tiraram o destaque de um evento de grande magnitude.

Figura 38



Fonte: Africartoons (2013).

Ainda em relação ao BRICS, Zapiro produziu a charge *Zuma's leading role in BRICS* (Papel de liderança de Zuma no BRICS), escolhida como figura 39 para o desenvolvimento desta pesquisa.

Figura 39



Fonte: Africartoons, (2013).

Zapiro apresenta os cinco representantes dos países que formam o BRICS na charge acima. Apenas Zuma não está como um humano. Apesar de ser o primeiro da fila, é representado como um cachorro. A partir de nossas pesquisas sobre a reunião da quinta cúpula do BRICS, não encontramos nenhum dado específico que pudesse justificar a opção de Zapiro. Talvez, o objetivo do chargista tenha sido o de estabelecer uma comparação entre Zuma e os outros chefes de Estado, onde a conduta polêmica do sul-africano possa justificar a sua representação inferior.

Seguindo dados destacados pelo chargista e que não conseguimos confirmar em outras fontes oficiais, a África do Sul age como um agente infiltrado nestas reuniões e repassa todas as informações para membros do G8 e do G20. Esta pode ter sido a motivação do chargista para apresentar o presidente como um cachorrinho: ele se diz líder dos países que estão em desenvolvimento, mas, na verdade, é submisso aos países ricos. Caso esta informação seja verdadeira, é uma acusação muito grave. O que achamos mais estranho é que não encontramos textos jornalísticos sobre o evento que possa confirmar ou rechaçar esta versão.

Na charge, Zuma está com uma coleira. Ele é o acompanhante do presidente chinês que vira aos seus companheiros e destaca que o animalzinho gosta de exercer a sua liderança (*He just loves his leading role*). Ainda que não tenha sido possível encontrar informações que possam combater ou confirmar esta versão, fica explícito que a

representação do presidente, sobretudo na figura 39, é estabelecida a partir da transgressão. As críticas ao presidente Zuma são constantes e mais evidentes se compararmos com os mandatos de Mandela e de Mbeki.

A figura 40, *Zuma welcoming Obama to South Africa* (Zuma acolhendo Obama na África do Sul), foi publicada no jornal *Mail & Guardian*, em 27 de junho de 2013. Em junho de 2013, o presidente norte-americano, Barack Obama, acompanhado da mulher e das filhas, visitou o Senegal, África do Sul e Tanzânia. A eleição do político negro com origens africanas trouxe esperanças ao continente mais pobre do mundo. No entanto, em seu primeiro mandato, poucos esforços partiram de Washington em direção à África. Segundo informações publicadas *site da Globo*, por ocasião da visita, o presidente americano prometeu mudar as relações entre os Estados Unidos e a África, aumentando, assim, os acordos comerciais.

Figura 40



Fonte: Africartoons (2013).

A chegada de Obama provocou manifestações pacíficas no centro de Petrória. Obama preferiu não comentar o incidente. De acordo com a *Folha de S.Paulo*, um grupo de cerca de mil manifestantes protestavam contra a exploração econômica, a política externa norte-americana, em defesa dos palestinos e contrários às prisões em Guantánamo

(Cuba). O escândalo do monitoramento de chamadas telefônicas também foi lembrado e criticado pelos sul-africanos. A manifestação, que foi convocada por sindicatos e ativistas de esquerda, percorreu as ruas da cidade e acabou em frente à embaixada dos Estados Unidos após um abraço coletivo.

A visita de Obama foi ofuscada pelo grave estado de saúde de Nelson Mandela. O líder sul-africano estava internado com quadro de infecção pulmonar no período. Obama não se encontrou com o líder negro, apenas com seus familiares. Em dezembro do mesmo ano, voltou ao país para as cerimônias fúnebres de Madiba e foi aclamado no estádio *Soccer City*.

O *site UOL* destacou que a visita de junho teve o objetivo de tratar de assuntos bilaterais e investimentos nas áreas de educação, saúde, segurança e cooperação para o desenvolvimento da África do Sul. O presidente norte-americano também participou de eventos com estudantes e também de uma reunião com Nkosazana Dlamini-Zuma, presidente da União Africana, e visitou a Ilha Robben, na Cidade do Cabo, onde fica o presídio onde Mandela permaneceu detido por quase duas décadas, antes de ser transferido para a prisão de Pollsmoor, no início da década de 1980.

A visita de Obama foi marcada pelos escândalos de espionagem em vários países. O episódio envolveu a presidente Dilma Rousseff, que destacou o fato como um ataque à soberania brasileira. Na figura 40, o chargista simula o momento em que Zuma se dirige até Obama para cumprimentá-lo por sua chegada na África do Sul. Zapiro também destaca como a imagem dos dois presidentes está arranhada após escândalos em suas respectivas administrações.

Barack Obama foi eleito em 2008 com *status* de salvador após os níveis de popularidade de George Bush despencarem. Em muitos momentos, chegou a ser comparado com Nelson Mandela, já que os dois foram os primeiros negros escolhidos popularmente para o cargo de chefe de Estado de seus respectivos países. No entanto, na perspectiva de Zapiro, percebemos uma maior aproximação com o atual presidente sul-africano. Enquanto Zuma tenta esconder os escândalos embaixo de um tapete, Obama traz os seus nas costas. Os dois presidentes aparecem desconfortáveis, com as expressões nervosas e as pernas trêmulas.

Obama carrega o “peso” da presença de tropas americanas no Afeganistão e as prisões de Guantánamo, além dos já referidos escândalos de espionagem internacional. No caso do presidente Zuma, as acusações envolvem o projeto *Secrecy Bill* (já apresentado no decorrer desta análise); desvio 215 milhões de rands (R\$ 49,3 milhões) dos cofres públicos para reforma de sua casa em Nkandla; e a morte de 34 mineiros que estavam em greve na

mina de Marikana, 100 km de Joanesburgo (norte). O massacre é apontado como um assassinato em massa sem precedentes e a ação mais violenta desde o fim do *apartheid*. A polícia afirmou que agiu em legítima defesa, mas a versão foi contestada. Até o momento nenhum policial foi preso. O Estado contratou sete advogados para defendê-los neste caso.

Na representação chárstica de Zapiro, os dois presidentes são apresentados como omissos. A figura 40 apresenta muito da opinião do chargista sobre os dois chefes de Estado: o que não é nada positiva!

6.1 O DISCURSO CHÁRGICO EM ZAPIRO E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Após analisarmos as charges de Zapiro produzidas entre os anos de 1995 e 2013, percebemos que o trabalho do chargista tem grande destaque na África do Sul e que, em alguns momentos, também alcançou relevância no cenário jornalístico internacional. O chargista soube trabalhar bem em seus argumentos fatos polêmicos relacionados à história do país ou à vida pessoal de seus principais líderes. Zapiro soube mesclar a acusação do suposto estupro cometido por Zuma e a influência do líder negro sobre o sistema judiciário.

Se o político tivesse sido considerado culpado no tribunal frente às inúmeras acusações, ele não poderia ter sido apresentado pelo CNA como candidato apto a conduzir os rumos do país. Por seus argumentos críticos, Zapiro é apontado como o principal chargista sul-africano e o mais conhecido fora de seu país. O seu trabalho é publicado nas páginas dos principais jornais sul-africanos.

Como o objetivo da nossa pesquisa era analisar a representação (política e psicológica) dos três presidentes negros eleitos após o fim do *apartheid* (1994), Nelson Mandela (1994-1995), Thabo Mbeki (1999-2004; 2004-2008) e Jacob Zuma (2009 - atual), percebemos como os três líderes são percebidos de formas muito distintas pelo chargista.

Acreditamos, sobretudo, que a opinião até mesmo decepcionada de Zapiro com a realidade política do país após o término da política de segregação e, sobretudo, pós-Nelson Mandela, seja semelhante à de grande parte de chargistas do país. Não é exagero afirmar que Madiba é um mito. O primeiro presidente negro é tratado como um herói por suas contribuições inestimáveis à transição política. Mandela é tido como o principal responsável por evitar o início de uma guerra civil após o fim do *apartheid*. A sua postura cautelosa e conciliadora teve o objetivo de inaugurar uma nova história para a África do Sul.

No trabalho de Zapiro, Mandela é percebido como o herói nacional. O chargista visita toda a sua trajetória política (como nas figuras 3 e 9) para demonstrar que o

xhosa é um líder natural. Mais do que isso, ele é visto como alguém capacitado para erguer as bases de uma nova nação. Infelizmente, não encontramos charges anteriores a 1994 para termos uma noção de como a imagem de Mandela era construída pelo chargista enquanto ele fulgurava como principal personagem da oposição sul-africana.

Pelas características apresentadas no trabalho de Zapiro, consideramos que mais do que um crítico do Governo de segregação, ele era um apoiador de Nelson Mandela. O chargista afirmou publicamente sua admiração pelo primeiro presidente negro sul-africano e isso pode ser percebido no seu traço. Aos olhos do chargista, a conduta do político é tida como quase irretocável. A única crítica encontrada nas charges compiladas para o desenvolvimento desta pesquisa está na figura 12, mas ainda assim é muito sutil. Zapiro apresenta Mandela como um deus, para posteriormente considerar que ele também é passível de erros. Por se tratar de uma personalidade política, o argumento é bastante brando. O objetivo do chargista foi demonstrar ao líder negro que: “We revere you - don’t give us cause to criticize you” (ZAPIRO, 2009, p. 60). (“Nós reverenciamos você - não nos dê motivos para criticá-lo”).

Inicialmente, poderíamos considerar que o apoio do chargista a Mandela se fez pela condição de instabilidade política e social em que o país se encontrava. Entretanto, com o passar dos anos, o discurso foi mantido. Alertamos que este apoio de Zapiro ao líder negro também não configura uma atitude isenta. Não que o chargista tenha o papel de apenas criticar o encaminhamento de determinado governo, mas ele tem a função social de representar quais são as suas falhas. Sentimos falta de encontrar na representação de Mandela mais charges que analisassem aspectos políticos de seu mandato. Argumentos que levassem em conta o dia a dia do chefe de Estado e suas condutas. No entanto, Madiba é trabalhado como o exemplo político a ser seguido.

O chargista toma o primeiro presidente negro como o governante exemplar; entretanto, o mandato de Mandela teve mais o objetivo de estabelecer as bases da nova política adotada pela África do Sul. Entre as principais críticas à sua conduta presidencial, destacamos a epidemia de AIDS. Durante os anos de *apartheid*, a população negra esteve completamente esquecida frente ao Governo sul-africano. Com o fim do regime de segregação, o drama da AIDS tornou-se público. Cerca de 5,7 milhões de sul-africanos são portadores do vírus e a epidemia foi responsável por reduzir a expectativa de vida no país para menos de 50 anos. Em seu mandato, Mandela não tomou medidas efetivas para o controle da doença. Após deixar o poder e perceber a gravidade da questão criou uma organização não governamental destinada a conscientizar a população.

Outra crítica frequente atribuída a Mandela está diretamente relacionada ao segundo presidente negro, Thabo Mbeki. Madiba é acusado de não ter preparado um herdeiro político. Ainda que Mbeki tenha uma identificação pessoal com a luta política, o seu governo se distanciou do primeiro mandato pós-segregação no campo social. Diferentemente de Mandela, que se esforçou para um governo mais inclusivo, o seu sucessor foi acusado de centralizar o poder. A sua disputa com Jacob Zuma pela presidência do CNA é um fato que aproxima ainda mais a imagem de Mbeki desta acusação. O presidente foi reeleito para comandar o partido e o país. Como não tinha o objetivo de mudar a Constituição, Mbeki pretendia continuar à frente do CNA e influenciar nas tomadas de decisão do seu sucessor. Na representação de Zapiro, o filho de Govan Mbeki é apresentado como um homem comum, falho, bem diferente de seu antecessor. Segundo o chargista, foi durante a administração de Mbeki que os escândalos de corrupção aumentaram significativamente; principalmente nas figuras 17 e 19 percebemos o destaque a este tema.

Por mais que o CNA tenha se esforçado para aproximar Mbeki do legado de Nelson Mandela, apontando-o como um herdeiro natural, o político foi se distanciando da imagem de seu antecessor, como o chargista aborda na figura 20. A negação da AIDS, justificando-a como uma derivação natural da desigualdade social e da pobreza, gerando um comprometimento genético, foi, com certeza, um dos principais erros do mandato de Mbeki. Foi necessária uma intervenção de Mandela para que ele mudasse a sua postura política frente à epidemia que assola o país.

No campo econômico, apesar da elevação das taxas de desenvolvimento sul-africano, a alta disparidade social está entre as críticas do chargista ao segundo presidente negro sul-africano. Apesar de todos os temas aqui elencados, consideramos que Mbeki foi uma figura pouco representativa para o trabalho de Zapiro. Tivemos dificuldade em encontrar charges em nossas fontes de pesquisa que dessem destaque ao segundo presidente negro da África do Sul. Não podemos cair no extremismo e falar em uma *invisibilidade*, mas não podemos deixar de questionar que os argumentos são restritos considerando que ele governou o país por quase dez anos. Em comparação às representações produzidas por Zapiro a respeito de Mandela (apenas um mandato) e Zuma (considerando o mandato incompleto), Mbeki esateve menos presente nas charges do artista, tanto é que grande parte das charges escolhidos para esta análise foram publicadas após sua renúncia. Do que foi produzido sobre Mbeki, o então presidente foi apresentado como um líder político envolvido em casos de corrupção e sem o clamor popular presente em Mandela.

Já Jacob Zuma é apontado como uma figura extremamente negativa. Percebemos que o político foi personagem dos traços de Zapiro antes mesmo de chegar à presidência. As figuras 13, 14, 18, 23, 24, 25 e 27 são anteriores à sua indicação pelo CNA. Não podemos desconsiderar, antes mesmo desta afirmação, que as acusações de corrupção e de estupro, além de sua vitória nas eleições internas de seu partido, são fatos de extrema importância para um chargista.

Acreditamos que Zuma tenha se tornado uma figura ímpar para os trabalhos de Zapiro. Apesar de ter conquistado os votos da maioria negra, ele não contava com o apoio de figuras importantes no universo político sul-africano, como Desmond Tutu. A desconfiança do arcebispo com a conduta pública de Zuma frente ao cargo mais importante do Executivo sul-africano começou antes mesmo da confirmação da vitória do candidato do CNA. Em maio de 2013, o líder religioso declarou publicamente que não é mais um eleitor da sigla que está no poder desde 1994. Com a morte de Nelson Mandela, Tutu destacou-se como uma das principais figuras históricas que atuaram como ativistas contrários ao *apartheid*. O vencedor do Prêmio Nobel da Paz utilizou de sua posição na Igreja Anglicana e sua influência no país para lutar pela libertação dos presos políticos e pelo fim do regime de segregação.

Com todo este retrospecto, que também se confunde com a história do próprio CNA, ter o apoio de Desmond Tutu seria muito importante nas próximas eleições presidenciais, marcadas para maio de 2014. O desafio do partido para vencer o pleito é utilizar o legado de Mandela e sua ligação pessoal e política com a sigla na medida certa. Um abuso excessivo da imagem de Madiba pode suscitar comparações entre a sua conduta política e a de Zuma, o que seria prejudicial para o atual presidente, que busca a reeleição. Em 2014, o país também comemora duas décadas da primeira eleição multirracial e da chegada de Mandela ao poder.

Zapiro aponta Zuma como alguém que não estava apto a assumir um cargo tão importante quanto a presidência da República. Diferentemente de Mandela, não encontramos nenhum ponto positivo em sua representação. Zapiro se vale de fatos controversos da vida pessoal do político e acusações para construir uma imagem negativa do presidente. O chargista, com certa frequência, recorre ao argumento *The Rape of Justice* (figura 25) para apontar os deslizes do político. Acreditamos que o objetivo do chargista é não apagar esta acusação do imaginário coletivo sul-africano, consolidando-a como uma representação social determinante.

O *Zuma Shower* (figura 24) é um traço caricatural que congrega o mesmo objetivo. O chargista salienta, a cada representação de Zuma, independente da circunstância,

que o político afirmou que uma ducha após um ato sexual sem proteção é suficiente para evitar a transmissão da AIDS. Quando Zapiro representa Zuma nessas condições e traz todas estas características à tona, ele não critica apenas o presidente, mas o partido que ele lidera e também os eleitores que o elegeram.

Acreditamos que a partir da representação de Zuma é possível compreender plenamente o humor como transgressão, como assinala Umberto Eco (1989). As charges não trazem em si nada de engraçado, mas um tom de extrema crítica. O objetivo do chargista não é alcançar o riso, mas materializar a crítica. Se o riso surgir, ele é uma consequência natural da crítica desempenhada contra determinada personalidade política. O humor se lança sobre o opressor (como é no caso dos líderes do *apartheid*, na figura 19), o político corrupto (figuras 34 e 40), ou qualquer personalidade pública que se aproveita do *status* social e não cumpre as suas funções.

Ainda que Zuma tenha sido acusado mais de uma vez de corrupção, este fato é periférico no trabalho de Zapiro. Ele se atenta mais à acusação de estupro. A partir deste suposto crime, o chargista construiu uma identidade para o líder negro. Zapiro parte desta condição para afirmar que Zuma utiliza da sua influência para pressionar o sistema judiciário sul-africano e se lançar como presidente da República (figuras 25, 27 e 28), além de atentar contra a liberdade de expressão (figuras 29 e 30). Em Zapiro, Zuma é um presidente que não aceita receber críticas. O chargista aborda esta condição a partir de diversos prismas. Ele transfere para o traço a sua batalha judicial com o presidente. Para isso, o chargista se insere no quadro chárstico e se torna um personagem de seus próprios argumentos (figuras 23 e 30).

Nas figuras 31 e 32, Zapiro destaca o projeto de Lei formulado pelo CNA que pretende controlar as informações divulgadas sobre o Governo nos órgãos de imprensa, o polêmico *Secrecy Bill*. Posteriormente, entre as figuras 34 a 37, aborda a polêmica entre o presidente e o artista Brett Murray, a partir da tela “A Lança” (figura 33). De fato, Zuma tem uma relação difícil com a imprensa sul-africana e também com a internacional. O chargista não é o primeiro, ou o único, profissional de imprensa a enfrentar o líder *zulu* nos tribunais.

Desta forma, a representação de Zuma é a mais negativa entre os três líderes negros pós-*apartheid*. O atual presidente é apontado como estuprador, manipulador do sistema judiciário, machista, antidemocrático, corrupto e populista. Tanto nas charges que tematizam o *Secrecy Bill* como nas que dissertam sobre a polêmica com Murray, Zapiro recorreu à intertextualidade para desenvolver os seus argumentos. Os textos são complementares e a leitura de todos os argumentos possibilita uma compreensão mais

apurada da crítica desenvolvida pelo chargista. Percebemos que a intertextualidade também está explícita nas charges *The Rape of Justice* (Figuras 25, 27, 28, 29 e 30).

Pensando propriamente no conteúdo desta representação - a classificação em uma esfera política ou psicológica - julgamos que o mandato de Mandela pode ser visto em um aspecto mais político. O chargista apresenta traços psicológicos de Madiba, até mesmo para apresentá-lo como o grande herói nacional, mas a representação visa destacar prioritariamente a sua importância política para a África do Sul.

Gostaríamos de mais uma vez reforçar que consideramos Nelson Mandela uma figura ímpar na história mundial. Com toda certeza, o líder negro deixou marcas indeléveis na luta contra a segregação e o racismo em todo mundo. Entretanto, consideramos que um trabalho tão comprometido à conduta de um personagem político não é uma atitude isenta para o debate social. Caberia a Zapiro analisar o mandato de Mandela a partir de uma perspectiva mais ampla, plural e, em certa medida, mais isenta. Não estamos pregando a neutralidade jornalística, mas uma análise mais próxima da realidade, que é dialética e contraditória, deixando claro que o mandato de Madiba foi de extrema importância para o país, mas que também teve erros e equívocos. O chargista é um importante analista da realidade política e social e é por este motivo que fazemos algumas ressalvas aos argumentos do chargista. No entanto, ainda que o seu trabalho sofra influências de sua forma de ver o mundo, o resultado final traz em si fragmentos do período histórico em que ele está inserido.

A figura 2 (a e b) é composta apenas por aspectos políticos. Mandela é apresentado como o chefe da Nação, o líder capaz de determinar quais serão os seus rumos. Simbolicamente, o líder negro é apresentado como o “pai sul-africano”, o responsável pelo seu desenvolvimento. Já a figura 3 aborda um tom psicológico; é como se Zapiro quisesse mostrar a vocação de Mandela para a liderança. A charge tem até mesmo um tom de justificativa: a África do Sul chegou ao seu atual estágio pelos esforços de um líder determinado que comprometeu a sua vida pessoal em favor do fim do regime de segregação. Podemos considerar também que Mandela só chegou à presidência, como o primeiro chefe de Estado negro, após décadas de segregação, por seu empenho pessoal. Dessa forma, a charge exalta a figura pública e privada do seu presidente.

As demais charges tratam Mandela a partir de uma perspectiva política. A figura 4 estabelece uma comparação entre o passado e o presente do CNA. Madiba é mostrado como um ícone; uma figura de relevância no interior da sigla. O chargista se vale do legado de Mandela para condenar os atuais rumos do partido. Uma crítica semelhante é estabelecida na charge seguinte, figura 5. O argumento é uma homenagem a Walter Sisulu e

destaca que o país está perdendo os seus principais líderes. Ainda que novos políticos estejam no poder, os militantes responsáveis pela criação da Liga Jovem (Mandela, Tambo e Sisulu) são apontados como os arquitetos da democracia.

A figura 7 contempla uma das viagens internacionais realizadas por Madiba durante o seu mandato. O destino escolhido pelo chargista não poderia ser mais representativo por dois motivos: primeiramente porque a viagem diplomática realizada na Europa foi um sucesso. Mandela foi aclamado pelo público em todos os locais em que esteve; e o segundo, por se tratar da Inglaterra. A África do Sul foi uma colônia de exploração daquele país e, além disso, o Reino Unido era aliado do *apartheid*. O encontro entre Madiba e a rainha Elizabeth II seria algo impensável durante o auge do regime de segregação.

A figura 9 é novamente uma homenagem a Nelson Mandela. Consideramos que ela mescla traços políticos e psicológicos. O argumento se refere à trajetória política do atual presidente, mas destaca a abdicação pessoal do líder negro. Percebemos algumas semelhanças com a figura 3. Partindo para a figura 10, nos deparamos com um argumento posterior à aposentadoria de Mandela. No entanto, o chargista recoloca o líder negro em cena para destacar a sua influência na política sul-africana. A imagem de Mandela é utilizada como bandeira pelas atuais lideranças partidárias, principalmente Jacob Zuma. Esta é uma charge que consideramos contraditória. No decorrer das análises, percebemos que o chargista tece críticas a Mbeki e a Zuma. Talvez também fosse coerente contestar o apoio político de Mandela aos dois. Uma das últimas aparições públicas do líder negro foi no comício que encerrou a campanha de Zuma pela presidência em 2009. A figura 11 apresenta um Mandela mais crítico em relação à administração do atual presidente. A partir da comemoração do *Mandela Day*, ele critica o envolvimento de servidores do alto escalão do governo Zuma em práticas de corrupção.

A figura 12 encerra a análise da representação de Nelson Mandela. Optamos por deixá-la para o final, pois apresenta uma crítica sutil ao mandato de Madiba. O chargista condena a escolha de um militante anti*apartheid*, acusado de corrupção, para um cargo no Executivo sul-africano. O fato é apontado mais como um deslize do que uma falha propriamente dita.

A representação social contruída em torno da figura de Mandela deixou claro o apreço do chargista pelo político. Ainda que as charges sejam separadas por vários anos, não há uma alteração na imagem de Mandela. Ele era tratado como um político íntegro quando subiu ao poder, durante o seu governo, após sua retirada da vida pública e, muito possivelmente, depois de sua morte. Do ponto de vista psicológico, Mandela foi apresentado

como uma figura centrada e focada em seu objetivo maior, o fim da segregação racial. No campo político, ele aparece nos trabalhos de Zapiro como um líder competente e com traços heróicos.

Quando comparamos as charges sobre Mandela e sobre Mbeki, temos a impressão de que muita coisa mudou no direcionamento do país, mas essa mudança opera um polo negativo; é na verdade uma regressão. O uso da caricatura, modalidade das linguagens iconográficas que costumeiramente está presente na charge, toma ares diferentes na análise dos dois políticos. Enquanto em Mandela, a caricatura é um recurso que não traz nenhum aspecto negativo (o líder negro está sempre sorrindo, com uma expressão terna), em Mbeki ela assume propriamente a sua função: a crítica. A charge deixa de ser um instrumento de apoio ao presidente e passa a ser um formato jornalístico de análise e opinião. Parece-nos bastante curioso um texto estruturalmente dedicado à crítica humorada se destinar ao apoio irrestrito a um presidente. A partir de Mbeki, e principalmente em Zuma, a charge torna-se um gênero de oposição.

Em nossas pesquisas, não encontramos nenhum argumento que aborde a transição política entre Mandela e Mbeki. A chegada do segundo presidente negro ao poder indicou também a retirada de Mandela da vida pública. Muito provavelmente, ele teria sido reeleito e continuaria no poder por mais mandatos se houvesse cogitado alterar a Constituição do país. O ex-presidente brasileiro, Fernando Henrique Cardoso, destacou que a saída voluntária de Mandela do poder foi a sua maior contribuição ao país. Nas palavras de FHC: “Com seu imenso prestígio poderia ter ficado para sempre na presidência da África do Sul, mas fez questão de se retirar, abrindo espaço para uma nova geração de líderes. Mandela foi popular sem nunca ser populista” (CARDOSO apud MANDELA, 2009).

A representação de Mbeki começa com a figura 13. A charge é uma alusão à crise entre o segundo presidente sul-africano e Jacob Zuma. O argumento é político, tem o objetivo de analisar a situação do CNA e propriamente do país, considerando que a sigla está no poder desde 1994. Assim como na figura 14, os líderes negros posteriores à Mandela estão indicados em lados opostos no mesmo quadro chágico. Mais do que uma organização dos personagens em cena, a localização também pode indicar o clima de rivalidade gerado a partir de então.

A figura 14 define Mbeki como o pensador, fazendo alusão ao seu apreço pela leitura e alto grau de educação. Em contraposição, Zuma é apresentado como um falsário. Por mais que o argumento político traga condições subjetivas sobre a personalidade de cada um dos líderes negros, o objetivo é expressar o descontentamento com os rumos do

país. Ainda que Mbeki apareça inicialmente de uma forma positiva, o chargista estabeleceu uma comparação entre os dois. Para Zapiro, os dois são muito parecidos e esta semelhança traz consequências negativas para a África do Sul. Acreditamos que a intenção do chargista tenha sido a de apresentar as características individuais dos políticos e considerar suas respectivas influências na administração do país.

A figura 15 retoma a crise no CNA. A charge destaca as pressões as quais Mbeki estava submetido. Assim como os anteriores, este também é um argumento político: se refere ao enfraquecimento e isolamento do presidente frente à África do Sul. Sem o apoio do próprio partido, é praticamente impossível governar um país.

A primeira análise psicológica apresentada de Mbeki é a figura 16. A charge tenta diferenciar a reação do presidente em diversas situações. No entanto, não há nenhuma alteração. Mbeki mantém o mesmo semblante independente do ocorrido. Neste argumento, o chargista insere problemas sociais na administração do país. Em suma, podemos considerar que a frieza e o distanciamento do líder negro foram percebidos durante o mandato do sucessor de Mandela.

A figura 17 tem motivação política. A charge analisa quais foram os resultados do governo Mbeki para a África do Sul. Talvez, dentre as figuras analisadas, esta seja a charge que mais demonstre a insatisfação de Zapiro com Mbeki. Politicamente, o chargista considera que não há nada de positivo no presidente, tampouco em seu legado. A figura 18 é também essencialmente política. O argumento foi publicado para comentar a candidatura de Jacob Zuma, mas optamos por analisá-la junto com as charges referentes a Mbeki porque destaca o seu enfraquecimento político. Com o passar dos anos, o presidente foi perdendo espaço no alto escalão político sul-africano. Mbeki também perdeu apoio junto à opinião pública, eleitores e chefes internacionais. Conforme Zuma foi se destacando como o presidente do CNA, Mbeki foi se afastando da liderança nacional.

A figura 19 é, com certeza, um dos argumentos mais polêmicos compilados para o desenvolvimento desta da dissertação. O chargista foi apontado como racista ao caricaturar Mbeki e Zuma como primatas. Nós já fizemos esta discussão anteriormente, durante a análise, e consideramos que a abordagem não é racial e sim política. Tiramos esta conclusão ao perceber que Zapiro faz uma comparação entre os líderes do *apartheid* (obrigatoriamente brancos, pelas exigências do próprio sistema) e os sucessores de Mandela. Consideramos que, do ponto de vista político, é um exagero do chargista estabelecer esta igualdade, mas este exagero é justificável pelas características da charge. O argumento é político e critica todos os chefes de Estado sul-africanos desde o regime de segregação, com

exceção de Nelson Mandela. O principal líder negro do país é tido como o melhor presidente que o país já teve.

Para finalizar a representação de Mbeki, escolhemos a figura 21, com abordagem novamente política. Por mais que a charge aborde o estado de espírito do ex-presidente, o argumento tende ao isolamento daquele que já foi apontado como o político sul-africano mais importante após Madiba.

Consideramos, portanto, que a representação social produzida de Mbeki traga algumas características psicológicas, mas é majoritariamente política. Talvez até mesmo pelo seu perfil mais discreto, um presidente menos carismático que Mandela e também mais reservado em sua vida pessoal do que Zuma. Em uma análise mais geral, reafirmamos que o discurso de apoio tão forte nas figuras que tematizam Mandela foi substituído por um tom mais agressivo e de inconformismo. Estas características estão ainda mais presentes nos argumentos centralizados no sucessor de Mbeki. Se retomarmos Drigo e Souza (2008) frente à função da charge de refletir ou refratar a realidade, chegamos a duas respostas distintas. Enquanto em Mandela, as charges pouco questionam o Governo, percebemos que o discurso presidencial é refletido. Já em Mbeki e Zuma, a política é mais voltada à refração. O chargista se dispõe a questionar o discurso oficial e submetê-lo ao escárnio.

As charges de Zuma talvez sejam as que mais mesclam características psicológicas e políticas. Zapiro soube amarrar de uma maneira muito eficiente as principais acusações dirigidas ao líder negro com as suas ações frente ao país. Talvez, a representação do atual presidente seja também a mais completa por encontramos charges que analisam todos os passos para a sua chegada à presidência do país. Sua análise específica começa com a figura 23, onde ele ameaça processar o chargista. Acreditamos que esta representação seja psicológica e mostra como os argumentos de Zapiro afetam Zuma. Entretanto, temos também características políticas, já que o candidato revela que as charges podem trazer prejuízos à sua imagem pública. Muito certamente, críticas específicas como são as de Zapiro afetaram a sua campanha eleitoral.

A figura 24 é mais um exemplo da mistura destas abordagens na representação de Zuma. A charge mostra o presidente recém-eleito em um discurso sobre a AIDS. O texto traz muito daquilo que o político já afirmou em outras oportunidades e que pratica em sua vida pessoal. Esta crítica é bastante grave, tendo em visto a epidemia crescente da doença a que o país está submetido. Conforme vamos interpretando críticas à administração do atual presidente, nos deparamos também com censuras ao seu comportamento e postura individual.

As figuras 25, 27, 28, 29 e 30, com certeza, são as que alcançaram mais retorno de crítica para Zapiro. O cerne do argumento é a acusação de suposto estupro cometido pelo presidente. O chargista mais uma vez se vale de fatos da vida pessoal do líder negro e lança-os ao universo político. A partir do paradigma da violência sexual, Zapiro criticou a influência de Zuma sob o sistema judiciário do país e os esforços para impedir argumentos como estes por parte da imprensa. A ideia de se utilizar da violência simbólica (considerando o seu destaque no país) para alcançar os seus objetivos, agrega características negativas à personalidade de Zuma.

A partir da representação do chargista, compreendemos que o presidente é um homem psicologicamente instável. Do ponto de vista político, Zapiro sugere a imagem de um homem sem escrúpulos. Utilizar a acusação de estupro para explicar os esforços de Zuma para ser indicado ao Governo foi uma boa estratégia comunicativa. A violência do argumento despertou o interesse de vários setores da sociedade sul-africana e conseguiu afetar Jacob Zuma e o próprio CNA. *The Rape of Justice* e suas derivações mesclam críticas psicológicas e políticas a Zapiro. A partir de suas charges, ele consegue estabelecer a eterna culpa do presidente. Ainda que o argumento se refira a um fato político, como as figuras 31 e 32 que retratam a *Black Tuesday*, a utilização do *Zuma Shower* reafirma ao leitor que o presidente foi acusado de estupro e que tem opiniões comprometedoras sobre a prevenção da AIDS.

Como mencionamos acima, as figuras 31 e 32 condenam um projeto de Zuma e de seu partido. O objetivo é controlar tudo o que será publicado sobre o Governo. A medida tem traços de censura e afeta uma das bases da Constituição Sul-Africana que é a liberdade de expressão. Este argumento não traz comentários sobre a conduta pessoal do presidente, a não ser pelo chuveiro que é uma característica recorrente em todas as charges por ter sido incorporado à sua caricatura. Vemos aqui uma crítica direcionada apenas ao chefe de Estado; um argumento essencialmente político. De fato, com a promulgação desta lei, muito poder será atribuído ao Governo.

Já as figuras 34 e 35 estão centralizadas na vida pessoal de Zuma. Às vezes é difícil separar a vida pública e privada já que o líder negro é um só. Mas estas charges se valem do fato do presidente ser polígamo, ter mais de vinte filhos e ainda ter se envolvido em escândalos sexuais. Não temos aqui ligações com ações políticas como em charges anteriores. O chargista chegou a citar as acusações de corrupção (Figura 34) e transformou a torre da residência presidencial em um pênis (Figura 35). A alteração satírica na residência oficial do Governo teve o objetivo de destacar que Zuma ocupa o cargo mais importante do país. Parece

um tanto quanto controverso, mas essa é uma representação psicológica. O intuito do chargista é mostrar o que o presidente faz em sua intimidade.

A figura 36 trata dessa mesma discussão, mas a direciona para o campo político. O chargista condena a retirada da obra de arte “A Lança” da exposição de Murray e compara a política da África do Sul à romana antiga, baseada no lema do “pão e circo”. Zapiro não se limitou a criticar a vida íntima do presidente, mas agregou ao argumento a superexposição que ele deu ao fato. Na figura 36, Zuma “aproveita” a vida, enquanto a população se revolta com Murray. O chargista induz que o líder negro manipula a população.

A figura 37 lança novamente a turbulenta vida privada de Zuma para o campo político. O chargista é extremamente agressivo ao caracterizar o chefe de Estado como um pênis. Este argumento ainda é relacionado com a I Cúpula Africana Global sobre a Diáspora, que foi realizada em maio de 2012, em Joanesburgo. Percebemos que Zapiro é um chargista bem sagaz e criativo. A partir de um fato, ele consegue elaborar vários argumentos, com críticas bastante contundentes e diferenciadas.

As figuras 38 e 39 dão novamente um destaque negativo à imagem de Zuma na 5ª Cúpula do BRICS. Nos argumentos, ele é apresentado como o chefe de Estado sul-africano, o que agrega um tom político às charges. Zapiro critica a postura do presidente e sua forma de administrar o país. Percebemos novamente um tom de agressividade bastante acentuado no trabalho do chargista, pois o presidente é representado como um cachorro (Figura 39).

A última charge que analisamos nesta pesquisa foi a figura 40. O argumento, novamente com uma motivação política, tematiza o encontro entre Zuma e Obama. A visita do líder norte-americano à África do Sul foi feita após os escândalos de espionagem internacional. A charge estabelece uma crítica à postura dos dois presidentes, ao criar a alusão de que eles escondem muitas coisas em seus respectivos mandatos.

A representação social construída de Jacob Zuma é a que nos parece mais complexa. Sempre que é possível, o chargista traz à tona acusações proferidas contra o líder negro. Do ponto de vista psicológico, ele é tido como instável. O presidente é sempre apresentado em situações que o desfavorecem. Para Zapiro, ele é sempre culpado; capaz de alcançar os seus objetivos por meio da violência. Já na esfera política, Zuma aparece como um líder despreparado, corrupto e antidemocrático.

A oposição constante ao atual presidente apresenta uma segunda parcialidade no trabalho de Zapiro. A primeira se estabelece a partir da quase “veneração” a Nelson Mandela, mas em Zuma ela se dá em um polo negativo. Por mais que a vida pessoal

de Zuma seja altamente controversa, consideramos que ele também possa apresentar fatos positivos em sua administração.

Arriscamos afirmar que o destaque dado pelo Governo de Zuma à importância de Mandela para a história sul-africana, ainda que este fato possa ser justificado por interesses eleitorais, é positiva. Na questão econômica, a entrada no BRICS e a parceria com outros países que apresentam problemas e necessidades semelhantes podem ser importantes para o desenvolvimento econômico sul-africano e estimular contratos comerciais. O presidente também foi o responsável por organizar os últimos detalhes e receber a Copa do Mundo da Fifa de 2010; é fato que o evento foi importante para a África do Sul, pois além de estimular o turismo e o comércio, mostrou ao mundo a realidade pós-*apartheid*.

Nós suspeitamos que o chargista não tenha o interesse em registrar fatos ou argumentos que destacam atos positivos do então presidente. Ainda que eles tenham ocorrido, não foram, nem provavelmente, serão produzidos. Se em Mandela o objetivo era consolidar uma imagem de herói, em Zuma é registrá-lo como vilão.

Se compararmos sua representação com a dos outros presidentes negros, percebemos perfis bem distintos. Mandela é tido como alguém psicologicamente saudável, bem preparado e disposto a se sacrificar pelo cumprimento de seu sonho. Na esfera política, ele é um líder correto, honesto, popular sem ser populista, um chefe de Estado muito próximo do ideal. Já Mbeki é o líder mediano, situado entre Mandela e Zuma, os dois extremos. Poucas características psicológicas são apresentadas sobre o segundo presidente; percebemos que Zapiro o apresenta como despreocupado (sem nenhuma reação aparente) em situações críticas. No campo político, inicialmente Mbeki é apresentado como um líder corrupto e que negou a epidemia de AIDS existente no país. Em uma segunda etapa, após o enfraquecimento derivado da ruptura com Zuma, é visto como alguém isolado, com o objetivo de voltar a figurar entre os políticos mais importantes do país. Dessa forma, percebemos que as representações de Mbeki e de Zuma estão em constante comparação com a de Mandela. A classificação positiva ou negativa se apresenta, respectivamente, a partir da aproximação e do distanciamento de Madiba.

Não dá dúvidas de que o discurso de Zapiro é bastante diferente entre os três presidentes. Enquanto há um apoio irrestrito a Mandela, percebemos críticas e reclamações com a conduta de Mbeki e uma oposição irrestrita a Zuma. Este seria um ponto interessante para esclarecer com o chargista, no entanto, os nossos planos de entrevistá-lo não se concretizaram. Consideramos que Zapiro é um grande chargista, com uma alta capacidade de argumentação e criatividade, porém podemos apontar algumas limitações em seu trabalho. A

primeira delas seria o partidarismo extremado ao mandato de Mandela, condição que consideramos prejudiciais para a charge e sua função de estimular as discussões no jornalismo e, por decorrência, na sociedade.

Em alguns momentos temos a impressão de que as charges tinham o objetivo de promover a imagem de Mandela e não de analisar a sua conduta frente à presidência. Em Mbeki, achamos que algumas situações poderiam ter ganhado mais destaque no quadro chágico. O arquivo que encontramos é pequeno tendo em vista que falamos de dois mandatos. Acreditamos que a negação da AIDS, a cassação de Zuma e até mesmo a sua renúncia renderiam textos de muita qualidade e deveriam ter sido mais explorados. Talvez a “desconfiança” de Zapiro em criticar Mbeki estava estabelecida em seu histórico político; além de ser sucessor de Mandela, ele foi o primeiro chefe de Estado após o Governo de transição. Apesar das críticas existirem, elas não se estabelecem na mesma agressividade como aparece no Governo de Zuma.

Ainda sobre os argumentos de Zapiro, tendo em vista a recente transição para a democracia multirracial, acreditamos que a desigualdade entre brancos e negros, a xenofobia e o racismo estão entre alguns pontos que poderiam ser contemplados em suas charges.

Por fim, pontuamos que o trabalho de Zapiro frente ao presidente Zuma é de extrema qualidade. O chargista demonstra toda a sua capacidade de elaborar charges distintas a partir de um mesmo fato. Apesar dos processos e das constantes ameaças, Zapiro continuou com o seu trabalho e parece estar atento à vida pessoal do presidente, mas, sobretudo, com os acontecimentos de grande relevância no país. O chargista tem a capacidade de condensar diversos fatos em um único quadro. Zapiro se vale das polêmicas de Zuma para dar mais consistência aos seus argumentos. O *Zuma Shower* é um ótimo exemplo das informações que o chargista pretende fixar no imaginário sul-africano, assim como a acusação de estupro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho de Zapiro percebemos como a charge pode ser um importante instrumento para a pesquisa histórica. Ainda que os argumentos sejam permeados pela versão do chargista, eles trazem informações importantes do período em que estão inseridos. Com uma linguagem específica, o chargista nos conta uma história. E neste discurso encontramos demarcações políticas e sociais, características essenciais quando nos debruçamos sobre algo tão relevante como o *apartheid* e os seus resquícios na realidade sul-africana. Tudo o que encontramos aqui é apenas uma possibilidade de interpretação diante de uma História que está em permanente construção e que promete ganhar novos contornos com a morte de Nelson Mandela.

Percebemos nesta pesquisa que a charge não é um texto voltado ao riso, mas ao humor. O seu objetivo não é “dar graça” a um determinado fato, isto pode ser alcançado como consequência. A função da charge é a transgressão. Umberto Eco (1989) é fundamental em nosso trabalho neste sentido, ao defender que cabe à charge transgredir a ordem social e colocá-la à prova. Esta característica foi percebida no trabalho de Zapiro. Nas figuras que trazem a representação de Mbeki e Zuma percebemos que frequentemente eles são lançados ao ridículo e têm a autoridade testada.

As charges de Zapiro têm um importante papel político na África do Sul, sobretudo porque a democracia multirracial ainda é uma realidade recente. Com o fim do *apartheid*, os grupos racialmente discriminados passaram a ter acesso a direitos básicos, entre

eles o voto e a representação política. Entretanto, na esfera econômica, a desigualdade social é latente e os meios de produção se concentram nas mãos dos brancos. Do ponto de vista político, a morte de Mandela (mesmo que seu afastamento da vida pública tenha ocorrido já há algum tempo) deve trazer efeitos na condução do país, talvez já nas eleições de maio de 2014. O pleito marca os vinte anos das primeiras eleições multirraciais que levaram Madiba à presidência do país. A memória do líder negro, muito provavelmente, será utilizada, pelo seu antigo partido, à exaustão.

Ainda que a democracia multirracial tenha sido comandada desde o seu início por um partido historicamente de oposição ao *apartheid*, como o CNA, muitos problemas se destacam no campo político. Desde a saída de Mandela do poder, os seus sucessores ganharam destaque nas páginas dos jornais com escândalos de corrupção. Apesar de reeleito para a presidência, Mbeki deixou o poder isolado e sem o apoio de seu próprio partido. A polêmica acerca de cassação de Zuma em 2005, quando este era vice-presidente, foi a válvula de escape para a sua retirada do poder. O seu sucessor, Zuma, também encontra dificuldades no final do seu mandato, apesar de ter chances reais de ser reeleito, já que sua liderança no CNA tem sido mantida. O atual presidente acumula inúmeras acusações de corrupção, tem um relacionamento complicado com a imprensa e tem sofrido rejeição dos eleitores sempre que participa de eventos públicos. Nas cerimônias fúnebres de Nelson Mandela foi vaiado diante de chefes de Estado de todo mundo e de autoridades políticas locais e internacionais.

Por mais que Zapiro não destaque em suas charges, Zuma muito provavelmente deve ter obtido avanços frente ao país. Ainda que possamos descredenciar o seu mandato a partir dos inúmeros escândalos nos quais o seu nome foi envolvido, não podemos deixar de lado que o líder *zulu* tem um histórico de militância política e é um conhecedor do *apartheid*, pois ficou preso por quase dez anos por se opor ao sistema racista. Esta ressalva, no entanto, não anula os abusos de poder cometidos pelo político para chegar ao poder, tampouco as acusações de corrupção, estupro e desvio de dinheiro.

Diante de um cenário tão rico em escândalos, a produção chágica tem a função de interferir no debate político. Neste contexto, os argumentos de Zapiro abordam posturas distintas quando nos debruçamos sobre a representação de Mandela, Mbeki e Zuma. O primeiro presidente negro é apontado (e esta leitura possivelmente deve continuar após a sua morte, em um tom de homenagem) como o político referencial da África do Sul. Consideramos que o chargista apresenta os demais presidentes sempre em comparação a Mandela.

O mandato de Madiba foi apontado quase que exclusivamente como positivo na perspectiva do chargista. Este enquadramento permaneceu com o passar do tempo, mesmo com a retirada de Mandela da vida pública, e os elogios eram constantes. Mbeki, apesar de ter permanecido no cargo por quase dez anos, teve uma representação chárstica mais limitada que o seu antecessor. Em seu mandato, a charge de Zapiro abandonou o apoio explícito ao Governo e iniciou uma perspectiva mais crítica de representação - que encontrou o seu ápice em Zuma.

O atual presidente tem em Zapiro um forte opositor. Antes mesmo da eleição do político, o chargista já apresentou em entrevistas a sua desconfiança frente à administração de Zuma. O julgamento do político como réu em um processo de estupro ganhou destaque durante a campanha eleitoral de 2009, a partir do argumento *The Rape of Justice*, e permanece vivo no imaginário sul-africano em parte pela sua recorrência nos argumentos do chargista. A representação de Zuma é costumeiramente marcada pelos seus erros.

A partir dos nossos resultados, percebemos que o chargista sul-africano também recorre à intertextualidade para a formação dos seus argumentos. Frente à publicação das charges, consideramos que apesar da veiculação ocorrer em distintos jornais, não conseguimos identificar se as charges variam de acordo com os perfis editoriais dos periódicos. Pelo que conseguimos encontrar em nossas pesquisas, o grupo *Times Live* é ligado a segmentos de oposição ao CNA, o que justificaria de antemão a veiculação de argumentos que critiquem o Governo. Já o *Mail & Guardian* surgiu como uma publicação contrária ao *apartheid*. Acreditamos que assim como o próprio chargista, o apoio ao mandato de Mandela converteu-se em oposição frente a outros presidentes. Não encontramos nenhuma informação quanto ao *Independent Newspapers*

Os resultados aqui obtidos são de extrema importância e representam um avanço importante em nossas reflexões sobre a África do Sul. Acreditamos que conseguimos reunir um referencial bibliográfico interessante que compreende desde o *apartheid* até os dias atuais. Poucos materiais teóricos foram produzidos sobre a realidade sul-africana após a transição (não nos referimos aqui às biografias de Mandela) e almejamos contribuir com este debate que é tão complexo e contemporâneo. Esta dissertação é a base para reflexões futuras. Vários temas já estão escolhidos para nossas futuras pesquisas; almejamos nos debruçar sobre o futuro da África do Sul sem Mandela, destacando a sua importância simbólica, quase mítica. Também iremos acompanhar atentamente as eleições de maio de 2014; mais do que um pleito

multirracial, esta eleição vai marcar os vinte anos do fim do *apartheid*, além de ser a primeira sem Mandela.

Consideramos que as reflexões sobre a charge também podem derivar em reflexões futuras. O texto chágico é muito interessante e criativo, o que estimula o nosso prazer em pesquisá-lo, bem como as demais linguagens iconográficas. O nosso objetivo é desenvolver no futuro um projeto de pesquisa, visando o doutoramento, a partir de reflexões sobre a charge.

No que tange as entrevistas com Zapiro e com Jaime Spitzcovsky, temos o objetivo de realizá-las. O contato com o chargista vai ser de extrema importância para uma análise posterior deste trabalho, seja para reforçar os nossos resultados ou até mesmo para revê-los. Além disso, Zapiro destaca-se como um grande chargista e, em uma boa conversa, poderemos obter informações sobre os seus argumentos, o seu processo criativo, bem como mais detalhes sobre a sua visão política e mais detalhes sobre a realidade sul-africana. Spitzcovsky também pode ser importante para os nossos próximos passos, já que se destaca como um especialista em África do Sul. Acreditamos que este seja apenas o começo de histórias que estão em permanente construção: a sul-africana e a desta pesquisadora. Este foi mais um passo, um importante passo. As nossas pesquisas continuarão...

REFERÊNCIAS

ADEUS A MANDELA REPRESENTA ALÍVIO POLÍTICO PARA ZUMA. **O Globo**. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/adeus-mandela-representa-alivio-politico-para-zuma-10995175>>. Acesso em: 07 dez. 2013.

ÁFRICA DO SUL É UM DOS PAÍSES COM MAIOR LIBERDADE DE IMPRENSA DO CONTINENTE. **Inclusão Social**. 2010. Disponível em: <<http://www.inclusaosocial.com/africa-do-sul-e-um-dos-paises-com-maior-liberdade-de-imprensa-do-continente/>>. Acesso em: 01 out. 2013.

ÁFRICA DO SUL: SISTEMA EDUCACIONAL PIOR QUE NA ERA DO APARTHEID. **Jornal Verdade**. 2012. Disponível em <<http://www.verdade.co.mz/africa/28645-africa-do-sul-sistema-educacional-pior-que-na-era-do-apartheid>>. Acesso em: 12 jul. 2012.

ANC VENCE ELEIÇÕES NA ÁFRICA DO SUL. **UOL**. 2009. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/afp/2009/04/25/ult34u221688.jhtm>>. Acesso em: 12 ago. 2012.

ATIVISTAS RESPONSABILIZAM MBEKI POR 330 MIL MORTES POR AIDS. **UOL**. 2008. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/lusa/2008/11/08/ult611u79944.jhtm>>. Acesso em: 14 set. 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 3. ed. São Paulo, Brasília: Editora UnB, HUCITEC, 1996.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 8. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre o significado do cômico**. 2. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

BIDDLE, Jo. Mandela foi catalogado por décadas como terrorista pelos EUA. **Exame.com**. 2013. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/mandela-foi-catalogado-por-decadas-como-terrorista-pelos-eua>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

BIOGRAPHY THABO MVUYELWA MBEKI. **African National Congress**. 2011. Disponível em: <<http://www.anc.org.za/showpeople.php?p=3>>. Acesso em 15 jan 2013.

BOEHMER, Elleke. **Mandela: o homem, a história, o mito**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

BRICS. **Brasil Escola**. Disponível <<http://www.brasilecola.com/geografia/bric.htm>>. Acesso em: 01 out. 2013.

BRICS: BRASIL, RÚSSIA, ÍNDIA, CHINA E ÁFRICA DO SUL. **Ministério das Relações Internacionais**. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/temas/mecanismos-inter-regionais/agrupamento-brics>>. Acesso em: 01 out. 2013.

CAMPANHA NA ÁFRICA DO SUL COMBATE LEI DE IMPRENSA. **Estado de S. Paulo**. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,campanha-na-africa-do-sul-combate-lei-de-imprensa,592141,0.htm>>. Acesso em: 01 out. 2013.

CARLIN, John. **Conquistando o Inimigo - Nelson Mandela e o jogo que uniu a África do Sul**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

CATALÁ, Josep M. Domènech. **A forma do real**. São Paulo: Summus Editorial, 2011.

CERRADA, Juan García. Espanha e França vistas através do humor gráfico espanhol. In: LUSTOSA, Isabel. **Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

CHAGAS, Paulo Victor. "O governo e os brasileiros se inclinam diante da memória de Mandela", diz Dilma. **Agência Brasil**. 2013. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-12-05/governo-e-os-brasileiros-se-inclinam-diante-da-memoria-de-mandela-diz-dilma>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

_____. Líderes mundiais lamentam morte de Mandela. **Agência Brasil**. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-12-05/lideres-mundiais-lamentam-morte-de-mandela>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus, 2008.

CHOTHIA, Farouk. **Análise: Percepção de Zuma como 'vítima' ajudou sua candidatura**. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/04/090422_zuma_vitima_dg.shtml>. Acesso em: 07 jul. 2012.

CNN. **The art of criticism**. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/video/#/video/international/2009/03/20/av.1.zapiro.cnn?iref=videosearch>>. Acesso em: 01 out. 2013.

CORDEIRO, Tiago. O que não se fala de Nelson Mandela. **Revista Aventuras na História**, n. 83, p. 26-33, jun. 2010.

CRESCE PRESSÃO PARA QUE VICE-PRESIDENTE DA ÁFRICA DO SUL RENUNCIE. **UOL**. 2005. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2005/06/05/ult1807u17286.jhtm>>. Acesso em: 14 set. 2012.

DIAS, Cristiano. Uma década depois, Mbeki deixa órfã a liderança da África do Sul. **Estado de S. Paulo**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,uma-decada-depois-mbeki-deixa-orfa-a-lideranca-da-africa-do-sul,48931,0.htm>>. Acesso em 01 out 2012.

DOLAN, David; CROPLEY, Ed. Sul-africanos pedem renúncia do presidente após denúncia de corrupção. **UOL**. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2013/11/30/sul-africanos-pedem-renuncia-do-presidente-apos-denuncia-de-corrupcao.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2013.

DRIGO, Maria Ogécia; SOUZA, Luciana Coutinho Plagiarini de. **A charge política jornalística como processo sógnico**. Disponível em: <http://www.unisinos.br/_diversos/revistas/versoereverso/index.php?e=7&s=9&a=64>. Acesso em: 10 abr. 2011.

ECO, Umberto. Los marcos de la libertad cómica. In: ECO, Umberto; IVANOV, V. V.; RECTOR, Monica. **¡Carnaval! México: Fondo de Cultura Económica**, 1989.

_____. **História da Feiúra**. Rio de Janeiro, Itália: Record, Bompiani, 2007.

ELEIÇÃO NA ÁFRICA DO SUL TEM MAIOR PARTICIPAÇÃO DESDE O FIM DO APARTHEID. **BBC Brasil**. 2009. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/04/090422_africadosul_rc.shtml>. Acesso em: 01 out. 2010.

ELEIÇÕES NA ÁFRICA DO SUL. **BBC Brasil**. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/multimedia/2009/04/090422_africadosul_video.shtml>. Acesso em: 01 fev. 2012.

EN FOTOS: EL ARTE INSPIRADO POR NELSON MANDELA. **BBC Mundo**. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/mundo/video_fotos/2013/10/131002_galeria_mandela_exhibicion_londres_il.shtml>. Acesso em: 01 out. 2013.

ESIPISU, Manoah. África do Sul celebra posse de Mbeki e 10 anos de liberdade. **UOL**. 2004. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/reuters/2004/04/27/ult27u41767.jhtm>>. Acesso em: 19 jul. 2012.

FAMÍLIA DE MANDELA TEME 'MORTE IMINENTE' DO EX-PRESIDENTE. **G1 Mundo**. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/familia-de-mandela-teme-morte-iminente.html>>. Acesso em: 03 jul. 2013.

FARR, Robert M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, A. Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (Org.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

FINNAN, Daniel; CHAMPEAUX, Nick. **It's time to let Mandela go, says controversial cartoonist Zapiro**. 2013. Disponível em: <<http://www.english.rfi.fr/africa/20130618-its-time-let-mandela-go-says-controversial-cartoonist-zapiro>>. Acesso em: 01 out. 2013.

FULLER, Alexandra. Os filhos de Mandela. **Revista National Geographic Brasil**, n. 123, p. 52-81, jun/2010.

GEORGY, Michael. Decisão de Mbeki de renunciar preocupa sul-africanos. **Estado de S. Paulo**. 2008. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,decisao-de-mbeki-de-renunciar-preocupa-sul-africanos,245674,0.htm>>. Acesso em: 13 jul. 2012.

GEVISSER, Mark. Madiba: A symbol of the power of good. **Mail & Guardian**. 2013. Disponível em: <<http://mg.co.za/article/2013-12-05-madiba-a-symbol-of-the-power-of-good>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

GIANINI, Tatiana; FISCH, Tamara. O Guerreiro da Paz. **Veja**, n. 50, p. 129-136, de. 2013.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e ciências da linguagem**. São Paulo: Hacker Editores, Edusp, 2000.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma. **Domínios da Imagem**, Londrina, ano 1, n. 2, p. 7-26, maio 2008.

GROOTES, Stephen. Analysis: Zuma vs Zapiro is possibly much more than just another court case. **Daily Maverick**. 2010. Disponível em: <<http://www.dailymaverick.co.za/article/2010-12-15-analysis-zuma-vs-zapiro-is-possibly-much-more-than-just-another-court-case#.Uwcz1OM3wef>>. Acesso em: 01 dez. 2013.

HERSKOVITZ, Jon; GOVENDER, Peroshni. Brancos ainda dominam economia sul-africana, diz presidente Zuma. **Estado de S. Paulo**. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,brancos-ainda-dominam-economia-sul-africana-diz-presidente-zuma,891773,0.htm>>. Acesso em: 02 jul. 2012.

INDEPENDENT NEWSPAPERS. **Independent Newspapers**. Disponível em: <<http://www.iol.co.za/newspapers>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

JODELET, Denise. **Representações sociais: um domínio em expansão**. Disponível em: <<http://portaladm.estacio.br/media/3432753/jodelet-drs-um-dominio-em-expansao.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2013.

JONGE, Klaas de. **África do Sul: apartheid e resistência**. São Paulo: Cortez: EBOH, 1991.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In GUARESCHI, A. Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (Org.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

KLEIN, Alberto; MIANI, Rozinaldo Antonio. **A mídia, o sagrado e as imposturas da imagem: implicações semióticas das charges de Maomé**. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/4808/3612>>. Acesso em: 01 out. 2013.

L'HOESTE, Héctor Fernandez. De estereótipos vizinhos: Memín Pinguín como uma oportunidade perdida. In: LUSTOSA, Isabel (Org.). **Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

LIBERDADE DE IMPRENSA NA ÁFRICA DO SUL PREOCUPA AGÊNCIAS. **DN TV & MÍDIA**. 2010. Disponível em: <http://www.dn.pt/inicio/tv/interior.aspx?content_id=1658443&seccao=Media>. Acesso em: 01 out. 2013.

MACEDO, Danilo. Africanos ainda homenageiam Mandela em Joanesburgo. **Agência Brasil**. 2013. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-12-14/africanos-ainda-homenageiam-mandela-em-joanesburgo>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

MACGREGOR, Karen. Mesmo após 18 anos do fim do apartheid, obra de arte rediscute cismas raciais e sociais na África do Sul. **UOL**. 2012. Disponível em: <<http://m.noticias.uol.com.br/midiaglobal/herald/2012/06/10/mesmo-apos-18-anos-do-fim-do-apartheid-obra-de-arte-rediscute-cismas-raciais-e-sociais-na-africa-do-sul.htm>>. Acesso em: 01 jan. 2013.

MAGNOLI, Demétrio. **África do Sul: capitalismo e apartheid**. 4.e d. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. **Uma gota de sangue: história do pensamento racial**. São Paulo: Contexto, 2009.

MALULEQUE, Milton. Jacob Zuma desiste da batalha judicial contra o cartoonista Zapiro. **Verdade Mobile**. Disponível em: <<http://iphone.verdade.co.mz/africa/31801-jacob-zuma-desiste-da-batalha-judicial-contra-o-cartoonista-zapiro>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

MANDELA APARECE 'DE SURPRESA' EM COMÍCIO DO CNA. **BBC Brasi**. 2009. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/04/090419_madelacomiciocna_ba.shtml>. Acesso em: 08 jul. 2012.

MANDELA FOI UM 'GIGANTE DA HISTÓRIA', DIZ OBAMA EM HOMENAGEM. **G1 Mundo**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/morte-nelson-mandela/noticia/2013/12/mandela-foi-um-gigante-da-historia-diz-obama-em-homenagem.html>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

MANDELA INSPIROU LUTA NO BRASIL E NA AMÉRICA DO SUL, DIZ DILMA. **UOL**. 2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2013/12/10/mandela-inspirou-luta-no-brasil-e-na-america-do-sul-diz-dilma.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

MANDELA, Nelson. **Conversas que tive comigo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

_____. **Longo Caminho até a liberdade**. Curitiba: Nossa Cultura, 2012.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Jornalismo fin-de -siècle**. São Paulo: Página Aberta, 1993.

_____. **Comunicação e jornalismo, a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

_____. **Ser jornalista: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria.** São Paulo: Paulus, 2009.

MARINOVICH, Greg. **Um grande líder, mas escorregou em algumas áreas.** Observatório da Imprensa. 2013. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed776_um_grande_lider_mas_escorregou_em_alguas_areas>. Acesso em 10 dez 2013.

MARINOVICH, Greg; SILVA, João. **O Clube do banguê-banguê: instantâneos de uma guerra oculta.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MAZZARA, Bruno. **Esteriotipos y prejuicios.** Madri: Acento Editorial, 2009.

MBEKI ACEITA DEIXAR A PRESIDÊNCIA. **Estado de S.Paulo.** 2008. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,mbeki-aceita-deixar-a-presidencia,245568,0.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

MBEKI ENFRENTA OS MESMOS DESAFIOS EM SEGUNDO MANDATO. **Ministério da Saúde.** 2004. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/noticia/mbeki-enfrenta-os-mesmos-desafios-em-segundo-mandato>>. Acesso em: 14 set. 2012.

MBEKI RENUNCIA À PRESIDÊNCIA DA ÁFRICA DO SUL. **BBC Brasil.** 2008. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/09/080921_mbekirenuncia_is.shtml>. Acesso em: 11 nov. 2013.

MCGREAL, Chris. Aids e corrupção derrubaram Mbeki. **Estado de S.Paulo.** 2008. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,aids-e-corrupcao-derrubaram-mbeki,249606,0.htm>>. Acesso em: 14 set. 2012.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1985.

MERGUIZO, Marcel. Herói do rúgbi, François Pienaar se diz orgulhoso com união da África do Sul pelo futebol. **Folha de S. Paulo.** 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/768502-heroi-do-rugbi-francois-pienaar-se-diz-orgulhoso-com-uniao-da-africa-do-sul-pelo-futebol.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

MIANI, Rozinaldo Antonio. **Charge: uma prática discursiva e ideológica.** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP16MIANI.PDF>>. Acesso em: 10 de abr. 2011.

_____. **As transformações no mundo do trabalho na década de 1990: o olhar atento da charge na imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista.** 2005. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005.

MISTURA DE TRISTEZA, ALEGRIA E ORGULHO MARCA A CERIMÔNIA DE HOMENAGEM A MANDELA. **UOL.** 2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2013/12/10/mistura-de-tristeza-alegria-e-orgulho-marca-a-cerimonia-de-homenagem-a-mandela.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

MORIGI, Valdir José. **Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos.** Disponível em:

<<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/9/10>>. Acesso em: 20 de set. 2013.

MORTE DE MANDELA É "UMA PERDA SEM PRECEDENTES" PARA A ÁFRICA DO SUL, DIZ ZUMA. **Agência Brasil**. 2013. Disponível em:

<<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-12-08/morte-de-mandela-e-uma-perda-sem-precedentes-para-africa-do-sul-diz-zuma>>. Acesso em: 08 dez. 2013.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOTLANTHE É O PRESIDENTE DA ÁFRICA DO SUL. **UOL**. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2609200813.htm>>. Acesso em: 11 jan. 2012.

MULHER ASSUME COMO PRESIDENTE INTERINA NA REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA. **G1 Mundo**. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/01/mulher-assume-como-presidente-interina-na-republica-centro-africana.html>>. Acesso em 11 dez 2013.

MYERS, William. África do Sul festeja dez anos de democracia na posse de Mbeki. **UOL**. 2004. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2004/04/27/ult1808u11498.jhtm>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

"NÃO VOLTAREI A VOTAR NO ANC", ANUNCIA DESMOND TUTU. **Rádio Moçambique**. Disponível em:

<http://www.rm.co.mz/index.php?option=com_content&view=article&id=9284%3Aqnao-voltarei-a-votar-no-ancq-anuncia-desmond-tutu&catid=104%3Aafrica-austral&Itemid=374>. Acesso em: 23 maio 2013.

NELSON MANDELA DIES. **Mail & Guardian**. 2013. Disponível em: <<http://mg.co.za/article/2013-12-05-nelson-mandela-dies>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

NELSON MANDELA MORRE AOS 95 ANOS. **UOL**. 2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2013/12/05/morre-o-nobel-da-paz-nelson-mandela.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

"NOSSO POVO PERDEU UM PAI": LEIA O COMUNICADO DE ZUMA SOBRE MANDELA. **Terra**. 2013. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/africa/nelson-mandela/nosso-povo-perdeu-um-pai-leia-o-comunicado-de-zuma-sobre-mandela,da942a5d705c2410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

OBAMA DIZ QUE MANDELA DEU VOZ A OPRIMIDOS E UNIU O PAÍS. **UOL**. 2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2013/12/10/obama-diz-que-mandela-deu-voz-a-oprimidos-e-uniu-o-pais.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

OLIVEIRA, Fernanda O. de; WERBA, Graziela C. Representações sociais. In: JACQUES, Maria da Graça Corrêa; STREY, Marlene Neves; BERNARDES, Maria Guazelli, et. al. **Psicologia social contemporânea: livro-texto**. Petrópolis: Vozes, 2011.

PARTIDO DO GOVERNO OBTÉM AMPLA MAIORIA DOS VOTOS NA ÁFRICA DO SUL. **BBC Brasil**. 2009. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/04/090425_africadosul_eleicoes_cq.shtml>. Acesso 13 out 2013.

PARTIDO SUL-AFRICANO ANC LANÇA CAMPANHA ELEITORAL. **Swissinfo.Ch**. Disponível em: <http://www.swissinfo.ch/por/internacional_afp/Partido_sul-africano_ANC_lanca_campanha_eleitoral.html?cid=37716168>. Acesso em: 05 dez. 2013.

PEYPER, Liesl. Zapiro in hot water again. **Channel 24**. 2011. Disponível em: <<http://www.channel24.co.za/News/Local/Zapiro-in-hot-water-again-20110613>>. Acesso em: 02 fev. 2013.

PILLAY, Verashni. Uproar over M&G Prophet Muhammad cartoon. **Mail & Guardian**. 2010. Disponível em: <<http://www.mg.co.za/article/2010-05-21-uproar-over-mg-prophet-muhammad-cartoon>>. Acesso em: 01 out. 2013.

PIRRHO, Rafael. **Candidato de Mandela é favorito nas eleições sul-africanas**. **BBC Brasil**. 2009. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/04/090421_safricaeleicoes_ba.shtml>. Acesso em: 01 dez. 2012.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

RACHA NO PARTIDO QUE DERRUBOU APARTHEID CRIA NOVA LEGENDA. **Folha de S. Paulo**. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1712200805.htm>>. Acesso em: 01 out. 2013.

REELEITO LÍDER DO ANC, JACOB ZUMA É FAVORITO PARA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2014. **Opera Mundi**. 2012. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/26081/reeleito+lider+do+anc+jacob+zuma+e+favorito+para+eleicao+presidencial+de+2014.shtml>>. Acesso em: 11 dez. 2013.

ROBERTS, Adam. Um grande homem, mas não um santo. **Observatório da Imprensa**. 2013. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed776_um_grande_homem_mas_ao_um_santo>. Acesso em: 10 dez. 2013.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo**. Maringá: Eduem, 2000.

ROSSI, Clóvis. **Análise: o maior estadista, com raros seguidores**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/12/1292721-analise-o-maior-estadista-com-raros-seguidores.shtml>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

S. AFRICAN CARTOONIST UNDER ATTACK. **Los Angeles Times**. 2008. Disponível em: <<http://articles.latimes.com/2008/sep/12/world/fg-cartoonist12>>. Acesso em 01 dez 2013.

SANT'ANA, Afonso Romano de. **Paródia, paráfrase e cia**. São Paulo: Ática, 1985.

SANTOS, Isabel Gorjão. Parlamento da África do Sul aprova lei considerada um ataque à liberdade de expressão. **Publico**. 2011. Disponível em:

<<http://www.publico.pt/mundo/noticia/parlamento-da-africa-do-sul-aprova-lei-considerada-um-ataque-a-liberdade-de-imprensa-1522066>>. Acesso em: 05 jul. 2013.

SANTOS, Renata de Paula dos. **África do Sul e apartheid**: análise imagética dos conflitos raciais de 1990 a 1994. 2010. 116 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

_____. **Mandela Day e a coroação do mito**: a representação de Nelson Mandela no traço de chargistas sul-africanos. 2013. 76 f. Monografia (Especialização em Comunicação Popular e Comunitária) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

_____. O arcebispo vigilante da política sul-africana. **Observatório da Imprensa**. 2013. Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed749_o_arcebispo_vigilante_da_politica_sul_africana>. Acesso em: 04 jun. 2013.

SANTOS, Roberto Elísio dos. Riso cotidiano: as estratégias de humor nas tiras cômicas norte-americanas. In: SANTOS, Roberto Elísio dos; ROSSETTI, Regina (Org.). **Humor e riso na cultura midiática**: variações e permanências. São Paulo: Paulinas, 2012.

SARRES, Carolina. Dilma diz que Mandela foi "a maior personalidade do século 20". **Agência Brasil**. 2013. Disponível em:

<<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-12-10/dilma-diz-que-mandela-foi-maior-personalidade-do-seculo-20>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

_____. "Mandela foi um gigante da história", diz Obama. **Agência Brasil**. 2013. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-12-10/mandela-foi-um-gigante-da-historia-diz-obama>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

_____. Ban Ki-moon diz que Mandela liderou pelo exemplo. **Agência Brasil**. 2013. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-12-10/ban-ki-moon-diz-que-mandela-liderou-pelo-exemplo>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

SAÚDE FRÁGIL DE MANDELA TRAZ CLIMA DE DESPEDIDA À ÁFRICA DO SUL. **UOL**. 2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2013/06/09/saude-fragil-de-mandela-traz-clima-de-despedida-na-africa-do-sul.htm>>. Acesso em: 09 jun. 2013.

SCARLATO, Francisco Capuano; PORTELA, Fernando Portela. **África do Sul**: o apartheid como era, como ficou. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.

SÊGA, Rafael Augustus. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf>>. Acesso em: 20 de set. 2013.

SHAPIRO, Jonathan. **The Madiba Files**. Cape Town: Double Storey Books, 2009.

_____. Free Mandela from these guys. **Zapiro**. 2009. Disponível em: <<http://www.zapiro.com/cartoon/122931-090721tt#.UwjsouM3wec>>. Acesso em: 11 jan. 2012.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SILVA, Rafael Souza. Caricatura. In: MELO, José Marques de. **Gêneros Jornalísticos na Folha de S. Paulo**. São Paulo: FTD, 1992.

SINHA, Shreeya. Fotografando fora da bolha branca do apartheid. **Observatório da Imprensa**. 2013. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed776_fotografando_fora_da_bolha_branca_do_apartheid>. Acesso em 10 dez 2013.

STAM, Robert. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo: Ática, 1992.

STENGEL, Richard. **Os caminhos de Mandela: lições de vida, amor e coragem**. São Paulo: Globo, 2010.

TELLES, Denise. Mbeki indica que não deve buscar 3º mandato. **BBC Brasil**. 2004. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2004/04/040416_africadosulrc.shtml>. Acesso em: 11 jan. 2013.

_____. Aids é um dos grandes desafios de 2º mandato de Mbeki. **BBC Brasil**. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2004/04/040415_africasextadtl.shtml>. Acesso em: 11 jan. 2013.

TEODORO, Pedro Pereira. **Representação proporcional e sistema de partidos**. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/11804/representacao-proporcional-e-sistema-de-partidos>>. Acesso em: 01 dez. 2013.

TUTU, Desmond. Tutu: **We thank God for Madiba**. Disponível em: <<http://mg.co.za/article/2013-12-06-00-tutu-we-thank-god-for-madiba>>. Acesso em 06 dez 2013.

_____. **Um colosso de caráter moral inatacável**. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed776_um_colosso_de_carater_moral_inatacavel>. Acesso em: 10 dez. 2013.

UMA REFERÊNCIA DA HUMANIDADE. **Jornal de Angola Online**. 2013. Disponível em: <http://m.ja.sapo.ao/opiniao/horizontes/uma_referencia_da_humanidade>. Acesso em 12 dez 2013.

UNIFICAR A ÁFRICA DO SUL FOI A MAIOR CONQUISTA DE MANDELA, DIZ DE KLERK. **Estado de S. Paulo**. 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,unificar-a-africa-do-sul-foi-a-maior-conquista-de-mandela-diz-de-klerk,1104792,0.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

WHAT THE NICHOLSON JUDGMENT DID NOT SAY. **Constitutionally Speaking**. 2008. Disponível em: <<http://constitutionallyspeaking.co.za/what-the-nicholson-judgment-did-not-say/>>. Acesso em: 07 jul. 2013.

WHY, ZAPIRO? **Mail & Guardian**. Disponível em:
<<http://www.thoughtleader.co.za/readerblog/2008/09/08/why-zapiro/>>. Acesso em: 07 jul. 2013.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

XAVIER, Luciana Antonello. Moeda sul africana sobe 3% em setembro, diz revista. **Estado de S. Paulo. Economia**. 2013. Disponível em
<<http://economia.estadao.com.br/noticias/economia-geral,moeda-sul-africana-sobe-3-em-setembro-diz-revista,164726,0.htm>>. Acesso em: 01 out. 2013.

ZANINI, Fábio. Copa é chance de aproximar brancos e negros. **Folha de S. Paulo**. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2106201008.htm>>. Acesso em: 11 jan. 2012.

_____. Manifestantes protestam contra visita de Obama à África do Sul. **Folha de S. Paulo**. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/06/1302972-manifestantes-protestam-contra-visita-de-obama-a-africa-do-sul.shtml>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

ZAPIRO TALKS ABOUT CHILDHOOD NIGHTMARES, THE ARMY AND HYPOCRISY. **News from Stellenbosch University**. 2012. Disponível em:
<<http://blogs.sun.ac.za/news/2012/08/17/zapiro-talks-about-childhood-nightmares-the-army-and-hypocrisy/>>. Acesso em: 01 out. 2013.

ZAPIRO, ISRAEL SUPPORTER IN PUBLIC SPAT. **News 24**. 2012. Disponível em:
<<http://www.news24.com/SouthAfrica/News/Zapiro-Israel-supporter-in-public-spat-20121204>>. Acesso em: 01 out. 2013.

ZINK, Rui. Da bondade dos estereótipos. In: LUSTOSA, Isabel (Org.). **Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

ZUMA SÓ SERÁ JULGADO DEPOIS DAS ELEIÇÕES NA ÁFRICA DO SUL. **Público**. 2009. Disponível em: <<http://www.publico.pt/mundo/noticia/zuma-so-sera-julgado-depois-das-eleicoes-na-africa-do-sul-1358801>>. Acesso em: 01 set. 2012.

APÊNDICE

APÊNDICE A

Iconografia de uma despedida: o adeus a Nelson Mandela por meio da charge



Nelson Mandela refletido no espelho, Adrian Steirn, 2011, África do Sul

Por mais que o anúncio da partida já fosse esperado, seja pela idade avançada ou pela

saúde cada vez mais frágil, a morte de Nelson Mandela foi uma notícia que nos pegou de surpresa. Um homem negro proveniente de Qunu, uma área rural entre as colinas da província Oriental do Cabo, distante de Joanesburgo, foi um dos principais ativistas políticos que transformaram a história da África do Sul.

O verbo *transformar* não é uma escolha inadequada. Militantes políticos como Oliver Tambo, Walter Sisulu, Nelson Mandela e o arcebispo anglicano Desmond Tutu foram os responsáveis por denunciar ao mundo um regime de segregação que oprimiu milhões de sul-africanos negros, mestiços e asiáticos por quase cinco décadas. Somente após muita luta, o sonho da transição política se realizou. Mas este ensaio é para Mandela, o primeiro presidente negro sul-africano! Pelo nosso contato com o tema e a morte de Mandela durante o processo de finalização desta dissertação, tomamos a liberdade de homenageá-lo. Descanse em paz, Madiba!

O Grande Estadista, Ícone do Século XX, o Conciliador, o Pai da Nação. Todos estes adjetivos são costumeiramente utilizados para descrever Nelson Mandela, o primeiro presidente negro da África do Sul. Adorado em seu país e respeitado em todo mundo, sua vitória foi o resultado de muitas décadas de abdicação pessoal e de luta contra o *apartheid*, regime de segregação racial que governou o país entre os anos de 1948 e 1994.

Mandela passou 27 anos preso por sua postura crítica ao regime de minoria branca. Durante este período, ficou separado de sua família; não viu suas crianças crescerem e não pode participar dos funerais de sua mãe e de um dos seus filhos. O homem que foi condenado à prisão perpétua no julgamento de Rivonia, no início da década de 1960, era explosivo e com uma extrema capacidade de liderança. O idoso que retornou à liberdade quase três décadas depois era paciente, conciliador, mas mantinha a mesma capacidade de liderar grandes feitos.

A criação de um braço armado em seu partido, a Liga Jovem do Congresso Nacional Africano (CNA), foi a estratégia adotada quando a diplomacia não dava nenhum resultado. Derrotar o Estado era praticamente impossível. As manifestações populares e a campanha pela desobediência civil renderam-lhe uma acusação de traição e a retirada da vida pública.

Mandela não foi um santo, nem um pacifista como Gandhi, mas foi um líder político que soube usar a sua influência para evitar a deflagração de uma guerra. Durante os seus últimos anos de prisão, percebeu que um acordo só seria possível por meio de diálogo (CARLIN, 2009) e foi o que ele fez. Encontros secretos com representantes do *apartheid* aconteceram entre os anos de 1985 e 1990, até que ele foi liberto.

Porém, apesar de suas tentativas, ele não pode impedir que a transição política fosse um processo violento. Diante dos confrontos financiados pelo Estado branco, Mandela ameaçou publicamente encerrar as negociações com o Frederik de Klerk. Sua imposição estimulou a assinatura de um acordo entre o CNA, o Governo e o Partido da Liberdade Inkatha (PLI), movimento tribal financiado pelo *apartheid*, classificado por John Carlin (2009) como a “direita negra”. Greg Marinovich e João Silva (2003) destacam que 14 mil sul-africanos foram mortos durante os conflitos intertribais entre *xhosas* e *zulus*, entre 1990 e 1994.

Os 27 anos de prisão foram o período de transformação de Mandela. Quando perguntado qual a principal diferença entre o advogado militante que entrou na prisão e o líder político que a deixou anos mais tarde, ele respondia “saí maduro”. O arcebispo Desmond Tutu, grande amigo do líder negro e militante histórico contra o regime de segregação racial, considerou que Mandela pode compreender mais a condição humana durante os anos de cárcere. O religioso ainda aponta que seu amigo alcançou, em vida, a honra destinada apenas aos grandes homens.

Nunca antes na História um ser humano foi tão universalmente reconhecido em vida como a personificação da magnanimidade e da reconciliação como Nelson Mandela foi. Ele colocou de lado a amargura de suportar 27 anos em prisões do *apartheid* - e o peso de séculos de divisão colonial, subjugação e repressão - para personificar o espírito e a prática de *ubuntu*, ou bondade humana. Ele compreendeu perfeitamente que as pessoas dependem das outras para que os indivíduos e a sociedade prosperem. Esse era o seu sonho para a África do Sul e a esperança que ele representava em todo o mundo. Se fosse possível na África do Sul, seria possível na Irlanda, seria possível na Bósnia e em Ruanda, seria possível na Colômbia, seria possível em Israel e na Palestina. Claro que, no espírito de *ubuntu*, Madiba foi rápido em apontar que não poderia levar sozinho o crédito dos muitos elogios que surgiram em seu caminho e que estava cercado por pessoas íntegras que eram mais brilhantes e mais jovens do que ele. Isso é apenas parcialmente verdadeiro. A verdade é que os 27 anos em que Madiba, como era conhecido, passou no ventre da besta do *apartheid* aprofundaram sua compaixão e capacidade de empatia em relação aos outros. No topo das lições sobre liderança e cultura a que ele foi exposto, e de seu desenvolvimento de uma voz para os jovens na política anti-*apartheid* [sic], a prisão parece acrescentar uma compreensão da condição humana (TUTU, 2013).

A mitificação de Mandela

Ao deixar a presidência em 1999, Mandela julgou ter cumprido sua missão frente ao país. No entanto, algo mais deveria ser feito; era preciso falar à população sobre o fantasma da AIDS, até porque o ex-presidente também havia perdido um filho, em 2005, vítima da síndrome. O jornalista Adam Roberts da revista *Slate* afirma que o líder negro se dedicou em uma campanha pública contra a doença como um meio de remediar o pouco que

foi feito em seu mandato. Ele também emprestou a sua imagem e carisma para apoiar projetos de sua esposa, Graça Machel.

Se presidir um país não é uma tarefa fácil, o desafio de Mandela era ainda maior. Além dos problemas decorrentes da sua função de chefe de Estado, o líder negro deveria vencer as sombras de um regime com características ditatoriais. Concordamos com Carlin (2009), quando o jornalista afirma que Mandela tinha a missão de construir uma nova realidade à prova do *apartheid* e de um possível golpe de Estado, até porque a transição política sul-africana pode ser considerada como um processo radical. Com as eleições de 1994, o poder deixou as mãos do Partido Nacionalista e, desde então, o Estado é governado pelo CNA. O acesso ao voto muda completamente essa relação: até 1994, o direito era restrito à população branca.

A aposentadoria política de Mandela deu início a um período de crise na África do Sul. A vitória de Thabo Mbeki, seu sucessor, e as frequentes acusações de corrupção, culminaram em uma crise política que afetou drasticamente a imagem do partido frente à população, que continuou a nutrir um sentimento de gratidão pelo líder negro. A renúncia de Mbeki, após perder o apoio do CNA, foi um duro golpe para uma democracia em processo de construção. Enquanto a imagem do partido sofria baixas, Mandela continuava reverenciado por grande parte dos sul-africanos. O fotógrafo João Silva, que cresceu na África do Sul e atuou como *freelancer* no período de transição para a democracia, afirmou que o líder negro era “quase um messias” (SILVA, 2013) na concepção de grande parte dos sul-africanos.

Na esfera política, Mandela foi a principal preocupação da África do Sul durante vários anos. Enquanto o Estado pretendia lançá-lo ao esquecimento, a população tomava o seu nome como a inspiração para a luta popular. O banimento de Mandela também resultou em vários prêmios internacionais por seus esforços contra o racismo. A prisão de seu principal opositor deixou de ser uma característica que favorecia a manutenção do *apartheid*. A ausência do nome mais expressivo do CNA aumentou a pressão interna (greves e manifestações populares estavam cada vez mais frequentes) e também a externa, com os esforços de diversos países para que ele fosse libertado. Com o objetivo de apoiar os partidos de oposição, a Organização das Nações Unidas declarou 1978 como o *Ano Internacional contra o apartheid*.

Após a sua libertação, Mandela se destacou por perdoar os seus inimigos e não retirá-los do processo de transição. O líder negro convidou um de seus carcereiros para assistir a sua cerimônia de posse na primeira fila e visitou a viúva de Hendrik Verwoerd

(1901-1966), considerado o arquiteto do *apartheid*. Talvez, a iniciativa mais representativa tenha sido a de dividir o Governo de transição com De Klerk, presidente que o libertou, mas que tinha por ele muita resistência, quase repulsa.

Outro fato que culminou para a mitificação de Mandela foi o Prêmio Nobel da Paz, o qual dividiu com De Klerk. Em 1993, os dois foram homenageados por seus esforços contra o regime de segregação. Enquanto Mandela recebia o título pela sua conduta pública, De Klerk era lembrado como o presidente que flexibilizou algumas medidas de segregação, libertou presos políticos, entre eles Mandela, e convocou, em 1992, um referendo entre os brancos para decidir sobre o futuro do *apartheid*. A pergunta *Você apoia o processo de reformas que o presidente começou no dia 2 de fevereiro de 1990, cujo objetivo é uma nova Constituição por meio de negociação?* foi aprovada por 68,73% dos eleitores e negada por 31,27%. Klaas de Jonge (1991) aponta que dados do Governo de 1990 revelavam que a população branca era de 13,5%. Os negros representavam 75,3%, os asiáticos 2,6% e os mestiços 8,6%.

O último presidente do *apartheid*, classificou o seu rival e, posteriormente, parceiro político, como “humano” e “compassivo” ao compreender os medos da minoria branca frente ao processo de transição. O político destacou que a unificação do país foi a maior conquista de Mandela. "Ele foi um grande unificador e um homem muito, muito especial neste quesito além de tudo mais que ele fez. Essa ênfase na reconciliação foi seu maior legado" (KLERK apud REUTERS, 2013). Mais do que uma figura que foi adorada por todos, o líder negro conquistou o respeito dos sul-africanos, até de seus adversários.

Talvez o *Mandela Day* tenha sido a última grande homenagem ao ex-presidente em vida. Em 2008, o aniversário de 90 anos de Nelson Mandela foi comemorado publicamente em Londres, no Hyde Park. Com o sucesso da celebração, o dia 18 de junho, aniversário do líder negro, tornou-se uma homenagem a Mandela, em âmbito mundial. A festa surgiu com o objetivo de celebrar sua dedicação na luta contra o racismo. A primeira edição oficial do *Mandela Day* foi celebrada no ano seguinte, em 2009. A comemoração foi reconhecida em 10 de novembro do mesmo ano pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o *Dia Internacional de Nelson Mandela*. O projeto foi aprovado por unanimidade entre os países-membros da organização. O cerne da data é estimular as pessoas a doarem 67 minutos do seu dia para auxiliar o próximo. O número representa um minuto para cada ano que Madiba dedicou à luta pelos direitos humanos.

Em 2013, o *Mandela Day* foi celebrado em meio a uma grande consternação nacional. O ex-presidente passou o seu aniversário hospitalizado, em decorrência de

problemas pulmonares. Milhares de sul-africanos ganharam as ruas em manifestações públicas de carinho e gratidão ao homem que eles consideravam como o “Tata”, o Pai da Nação. Mandela desenvolveu tuberculose durante os anos em que ficou encarcerado. Desde que se afastou da vida pública devido a problemas com a saúde, o líder negro passou a ter uma importância simbólica na África do Sul. É como se a sua presença simplesmente interferisse nos rumos do país. O homem que abandonou a sua realeza tribal e passou anos na clandestinidade, chegou ao fim da vida com *status* de herói.

A morte de um homem que virou herói

O último ano de vida de Mandela foi bastante agitado. O líder negro passou por sucessivas internações e estava cada vez mais recluso. Imagens de seu frágil estado de saúde foram divulgadas em abril de 2013 e causaram polêmica no país. Com o passar do tempo, aquilo que parecia muito distante, o declínio físico de um grande ativista, estava evidente. Para nós, pode parecer difícil compreender esta situação, afinal não temos no Brasil um líder político com a magnitude de Mandela. Diante do espanto com o envelhecimento do primeiro presidente negro do país, Silva confessa que:

Em 2008, percebi como [Mandela] tinha envelhecido e como parecia mais frágil, pois haviam passado muitos anos desde que eu o tinha visto e isso foi horrível. Tenho uma foto dele sendo ajudado por Jacob Zuma que guardei por muito tempo porque sabia que Mandela estava ficando velho e vendo-o assim tão frágil era incrível. Ele é a imagem de um homem caminhando rumo à liberdade. Mas, assim como todo mundo, ficamos velhos e morremos. Em 2008 percebi pela primeira vez essa fragilidade e desde então não o fotografei (SILVA apud SINHA, 2013).

Com a saúde cada vez mais frágil, a morte do líder negro começou a ganhar espaço na mídia sul-africana. Desmond Tutu declarou que, por mais difícil que esta despedida poderia ser, os sul-africanos deveriam se preparar porque ela estava próxima. Uma ideia semelhante foi utilizada por Zapiro em uma de suas ilustrações. Em seu *site* oficial, o chargista declarou, em abril de 2013, que a notícia de que Mandela estava em um hospital amedrontava o escritório presidencial. Os anúncios de que o líder negro estava bem, apesar da necessidade de intervenção médica, eram frequentes. Em um tom reflexivo, Zapiro, profundo admirador de Mandela, disse que era preciso aceitar que o fim de Madiba estava próximo e

que apesar da tristeza, o país precisaria continuar avançado. O que o chargista pensou como uma homenagem teve uma repercussão negativa no país.

FIGURA 41a



FIGURA 41b



Fonte: *South Africa at the Bedside of Mandela*, 2013, Zapiro, Site Zapiro

A figura *South Africa at the Bedside of Mandela* (África do Sul à beira do leito de Mandela) foi produzida para o jornal sul-africano *The Times*. O argumento original (Figura 41 a) mostra Nelson Mandela deitado em uma cama; o intuito é remeter à internação do líder negro. Próximo ao leito, um mapa representa a África do Sul. O chargista optou por humanizar a representação geográfica e assim atribuir um grau de generalidade (todos os sul-africanos temem a morte de Mandela).

O texto *I know it's hard, but we have to start letting go...* (Eu sei que é difícil, mas temos que começar a deixar ir ...) demonstra certa fragilidade e cansaço do líder negro. Por opção do editor, o texto foi retirado e a charge foi publicada apenas com a imagem (Figura 41 b). Entretanto, o argumento original foi veiculado na internet na edição digital do periódico. A charge dividiu opiniões: Zapiro foi acusado de ter colocado palavras na boca de Mandela; em contrapartida, alguns consideraram o argumento como uma bela homenagem.

Na família do líder negro a recepção foi negativa; Mandla Mandela, neto mais velho do político, julgou inaceitável ouvir sobre a morte de seu avô quando ele ainda estava vivo.

No dia 5 de dezembro de 2013, o presidente Jacob Zuma, em um comunicado oficial, informou a morte de Mandela. Durante o anúncio, o líder negro foi classificado como o maior filho da África do Sul. A morte de Mandela gerou uma comoção internacional. Lideranças do mundo inteiro comentaram sobre o seu legado e sua importância para o país. A população tomou as ruas das cidades, com cânticos e danças em sua homenagem. O anúncio ganhou as manchetes de jornais do mundo inteiro, conforme podemos observar na figura 42.

FIGURA 42





Fonte: Capas de diversos jornais no dia posterior a morte de Mandela, 2013

Entre os chargistas, o anúncio também provocou comoção. As imagens tiveram um tom de homenagem e agradecimento a Nelson Mandela. Escolhemos apenas algumas charges para apresentar como se deu esta representação. A figura 43 - *Mandela: He changed the world* (Mandela: Ele mudou o mundo) - foi publicada no dia 6 de dezembro, um dia após a morte do líder negro, no jornal *Mail & Guardian*, produzida por Zapiro.

FIGURA 43



Fonte: *Mandela: He changed the world*, Zapiro, 2013, Site Mail & Guardian

Zapiro destaca o legado de Mandela em sua homenagem. Mais do que abordar os feitos políticos do líder negro na Terra, o chargista recorreu ao espaço. Dois extraterrestres olham para o planeta e percebem que alguma coisa aconteceu, que algo estava diferente. Mesmo sem identificar de quem era aquela fisionomia, eles destacam: *Whatever it is, it's transformed their planet* (Seja quem for, mudou o seu planeta). A Terra se transformou no rosto de Mandela. O argumento criativo é uma síntese aos seus esforços pelo fim da segregação racial. Zapiro demonstra o seu apreço pelo ex-presidente e considera que o mundo ficou melhor por sua causa. A charge também traz à tona a influência e o respeito que Mandela conquistou fora da África do Sul.

Os chargistas reconhecidos por seus desenhos críticos, e até mesmo ofensivos, mostraram-se bastante sensibilizados pela morte de Madiba. Arriscamos afirmar que esta foi uma das raras vezes em que um líder político foi lembrado de uma maneira tão terna. A figura 44 - *The Light has gone out* (A Luz se apagou) - é do chargista Avi Ramjan. A imagem foi publicada no jornal *The Post*, também no dia 6 de dezembro.

FIGURA 44



Fonte: *The Light has gone out*, Avi Ramjan, 2013, Africartoons

Diante da charge de Ramjan, podemos ter uma dupla interpretação. Primeiramente, podemos considerar que a luz do líder negro se apagou, algo natural e que acontece com todas as pessoas. Entretanto, o título destaca a palavra “luz” com letra maiúscula, o que nos remete à ideia de que ele iluminava a África do Sul. A vela com o seu apelido está apagada; ela se consumiu em favor de um legado. A abordagem é metafórica, mas situa Nelson Mandela como alguém que colocou a sua vida em prol da luta política.

Os chargistas Swanepoel e John Curtis também homenagearam Nelson Mandela no dia 6 de dezembro de 2013. Os dois formam uma parceria e assinam as charges como Dr Jack & Curtis. A charge não foi veiculada em jornais, apenas na internet no *site Africartoons*. A figura 45 não tem título, mas certamente representa muito aos sul-africanos. Os chargistas se lembraram de uma das principais marcas de Mandela durante o seu mandato para homenageá-lo.

FIGURA 45



Fonte: Sem título, Dr Jack & Curtis, 2013, Africartoons

Apenas pessoas que conhecem muitos detalhes da vida de Madiba conseguiriam entender o objetivo desta charge. Com exceção do texto *Rest in Peace* (Descanse em Paz), sucedido pelo nome do líder negro e os anos em que nasceu e morreu, não há nenhuma referência clara à morte do político. O argumento é simples, mas carregado de simbologia. Quando Mandela chegou à presidência da África do Sul, ele começou a utilizar camisas com estampas típicas sul-africanas. O hábito, que permaneceu após sua retirada da vida pública (conforme podemos observar na figura 48), era uma valorização da cultura de seu país. As camisas estampadas tornaram-se, no campo chágico, quase uma característica física de Nelson Mandela, recorrentes em vários momentos e nos trabalhos de distintos chargistas.



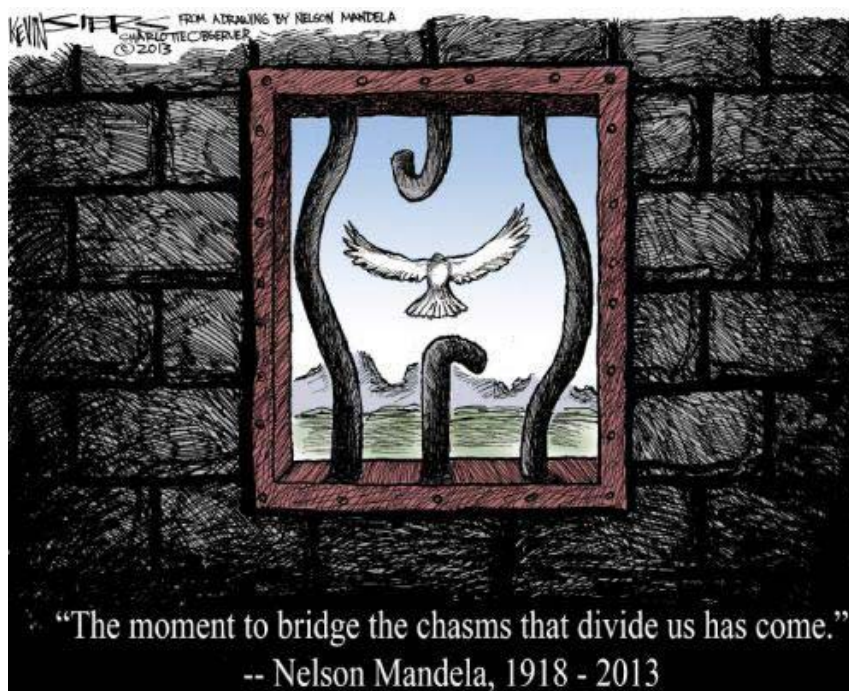
Fonte: *Mandela e Lula em Moçambique*, Grant Neuenburg, 2008, Site Folha de S. Paulo

Ao comentar sobre a morte de Mandela em um artigo no jornal *Mail & Guardian*, Tutu contou um episódio relacionado às camisas: “He could often be funny. His retort to my criticism of his taste in gaudy shirts was: ‘It's pretty thick coming from a man who wears a dress in public’” (TUTU, 2013)⁴⁸. Na figura 45, os chargistas destacam a camisa como o próprio Mandela, mas nesta ocasião ela está em um cabide; nunca mais será usada. A presença da camisa aponta a ausência do primeiro presidente negro da África do Sul.

A figura 47 - também sem título - foi publicada originalmente no site *The Charlotte Observer*. A charge é de Kevin Siers e, mais uma vez, Nelson Mandela é homenageado sem estar na figura. A imagem só pode ser plenamente compreendida pela relação texto/imagem, assim como na figura 45.

FIGURA 47

⁴⁸ Tradução: “Ele muitas vezes poderia ser engraçado. Sua resposta à minha crítica ao seu gosto com camisas berrantes foi: ‘É bem grosseira vindo de um homem que usa um vestido em público’”.



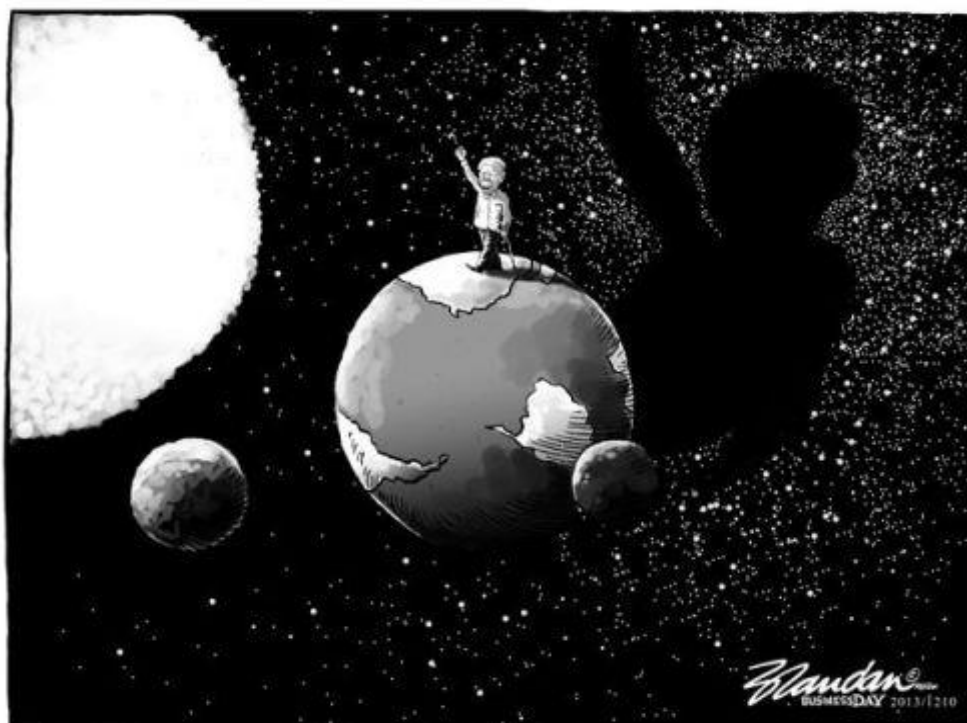
Fonte: Sem título, Kevin Siers, 2013, Africartoons

Siers remonta aos 27 anos em que o líder negro ficou preso. O quadro é composto pelo ambiente de um presídio e uma pequena janela. Através das grades retorcidas, uma pomba branca, o símbolo da paz, deixa a cela. Este argumento pode nos render diversas interpretações, mas acreditamos que ele seja um elogio à conduta de Mandela pós-prisão, por isso a presença de uma pomba branca. Outra ideia que a charge possibilita é de liberdade, como se ele realmente estivesse livre após morte. Este argumento foi recorrente em outras charges póstumas de Mandela e prima pelo tom religioso, como alguém que cumpriu a sua missão e agora está livre para descansar. Do ponto de vista físico, a noção de liberdade também faz sentido, já que Mandela estava muito debilitado.

Para selar o argumento e mostrar a sua referência à Mandela, o chargista recorreu a uma das famosas frases do líder negro: *The moment to bridge the chasms that divide us has come* (O momento para transpor os abismos que nos dividem chegou). O discurso que se destacou pela sua conotação política foi utilizado muito bem pelo chargista. A relação texto/imagem é, neste caso, indispensável e esclarecedora.

A figura 48, de Brandan Reynolds, apresenta muitas semelhanças com a figura 43, que abriu esta análise. A charge foi publicada no jornal *Business Day*, no dia 10 de dezembro.

FIGURA 48



Fonte: Sem título, Brandan Reynolds, 2013, Africartoons

O paradigma do espaço é novamente utilizado; o objetivo é dar grandiosidade aos feitos de Mandela. Esta charge, bem como a figura 43, retira as fronteiras do legado do líder negro; as suas contribuições transpuseram o seu país, o seu continente e beneficiaram todo o mundo. Nós comungamos desta ideia, até porque o racismo e a segregação racial são males que podem ser sentidos ainda hoje e em qualquer parte do mundo. Por mais que nenhuma expressão extrema de intolerância como o *apartheid* tenha surgido, este sentimento odioso ainda faz muitas vítimas.

A última charge que selecionamos para esta breve reflexão foi publicada por Mark Wiggett, em 12 de dezembro, no jornal *The Herald*. A figura 49 aborda a cerimônia pública de velório do líder negro que durou 10 dias. Ele foi sepultado em 15 de dezembro, em Qunu, aldeia onde passou a sua infância.



Fonte: Sem título, Mark Wiggett, 2013, Africartoons

As cerimônias fúnebres de Mandela contaram com a participação de chefes de Estado de todo o mundo, celebridades, além de milhões de populares. Durante os dias em que o velório foi aberto ao público, grandes filas se formaram em frente ao palácio presidencial, local da despedida. Wiggett transformou as filas na grafia do apelido do líder negro. Nesta charge, o texto está inserido na própria imagem. Também só podemos entender o tom de despedida considerando a data em que a imagem foi publicada e na relação entre os textos verbais e visuais.

E o futuro?

A despedida de Mandela foi uma celebração que comoveu toda a África do Sul. Ainda que o presidente estivesse afastado da vida pública, a sua presença simbólica era muito importante para a África do Sul; como se ele fosse um regulador do país. Madiba foi um bom presidente, mas não foi perfeito, nem mesmo isento de erros. Mas fez o melhor dentro das suas possibilidades. Seria impossível transformar o país em cinco anos, considerando que a segregação, enquanto sistema de Governo, durou quase cinco décadas.

Mandela foi um homem bom, mas não um santo. Ele será um eterno exemplo para aqueles que são discriminados. A África do Sul perde muito com a sua morte, mas as páginas desta nova história precisam ser escritas. A sua missão de consolidar as bases

de uma nova democracia até aqui parece sólida, porém é preciso que os próximos líderes saibam como administrá-las. O país ainda possui índices extremos de desigualdade e a população negra segue economicamente segregada.

Mais do que a ausência de Mandela, o país perde com governantes corruptos. Por mais que o *apartheid* seja passado, os seus efeitos ainda estão presentes na realidade sul-africana. A tarefa de seguir sem a influência de um grande estadista pode ser difícil, mas segundo Mandela: *It always seems impossible until it's done* (Sempre parece impossível até que seja feito).

Referências de Pesquisa

JONGE, Klaas de. **África do Sul: apartheid e resistência**. São Paulo: Cortez: EBOH, 1991.

MARINOVICH, Greg. **Um grande líder, mas escorregou em algumas áreas**. Disponível em:

<http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed776_um_grande_lider_mas_escorregou_em_algumas_areas>. Acesso em 10 dez 2013.

MARINOVICH, Greg; SILVA, João. **O Clube do banguê-banguê: instantâneos de uma guerra oculta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SINHA, Shreeya. **Fotografando fora da bolha branca do apartheid**. Disponível em:

<http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed776_fotografando_fora_da_bolha_branca_do_apartheid>. Acesso em 10 dez 2013.

TUTU, Desmond. **Um colosso de caráter moral inatacável**. Disponível em:

<http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed776_um_colosso_de_carater_moral_inatacavel>. Acesso em 10 dez 2013.